

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA TESSAROTTO

**NAS DINÂMICAS DO *FACEBOOK*:
experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão**

São Leopoldo

2021

MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA TESSAROTTO

**NAS DINÂMICAS DO *FACEBOOK*:
experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2021

T338n Tassarotto, Marco Antônio de Oliveira.
Nas dinâmicas do Facebook: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão / Marco Antônio de Oliveira Tassarotto. – 2021.
350 f. : il. color. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, 2021.
“Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa.”

1. Facebook (Rede social on-line). 2. Quilombolas. 3. Mídia digital. 4. Inclusão digital. 5. Negros – Identidade racial. I. Título.

CDU 659.3

MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA TESSAROTTO

NAS DINÂMICAS DO *FACEBOOK*:
experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

APROVADO EM 22 DE FEVEREIRO DE 2021.

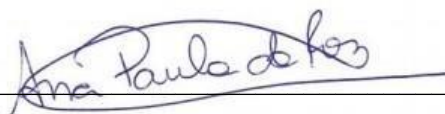
BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. DANILA GENTIL RODRIGUEZ CAL LAGE - UFPA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROF. DR. FERNANDO ANTONIO RESENDE - UFF
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROF. DR. ANTONIO FAUSTO NETO - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROF. DR. JAIRO GETÚLIO FERREIRA - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)



PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UNISINOS

*Ao meu pai Clementino (in memoriam), à minha mãe Joselita, à
minha irmã Thaís, ao sobrinho Gabriel e ao meu amor, Lidiane.
Os gritos de liberdade permanecem ecoando em nossas almas. Aos
negros quilombolas e nossos descendentes italianos, tudo será
recompensado um dia.
Grato à vida!*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro, gratidão ao Deus da vida por suas maravilhas e na coragem necessária para vencer os desafios, encaminhando e construindo novos horizontes. Em segundo, à vida. Aos nossos antepassados vindos de África e da Itália que se encontraram em João Pessoa. A presença serena e marcante de meu pai, Clementino Tessarotto (in memoriam) e de minha mãe, Joselita de Oliveira Tessarotto, por jamais desaminar, encorajando-me nos momentos difíceis por que passei nos caminhos do doutorado. Gratidão e amor para todo sempre. À vida, agradeço a presença de minha irmã, Thaís Tessarotto, parceira nas dicas, orientações de estudo, nos informes sobre concursos, por seu cuidado mesmo à distância. Da família Tessarotto, agradecer pelas forças, orações e apoios do primo Álvaro Tessarotto e Mônica, sua esposa. Às agradáveis conversas, doces risadas da prima Rebeca com o Davi seu marido, o mais novo primo-irmão. Sem esquecer a leveza do primo Alvinho. Das recordações de infância guardo o carinho dos irmãos Luiz Arthur e da Silvia. Grato por todo amor, carinho, apoios e olhares de minha namorada Lidiane Alves. Ao seu lado, encontrei paz, resiliência e forças para concluir esta tese. Gratidão por entender os silêncios, os momentos de estudo e escritura deste trabalho, sei que não foi fácil para nenhum de nós. Gratidão ao padrinho, Alberto Banal pelos conselhos, toda minha admiração por ter acreditado na capacidade de cada jovem negro/negra de nosso país, esquecido por muitos brasileiros. Da vida acadêmica, agradeço a companhia incondicional dos amigos Marcelo Rodrigo, Flávio Aurélio, Altemar Gavião, da nossa eterna e guia Máisa Helena, da Luciellen Lima, Isis Coelho, Maria de Moraes. Gratidão pelas boas lembranças e memórias deste tempo, além das discussões polêmicas em sala de aula. Agradeço pela cumplicidade e pela rica orientação do TCC do Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva. No caminho do Mestrado, destaco a presença de vida e de trocas do Prof. Dr. Wellington Pereira, em uma orientação humanizada e compreensiva. Do caminho do Doutorado em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, gratidão aos Professores Antônio Fausto Neto e Jairo Ferreira por terem acreditado no potencial desta pesquisa e me acolhido no programa. E, quando estava “só” e me sentindo perdido, a Profa. Dra. Ana Paula da Rosa me disse: “Oi Marco, sou a Ana Paula, tua orientadora” e, partir deste dia não me deixou por um segundo. Gratidão Ana, pelas escutas compreensivas, pelas trocas e as experiências no Projeto Caminhada. Ainda, no doutorado, gratidão à acolhida do amigo Bantu Katchipwi, Marco Túlio, Francisco Aquinei, Aline Weschenfelder, Evelin, Dani, Tatiane, Leila. Guardo com carinho as trocas culturais com os Professores Efendy e Jiani. Aos amigos de São Leopoldo, pela acolhida na Pousada Sinos com a Denise e Sr. Darci Moro.

Grato pela amizade e confiança da Bruna e da Catiane que se fizeram presentes em minha adaptação ao Rio Grande do Sul. Gratidão aos amigos May e Sampaio Geraldo Lopes Ribeiro que me apresentaram à Fundação Roberto Marinho, onde realizei interessante trabalho com um novo olhar sobre a educação e suas possibilidades de transformação social. Por isso, trago comigo amizade muito cara de Antonita Alencar, Karen Lucena, Heloísa Rocha, Marcelle Lima. Dos amigos de trabalho e acompanhamento, Robervânia, Jullierme, Dalva, Dulce.

RESUMO

A história da Comunidade Quilombola do Matão e das lutas de seu fundador Manoel Rufino pelo direito à terra e ao trabalho digno passou a ser gradativamente atravessado por um tempo presente marcado por tecnicidades do digital. Esta problemática e modo de “ser e estar” no mundo (GOMES, 2006) é tensionada por seus descendentes desde a implementação de um programa de inclusão digital e de acesso aos meios (GESAC, 2013; TCU, 2015; FELTON, 2018; VAN DIJCK, 2013) nas comunidades negras. Ao direcionar esforços e lentes de análise para o fenômeno comunicacional, o presente estudo realiza esforços no sentido de compreender como estas ofertas postas em circulação (ROSA, 2016; BRAGA, 2015) no meio *Facebook* dinamizaram os sentidos ofertados pelo jovem quilombola nesta rede social. As matrizes e marcas a serem encaminhadas buscam esclarecer o problema da pesquisa: “Como as representações imagéticas e identitárias do jovem quilombola se atualizam e se constituem a partir das temporalidades e dinâmicas performáticas na circulação no meio *Facebook*?”. Desta pergunta, um aspecto mais amplo objetiva compreender como as ofertas postas em circulação no meio *Facebook* transmuta e dinamiza os sentidos ofertados pelo jovem quilombola do Matão. A análise do empírico extraído, sob vieses netnográficos (KOZINET, 2014), descreve os percursos, marcas e dinâmicas enunciativas das representações imagéticas desses jovens. O banco de dados das seis coleções do empírico remonta o processo tentativo que, em um primeiro nível, investigamos como estes jovens quilombolas acionaram tais meios, modos e operações (FAUSTO NETO, 2014) do processo interacional no digital; e, em segundo nível, descrever os desdobramentos dos vínculos do “local” e do “global” que se articularam em novas narrativas e identidades/perfis, processo este, observado por movimentos perambulantes de “idas e vindas”. O primeiro conjunto da tese apresenta e introduz o fenômeno comunicacional implementado na comunidade quilombola, acionando movimentos de contextualização e de percepção do espaço/local da pesquisa. O segundo conjunto descreve os modos e operações nos quais o território físico dialoga em um intenso conflito por referencialidades no digital. Dessa forma analisa o fenômeno da midiatização e do imagético em disputa por referencialidades, onde, o jovem quilombola ao se conectar à ambiência digital é afetado pelo encontro com este “outro” no *Facebook*. Tal fenômeno é acionador de movimentos singulares que, analisados na coleta dos dados sinalizaram para este totem (ROSA, 2012) simbólico perambulante, é representado pelo espaço geográfico, local da ancestralidade, do pertencimento e resistência.

Palavras-chave: Midiatização. Circulação. Imagem. Jovem quilombola. Usos e apropriações.

ABSTRACT

The history of the Quilombola do Matão Community and the struggles of its founder Manoel Rufino for the right to land and decent work began to be gradually crossed by a present time marked by digital techniques. This problem and way of “being” in the world (GOMES, 2006) has been tensed by their descendants since the implementation of a digital inclusion program and access to the means (GESAC, 2013; TCU, 2015; FELTON, 2018; VAN DIJCK, 2013) in the black community. By directing efforts and analysis lenses towards the communicational phenomenon, the present study makes efforts to understand how these offers put into circulation (ROSA, 2016; BRAGA, 2015) on *Facebook* have dynamized the senses offered by the young quilombola in this social network. The matrixes and brands to be directed seek to clarify the research problem: "How are the imagery and identity representations of the young quilombola updated and constituted based on the temporalities and performance dynamics in the circulation on *Facebook*?". From this question, a broader aspect aims to understand how the offers put into circulation on *Facebook* transmute and dynamize the senses offered by the young quilombola from Matão. The analysis of the empirical extracted, under netnographic biases (KOZINET, 2014), describes the paths, marks, and enunciative dynamics of the imagery representations of these young people. The database of the six collections of the empirical goes back to the attempt process that, in a first level, it was investigated how these young quilombolas activated these means, ways, and operations (FAUSTO NETO, 2014) of this interactive process in the digital; and, in the second level describe the unfolding of these “local” and “global” links that were articulated in new narratives and identities/profiles, a process that was observed by wandering movements of “comings and goings”. The first set of the thesis presents and introduces the communicational phenomenon implemented in the quilombola community, triggering movements of contextualization and perception of the research space/place. The second set describes the ways and operations in which this physical territory dialogues in an intense conflict for referentiality in digital. Thus, analyzes the phenomenon of mediatization and the imagery in dispute for referentiality, where the young quilombola when connecting to the digital environment is affected by the encounter with this “other” on *Facebook*. Such phenomenon that triggers singular movements that, analyzed in the data collection, signaled this wandering symbolic totem (ROSA, 2012) is represented by the geographic space, this place, ancestry, belonging and resistance.

Keywords: Mediatization. Circulation. Image. Young quilombola. Uses and appropriations.

RIEPILOGO

La storia della Comunità Quilombola del Matão e delle lotte del suo fondatore Manoel Rufino per il diritto alla terra e a un lavoro dignitoso gradualmente si è evoluta fino ad arrivare ad un presente contrassegnato dalle tecnologie digitali e l'accesso ai mezzi. Questa problematica e modalità di "essere e stare" nel mondo (GOMES, 2006) è vissuta dai suoi discendenti a partire dall'implementazione di un programma di inclusione digitale (GESAC, 2013; TCU, 2015; FELTON, 2018; VAN DIJCK, 2013) nella comunità nera. Indirizzando sforzi e osservazioni analitiche sul fenomeno della comunicazione, il presente studio si adopera per capire come queste offerte messe in circolazione (ROSA, 2016; BRAGA, 2015) nel mezzo *Facebook* hanno dinamizzato i significati proposti dal giovane quilombola in questo social network. Le matrici e i segni da inoltrare cercano di chiarire il problema della ricerca: "Come le rappresentazioni imagetiche e identitarie del giovane quilombola si attualizzano e si costituiscono a partire dalle temporalità e dalle dinamiche performative nella circolazione nell'ambiente *Facebook*?". Partendo da questa domanda, un aspetto più ampio mira a capire come le offerte messe in circolazione nel mezzo *Facebook* trasmutano e dinamizzano i significati offerti dal giovane quilombola del Matão. L'analisi dell'empirico estratto con una visione etnografica (KOZINET, 2014) descrive i percorsi, i significati e le dinamiche enunciative delle rappresentazioni imagetiche di questi giovani. Il database delle sei raccolte empiriche descrive un processo provvisorio che, ad un primo livello, ci permette di indagare su come questi giovani quilombolas hanno azionato questi mezzi, modalità e operazioni (FAUSTO NETO, 2014) di questo processo di interazione nel digitale; e, in secondo luogo, ci permette di analizzare gli sviluppi di questi legami del "locale" e del "globale" che si sono articolati in nuove narrazioni e identità/profili; processo questo, osservato da movimenti perambulanti di "andirivieni". La prima parte della tesi presenta e introduce il fenomeno comunicativo implementato nella comunità quilombola, innescando movimenti di contestualizzazione e percezione dello spazio/luogo della ricerca. La seconda parte descrive le modalità e le operazioni in cui questo territorio fisico dialoga in un intenso conflitto per referenzialità nel digitale. In questo modo analizza il fenomeno della mediatizzazione e di questo immaginario in competizione per riferimenti dove, il giovane quilombola nel connettersi all'ambiente digitale è influenzato dall'incontro con questo "altro" su *Facebook*. Questo fenomeno è provocatore di movimenti singolari che, analizzati nella raccolta dei dati, indicano per questo totem (ROSA, 2012) simbolico perambulante, è rappresentato dallo spazio geografico, in questo caso, dell'ancestralità, dell'appartenenza e della resistenza.

Parole chiave: Mediatizzazione. Circolazione. Immagine. Giovane quilombola. Usi e appropriazioni.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de georreferencia e de distância entre a capital do Estado da Paraíba e a Comunidade Quilombola do Matão.....	35
Figura 2 – Imagem de satélite da Comunidade Quilombola do Matão	37
Figura 3 – Captura de tela do <i>Facebook</i> no Dia da Consciência Negra (2019)	38
Figura 4 – Capturas de telas com o uso tático dos recursos técnicos do <i>Facebook</i>	44
Figura 5 – Quadro/montagem da cobertura de telefonia celular na região do Quilombo do Matão	46
Figura 6 – Conexão de internet no Brasil em 1992	54
Figura 7 – Conexão de internet no Brasil em 2020	54
Figura 8 – Quadro/montagem com os provedores de internet via satélite	59
Figura 9 – Dados mundiais de usuários da rede social <i>Facebook</i>	69
Figura 10 – Acionamento dos recursos das lembranças-memórias no <i>Facebook</i>	78
Figura 11 – Número comparativo global entre usuários de celular e de conexões móveis	79
Figura 12 – Captura de tela do navegador <i>Mozilla Firefox</i> com vazamento da plataforma....	86
Figura 13 – Captura de tela com infográfico elaborado por programa parceiro do Facebook (<i>Quizstar.com</i>).....	89
Figura 14 – Audiência do <i>Facebook</i> e a referencialidade nos dispositivos (2021)	93
Figura 15 – Capturas de tela com o fluxo híbrido e as afetações do meio exógeno.....	95
Figura 16 – Quantidade de vezes e de acionamento dos <i>emojis</i> na plataforma <i>Twitter</i>	119
Figura 17 – Exercício tentativo de observação da pesquisa (2017).....	125
Figura 18 – Construção do esquema montante referente à observação da pesquisa	127
Figura 19 - Construção do esquema jusante referente à observação da pesquisa	128
Figura 20 – Marcas das afetações do esquema jusante da midiatização	129
Figura 21 – Hexágono lógico de tensionamento da pesquisa (FERREIRA, 2018).....	130
Figura 22 – Número de usuários do meio <i>Facebook</i> e formas de acesso	138
Figura 23 – Captura de tela com jovem se apropriando do recurso de edição de imagem	140
Figura 24 – Capturas de tela com promessas enunciadas pelo aplicativo <i>Sweet Selfie</i>	141
Figura 25 – Captura de tela com as marcas discursivas do ato de “ostentar” para as redes ...	157
Figura 26 – Elementos e marcadores da primeira dinâmica (entrada e virada).....	161
Figura 27 – Marcas dos usos e de apropriação das técnicas de enquadramento	162
Figura 28 – Elementos e marcadores da segunda dinâmica (entrada e virada)	165
Figura 29 – Capturas de telas com a constituição imagética para as redes	167

Figura 30 – Elementos e marcadores da terceira dinâmica (entrada e virada)	170
Figura 31 – Capturas de telas com as lógicas e afetações da IVM no imagético quilombola	171
Figura 32 – Captura de tela e registro das tensões entre as lógicas da IVM e do “eu” quilombola	173
Figura 33 – Elementos e marcadores da quarta dinâmica (entrada e virada)	175
Figura 34 – Captura de telas com o simbólico em contrafluxo no meio <i>Facebook</i>	176
Figura 35 – Elementos e marcadores da quinta dinâmica (entrada e virada).....	179
Figura 36 – Capturas de tela com o apagamento do simbólico nas intemporalidades do meio <i>Facebook</i>	180
Figura 37 – Elementos e marcadores da sexta dinâmica (entrada e saída).....	181
Figura 38 – Retorno do simbólico na circulação da ambiência	183
Figura 39 – Exercício tentativo de observação da pesquisa (2020).....	184
Figura 40 – Captura de tela da jovem quilombola enunciando resultado do ano letivo no <i>Facebook</i>	191
Figura 41 – Hexágono lógico com os perfis dos jovens quilombolas	196
Figura 42 – Capturas de tela com processo inventivo em disputa no <i>Facebook</i>	199
Figura 43 – Capturas de telas com a percepção e afetações do meio, entradas no “antes e depois” das apropriações técnicas do Facebook	201
Figura 44 – Capturas de telas com os modos de “ser e estar” no <i>Facebook</i>	204
Figura 45 – Capturas de telas com o uso e redundância dos dispositivos interacionais	205
Figura 46 – Capturas de telas com as rupturas de contrato (TD)	207
Figura 47 – Capturas de telas retratando as operações de engajamento do jovem quilombola no <i>Facebook</i>	210
Figura 48 – Capturas de telas com as articulações do “sistema algorítmico de resposta” no <i>Facebook</i>	214
Figura 49 – Capturas de telas com lógicas difusas (memória <i>versus</i> esquecimento).....	217
Figura 50 – Hexágono lógico das estratégias e modos de ser do jovem quilombola no Facebook.....	218
Figura 51 – Capturas de tela com o acoplamento da IVM.....	223
Figura 52 – Capturas de telas com os acionamentos da IVM.....	224
Figura 53 – Capturas de telas da jovem acionando o totem território	226
Figura 54 – Capturas de telas com teste de velocidade com a conexão via satélite na comunidade.....	228

Figura 55 – Capturas de telas da jovem quilombola com amigo “outsider” na rede social do <i>Facebook</i>	230
Figura 56 – Hexágono lógico das trocas e tensões na ambiência digital.....	231
Figura 57 – Capturas de telas com os efeitos do tempo “presentíssimo”	233
Figura 58 – Capturas de telas com o espelhamento do TF na ambiência do TD	234
Figura 59 – Capturas de telas com as representações em fluxo	236
Figura 60 – Capturas de telas com movimento tentativo de construção e “fixação” do imagético.....	238
Figura 61 – Capturas de telas com as formas de acionar o engajamento na plataforma do meio <i>Facebook</i>	240
Figura 62 – Capturas de telas dos enquadramentos de “estética ideal” no <i>Facebook</i>	243
Figura 63 – Capturas de telas com as latências da “imagem-lembrança”	245
Figura 64 – Hexágono síntese dos tensionamentos nas seis dinâmicas.....	253
Figura 65 – Captura de tela com a ancestralidade em rede	258
Figura 66 – Capturas de tela da <i>Hughesnet</i> com resumo e <i>status</i> do sinal de internet.....	261
Figura 67 – Modos de “ser” quilombola em uma midiatização de choque cultural	263

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Os atravessamentos dos dispositivos interacionais na comunidade negra.....	24
Fotografia 2 – Antenas instaladas no telhado da escola na comunidade.....	33
Fotografia 3 – Apresentação da pesquisa na Comunidade Quilombola do Matão.....	115
Fotografia 4 – Imagens que retratam o totem (esq.) e o espelho/fantasma (dir.)	127
Fotografia 5 – Oficinas de relações humanas com os jovens da comunidade e do “OloduMatão”.....	182
Fotografia 6 – Espaço geográfico da Comunidade Quilombola do Matão	227
Fotografia 7 – Registro de apresentação do projeto de pesquisa da tese.....	247
Fotografia 8 – Registro do pesquisador nos ensaios da IVM.....	248
Fotografia 9 – Apresentação dos materiais referentes à qualificação da tese.....	249
Fotografia 10 – Aplicação do questionário da pesquisa	250

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária e graus de leitura de mundo.....	189
Gráfico 2 – Representação gráfica da escolaridade dos jovens quilombolas	190
Gráfico 3 – Representação gráfica do nível de escolaridade dos jovens quilombolas	190
Gráfico 4 – Gênero e construção dos perfis na rede social do <i>Facebook</i>	192
Gráfico 5 – Usos e apropriações da rede entre os quilombolas	193
Gráfico 6 – Usos e apropriações da rede entre os quilombolas – primeiro uso.....	193
Gráfico 7 – Dispositivos e referencialidades no acesso dos jovens quilombolas à internet...	195
Gráfico 8 – Marcas das afetações e conflitos no meio <i>Facebook</i>	197
Gráfico 9 – Principais diferenças.....	198
Gráfico 10 – Efeitos das afetações do “eu” quilombola na rede social do <i>Facebook</i>	200
Gráfico 11 – Modos e estratégias de visibilidade na rede social – quantidade de perfis	203
Gráfico 12 – Modos e estratégias de visibilidade na rede social – quais redes sociais	203
Gráfico 13 – Desafios da microcomunidade de sentidos quilombola no <i>Facebook</i>	206
Gráfico 14 – Ruídos e desafios da interação em rede.....	206
Gráfico 15 – Marcas das afetações e contatos com a ambiência digital.....	209
Gráfico 16 – O que entra ou não no fluxo do meio <i>Facebook</i>	211
Gráfico 17 – Os quilombolas e os graus de confiança na plataforma do <i>Facebook</i>	213
Gráfico 18 – Atuação e dádiva do oráculo digital no <i>Facebook</i>	213
Gráfico 19 – Atuação do “sistema algorítmico de resposta”	214
Gráfico 20 – Promessas e dádivas da rede: vigiar e punir	216
Gráfico 21 – Tensões entre a identidade e o reconhecimento no <i>Facebook</i>	220
Gráfico 22 – O olhar do outro nos perfis dos jovens.....	220
Gráfico 23 – Os movimentos tentativos da IVM “OloduMatão” em acoplamento no TD e TF	222
Gráfico 24 – O “eu” quilombola em conflito com a IVM “OloduMatão”	222
Gráfico 25 – O problema dos deslocamentos e dos vínculos	225
Gráfico 26 – Perdas de referencialidades na plataforma <i>Facebook</i>	229
Gráfico 27 – O outro convertido em “outrem” nas redes	230
Gráfico 28 – A problemática dos espaços/tempos híbridos.....	233
Gráfico 29 – Espelhamento da identidade do jovem negro quilombola na rede social do <i>Facebook</i>	236
Gráfico 30 – Sonhos e metas no Território Digital (TD).....	239

Gráfico 31 – Das dádivas não cumpridas pelo território digital242

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de celulares por habitante no município de Gurinhém (PB) – abr./dez.2020.....	45
----------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

AACADE	Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
APPS	Aplicativos Terceiros
CEP	Comitê de Ética da Pesquisa
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
COVID-19	Síndrome respiratória pelo coronavírus denominado Sars-CoV-2
DSL	<i>Digital Subscriber Line</i>
EB	Exército Brasileiro
EDGE	<i>Enhanced Data rate for GSM Evolution (2G)</i>
E-Gov	Governo Eletrônico
EMOJI	termo derivado do japonês (e= imagem + moji= letra)
ERB	Estação Rádio Base
GESAC	Programa Governo Eletrônico de Serviços de Atendimento ao Cidadão
GPS	Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global)
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISDN	<i>Integrated Service Digital Network</i>
IVM	Instituição em Vias de Mediatização
MCTIC	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações
MD	Meios Digitais
MM	Meios Massivos
MPOG	Ministérios do Planejamento, Orçamento e Gestão
ONGs	Organismos Não Governamentais
PNBL	Programa Nacional de Banda Larga
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa
RTDI	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SGDC	Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas
SID	Secretaria de Inclusão Digital
STF	Supremo Tribunal Federal
TA	Termo de Assentimento

TCLE	Termos de Consentimento Livre e Esclarecido
TCU	Tribunal de Contas da União
TD	Território Digital
TELECO	Site “Teleco” – inteligência em telecomunicações
TF	Território Físico
TI	Tecnologia da Informação
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 CAMINHOS INTRODUTÓRIOS: ATERRISSANDO NO OBJETO - DAS INQUIETAÇÕES À EURECA.....	23
1.1 Problema da Pesquisa e seus Caminhos	29
1.1.2 Ponto de partida e o <i>start</i> da pesquisa	31
1.2 Convites e Endereçamentos: O Caminhar dos Jovens Quilombolas nas Redes	33
1.2.1 As origens da comunidade – superfícies em tensão: do local às redes.....	34
1.3 Impressões Iniciais e o Problema das Redes: Entendendo o Fenômeno	41
1.3.1 O quilombo midiaticizado e o choque cultural: políticas de inclusão digital e o palco da “grande sedução”.....	50
1.3.2 Do analógico ao digital: os passos da tecnologia no Brasil	52
1.3.3 As origens da política de inclusão digital: desenho institucional e as tensões resultantes	55
1.3.4 As lógicas regulatórias do GESAC: fraturas e zonas de contato acionadas pela política pública de inclusão digital	58
1.4 Dádivas e Promessas: Lacunas da Ambiência Digital	60
2 APORTES TEÓRICOS E CENÁRIOS DA MIDIATIZAÇÃO EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL.....	64
2.1 Estabelecendo Diálogos e Pontes Conceituais	64
2.1.1 Das redes para a midiatização: refletindo os atravessamentos conceituais	67
2.1.2 Midiatização da sociedade: do caos aos objetos imersos nos processos comunicacionais	72
2.1.3 Zonas de passagem e afetações: redes que ligam e fraturam o tecido social	74
2.2 De Onde Vim e para Onde Vou: O Jovem Quilombola nas Redes.....	81
2.2.1 Da plataforma aos sujeitos: representações emergentes na linha do tempo do <i>Facebook</i>	82
2.2.2 “Ser ou não ser” quilombola: o problema da interação em rede	84
2.2.3 O <i>Facebook</i> na condição de rede interativa de sujeitos e coletivos	87
2.3 Do “Meio Frio” à Experiência Tátil: O Contato Inicial com a Ambiência	90
2.3.1 Marcas e sentidos digitais: notas sobre o <i>Facebook</i> e seus processos inventivos	94
2.3.2 A cultura da virtualidade do “real”: passos dos “neófitos” nas redes.....	97
2.4. Os Múltiplos Cenários e Condições da Midiatização	99
3 A CONSTRUÇÃO DO CASO E OS MOVIMENTOS DA PESQUISA	102

3.1 Atores, Instituições e Zonas Territoriais em Conflito na Comunidade Quilombola do Matão	103
3.1.1 Entradas teóricas no objeto da pesquisa: o flamar do “obs-pesquisador”	105
3.1.2 Quadro tátil de observação das conexões sociais e heterogêneas: uma análise dos indícios.....	109
3.1.3 Das inspirações às lacunas: o estado da arte no perfazer do “ser pesquisador”	110
3.1.4 Direcionamentos do caso para a prática: tensionando os objetos.....	114
3.2 Meios de Coleta e de Observação do Empírico no Fluxo	117
3.2.1 O método das redes na configuração do caso: analisando o contexto.....	118
3.2.2 Uma tentativa descritiva do caso: o diagrama/desenho da pesquisa	122
3.2.3 Construção do quadro observacional da pesquisa - descrições, fases e caminhos: por onde seguir?	123
3.2.4 Caminhos e direções do desenho da pesquisa: descrevendo os primeiros indícios	126
3.3. Tensionando o Objeto e seus Materiais: Das Imagens do Sujeito ao Controle das Plataformas e Interfaces do Meio.....	132
3.3.1 Mdiatização e afetações na identidade quilombola na circulação: do acesso ao meio às tensões teóricas	134
3.3.2 Caminhos dos usos e apropriações dos dispositivos: o <i>Facebook</i> na condição tentativa de meio referência.....	136
3.3.3 Os múltiplos territórios em conflito no campo de observação da pesquisa.....	139
4 DO EMPÍRICO NO FLUXO: MARCAS, ENCAMINHAMENTOS E SITUAÇÕES DAS MATERIALIDADES NO MEIO <i>FACEBOOK</i>	144
4.1 Na Lógica da Plataforma: Capital Simbólico Convertido em Consumo.....	147
4.1.1 Acionando o dispositivo interacional: tentativa-erro no meio <i>Facebook</i>	149
4.1.2 Interações e afetações nos dispositivos: processos comunicacionais atravessados por múltiplos sentidos	151
4.1.3 O dispositivo e os atravessamentos da midiatização: sujeito e máquina em negociação	154
4.2 Das Afetações e dos Contatos com o Meio – Atravessamentos de Lógicas Canhestras	155
4.2.1 Marcas discursivas dos sujeitos no meio <i>Facebook</i>	156
4.2.2 Das imagens no tempo aos espaços de incertezas	158
4.3 Dos Episódios Interacionais: Situando as Ofertas no Fluxo	159

4.3.1 Dinâmica 1. As relações do “Eu e o Mundo”: das ofertas que ascenderam à circulação	161
4.3.2 Dinâmica 2. Internalizações do “Mundo para o Eu”: experimentações tentativas das zonas de contato exógenas.....	164
4.3.3 Dinâmica 3. O problema das forças exógenas “do Mundo para a Comunidade” – caminhos e zonas de afetações resultantes da circulação	169
4.3.4 Dinâmica 4. O contrafluxo “da Comunidade para o Mundo” – a constituição dos sujeitos na circulação	175
4.3.5 Dinâmica 5. “Ir adiante” ou não: “o Eu Físico e Virtual” – conflitos e tensões dos processos sociais no silenciamento do simbólico	178
4.3.6 Dinâmica 6. A dádiva do perambular – do “desaparecer em si” ao retorno do espelho/fantasma do simbólico	181
5 DAS MARCAS E AFETAÇÕES: RECONSTRUINDO OS PROCESSOS PERAMBULANTES DO EMPÍRICO	187
5.1 Reconstituindo as Peças do Quebra-Cabeças a partir do Questionário de Campo .	188
5.1.1 Os jovens quilombolas no Matão – traçando perfis e modos de aproximação na ambiência digital.....	189
5.1.2 Marcas das afetações iniciais e o contato com a ambiência digital: práticas, usos e experimentações	192
5.1.3 Conflitos e sentimentos na ambiência digital: meios e estratégias acionadas para dirimir os efeitos dos ruídos comunicacionais.....	197
5.1.4 Sentimentos do “eu” quilombola nas redes: o início dos movimentos de idas e vindas	200
5.2 Os Quilombolas na Descoberta das Múltiplas Personas no <i>Facebook</i>.....	202
5.2.1 Acionando enquadramentos e modos de pertença em ambiente digital	205
5.2.2 Reconnectando os laços desfeitos na circulação: descrição das estratégias de engajamento do jovem quilombola no <i>Facebook</i>	208
5.2.3 O trabalho do algoritmo na plataforma do <i>Facebook</i> em conflito com a latência do simbólico quilombola	212
5.2.4 Deslocamentos temporais no esfacelamento do imagético quilombola	215
5.3 Identidade do Negro Quilombola no <i>Facebook</i>: Sobre as Memórias que Perambulam nos Fluxos do Meio	218
5.3.1 O jovem quilombola e a percepção de sua identidade no <i>Facebook</i>	219
5.3.2 O simbólico no IVM “OloduMatão”: reconstrução dos passos do jovem quilombola .	221

5.3.3	Tensionando o “totem território”: modos e operações de apropriação dos jovens quilombolas.....	225
5.3.4	Das perdas de referencialidade: lógicas e práticas na plataforma do <i>Facebook</i>	229
5.4	Identidades em Fluxo: Promessas e Dádivas da Ambiência Digital	232
5.4.1	Tensionando a identidade no acionamento da Instituição em Vias de Miatização “OloduMatão”.....	235
5.4.2	O <i>Facebook</i> na condição de “pagador de promessas” não realizáveis	239
5.4.3	Proposições interacionais dos jovens quilombolas no <i>Facebook</i> : a comunicação do “tipo ideal” no território digital	241
5.4.4	O totem “identidade” e os processos de inferência em curso: descrevendo marcas no fluxo.....	244
5.4.5	Operacionalizando uma pesquisa-ação: construindo caminhos e pontes de diálogo	246
5.4.6	Das análises transversais: direções e caminhos da pesquisa	251
6	ENCAMINHAMENTOS DA PESQUISA: DAS TENSÕES ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	255
6.1	De que Falam as Dinâmicas?	257
6.2	Instigar para Descobrir: Endereçamentos Futuros da Pesquisa	259
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	265
	APÊNDICE A – INSTRUMENTAL DE PESQUISA DE CAMPO.....	272
	APÊNDICE A1– QUESTIONÁRIO 1.....	277
	APÊNDICE A2 – QUESTIONÁRIO 2.....	282
	APÊNDICE A3 – QUESTIONÁRIO 3.....	287
	APÊNDICE A4 – QUESTIONÁRIO 4.....	292
	APÊNDICE A5 – QUESTIONÁRIO 5.....	297
	APÊNDICE A6 – QUESTIONÁRIO 6.....	302
	APÊNDICE A7 – QUESTIONÁRIO 7.....	307
	APÊNDICE A8 – QUESTIONÁRIO 8.....	312
	APÊNDICE A9 – QUESTIONÁRIO 9.....	317
	APÊNDICE A10 – QUESTIONÁRIO 10.....	322
	APÊNDICE A11 – QUESTIONÁRIO 11.....	327
	APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	332
	ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA DA PESQUISA NA COMUNIDADE	338
	ANEXO B1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE	339

ANEXO B2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE	340
ANEXO B3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE	341
ANEXO B4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE	342
ANEXO B5 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE	343
ANEXO B6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE	344
ANEXO B7 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE	345
ANEXO B8 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE	346
ANEXO B9 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE	347
ANEXO B10 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE	348
ANEXO B11 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);	
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE	349

1 CAMINHOS INTRODUTÓRIOS: ATERRISSANDO NO OBJETO - DAS INQUIETAÇÕES À *EURECA*

“Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico” (Paula Sibília, 2008, p. 32).

A presente pesquisa de doutorado revela uma temática pertinente que descreve uma problemática de lógicas da midiatização acopladas em uma comunidade¹ quilombola tradicional². Estas afetações passaram a tensionar identidades, tradições, práticas sociais que foram transformadas pelos usos e apropriações das mídias digitais, em nosso caso, na plataforma do *Facebook*. A comunidade negra tem uma particularidade bastante específica que passa a sinalizar como os processos digitais foram se articulando ao tecido social, descrevendo a imersão da comunidade e, principalmente, seus jovens. Em uma observação inicial, muitas perguntas surgiram, tais como: “Quais lógicas dos processos, daqueles que advêm dos aspectos tradicionais e os modos dos usos e apropriações possibilitaram atuais e outras mutações nos modos de ser e de agir dos jovens quilombolas no mundo?” Nessa direção, a tentativa de perceber este fenômeno e seus desdobramentos possibilitaram descrever a ocorrência de configurações e disputas de sentidos, não apenas restrito à esfera digital, articuladas em dois níveis: um de âmbito local e outro de vertente comunicacional afetados pelas lógicas e apropriações na ambiência digital do meio.

Esta pesquisa pretende se constituir como esquema tátil com as múltiplas faces dessas conexões sociais, mutáveis e heterogêneas, acionadas por jovens quilombolas da Comunidade do Matão, interior do estado da Paraíba. Ao descrever o fenômeno comunicacional em curso em uma comunidade quilombola, a tese lança luzes para um complexo quadro das afetações resultantes do processo de midiatização em uma comunidade negra, e como tais processos sociais foram atuando e ressignificando suas estratégias de enunciação e de reconhecimento no meio digital do *Facebook*. Para tanto, o pesquisador recorreu à elaboração de dinâmicas, movimentos temporais que apontam para uma entrada no empírico e descrição do empírico

¹ Segundo dados da Fundação Palmares em 2020, no Brasil existem mais de 3.447 Comunidades Remanescentes de Quilombos identificados. Na Paraíba, o número de Comunidades totaliza um total de 43. Dados disponíveis em: <https://bit.ly/3bM15Yr>. Acesso em 15 mar. 2021.

² O decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, no Art 3º do primeiro parágrafo afirma que: “Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Íntegra do documento disponível em: <https://bit.ly/3ogetXK>. Acesso em: 05 ago. 2020.

em fluxo. A narrativa da pesquisa pretende ser processual e gradativa, ao passo em que, as lógicas e os movimentos dos materiais irão se apresentar e constituir-se no transcorrer do texto.

Dos endereçamentos da pesquisa, nos deparamos com a seguinte configuração do caso, das idas e vindas do pesquisador na Comunidade Quilombola do Matão, entre 2006 e 2009, a comunidade tradicional vivenciava os contatos com este mundo externo através das antenas parabólicas. O salto e análise do presente estudo busca entender os atravessamentos dos dispositivos interacionais que passaram a intercambiar esta relação da comunidade enquanto espaço mundo e este lugar “outrem”, do digital. O desafio consiste em perceber os modos pelos quais o “ser negro/quilombola” no agreste paraibano é forjado nas tramas do meio *Facebook*, dispositivo interacional escolhido pelos jovens quilombolas desta comunidade para interagirem, demonstrarem quem são e produzir endereçamentos de seus locais de fala.

Fotografia 1 – Os atravessamentos dos dispositivos interacionais na comunidade negra



O acoplamento do programa de inclusão digital do GESAC com seus novos/outros endereçamentos no espaço mundo (comunidade quilombola).

Fonte: Registradas pelo autor, 2019. Termos de consentimento da pesquisa autorizados.

O objeto de estudo revela uma teia complexa de elementos e disposições sociais que vão das relações familiares e comunitárias aos aspectos de ordem cultural, a exemplo de vaquejadas, festividades juninas, casamentos e confraternizações comunitárias que passam a ser atravessados pelas interrelações entre os contextos socioculturais e as identidades dos jovens conectados pela ambiência do *Facebook* onde sistemas sociais passam a irritar tais subsistemas. Neste diálogo com meio, a superfície do território³ físico da comunidade, objeto de nosso estudo, atualiza suas configurações de ambiente, estabelecendo um importante sinalizador deste retorno, onde o “ser quilombola” ao se “diluir” nas tramas do *Facebook* encontra, neste território físico, a ação de “revestir-se” de sentidos do quilombo e do grupo enquanto lugar da pertença/espaço de acolhimento. No caso da comunidade quilombola analisada, coexistem duas camadas interacionais: uma de ordem dos processos de “desconexão” e uma outra que se revela “conectada” e ampliada na ambiência. Esta aparente ambiguidade ocorre por conta das limitações de ordem técnica e geográfica que implicam em modos experimentais de usos e apropriações da tecnologia para elaborar a si mesmo como jovens inseridos em um mundo que ultrapassa as bordas territoriais do quilombo.

O desenho e a estrutura da tese articulam elementos distintos. Em um primeiro nível encontram-se os jovens e os modos pelos quais eles se descobrem no processo interacional e, no segundo nível, os desdobramentos dos vínculos do local e do global que articulam novas narrativas, processo este, descrito em movimentos de “idas e vindas” das e nas redes. Pretendemos, ainda, analisar as pontes entre a identidade negra/afrodescendente em meio a essa heterogeneidade de evocações e lógicas constituídas no meio digital do *Facebook*, via disponibilidade dos aparatos técnicos na plataforma.

Uma importante observação diz respeito à entrada do objeto e de suas materialidades e de como foram extraídas de uma “superfície deslizante” do meio *Facebook*. Ao “parar” o fluxo, o código algoritmo traduz uma questão dos meios contemporâneos, meios estes, de conteúdos, de programação e indexação informacional. Tais mecanismos estão refinados por uma inteligência artificial compreensiva que nos direcionam para uma tecnologia da alma

³ Em Martin (1997, p. 5), o conceito de território pertence a “objetivação multidimensional da apropriação social do espaço, a territorialidade não pode ser somente a qualidade subjetiva do grupo social ou do seu espaço de vida. A territorialidade é o conjunto de todas as práticas espaciais materiais, assim como ideias, que vão permitindo a apropriação social do espaço”. Ainda em Robert Sack (1986, p.2), “a territorialidade é fruto das relações econômicas, políticas e culturais, por isso, se apresenta de diferentes formas, imprimindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural”. (BATISTA, 2006, p. 5-6).

(FERREIRA, 2019). Esta problemática atua como meio essencial da vida orgânica, ao observar tais formas de vida não orgânica passamos a compreender as lógicas dos algoritmos digitais. Nos interessa, em nosso caso, perceber que as diferenças entre seres orgânicos e não orgânicos é que o algoritmo se adapta mais rápido do que o homem. Dessa forma, o cenário técnico em que o jovem quilombola faz uma imersão traz consigo uma problemática complexa da representação sócio-histórica e consequentes desdobramentos no psíquico individual deste sujeito com suas subjetividades, desejos, sonhos.

O tema desta pesquisa se aproxima dos estudos em midiatização quando articula as lógicas dos algoritmos com perspectivas de usos e apropriações sociais no *Facebook*. Os estudos sobre as interações nos permitem analisar as medições manifestadas enquanto fenômeno e construídas em perspectivas históricas/temporais em dinâmicas performativas.

A netnografia foi escolhida por possuir um conjunto de características específicas, sua análise é naturalista, pois surge de forma espontânea no ambiente virtual; imersiva porque advém da reflexão do objeto de estudo e das idas do pesquisador a campo; descritiva por buscar retratar determinadas realidades, seus artefatos culturais sinalizados por símbolos, sons e imagens; multimétodos, pois pede emprestado esquemas da etnografia, antropologia, redes sociais; sendo adaptável, uma vez que faz uso de diversas ferramentas: chat, fóruns, publicações e grupos. Em Angrosino (2005), essas estratégias para análise dos materiais e o arquivamento eletrônico deles permite a criação do banco de dados e a análise contínua dos fluxos e dos empíricos extraídos da plataforma do *Facebook*. A adoção da estratégia do “*printscreen*” permite a fixação das materialidades que são efêmeras. Os materiais descritos em esquema “*just in time*” permitem apreender a descrição dos rastros/marcações deixadas pelos sujeitos da pesquisa. Assim, os rastros reconstituídos pelas dinâmicas revelam caminhos e processualidades das apropriações realizadas pelos usuários, jovens quilombolas do Matão na linha do tempo do meio *Facebook*.

Destes rastros, a coleção do empírico aponta para fortes indícios de uma reconstituição de etapas/fases/dinâmicas em que a potência do imagético e sua representação simbólica ora se fixa, ora se apaga no imagético simbólico do jovem quilombola. Nos interessa investigar como a enunciação criada, editada e ofertada ao *Facebook* adquire sentidos outros, exigindo desses jovens quilombolas uma atualização constante de estratégias e acoplamentos outros na rede. O empírico com suas materialidades está delimitado ao arranjo constituído de extrações que ocorreram entre 18 de outubro de 2016 e 17 de agosto de 2019.

A análise dos materiais empreendeu uma relação ritualística entre sujeitos na rede social (SNS) do *Facebook*, apontando e estabelecendo relações e estratégias próprias dos

jovens quilombolas para serem reconhecidos e autenticados pelo outro na esfera digital. Essa relação é marcada por um forte tensionamento e por disputas de sentidos entre interagentes. A descrição dos movimentos, ações e acionamentos dos jovens quilombolas demarcam estratégias perambulantes das ofertas publicadas, ora exprimem com convicção seus desejos, ora recuam ao acionar uma memória-lembrança (DALMASO, 2015; RENDEIRO; RIBEIRO, 2017) do passado que busca a proteção, o refúgio e a solidariedade expressas pelo coletivo.

Esse endereçamento complexo do homem, da máquina e da cultura buscam encaminhar este jovem quilombola para uma disputa de sentidos típicos da midiatização, em que os eixos e as problemáticas da circulação midiática (BRAGA, 2015; ROSA, 2016) atravessam identidades e as práticas sociais solidificadas pelas relações de sangue e de território. O estudo lança olhares para descrever as formas, sentidos e elementos simbólicos ofertados pelos jovens quilombolas na ambiência do meio *Facebook*.

Na dimensão empírica, a problemática da cultura e da circulação vertem as ações dos jovens quilombolas por caminhos atravessados pelas lógicas canhestras (BRAGA, 2017). A observação “selvagem” das publicações na plataforma do *Facebook* revelaram formas próprias e específicas de enunciação desses jovens negros em modos e acionamentos dos usos e apropriações dos meios técnicos e tecnológicos, cujas lógicas são desterritorializadas e, ao mesmo tempo, conecta em suas formas de diferenciação (sistemas sociais/psíquicos), inovação e integração social através da produção, consumo e circulação deste meio, considerando as mediações econômicas, políticas, culturais e psicológicas, ora materializadas ou não, acionando usos e apropriações sociais.

Na apresentação da estrutura e configuração do caso desta tese, realizamos um movimento de categorização em dinâmicas gradativas, conforme trânsito temporal das materialidades no fluxo do meio *Facebook*. Esse movimento da pesquisa está centrado na abordagem multimetodológica que passa pela netnografia, descrição do empírico a partir do paradigma indiciário (BRAGA, 2017) forjando uma cartografia de atualizações e de temporalidades, no sentido de pontos de entrada e de virada do empírico, na circulação. Na primeira etapa, temos a apresentação e introdução ao fenômeno comunicacional que foi implementado em uma comunidade quilombola no interior da Paraíba, descrevendo sua historicidade e seu espaço territorial. Nesta fase, acionamos diversas pontes conceituais da pesquisa, tais como a ambiência implementada (GOMES, 2006), o espaço geográfico deslocado por uma zona de inscrição (FAUSTO NETO, 2014) acionada pela circulação das redes digitais, realizando uma breve descrição dos primeiros contatos com esta “zona exógena”, e os desafios encontrados por jovens quilombolas em suas primeiras postagens na

rede social. O primeiro movimento conclui por apresentar as transformações desse contato com as interações em rede, observando as tensões iniciais com as identidades, as memórias (CUNHA, 2013; DALMASO, 2015).

A segunda etapa a ser apresentada faz parte do conjunto problema da pesquisa, descrevendo a complexidade do objeto (FERREIRA, 2013; 2016) e de seus materiais imersos nos níveis socioantropológico, sociotécnico e sociocomunicacional com seus atravessamentos. Essa fase apresenta a problemática da implementação de uma política pública de inclusão digital (SORJ, 2003; TCU, 2015; FELTON, 2017; 2018; VAN DIJCK, 2013) em uma comunidade tradicional, na perspectiva dos benefícios que se efetivaram ou não. Nesse aspecto, analisamos as normativas regulatórias e as diversas experiências no mundo. A estrutura do eixo apresenta ainda, uma análise teórica dos estudos europeus a respeito da temática das redes sociais, e das lógicas interacionais dos sujeitos inscritos no meio *Facebook*. Essa entrada investiga e relaciona como os meios e suas tecnologias-suportes passaram a transformar e a transferir referencialidades do passado, da tradição dos mais velhos para os jovens que são os atuais portadores dessa zona de passagem entre o tradicional e o digital.

A terceira etapa apresenta as primeiras coleções do empírico e a constituição do caso que recorre ao método de extração e de análise da netnografia (ANGROSINO, 2005; KOZINET, 2014), descrevendo como os acoplamentos foram se estruturando a partir das interações em rede pelo *Facebook*. Dessa análise, novos arranjos conceituais são mobilizados, a exemplo da circulação (ROSA, 2012; 2016; BRAGA, 2015) *digital life*, da totemia (ROSA, 2012), das gramáticas (FAUSTO NETO, 2013) e das representações sociais atravessadas por estes materiais. Nesse ponto, endereçamos esforços no sentido de realizar um breve passeio pelo desenho da pesquisa, por suas figuras aqui evocadas, que revelam atravessamentos resultantes da zona de contato e das transversalidades conceituais com as teorias da midiatização. Também são tratados os usos das redes sociais e das estratégias de promoção e autenticação de uma identidade digital. Este eixo ainda apresenta uma leitura interpretativa e temporal das ofertas enunciadas no *Facebook* por jovens quilombolas. As dinâmicas e suas temporalidades são apresentadas em episódios interacionais (BRAGA, 2015), descritas e analisadas a partir dos indícios apresentados (FERREIRA, 2013). Essa abordagem observacional tensiona as pesquisas e estudos existentes na área da Comunicação, os episódios interacionais nos quais os jovens quilombolas acionam, constroem pontes e caminhos que necessitam ser revelados sob a perspectiva da pesquisa em midiatização.

Trata a quarta etapa da análise dos observáveis propriamente dita, aqui é apresentada uma estrutura de análise da empiria e como os atravessamentos passaram a complexificar o fenômeno comunicacional. Para essa descrição analítica, recorremos a uma linha do tempo com o percurso das imagens e de suas múltiplas apropriações (FAUSTO NETO, 2013) e replicações no espaço-tempo do *Facebook*.

A quinta e última etapas da tese aprofundam as transversalidades apresentadas nas materialidades dos jovens quilombolas, descrevendo as formas como os usos e apropriações dos dispositivos passaram a configurar um objeto em estado de latência midiática em curso. Nesse ponto, as processualidades surgem nas materialidades a partir dos acionamentos canhestros (BRAGA, 2008). Isto é, na busca por outros ângulos de observação do fenômeno. Nas considerações finais, passamos a tensionar os movimentos de perambulação, de fixação e de apagamento deste imagético quilombola na linha do tempo do *Facebook*, assim como as ações tentativas desses jovens em cancelar suas identidades e representações próprias na rede social do *Facebook*.

1.1 Problema da Pesquisa e seus Caminhos

Nesta mirada sobre o objeto de estudo, o pesquisador se depara com a proposta de encontrar encaminhamentos teóricos e metodológicos para a compreensão de um tema e fenômeno comunicacionais de amplo alcance, notadamente heurístico. Ao visitar o conceito de redes, buscamos, tentativamente, compreender como os observáveis passam a ser examinados nas dinâmicas do meio *Facebook*, meio este, conectado por redes e em movimento constante de experimentações, usos e apropriações.

O tema suscitado na pesquisa “Nas dinâmicas do *Facebook*: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão” apresenta os modos como as imagens e discursividades nessa ambiência se articulam às lógicas de ordem sistêmica, ou seja, algorítmica. Ali os sujeitos inscritos passam a interagir e se apropriar de suas dinâmicas para que, em movimentos tentativos, alcancem o reconhecimento e a fixação de suas referencialidades nas redes. As matrizes e marcas a serem encaminhadas buscam esclarecer o problema da pesquisa com a seguinte pergunta: **“Como as representações imagéticas e identitárias do jovem quilombola se atualizam e se constituem a partir das temporalidades e dinâmicas performáticas no meio *Facebook*?”**.

Dessa pergunta, as respostas buscam objetivamente, de forma mais ampla, compreender como as ofertas postas no meio *Facebook* transmutam e dinamizam os sentidos

ofertados por jovens quilombolas do Matão. A vertente mais ampla exige entender, nas coleções do empírico, os percursos, marcas e dinâmicas enunciativas nas representações imagéticas desses jovens. Nesse sentido, pretendemos extrair do banco de dados, das seis coleções do empírico, as imagens, publicações e postagens que remontam ao processo tentativo de produção, fixação e apagamento de representações; investigando ainda, a constituição destas perambulações no fluxo, deste “acender e apagar” das representações imagéticas e identitárias nesse meio.

Ao examinar, de forma preliminar, as materialidades do empírico que foram extraídas do fluxo estudado, observamos que a resposta para o problema da pesquisa demanda esforços no sentido de analisar as possíveis angulações heurísticas. O desafio surge em “(...) decorrência do processo de diferenciação em que é possível analisar atores, instituições midiáticas e instituições midiáticas diversas, em posições variadas nas interações”, onde “(...) a problemática da circulação é situada na tensão entre contato, contratos, lógicas ternárias e defasagens” (FERREIRA, 2016, p. 209).

Nessa direção, a problemática relacional descreve as tensões pré-existentes, transcrevendo afetações entre seus múltiplos elementos, sejam seus respectivos atores (jovens quilombolas e não quilombolas) com as instituições (zona de inscrição – Escola Municipal Manoel Rufino; ONG/IVM – “OloduMatão”), e dos recursos técnicos (lógicas intrínsecas do dispositivo e dos meios) que geram espaços de indeterminação, que por sua vez, são potencializados por uma intensa produção no meio *Facebook*. Essa profusão de elementos revela que, ao postular um campo de observação, as disputas de sentidos intra, inter e “extramidiáticas⁴” são características de uma sociedade em midiatização (VERON, 2014), isto é, atravessada por lógicas que não se restringem à mídia, mas que incorporam seus fazeres no próprio tecido social.

As entradas e angulações presentes no objeto foram elencadas a partir das seis coleções, extraídas na observação do empírico e, com elas foi possível descrever dentro de uma temporalidade em que os usos e apropriações específicas dos jovens quilombolas, postas em circulação⁵ por meio do *Facebook*, reconstruíram sentidos e representações. Estas são atravessadas por lógicas ora convergentes, ora divergentes, conforme ordenamentos dos processos sociais internos ou externos à comunidade.

⁴ O termo “extramidiática” elaborado pelo autor busca compreender os movimentos performáticos acionados na esfera do espaço geográfico/local, como a imagem na rede se espelha na superfície dos processos sociais comunitários.

⁵ O conceito de circulação evocado lança olhares para a plataforma do meio *Facebook* como lócus de observação do fenômeno, processo este, no qual entendemos a ocorrência de um processo produtivo entre gramáticas de produção e de reconhecimento, onde o sentido se transforma em múltiplos endereçamentos canhestros.

1.1.2 Ponto de partida e o *start* da pesquisa

Os caminhos da pesquisa e suas implicações revelam um conjunto de articulações muitas vezes desordenadas que, gradativamente, assumem contornos a partir da visada e dos *insights* do pesquisador. O interesse por este estudo remonta a uma narrativa iniciada na graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba. O ano era 2005 quando engajado na disciplina de Metodologia Científica, os primeiros esboços do Trabalho de Conclusão de Curso buscavam compreender os sentidos e afetações dos produtos midiáticos em comunidades tradicionais e isoladas geograficamente, sendo selecionadas na amostra, três comunidades remanescentes de quilombos. O estudo encontrou importantes considerações em uma delas, a do Quilombo do Talhado na cidade de Santa Luzia (PB), sertão paraibano, que em 2004 fora contemplada pelo Programa Luz para Todos⁶ e, um ano e meio após a implementação daquela política na comunidade, foi possível observar na pesquisa de campo a dinâmica dos meios e de suas afetações ocasionadas nas interações sociais.

A pertinência dos estudos em comunidades quilombolas, isoladas geograficamente e distantes dos centros urbanos, possuem grande importância nos estudos dos fenômenos comunicacionais. Devido às características da geografia e topografia dessas localidades, os sinais de televisão e das rádios locais não são captados. A saída encontrada pelas comunidades é fazer uso de antenas parabólicas que trazem consigo uma programação “bruta”, porque os aparelhos técnicos passam a espelhar as realidades dos grandes centros, como São Paulo (SBT, Bandeirantes, REDETV, Record TV) e do Rio de Janeiro (Rede Globo⁷). A grade proposta e recepcionada nas comunidades não respeita as diferenças regionais ou nichos específicos com seus públicos, culturas e identidades.

Para efeito de contextualização, em 2006, durante a coleta de dados da pesquisa de campo na Comunidade do Talhado, à época, a Rede Globo de Televisão exibia a novela “Cobras e Lagartos” em que o ator negro Lázaro Ramos fazia uma atuação na condição de um “anti-herói”, característica remetida à obra clássica de “Macunaíma” escrita por Mário de Andrade⁸. A professora da escola na comunidade afirmara que o papel interpretado pelo ator

⁶ O “Programa Luz para Todos” foi sancionado pelo decreto nº 4.873, de 11 de novembro de 2003. O programa faz parte das ações da Política Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica do Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <https://bit.ly/3a5BXd3>. Acesso em: 05 ago. 2020.

⁷ Em outubro de 2019, a Rede Globo reformula os sinais recebidos pela parabólica. No sistema digital, SATHD, cada região recepcionará a programação da rede regional. A região Nordeste irá captar pelas parabólicas o sinal da Rede Globo Nordeste (Recife, PE). Os demais sistemas, como o analógico, o sinal da Rede Globo RJ será trocado pela Rede Globo de São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/3ce7TP7>. Acesso em: 05 ago. 2020.

⁸ A obra de Mário de Andrade retrata de forma crítica as tradições e aspectos do folclore brasileiro transmitidos pela oralidade. A figura do “herói sem caráter” ressalta a dúvida de toda uma nação: O que é ser brasileiro? A

teve uma forte influência nas interações entre as crianças quilombolas durante as atividades recreativas e de lazer no grupo escolar.

Em prosseguimento aos estudos e munido dos dados da pesquisa de campo na graduação, no início de 2007, no mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, trabalhamos na linha de pesquisa “Sociologia da Mídia”. A dissertação tratou de desenhar e descrever a programação de rádios comunitárias localizadas em três localidades na Paraíba, nas cidades de Santa Luzia, Alagoa Grande e Serra Redonda. Essas cidades foram escolhidas por apresentarem uma ampla diversidade de comunidades rurais, áreas de conflito agrário e de assentamentos, incluindo comunidades quilombolas tradicionais, a exemplo do Talhado⁹ e de Caiana dos Crioulos¹⁰.

Naquela ocasião do mestrado, a pesquisa de campo revelou a ocorrência de uma “não convergência dialógica habermasiana¹¹” entre os moradores das cidades, suas demandas e expectativas do mundo da vida, enquanto os diretores/administradores dessas rádios estavam imersos em esquemas de ordem sistêmica e de disputas de ordenamento político-partidário e religioso. A dissertação revelou que as emissoras locais comunitárias foram, gradativamente, se convertendo em um instrumento de manutenção do poder político local, estabelecendo um neocoronelismo de tipo eletrônico. Ao elencar as forças de controle de “coronelismo” do tipo eletrônico, no projeto de pesquisa no doutorado em Ciências da Comunicação percebemos a necessidade de investigação sobre as afetações nas representações dos jovens quilombolas, e de seus processos sociais mergulhados por tecnologias eletrônicas e digitais na rede social do *Facebook*.

rap-sódia montada por Andrade remete ao desconhecido. Na novela transmitida pela Rede Globo intitulada por “Cobras e Lagartos”, o personagem “Foguinho” interpretado pelo ator negro Lázaro Ramos terminou sua trama com um desfecho similar ao Macunaíma. Em uma das falas no último capítulo (nº 179). Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x20wh4j>. Acesso em: 05 ago. 2020. O personagem após ser dado como morto é reconhecido como um herói por ter salvo uma criança em um incêndio entretanto, a fala da ex-mulher (14min. e 43seg.) menciona o heroísmo do personagem atrelado ao estereótipo da obra de Mário de Andrade: “(...) ele morreu como o **herói que ele inventava falando as mentiras que ele contava**” (grifo nosso).

⁹ Em 1960, o cineasta paraibano, Linduarte Noronha foi o documentário “Aruanda”, obra precursora do Cinema Novo brasileiro. Disponível em: <https://youtu.be/9uATt--ua0Y>. Acesso em: 05 ago. 2020.

¹⁰ A comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos possui como tradição a cultura do “coco de roda” e das danças circulares. Os costumes e tradições são revividas na Semana das Consciência Negra que ocorre anualmente no mês de novembro. Matéria exibida no Bom Dia Paraíba (29 novembro de 2019). Disponível em: <https://glo.bo/3ofkO5Q>. Acesso em: 21 maio 2020.

¹¹ Na pesquisa de campo de dissertação, a tese de que a rádio comunitária seria a fonte do lugar de fala e dos vínculos simétricos e dialógicos entre os pares sociais foi desconstruída pela fala dos depoentes que afirmaram, à época, que a rádio comunitária se transformou em mais um canal de dominação político-religiosa.

1.2 Convites e Endereçamentos: O Caminhar dos Jovens Quilombolas nas Redes

O período de 2014 e 2015 pode ser considerado como um período de pré-pesquisa informal que se configura como de chegada e imersão do pesquisador no observável desta tese. De fato, o movimento de sistematização de observação das ações destes jovens quilombolas na internet se dá na condição de voluntário que assumimos aos finais de semana no Projeto “Fotógrafos de Rua¹²”, iniciativa apoiada pela Associação de Apoio as Comunidades Afrodescendentes (AACADE). O contato mais frequente com os jovens quilombolas da comunidade do Matão fez com que houvesse um despertar mais atento para o fenômeno em curso. O local mais observado foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Rufino dos Santos, onde se podia avistar sobre o telhado um aparato técnico de grandes dimensões: tratava-se de uma antena direcional com uma inscrição impressa, GESAC e abaixo, Embratel 21. A comunidade do Matão recebia naquele período o sinal da internet via satélite e se abria para outros espaços de experimentação social.

Fotografia 2 – Antenas instaladas no telhado da escola na comunidade



Da esquerda para direita, primeira antena do GESAC instalada em 2014. A segunda pertence a empresa *Hughes*, instalada em 2016.

Fonte: Registrada pelo autor, 2016.

Nessa observação primitiva passei a indagar aos jovens sobre o que seria aquela novidade tecnológica, eles prontamente responderam: “O pessoal do governo ‘veio’ colocar internet na escola!”. A inquietação levou a uma segunda pergunta: “Mas por que vocês estão

¹² Informações sobre o projeto “Fotógrafos de Rua” podem ser acessados em: <https://bit.ly/2Mt2hWx>, acesso em: 21 de maio de 2020.

aqui fora?” – Um deles respondeu: “É porque a gente comprou um bichinho que passa o sinal”, respondeu uma das crianças.

As falas dos jovens sobre como aquela tecnologia implementada há poucos dias na comunidade revelou a ocorrência de um fenômeno sociotécnico que deslocou a superfície do tempo e do espaço naquele território tradicional, que estava “desconectado” e que passa a ser atravessado pelas lógicas interacionais (BRAGA, 2017) dos dispositivos midiáticos. O Quilombo do Matão que, em meados de 2014 tinha como limitação geográfica as cercas de madeira que demarcavam seus territórios físicos, passou a ostentar jovens robustos e munidos com seus dispositivos que ascenderam às redes com a mesma agilidade e destreza daqueles que tinham nascidos em espaços privilegiados das tecnologias digitais.

Naquele momento de configuração do caso da pesquisa, surge uma pergunta inicial: “Quais representações e construções de sentido estão sendo postas por estes jovens nas redes?”. E, em seguida, “O que desejam comunicar?”. À busca de respostas e de caminhos inteligíveis que me auxiliassem na compreensão da dinâmica do fenômeno comunicacional cresce em junho de 2016, quando inscrevo o projeto intitulado: “Democratização da informação: análise da política pública de inclusão digital - GESAC em comunidades quilombolas na Paraíba”, sendo aceito na linha de pesquisa de “Midiatização e Processos Sociais” da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo-RS.

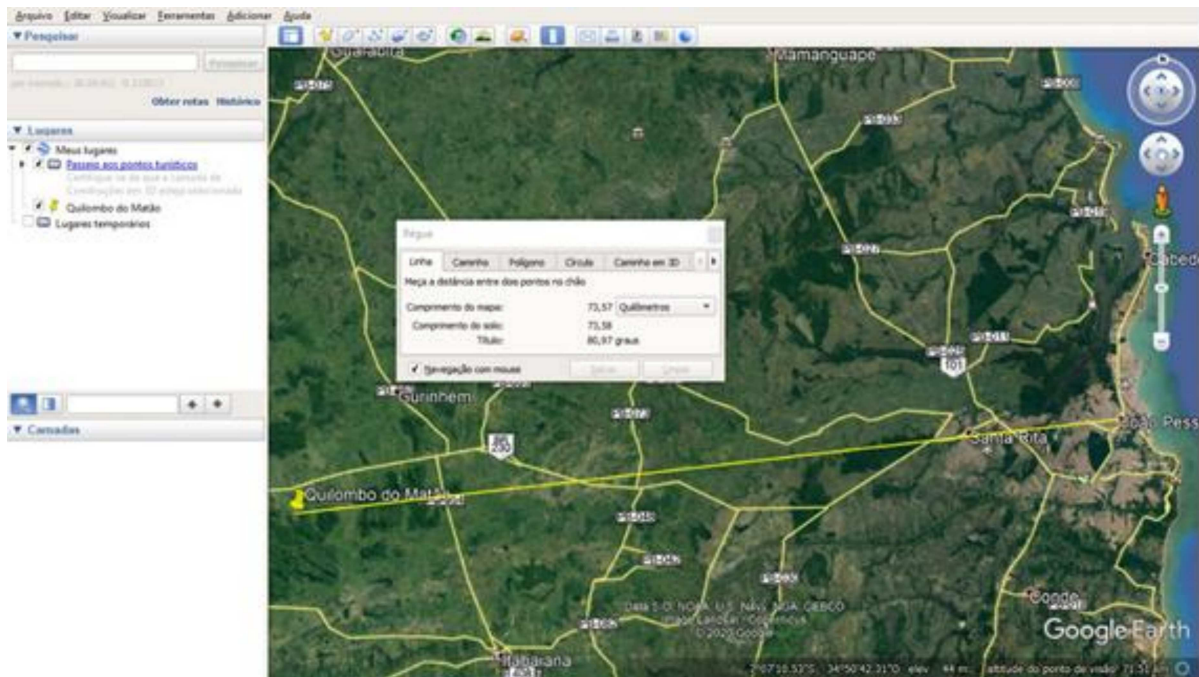
O novo devir e os contatos iniciais com a dinâmica de um renomado doutorado no campo da pesquisa das Ciências da Comunicação fizeram com que o projeto fosse reestruturado, reescrito, tensionado e acompanhado pela orientadora Profa. Dra. Ana Paula da Rosa. Esta, por sua vez, visualizou um conjunto de indícios, configurações e afetações sinalizadoras de estratégias performáticas, por parte dos jovens quilombolas, no meio *Facebook*. O desafio inicial da pesquisa consistia justamente em analisar e descrever, nas primeiras coleções extraídas, quais estratégias e performances de reconhecimento evocadas pelos jovens negros descrevem marcas e afetações em suas enunciações pelo contato com essa zona canhestra (BRAGA, 2008) e espriada em redes e superfícies deslizantes. Nesse caminhar, iniciamos esta narrativa compreendendo a complexidade do fenômeno pelo local da pesquisa e seus sujeitos.

1.2.1 As origens da comunidade – superfícies em tensão: do local às redes

Como dissemos anteriormente, o local da pesquisa é a Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, que se originou em meados do final do século 19, quando em 1875, ali

se estabeleceram seus primeiros habitantes em uma área de mata virgem e fechada entre os municípios de Gurinhém e Mogeiro, cidades situadas no agreste paraibano, distantes 80Km da capital João Pessoa.

Figura 1 – Mapa de georreferencia e de distância entre a capital do Estado da Paraíba e a Comunidade Quilombola do Matão



Fonte: Paraíba PB. Google maps. Google, 2020. Disponível em: <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR>. Acesso em: 13 maio 2020.

Conforme a tradição oral, os moradores do Matão têm sua origem a partir de três irmãos, Manoel Rufino, Antônio e Edwiges¹³. A história do município de Mogeiro (PB) reconta a formação do quilombo e de seus moradores: “em uma terra, situada nas fraldas da Serra do Matão, no município de Mogeiro, habitam aproximadamente 100 famílias, de negros, precedentes da Fazenda dos João Ludovico de Melo Azedo, denominados Fazenda do Mata Negro” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 7).

O trecho citado faz parte da pesquisa etnográfica para a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), elaborado junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). As pesquisadoras Vanessa Souza e Mércia Rangel Batista (2018) reconstruíram a historicidade do Quilombo do Matão, lutas e conquistas descritas ao longo do tempo. A comunidade é composta por cerca de 43 famílias e uma média de 150 pessoas que descendem de um único tronco familiar, “Os Rufinos”, sobrenome do

¹³ Fato este narrado em entrevistas com os moradores durante a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) que, posteriormente é analisado para elaboração do título de imissão da terra. Disponível em: <https://bit.ly/3cdCPPr>. Acesso em: 22 maio 2020.

fundador, Manoel Rufino. Com o passar do tempo, as relações e interações com habitantes de áreas circunvizinhas, da Fazenda Manipeba, do distrito de Boqueirão e da cidade do Ingá (PB), a comunidade passa por transformações acolhendo demais indivíduos e grupos extracomunitários. A pesquisa de campo e os dados das entrevistas revelaram que, além do tronco original “Rufino”, encontramos as seguintes derivações: “Rufino dos Santos” e “Valentim Rufino”. As relações e entroncamentos outros fizeram surgir distintas raízes familiares, a exemplo “dos Santos”, “Carvalho da Silva”, “Almeida da Silva”, “da Silva”.

A estrutura social e de posse da terra no Matão é coletiva desde sua fundação, assim revelam as narrativas que destacam o fundador Manoel Rufino, “sempre trabalhando, criando gado, plantando algodão, negociando, tornando-se personagem central” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 378). Desde sua criação e formação, os homens são encarregados de prover as famílias, enquanto as mulheres zelam pela criação dos filhos, na dinâmica familiar e decisões comunitárias. A história do Quilombo do Matão e sua luta por sobrevivência não é muito diferente das realidades vivenciadas pelos habitantes da Região Nordeste. A migração para os grandes centros urbanos representa uma “melhoria nas condições de vida” (BATISTA; SOUZA, 2018, p. 386) e o trabalho na construção civil é uma solução encontrada por alguns jovens e adultos hábeis da comunidade. Essa forma de trabalho e a permanência dos homens nos centros urbanos permitem afirmar que a organização do quilombo do Matão é matriarcal, cabendo às mulheres tomar decisões na ausência dos homens no cotidiano da comunidade.

O trabalho é um fenômeno que trouxe uma profunda mudança nas interações sociais da comunidade, uma vez que, retornados da ambiência urbana com suas dinâmicas, os choques culturais se tornavam cada vez mais latentes.

Figura 2 – Imagem de satélite da Comunidade Quilombola do Matão



Primeira imagem de satélite em alta definição (06 abr. 2019) com a organização espacial da Comunidade Quilombola do Matão, Gurinhém (PB).

Fonte: Comunidade Quilombola do Matão PB. Google Earth. Google, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3qVXFHm>. Acesso em: 05 ago. 2020.

Um dos conceitos sobre o reconhecimento dos sujeitos diz respeito a uma “complexificação dos lugares” onde as redes criam outras ubiquações nos territórios ou locais onde os indivíduos partilham subjetividades. Se ontem a cidade representava a ruptura com o território e o modo de vida tradicional, hoje, jovens estão praticando suas ‘expectativas de cidade’ em condições de presença no quilombo.

Para o jovem quilombola, constituir identidade e referência nas redes é desafiar as antigas relações e lugares postos social e tradicionalmente por uma coletividade. Estar nas redes, é buscar se contrapor ao passado para alcançar um dado futuro ainda que desconhecido, pois “(...) o reconhecimento é a interação do ‘eu’ com o ‘outro’ em constante processo de negociação interacional”, afirmou Braga (2007). Em diversas postagens extraídas dos jovens quilombolas determinados assuntos/temas permanecem em “silêncio” ou fora desta grande rede digital, a solidariedade permite a construção de acordos, pactos. A própria narrativa e historicidade da comunidade permite que algumas latências e demandas coletivas permaneçam em modo “*off-line*” sendo transmitidas oralmente e solucionadas entre seus membros. Para Maria de Nazareth Wanderley (2007), os estudos voltados para juventudes no contexto rural percebem essa:

(...) dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços, a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro, que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e à reprodução do estabelecimento familiar. Estas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural. (WANDERLEY, 2007, p. 23-24).

Desta transposição entre juventudes rurais em busca por “rupturas” do ambiente, observamos as frases/enunciações das jovens quilombolas, expressas nas legendas das publicações, revelam processos e lutas por reconhecimento. Esses espaços de poder feminino ganham “câmaras de eco” nas redes sociais.

Figura 3 – Captura de tela do *Facebook* no Dia da Consciência Negra (2019)



Depoimento da jovem quilombola após apresentação no Dia da Consciência Negra em João Pessoa (PB). Captura de tela extraída em 21 de novembro de 2019.

Fonte: Arquivo do autor, 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Neste ponto, algumas categorias são mobilizadas para entendermos os “espaços estriados” e “espaços lisos”. Os espaços estriados são demarcados pelas predeterminações dos

mecanismos prévios (ambiente) acionados por jovens em fase de transição (intensa reelaboração psíquica) e de passagem para a vida adulta (regras estabelecidas, generalistas). A emergência das redes sociais propicia um maior deslize dos espaços estriados pelas irritações com os “espaços lisos” que são os lugares do “nomadismo das identidades juvenis”. Nesta transição entre territórios estriados e lisos se estabelecem os territórios híbridos de negociação entre o tradicional e os espaços de experimentações digitais.

A pesquisadora Danila Cal (2018), ao analisar os modos de organização das comunidades negras, afirma que a

(...) conceituação/identificação do ‘remanescente de quilombos’, assinalada em normas jurídicas e tomada como identidade cultural, pode ser vista como fruto de um momento histórico de redemocratização de diversos países na América Latina, quando, da virada multiculturalista dos anos 1980/1990, a diferença étnica passou a ser um marcador determinante. (BARGAS; CAL, 2018, p. 482).

Diversas teorias e conceitos se fundem numa leitura interpretativa das definições dessas comunidades, porque uma primeira vincula a ideia de locais isolados geograficamente de refúgio para grupos negros e, na atualidade, para um movimento de busca e reencontro de sentidos identitários e de pertencimento. Esse encontro com as raízes se traduz pela expressão do “aquilombar-se¹⁴”.

Os sentidos do “aquilombar-se” encontram em Honneth (2003) uma visada para o reencontro do “eu” dentro do “nós”, perspectiva geracional onde as “identidades coletivas voltadas à autorrealização e ao reconhecimento” (BARGAS; CAL, 2018, p. 484). Ao analisar a coleção do empírico observamos uma correlação entre a identidade e o “eu/objeto/território” que são expressos pelos silêncios/lacunas dos enunciados como uma convenção coletiva de autodefesa.

A igualdade entre os sujeitos é uma ação conquistada gradativamente pelas lutas por reconhecimento de grupos e por parcelas sociais historicamente silenciadas. A “ida” destes jovens à rede ocorreu em contexto social bastante propício, pois naquele ano de 2014, muitos jovens tinham iniciado o curso superior em diversas áreas, a exemplo da Pedagogia e Técnico de Enfermagem. O acesso à internet possibilitou uma “autorrelação positiva” entre pares sociais e o encurtamento da distância entre o urbano e o rural quilombola.

¹⁴ O conceito e movimento do “aquilombamento” expressa o reencontro do negro com suas raízes ancestrais. A fragmentação e a diáspora fomentada pelas lógicas da modernidade apartaram o negro de suas raízes simbólicas. Os sentidos do “aquilombar-se” se dá pelo reencontro com o passado, refletindo sobre suas ações políticas no presente, organizando e definindo futuros alternativos.

Na pesquisa de doutorado, Danila Cal (2016) elaborou um quadro com os tipos de relações de poder, seus aspectos centrais e ideias norteadoras. Em sua tese, nos interessa discorrer e analisar duas forças de poder, o “*Power to*” e o “*Power with*” (CAL, 2018) segundo o qual, o “*Power to*” tem como aspecto central:

(...) a resistência e o empoderamento que tem como ideias norteadoras, a construção e perseguição de projetos de vida, valorização de formas de transformação e de empoderar a si e aos outros, capacidade de um sujeito alcançar um ou mais objetivos com a finalidade de colocar em xeque situações de dominação. (BARGAS; CAL, 2018, p. 488).

Já na relação de poder “*Power with*”, o aspecto central é a solidariedade expressa na “capacidade de atuar em conjunto, identificação de problemas comuns e construção de contexto de ação” (BARGAS; CAL, 2018, p. 488). Ao trazer tais reflexões, buscamos entender como os jovens constroem e alimentam laços de solidariedade orgânica fora da comunidade quilombola. Uma das formas enunciadas nas redes por esses jovens ocorre durante as festividades, onde diversos aspectos da cultura e de suas identidades são compartilhadas na esfera “local”. A plataforma *Facebook* intenta captar esta energia orgânica que, entretanto, não encontra ambiente propício para enunciação no fluxo digital da rede social.

O movimento dos direitos dos povos quilombolas tem se organizado em diversas formas, são coordenações e associações que objetivam valorizar o sentido da coletividade, “da garantia de reprodução social, de uma busca por justiça a partir das suas formas de existência e de redes de solidariedade” (BARGAS; CAL, 2018, p. 493-494). Na Paraíba, as associações quilombolas estão articuladas às ações da Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes (AACADE), órgão deliberativo vinculado à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). O papel da AACADE é o de localizar e identificar comunidades negras no estado da Paraíba, formalizando e apresentando junto à Fundação Palmares à autoidentificação na condição de território remanescente de quilombo, prestando assistência e sinalizando junto aos órgãos competentes nas esferas federal, estadual e municipal, com vistas ao direcionamento das políticas públicas de assistência social conforme previsto no ordenamento jurídico.

Ao descrever o papel da AACADE na assessoria para a construção dos espaços físicos nas comunidades quilombolas e na formação humana de lideranças, essa instituição atua e evoca para si, o “poder como construção de solidariedade (*power with*), ficou evidente a importância do associativismo como fortalecimento de capacidades políticas e de luta por direitos” (BARGAS; CAL, 2018, p. 499). Um segundo “braço” da AACADE é sua atuação

no acompanhamento dos trâmites administrativos, informando à comunidade acerca dos apoios institucionais em andamento, bem como as iniciativas de Organismos Não Governamentais (ONGs) e de parceiros solidários às urgências das comunidades quilombolas. Essa entidade foi responsável, inicialmente, por prestar suporte ao grupo de dança afro “OloduMatão” existente na comunidade do Matão. Esse apoio, sob a ótica das formas de poder, é “com foco em resistência e empoderamento (*power to*) destacamos nos resultados: reforço à ideia de beleza natural negra, com a valorização de adereços africanas, cabelos crespos e corpos que não seguem o padrão de beleza midiático tradicional” (BARGAS; CAL, 2018, p. 498).

Ao descrever o deslocamento das ações articuladas nos territórios físicos das comunidades, a exemplo do “OloduMatão”, a pesquisa é direcionada para observar e analisar o papel das redes sociais na expansão dos padrões de reconhecimento seja intra ou extra-grupo quilombola. A coleção dos materiais extraídos descreve que, apesar do território disruptivo e complexo das redes, a plataforma *Facebook* pode ser descrita e configurada como uma ampliação do espaço físico da comunidade quilombola. Assim, os episódios de tentativa e erro fazem parte de uma estratégia em curso, cujo desafio foi o de “parar de observar”, frente ao inevitável processo de descrição e de análise dos materiais extraídos em fluxo.

1.3 Impressões Iniciais e o Problema das Redes: Entendendo o Fenômeno

Este tópico descreve uma tendência quase irresistível das redes, representada pela ação do “despir-se, desnudar-se”, expor o “eu”. A teórica Paula Sibilia (2008) retrata que esse fenômeno transcorre nas mais diversas e múltiplas telas digitais que retratam e espelham relatos deste mundo “interior” de seus usuários. Esse lado subjetivo é posto em circulação por milhões de atores sociais inscritos nas múltiplas plataformas de entretenimento, a exemplo do *Facebook*, *Instagram* e do *Youtube*¹⁵. Os relatos de vida e os enunciados expostos nessas redes possuem uma narrativa comum, a do sujeito “virtuoso”, exclusivo e único que pretende ser reconhecido por uma audiência. Paula Sibilia (2008), na obra “O show do eu, a intimidade como espetáculo”, descreve que a autopromoção e exibição do “eu” no passado era considerada uma patologia de ordem mental. Contudo, a atualização constante dos recursos técnicos e tecnológicos conferem uma nova roupagem e retiram o status de “desordem” mental para a nova tônica e normatização das sociabilidades nas redes.

¹⁵ G1. **As plataformas *Facebook* e *Instagram* somam uma audiência de 3 bilhões de usuários ao mês.** A plataforma de vídeos, *Youtube* são em média 2 bilhões de usuários ao mês. Dados referentes ao mês de abril/2020, disponível em: <https://bit.ly/3iOINaR>. Acesso em: 05 ago. 2020.

A concorrência entre milhões desses atores sociais por “um lugar ao sol” nas redes sociais cria um interessante efeito, cada um deles com o objetivo e o desejo de “ser diferente” pelo que fazem, pelo uso de diversas estratégias de exposição para ser visto, curtido e sinalizado por uma audiência. Esse “eu e o todos nós” são direcionados para uma constante personalização e diferenciação, o sentimento acionado é o de “estar” vinculado coletivamente e de “ser” reconhecido como inédito. Tal cenário representa um novo paradigma para analisar as mudanças ocorridas entre as redes passivas (dos meios), que foram convertidas em redes ativas de produção de conteúdo com marcas e afetações midiáticas. A atual rede ativa de produtores e o protagonismo dos atores sociais promovem a pungência do meio digital, reforçando a tese do espraiamento desta espécie de “democracia digital¹⁶”.

A estratégia a ser evocada por esses atores é um processo de intensa experimentação estética por meio da ampliação dos recursos técnicos e das possibilidades das redes. Os filtros estéticos são projetados para afastar a sensação contínua de “estar tentando alcançar um certo ‘outro/alguém’ e que, este mesmo ‘outro/alguém’ encontra-se “imóvel” nas redes sociais. Estes recursos técnicos são “dádivas¹⁷ da plataforma”. É que, ao propiciar o “reconhecimento e a fama” como algo possível para todos aqueles inscritos em seu meio, criam uma cortina de fumaça ao forjar uma sensação de equilíbrio. As redes sociais buscam fixar o “*Parthenon*” dos *influencers* que, na verdade, estão em constante ascensão e distanciamento do amador comum, exigindo deste amador em ascensão intensas e redobradas produções.

Os conflitos resultantes das forças contraditórias de poder entre atores e instituições são potencializados pelos sites/plataformas das redes sociais que, imersas em formas avançadas de capitalismo, exploram o trabalho imaterial com suas narratividades que vão da memória coletiva aos laços comunitários. A pesquisadora inglesa Natalie Felton (2018), ao mencionar o trabalho da holandesa, Jose Van Dijck (2009), afirmou que “a participação e a autonomia que têm sido anunciadas como revolucionárias assumem um reconhecimento “forçado”, e que leva em conta as estruturas atuais de poder que estão sempre presentes no contexto online e envolve a questão do empoderamento dos sujeitos” (FELTON, 2018, p.

¹⁶ A política pública de inclusão digital analisada sob a ótica dos países europeus (Inglaterra, Itália) vão para além dos usos e apropriações, as ações são mais amplas, a exemplo do uso por determinadas plataformas de alguns protocolos de controle e restrição. Os jogos de poder não permitem uma democratização plena dos serviços e benefícios propostos para o Governo Eletrônico.

¹⁷ O conceito de dádiva apropriada faz referência a duas vertentes, uma antropológica descrita por Marcell Mauss (1925) na tríade do dar-receber-retribuir. A segunda vertente sob a ótica da Mídiação, Serge Proulx (2016) avança ao analisar a ocorrência de uma espécie de capitalismo imaterial nas redes digitais. A cultura da contribuição percebe na tríade da tensão-contradição-superação, operações e modos nas quais, a cultura da participação atua na condição de dádivas destes sujeitos inseridos nos meios digitais. O jovem quilombola, ao doar seu simbólico ao *Facebook*, recebe uma recompensa do algoritmo da plataforma e, desse retorno retribui com uma nova oferta com uma maior energia e potência simbólica.

193, trad. nossa). Uma abordagem mais ampliada dessas relações e lógicas internas das plataformas digitais descrevem uma nova e complexa relação entre *smartphones* (do produtor com seu recurso móvel) e seus usuários (sob lógica da mobilidade). A relação entre “iguais” faz parte das novas germinações, cujas práticas são de difícil conceituação, uma vez que essa relação é tão estreita que ambos parecem ser uma mesma entidade.

Ao conduzir a análise sob a lógica das redes, os diários íntimos¹⁸, de abrangência mais ampla e de formato digital, promovem ofertas desterritorializadas por excelência, um “ser” móvel se comunica diretamente com outros seres “móveis”, em que ambos estão em constante deslocamento. A plataforma do *Facebook* atua na condição de interação instantânea que representa uma “síntese da síntese” das informações/fatos publicados. A corrente conceitual que aborda a tônica da produção e da participação gratuita de seus usuários desliza suas tramas entre as transições de mundos, dos famosos e não famosos, amadores e profissionais. O algoritmo tenta acoplar uma mediação articulada entre os níveis simbólicos e os componentes dos vetores socioculturais. Nessa dinâmica, os “filtros” atuam e reforçam as tensões sobre os sujeitos e seus corpos, formatados para serem compatíveis e conformados nos tempos e espaços das informações circulantes nas linhas do tempo e dos *feeds* das redes, potencializando as irritações entre sistema, onde o psíquico é desafiado a vencer convenções pré-estabelecidas.

A rede é configurada a partir de suas inteligências artificiais, por sua vez aciona engrenagens do engajamento, mobilizando constantemente o “ir adiante” destes amadores em ascensão. O disciplinamento e a micropolítica instituída pelo meio não é algo dado, mas em constante reconstrução pelos movimentos perambulantes dos indivíduos em suas postagens e dos *feedbacks* complexos das interações, cujos princípios das incertezas aumentam, tornando a produção tensa em um ambiente difícil de regulação, no caso, o digital. A audiência do meio passa por um constante processo de objetivação ao ser recompensada pela “monetização” das produções, em especial, aquelas elaboradas e reconhecidas por uma massa de seguidores. Sibilia (2008) diz que estes “dispositivos de poder que entram em jogo, ávidos por capturar todo e qualquer vestígio de ‘criatividade bem-sucedida’ (SIBILIA, 2008, p. 19). Os jovens quilombolas buscam alternativas para “burlar” os protocolos do meio, como a desterritorialização das publicações, uso de filtros técnicos, contudo, alguns recursos, a exemplo do *Stories*, com suas atemporalidades, permitem uma melhor mensuração da audiência.

¹⁸ A autora define o conceito de “diário íntimo” como a exposição da intimidade nas diversas formas e meios disponíveis nas redes globais de interação social.

Figura 4 – Capturas de telas com o uso tático dos recursos técnicos do *Facebook*



Apresentação dos esquemas táticos realizados pelas jovens. Em um primeiro momento, em 26/12/2018, aciona o recurso do Stories nos espaços das intemporalidades na rede, mensuração de audiência e, em segundo movimento, outra jovem, em 05/01/2019, participa de um desafio e mobiliza ações no sentido de ser reconhecida nas redes.

Fonte: Arquivo do autor, 2018/2019. Termos de consentimento da pesquisa autorizados.

O esquema tentativo de captura das “energias vitais” e simbólicas das produções dos usuários deixa em evidência dois fenômenos tentativos da máquina, um primeiro que encanta pelas novidades que seu aparato técnico propicia e, outro segundo que coopta em um sistema de recompensas e dádivas, monetizando seus usuários, estimulando-os em novas produções para extrair a “mais-valia” de outros conteúdos que alimentam outras plataformas e nichos digitais.

Estes novos “famosinhos” da internet são constantemente evocados pelo meio e, a partir da publicidade, fonte de renda das plataformas, os atores são estimulados a um contínuo processo, em que “cada usuário da rede se transforma em um eficaz instrumento de marketing” (SIBILIA, 2008, p. 21). As plataformas são modeladas exatamente para arregimentar um maior número de “pessoas comuns” com a promessa de que “também você pode ser um famosinho”, celebridade ou *influencer* digital, cujas identidades com seus respectivos avatares acompanham com entusiasmo os atuais tempos da “democracia digital” e o ineditismo desses neófitos nas redes.

A dimensão deste fenômeno no Brasil é mensurada pela estatística que, no mês de dezembro de 2020, revelou um total de 234,1 milhões de aparelhos celulares ativos no Brasil.

A Comunidade Quilombola do Matão apesar de pertencer ao território geográfico da cidade de Mogeiro, no entanto, suas vinculações políticas, sociais e administrativas encontram-se no município vizinho de Gurinhém (PB). Segundo dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Gurinhém, em estudo estimado de 2019 possuía em torno de 14 mil habitantes¹⁹. Os dados levantados em um site especializado em telecomunicações – TELECO²⁰ revelou que no mês de abril/2020, o município possuía um total de 5.827 celulares e, em dezembro/2020 este número ficou em 5.725. Destes dados, destacamos um decréscimo de 102 linhas celulares, provavelmente em face do contexto da pandemia do covid-19, contexto de forte retração econômica.

Tabela 1 – Número de celulares por habitante no município de Gurinhém (PB) – abr./dez.2020



Celulares em GURINHÉM - PB					
Celulares: 5.827					
Densidade: 41,24 cel/100 hab.					
Market Share:		Modalidade:		Tecnologia:	
TIM	3.139	53.87%	Pré-pago	4.780	82.03%
OI	1.454	24.95%	Pós-pago	1.047	17.97%
CLARO	966	16.58%	Tipo de Pessoa:		
VIVO	268	4.60%	Pessoa Física	5.726	98.27%
			Pessoa Jurídica	101	1.73%
			4G	3.760	64.53%
			3G	1.036	17.78%
			2G	1.031	17.69%

Celulares em GURINHÉM - PB					
Celulares: 5.725					
Densidade: 40,53 cel/100 hab.					
Market Share:		Modalidade:		Tecnologia:	
TIM	2.730	47.69%	Pré-pago	4.554	79.55%
OI	1.509	26.36%	Pós-pago	1.171	20.45%
CLARO	1.158	20.23%	Tipo de Pessoa:		
VIVO	328	5.73%	Pessoa Física	5.599	97.80%
			Pessoa Jurídica	126	2.20%
			4G	4.162	72.70%
			2G	830	14.50%
			3G	733	12.80%
			M2M:		
			M2M_PADRAO	20	0.35%
			M2M_ESPECIAL	12	0.21%

Dados referentes aos meses de abril e dezembro de 2020 revelam que, para o município de Gurinhém (PB), território administrativo da Comunidade Quilombola do Matão, a cada 10 habitantes apenas 4 possuem aparelho celular.

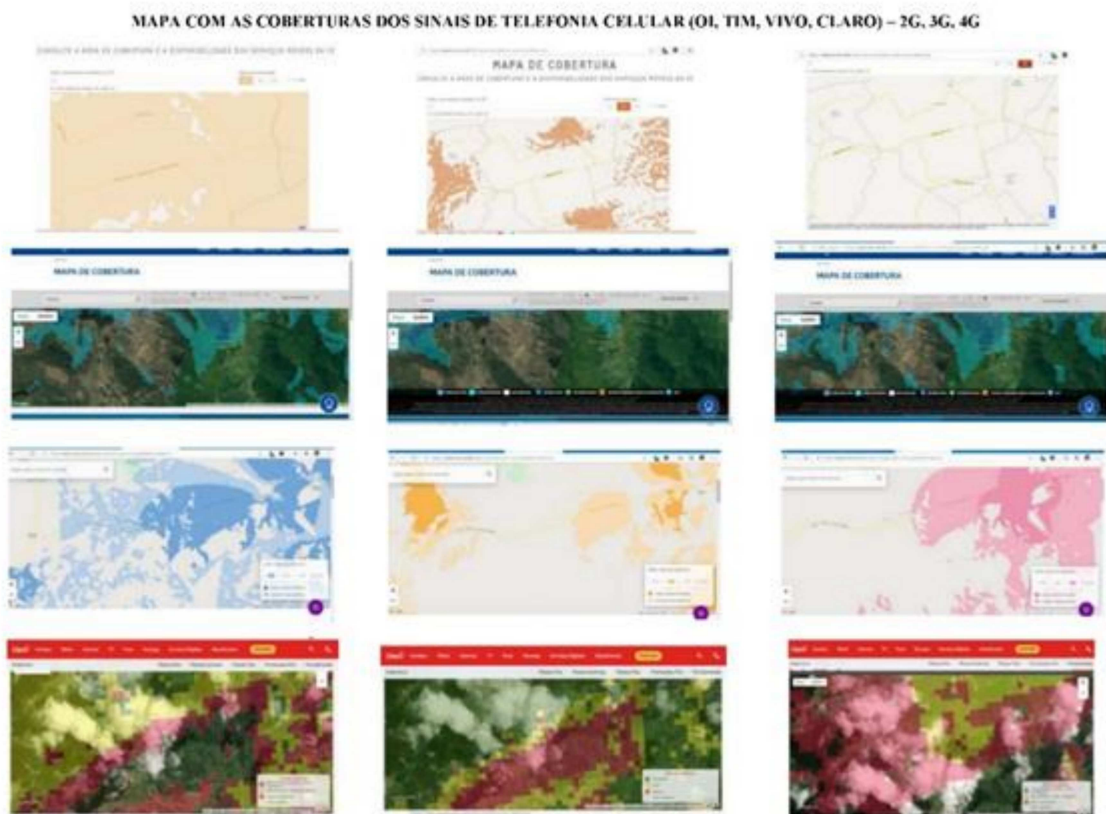
Fonte: Site especialização em telecomunicações, Teleco. Disponível em: https://www.teleco.com.br/ncel_cidades2.asp. Acesso em: 01 março. 2021.

¹⁹ Dados consultados na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://bit.ly/3iMb1fK>. Acesso em: 05 ago. 2020.

²⁰ Dados disponíveis em: <https://www.teleco.com.br/cobertura.asp>. Acesso em: 01 março. 2021.

Neste trabalho, foi identificada uma lacuna no processo de universalização dos serviços de telecomunicação no país. Na Comunidade Quilombola do Matão isso ocorre porque possui apenas a cobertura do sinal de segunda geração (2G) da operadora Oi. A ocorrência deste silenciamento/sombreamento tecnológico é visualizado na cobertura deficiente da telefonia celular na comunidade.

Figura 5 – Quadro/montagem da cobertura de telefonia celular na região do Quilombo do Matão





Mapa com montagem das coberturas de sinal de celular das quatro operadoras que cobrem o território geográfico da Comunidade Quilombola do Matão. Das operadoras, a operadora móvel Oi tem cobertura da tecnologia 2G na comunidade.

Fonte: Elaboração do autor nos sites das respectivas operadoras (abril de 2020/março de 2021).

Ao analisar o cenário das áreas de cobertura da telefonia celular, no caso de nossa pesquisa, os jovens quilombolas permanecem vinculados às duas esferas, uma da “*off-line*” e outra “*on-line*”. O único ponto de acesso às redes (até maio de 2020) ocorria por meio dos equipamentos instalados na Escola Municipal Manoel Rufino e pela rede celular móvel da operadora Oi, que possui a tecnologia de dados por *Enhanced Data rates for GSM Evolution* (EDGE²¹) permitindo uma velocidade máxima de 236 Kbps. Contudo, a longa distância entre a Estação Rádio Base (ERB) e a comunidade quilombola provoca um sinal baixo e intermitente.

Essas considerações se fazem pertinentes, uma vez que o indivíduo ao se deslocar para sua residência, deixando a cobertura do sinal sem fio da escola, faz com que o dispositivo perca seu status de “*smart*” e o torna um mero aparelho com ruídos e limitações tecnológicas.

²¹ As referências sobre a tecnologia e a capacidade da rede móvel podem ser consultadas na página da disciplina “Redes de Computadores II” da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no seguinte endereço: <https://bit.ly/3cg40JE>. Acesso em: 05 maio 2020.

Nesse momento, o fluxo efêmero do “*on-line*” é pausado, proporcionando outros tempos para experimentações, edições e reelaborações.

Esta superfície do universo “desconectado” e em pausa, leva o tecido social a vivenciar uma constante perambulação das idas (conectadas) e voltas (desconectadas). É nesse espaço “desconectado” e compartilhado organicamente o lugar onde “os acontecimentos neles relatados são tidos como autênticos e verdadeiros” (SIBILIA, 2008, p. 37). Pode-se afirmar, com essa citação, que muitos dos acontecimentos que transcorrem nessa experiência do “*off-line*” permanecem unicamente restritos aos membros da comunidade. Por mais tentativas que sejam feitas pelo condicionamento das plataformas, as condições técnicas nesse território permitem a ocorrência de tal fenômeno. Entretanto, muitos fatos do “*off-line*” continuam nutrindo as vivências coletivas, as memórias e a tradição oral da comunidade.

Ao analisar as trocas entre produtores, Sibilía (2008) abordou a questão dos polos discursivos, um configurado pelo lado subjetivo e outro do objetivo. No polo subjetivo, temos a energia vital, criativa e inventiva do homem. Essa força é destinada e ofertada para uma máquina com suas lógicas seletivas, classificatórias e categoriais. Na esfera da comunidade quilombola, a vivência com as lógicas da desconexão proporciona o equilíbrio entre as interações, onde um polo subjetivo se comunica diretamente com outro polo subjetivo. Esse contato é baseado em fortes ligações simbólicas, instância esta, fora das apropriações objetivas da máquina.

Uma das consequências que Sibilía (2008, p. 37) aborda sobre a “irrupção das tecnologias digitais”, é que devido à “insólita capacidade reprodutiva, extingue-se de vez todo vestígio de aura que poderia remanescer”. Todavia, ao analisar as materialidades dos jovens quilombolas e observar o recuo nas postagens/publicações no período eleitoral de 2018, a aura latente e protetiva do passado os fizera acionar movimentos mais passivos e de silenciamento nas redes.

A energia simbólica atua como força regulatória de ações e de proteção do grupo, a lembrança do passado autoritário, dos trabalhos exaustivos nas “frentes de emergência contra a seca²²” nas grandes fazendas da região ainda estão vivas e latentes nas falas dos adultos e dos idosos. No pleito eleitoral de 2018, os fazendeiros da região, ao sinalizarem por uma via política mais autoritária/conservadora, reavivaram na comunidade quilombola o passado vivenciado nessas frentes de trabalho. No caso das redes, os jovens se voltaram para o “eu-

²² Os trabalhos e referências sobre as “Frentes de Emergência contra a Seca” descrevem as ações emergenciais ocorridas no período de estiagem, as ações estavam centradas na criação e limpeza de açudes, bem como de cisternas de armazenamento de água das chuvas. Histórias e narrativas destas frentes de trabalho estão na obra de TORRES; SOUSA (2017). Disponível em: <https://bit.ly/3qXfVOK>. Acesso em: 05 ago. 2020.

comunidade” e adotaram uma ação e movimento mais introspectivo, como será descrito em uma das dinâmicas temporais das materialidades.

O território, espaço geográfico do jovem quilombola é a identidade inalienável da comunidade negra, cujas microinterações permanecem desconectadas da ambiência digital, onde os acordos e pactos sociais permanecem associados à tradição da oralidade. Esse “respiro”, Sibilia (2008) diz ser necessário para evitar as perdas, “(...) desamarrando a âncora que costumava enlaçar as origens pessoais a um passado emoldurado nas instituições tradicionais” (SIBILIA, 2008, p. 255). As relações entre o “eu” sujeito e o “nós” comunidade fazem parte desta estratégia de atribuir múltiplas personas, sendo uma fixa e outra alterdirigida. Sibilia (2008), ao classificar esses enunciados, fala da ocorrência do movimento de autenticação do “eu” nas plataformas, o movimento é acionado por três categorias distintas, a **singularidade, autenticidade e originalidade**.

Neste percurso, a singularidade transforma os seres conectados em sujeitos únicos e importantes para as plataformas, a autenticidade é a forma de atração, as ferramentas técnicas e os modos de conduta são necessários para o enquadramento dos indivíduos nas regras de inscrição, condição para o destaque e visibilidade da oferta enunciada nas múltiplas telas. A última ação que é a originalidade representa a recomposição e os modos pelos quais a “aura original” busca ser reavivada, ou seja, experienciada. Este acionamento funciona como ponto de equilíbrio e de solidariedade com o grupo social no qual o indivíduo/ator social faz parte, reestabelecendo pactos estruturados nos níveis da cultura, da memória e da tradição.

A ocorrência desse fenômeno, do silenciamento da realidade social e econômica dos amigos no *Facebook*, os jovens quilombolas sinalizam a ocorrência de pactos de leitura entre quilombolas e não quilombolas, onde o fictício e o real se fundem em uma superfície de convenções e acordos pré-estabelecidos, “o eu que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem” (SIBILIA, 2008, p. 31). Nessa citação, a autora corrobora para se pensar no duplo sentido das publicações e das amizades nas redes sociais, o “eu” em colaboração/pacto com o “outro” dão sentido ao mundo e aos fatos por eles narrados, descritos e registrados nas redes sociais.

A partir desse olhar, passamos a descrever como esse “eu” em construção com seus enunciados tentativos passam a demandar uma investigação a partir das tramas da mediatização.

1.3.1 O quilombo midiaticizado e o choque cultural: políticas de inclusão digital e o palco da “grande sedução”

Este tópico apresenta as vertentes de investigação do empírico, cuja problemática e tema central descrevem os modos como os usos e apropriações dos dispositivos interacionais resultaram em operações/táticas de reconhecimento. Estas são descritas em movimentos perambulantes, de idas (enunciação e fixação) e de vindas (recuos e apagamentos) das representações na plataforma no meio *Facebook*.

O acesso a esta zona digital, local de inscrição dos sujeitos, decorreu da iniciativa do Programa Governo Eletrônico de Serviços de Atendimento ao Cidadão (GESAC) vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), do Governo Federal. O programa foi implementado no ano de 2002 e tem por objetivo principal disponibilizar meios de recursos para o acesso à internet via satélite em regiões isoladas geograficamente.

O sistema adotado pelo GESAC é uma opção técnica viável a uma defasagem tecnológica, a saber: o cabeamento metálico e a distância do ponto gerador do sinal permitem a gradativa degradação do sinal e, em uma distância maior que quatro quilômetros entre a central comutadora e o usuário final, torna a conexão inviável. Sabe-se que o GESAC adota a recepção do sinal da internet via satélite. A título de contextualização, o programa de inclusão do Governo Federal tem por objetivos oferecer ferramentas em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), fornecendo os recursos digitais e capacitação por meio de uma plataforma de rede, serviços e aplicações em todo território brasileiro.

O modelo projetado do GESAC tem por prerrogativa promover a inclusão digital, contribuindo para a universalização do acesso à internet. Assim, incentivará a formação de redes de conhecimento por meio de aplicativos abertos (*softwares* livres) e, por fim, ao permitir uma ampla abertura de oportunidades, incentivar o desenvolvimento da comunidade beneficiada pelos serviços disponibilizados.

O projeto de inclusão digital, implementado na Comunidade do Matão no ano de 2014, instalou cinco computadores do tipo mesa (*desktops*) e o sinal de internet via satélite em parceria com a StarOnce EasyBand, empresa do grupo Embratel. A internet fornecida à época (2014-2015) tinha uma velocidade nominal de descida (*download*) de 256 Kbps. Essa conexão de alta latência e de baixa velocidade representava um “gargalo” técnico, quando muitos usuários se conectavam simultaneamente.

Em setembro de 2015, o local de instalação recebeu uma antena adicional da empresa de tecnologia Hughes que, em parceria do grupo Telefônica (Vivo), disponibilizou uma capacidade de transmissão de dados com a velocidade nominal de 5 Mbps, o que representava quase vinte vezes a mais que a anterior. Ao verificar a melhoria técnica da rede, a comunidade adquiriu em regime de cotas um roteador sem fio e uma antena externa Omnidirecional, que distribuiu o sinal *wireless* com alcance de 200 metros no entorno da Escola de Ensino Fundamental Manoel Rufino. A rede instalada possui segurança e senha de acesso compartilhada apenas com os membros e amigos da comunidade do Matão que acessam pelos múltiplos dispositivos, nos quais se destaca o uso dos *smartphones*.

As atualizações tecnológicas em 2018 possibilitaram o incremento de 5Mb/s para 25Mb/s na largura da banda de velocidade, favorecendo novas e outras experimentações, a exemplo das videochamadas por *WhatsApp*, material e meio não extraído para análise nesta tese.

Antecipando o cenário dos processos de digitalização, o teórico inglês Richard Mulgan (2005) descreveu a ocorrência do fenômeno e das iniciativas do *e-governo* atuante como uma mão dupla de afetações, destacando que a confiabilidade e compromisso governamentais nas políticas de inclusão digital estariam resguardando os dados pessoais de cada usuário incluído em suas ações afirmativas. Na realidade, ao ser negociada no contexto do GESAC, as lógicas internas e regulatórias da comunidade e os vínculos subjetivos são mais fortes e, mesmo diante da “grande sedução” das redes, uma importante parte deste substrato simbólico permanece desconectado das redes digitais da informação.

O acesso e uso das tecnologias por parte das comunidades negras não é espalhada, uma vez que os mais idosos parecem demonstrar certa “cautela, riscos e incertezas” quando se trata do uso da tecnologia por parte dos mais jovens, temendo pela alta exposição. Esse sentimento se evidencia pelo fato de os idosos não estarem nas redes, Felipe Luca (2016) esclareceu que “a sociedade se produz e se reproduz como sistema social com base na comunicação e, conforme as condições de suas expectativas torna-se mais complexa do que as sociedades anteriores” (LUCA, 2016, p. 15)

O acesso à internet pelo GESAC e a segurança dos dados pessoais, seus usos e fins comerciais/políticos acionam uma outra problemática para o *e-governo* e suas ferramentas. A administração e o conflito de interesses entre o público e o privado, suas categorias, setores e subsistemas de informação com suas operações, serviço de inteligência e de segurança representam os esforços e justificativas para o acesso irrestrito aos dados pessoais dos usuários/cidadãos, em prol da “segurança nacional” e a identificação de possíveis ações

criminosas. É uma tendência que o *e-governo* busca por uma “maior abundância de banda larga, capacidade e velocidade; mais digitalização, mais miniaturização, encapsulando as fronteiras entre *hardware*, corpo e biologia; personalização; conflitos mais intensos referentes aos direitos de autoria e de privacidade; disseminação do uso de tecnologias matriz” (MULGAN, 2005, p. 212). A universalização do acesso às ferramentas digitais não contempla as formas como os meios e plataformas se portam diante das instruções alicerçadas na economia de ordem global/informacional. A sensação da fluidez dos tempos cria a noção de instantaneidade, que coexiste com suas defasagens, ruídos e *delays*.

Nesse particular, Mulgan (2005) continua a destacar que o valor público pode ser obtido a partir de algumas características, a saber: a Teoria do Valor Público segundo a qual os valores políticos em uma democracia são consolidados pelos Estados. Estes existem para fomentar a criação e o desenvolvimento desse “valor público” (de atendimento aos anseios dos cidadãos) e, em um segundo estágio, fomentar um conjunto de ações por meio de serviços e pactos de confiança (que se realiza por meio do relacionamento entre o Estado e os cidadãos); o terceiro nível é a mobilização do *staff* do Estado ao detectar novas demandas por serviços e atendimento às urgências; sendo o quarto fator aquele que diz respeito aos desafios dos “valores privados” e o bem-estar social da coletividade, representados pelos diálogos entre interesses conflitantes. O último estágio refere-se à eficiência das ações que devem se sobrepor a qualquer questão de ordem “produtiva” ou sistêmica de valores.

O Estado, segundo Mulgan (2005), ao impulsionar as políticas públicas contribui para uma maior e melhor “organização do governo, moldando quanto pode ser administrado, delegado, comandado ou coordenado, assistindo-se a uma coevolução de técnicas de governação” (MULGAN, 2005, p. 204). Desse modo, nos parece claro que as aceleradas transformações das TICs e de suas afetações na estrutura social forneceram ao Estado as ferramentas necessárias para uma nova governança além de suas fronteiras. O GESAC pode ser considerado um programa de interesse público para forjar valores, em que “(...) pretende a ser legitimado, capaz de agir, de recrutar, de persuadir os cidadãos a partilhar informações etc.” (op.cit., 2005, p. 204). A questão fundamental para o e-governo é o quanto ele cria – ou destrói – valor público.

1.3.2 Do analógico ao digital: os passos da tecnologia no Brasil

Este ponto encaminha algumas considerações sobre a historicidade da implementação dos processos comunicacionais mediados pelos dispositivos no Brasil. De 1852 quando o

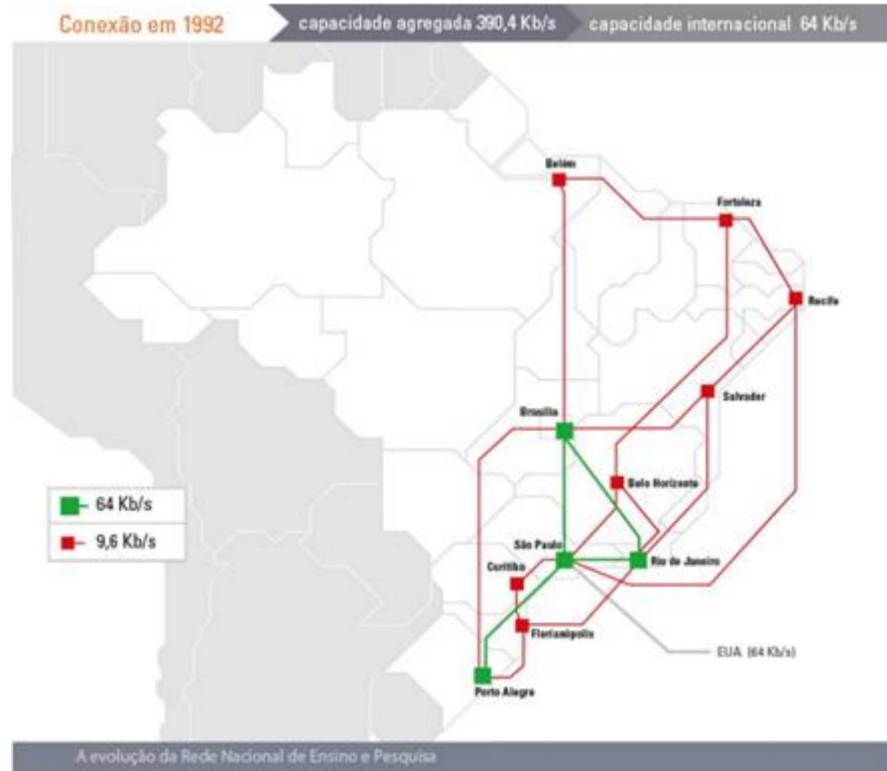
ministro Eusébio de Queiroz²³ anunciava ao Imperador Dom Pedro II o sucesso da primeira transmissão telegrafada entre a Quinta Imperial e o Comando do Exército, até a chegada das redes de banda larga via satélite, diversos endereçamentos ocorreram nesse interim. Os primeiros passos para o estabelecimento de processos de comunicação em tempo real no Brasil somente ocorreram no ano de 1985, com o lançamento do satélite brasileiro, Brasilsat A1 que possuía uma carga de 27 transponders em banda C, possibilitando a formação das primeiras redes nacionais de televisão por satélite e pelas transmissões de dados telefônicos. Tal fato ocorreu até meados de 2007, quando a Embratel, já privatizada, fez o lançamento dos satélites da linha C (StarOne C1). Os novos satélites ampliaram a capacidade de transmissão em banda C, cobrindo territórios da Amazônia brasileira e também, possuíam a nova banda, denominada Ku, pelo qual foi capaz de transmitir os sinais digitais da internet via satélite.

Os preparativos para implementação das primeiras redes de internet no país ocorreram com a Rede Nacional de Pesquisa (RNP²⁴) em 1989, que forneceu conexões entre os centros de pesquisa no país e os Estados Unidos. Até meados de 1991, a rede regional de internet atuava apenas entre os centros de pesquisa e as universidades de grande porte (USP, UNICAMP, UNB), restritas às finalidades acadêmicas. Em 1994, a oferta comercial de internet foi disponibilizada pela Embratel e restrita a poucas capitais no país. O início da abertura comercial da internet ocorreu em paralelo com a disponibilização da banda larga em 2001, período que registra mais de 90% dos usuários conectados à internet pelo modem dial-up (56 Kbps) e, os mais abastados, pelo sistema ISDN (128 Kbps) no qual consumiam-se “dois pulsos” por minuto de conexão. Naquela altura, os primeiros provedores à cabo realizavam testes para banda larga sem o uso de linha telefônica e os provedores de telefonia fixa buscavam aperfeiçoar a tecnologia “DSL”, que liberava a linha telefônica para uso e sem o consumo de “pulsos” ou minutagem.

²³ Consulta prévia e dados disponíveis em: <https://bit.ly/2MmNrkd>. Acesso em: 05 ago. 2020.

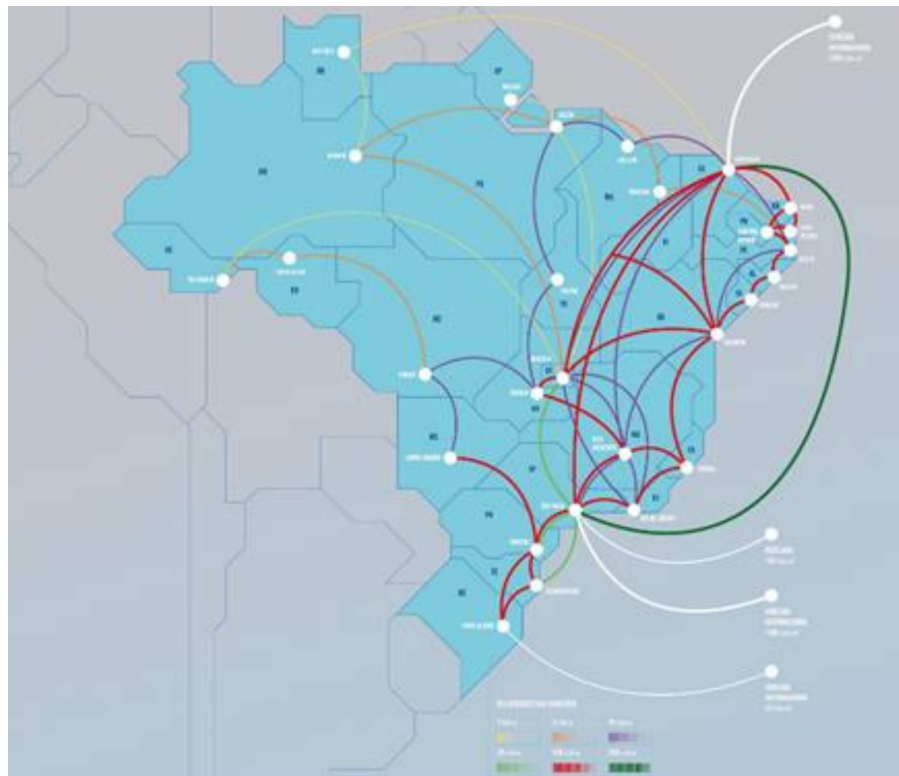
²⁴ Rede Nacional de Pesquisa (RNP). Disponível em: <https://www.rnp.br/sobre/nossa-historia>. Acesso em: 05 ago. 2020.

Figura 6 – Conexão de internet no Brasil em 1992



Mapa 1 (fevereiro de 1992). As principais interligações (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Porto Alegre) com conexão de 64 Kb/s, demais cidades com 9,6 Kb/s, a única saída internacional com os Estados Unidos estava em São Paulo com velocidade de 64Kb/s.

Figura 7 – Conexão de internet no Brasil em 2020



Mapa 2 (2020), a menor capacidade nacional é de 1 Gb/s entre as cidades de Manaus (AM) e Boa Vista (RR). Os links internacionais com suas 4 rotas somadas possuem 313 Gb/s.

Fonte: Site da RNP, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2MwVlaL>. Acesso em: 05 ago. 2020.
Os avanços das tecnologias e a importância das políticas públicas de incentivo para a inclusão digital perfaz caminhos e desdobramentos que iremos apresentar no tópico seguinte.

1.3.3 As origens da política de inclusão digital: desenho institucional e as tensões resultantes

O Brasil, ao prover sua infraestrutura básica para a implementação de uma robusta rede telecomunicações por fibra ótica em 2009, lança o Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades, nomeada pela sigla “Telecentros.BR”. O decreto 6.991/2009 previu um plano estratégico entre os Ministérios do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), das Comunicações (MC) e o MCTI para o estudo, implantação e manutenção de telecentros públicos e comunitários, auxiliando na formação e auxílio financeiro de monitores para as unidades. Em 2010 foi criada a Secretaria de Inclusão Digital (SID) com o objetivo de dinamizar as ações do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), ampliando assim, nesses espaços públicos e comunitários os serviços do GESAC (acesso à internet via satélite) e dos Telecentros.BR (espaços públicos de formação continuada pelas TICs).

O salto definitivo do programa brasileiro de inclusão digital ocorreu em 2010 com a reativação da Telebrás, que estruturou uma rede complexa de fibra ótica utilizando a infraestrutura das linhas de transmissão da Eletrobrás, dos gasodutos da Petrobrás e rodovias federais. A Telebrás tem por missão implementar uma “rede privativa de comunicação da administração pública federal²⁵”, servir de suporte e apoio às políticas públicas de conexão à internet em banda larga para universidades, centros de pesquisa, escolas, hospitais, postos de atendimento, telecentros comunitários, prestando serviço de conexão à internet em banda larga para usuários finais em localidades isoladas, via Telebrás e empresas parceiras, a exemplo da Viasat.

O suporte e reativação da Telebrás faz parte do lançamento e ampliação das ações do Programa Nacional de Banda Larga em 2010. O programa é responsável pelo suporte logístico e operacional a diversos programas secundários, a exemplo do “Programa Cidades Digitais” (2012) para prover municípios com internet em alta velocidade e capacitar servidores públicos para os usos dos aplicativos do Governo Eletrônico (saúde, educação, telecentros, monitoramento das cidades); do “Programa Amazônia Conectada” (2014) em

²⁵ Decreto nº 9.612, de 17 de dezembro de 2018 que dispõe sobre políticas públicas de telecomunicações. Trecho referente ao artigo nº 12, inciso 3. Disponível em: <https://bit.ly/3ctaJjp>. Acesso em 06 ago. 2020

parceira com Exército Brasileiro (EB) e da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), com o objetivo de implementar uma rede de fibra ótica de 8 mil km de extensão e, por último, implementar ações do Programa Banda Larga para Todos (PBLT) que, desde 2018, passa a substituir o antigo PNBL. O mais recente programa, o PBLT tem por objetivo conectar 90% da população brasileira com uma velocidade média de 25Mb/s.

A Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL²⁶) determinou como meta para 2023 uma banda larga fixa com a velocidade média de 150 Mb/s, a título de comparação, em 2019 essa velocidade era de 45 Mb/s. Os dados extraídos do site Teleco²⁷ revelam que, em fevereiro de 2021, os respectivos municípios cobertos pelas operadoras de telecomunicações eram: Vivo (3G) – 4.559; Claro (2G) – 3.963; TIM (4G) – 3.883 e Oi (2G) – 3.499. A digitalização alcançou novos patamares com a tecnologia em Fibra Ótica, onde as empresas competitivas já possuíam 40,73% do mercado e já ultrapassavam em números alguns dos grandes conglomerados nacionais (Net/Claro, Oi, Vivo, Tim).

Um estudo elaborado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), em 2015, fez um mergulho conceitual nas políticas de inclusão digital, sua historicidade, movimentos e articulações em andamento no país. Nesse amplo relatório, a origem do programa de inclusão digital na comunidade quilombola foi criada a partir das ações do Governo Eletrônico (e-Governo). Para entendimento desse fenômeno, no ano de 2005, o Programa de Governo Eletrônico Brasileiro celebrou convênios, contratos de repasse e termos de parcerias com entidades das áreas de tecnologias da informação.

A estratégia dessa parceira era a expansão gradativa das redes digitais por meio de fibra ótica. A expansão foi o gatilho para a formulação do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL) em escolas públicas, associações comunitárias e locais sem acesso à internet de qualidade. O PNBL surgiu em 2011 e, segundo relatório do TCU (2015), o monitoramento do programa foi bastante ineficiente, o que comprova um dos gargalos na efetivação das políticas públicas no Brasil. O relatório de 2015, encomendado pelo Tribunal de Contas da União, é o resultado de um amplo estudo com o objetivo de compreender de forma global o funcionamento das políticas públicas de inclusão digital, as relevâncias/benefícios da democratização das tecnologias da informação e comunicação, pensando no desenvolvimento e o crescimento econômico do País.

²⁶ Matéria exibida pelo portal de informações tecnológicas, Tecnoblog, em 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3sYs5dK>. Acesso em: 05 ago. 2020.

²⁷ Site TELECO. Disponível em: <https://www.teleco.com.br/cobertura.asp>. Acesso em: 03 mar. 2021.

O teor institucional do relatório apresenta algumas considerações pertinentes para o entendimento sobre as políticas de inclusão digital. Para o TCU (2015), a política pública ao ser capaz do:

(...) acesso à informações, permitindo às pessoas adquirir conhecimentos, habilidades e aptidões, aumentar sua rede social, disseminar conteúdo e produzir inovações, e tudo isso contribui para sua empregabilidade. Na era do conhecimento, a melhora no capital humano, potencializada pelas TIC, é condição necessária para aumentar a competitividade e o crescimento econômico. (BRASIL, TCU, 2015, p. 17).

O estudo do TCU (2015) destaca como missão do Estado “(...) garantir o acesso a elas (TIC) é um dever do Estado moderno, que busca o progresso econômico e social e a redução das desigualdades” (TCU, 2015, p. 19). Baseado nesta missão, o TCU elaborou um modelo “tipo ideal” de política pública de inclusão baseado em três pilares ou promessas, uma primeira pela “Alfabetização do indivíduo para o uso das TICs”, a segunda sob uma “Infraestrutura que garanta a disponibilidade de acesso” e, a última, pelo “Conteúdo adequado às necessidades dos usuários”.

O texto do TCU (2015) alerta para as promessas do Estado Brasileiro na condução das políticas públicas de inclusão digital que incluem o Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão – GESAC. No relatório, para além da “implantação de infraestrutura de banda larga em preço acessível pelo Plano Nacional de Banda Larga”, e a gestão de “ações de políticas públicas no acesso e pela disponibilização de Telecentros constituídos pelos Telecentros Comunitários, Telecentros.BR e GESAC”, a política pública tem por promessa “incentivar os “Programas Cidades Digitais” (TCU, 2015, p. 19) baseados em redes de alta velocidade por intermédio do governo eletrônico”. A implementação dessas cidades serve de suporte e apoio às atividades/projetos do “Programa Redes Digitais da Cidadania” em parceria com universidades/centros de pesquisa.

O relatório final (2015) destacou ainda que “não é possível identificar, para o caso brasileiro, uma política pública única e integrada, sendo que os diversos programas de inclusão identificados coexistem de forma independente e desarticulada” (TCU, 2015, p. 29). O relatório técnico descreveu quais lógicas e operações das diversas políticas de inclusão digital apresentavam deficiências resultantes desse espraiamento dos diversos programas e, uma das consequências seria a não convergência de ações entre os programas, promovendo um contínuo desequilíbrio no acesso e disponibilidades das tecnologias digitais nas diferentes regiões.

Esta é a ambiência implementada e acessada via política pública de inclusão digital na comunidade quilombola que permitiu a “ida” e imersão dos jovens negros às arenas de disputa de sentidos.

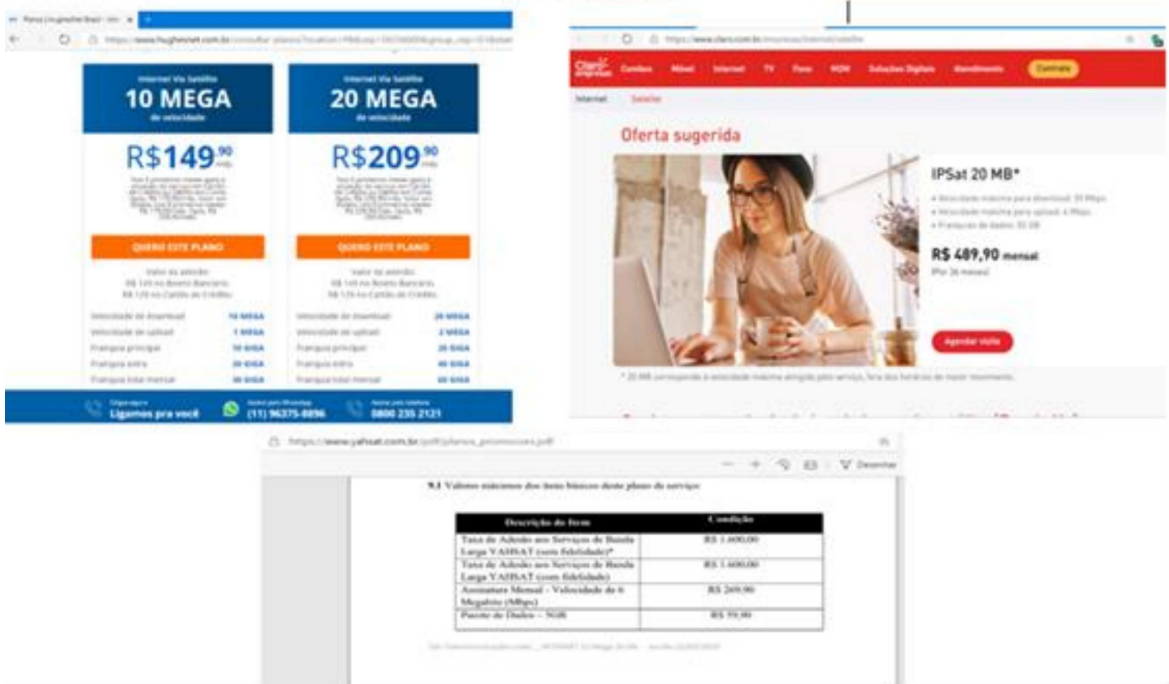
1.3.4 As lógicas regulatórias do GESAC: fraturas e zonas de contato acionadas pela política pública de inclusão digital

Os sentidos extraídos das lógicas regulatórias do GESAC eclodem na “Teoria do Caos” de Luhmann (2005) ao verificar no mundo moderno movimentos de troca e de fluxos em transições temporais, que são acionadas no interior do sistema social, do comunicacional. A potência desse processo de digitalização da vida surge na autorreferência do produto criado, editado e filtrado em sistemas de regulação que, uma vez regido por uma espécie de ordenamento que é externo, impõe uma regulação hegemônica e panóptica, permanente vigilância sobre todos. O modelo em voga trata de uma descrição moral de como a sociedade deve ser vista, observada e descrita, padronizando tudo em um único enquadramento de referência, como o caso do meio *Facebook*, acesso disponibilizado pelo GESAC.

O uso preferencial de *smartphones* por parte dos jovens quilombolas decorre desta dupla característica, uma primeira, pela infraestrutura e, uma segunda, pela limitação financeira para a obtenção e atualização de dispositivos modernos. O problema no acesso e uso dos dispositivos é um dos grandes desafios apontados pelas políticas de inclusão digital, e que envolve também os altos custos para o acesso e prestação de serviços em banda larga que são inacessíveis para a maioria das famílias das classes D e E do País. Uma das alternativas encontradas por esses segmentos sociais é o compartilhamento de redes *wifi* entre vizinhos, parentes e amigos. No caso do GESAC, o sistema via satélite privado (pessoal) possui um custo fora do orçamento doméstico das famílias, em especial, das comunidades tradicionais. O custo médio da internet via satélite é de R\$ 180 reais por mês com franquia de dados de 20 Gigabytes.

Figura 8 – Quadro/montagem com os provedores de internet via satélite

LISTA DAS OPERADORAS DE INTERNET VIA SATÉLITE E COBERTURA NA PARAÍBA (HUGHESNET, CLARO E YAHSAT)
(Atualização junho/2020)



No quadro montagem, as principais fornecedoras do serviço de internet via satélite com cobertura no Estado da Paraíba. A operadora parceira do GESAC na comunidade do Matão é a HughesNet que possui mensalidades a partir de R\$ 209, com velocidade de 20 Mb/s durante 6 meses, após este período passa a ser R\$ 239 com pagamento pelo cartão de crédito ou débito em conta. A franquia de dados é limitada em 60 Gb ao mês.

Fonte: Elaborada pelo autor. Dados dos sites das empresas em junho de 2020.

O programa de inclusão digital do governo eletrônico – GESAC ganhou destaque nacional em 2018 com a disputa jurídica entre a Telebrás e a empresa privada Embratel, parceira na primeira etapa da implementação do programa. Em 2010, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Telebrás) assume a liderança do programa de inclusão digital devido às restrições técnicas prestadas pela Embratel que fornecia o serviço de internet via satélite com uma tecnologia defasada e velocidade média de 1Mb/s que impossibilitou à época, o acesso aos novos serviços e agenciamentos tecnológicos.

A Telebrás extinta em 1998 pelo processo de privatização de suas sucursais nos estados foi refundada em 2010 para assumir a gestão do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL). O escândalo dos grampos telefônicos e da espionagem realizada pelos Estados Unidos, aos números privativos de chefes de Estado no governo de Dilma Roussef em 2015²⁸ fizeram com que o governo brasileiro iniciasse negociações para aquisição e construção de

²⁸ Manchete da espionagem norte-americana contra o governo brasileiro (julho de 2015). Disponível em: <https://glo.bo/2KPSnO3>. Acesso em: 05 ago. 2020.

um sistema robusto de telecomunicações soberano. Em 2017, o Brasil lança o Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC-1) que possui alta tecnologia em banda Ka (internet banda larga de alta velocidade) e de banda X (de uso codificado e restrito às Forças Armadas Brasileiras).

A Telebrás, após o lançamento do referenciado satélite, abriu edital de concorrência para a exploração do serviço de internet privada e de ampliação do GESAC pelo SGDC-1. A empresa vencedora foi a norte-americana “Viasat²⁹” que ofertou uma velocidade mínima de 20 Mb/s, ideal para ampliar o leque de serviços das TICs nas escolas e instituições públicas. A Embratel (grupo Claro) e antiga parceira do GESAC entra com pedido liminar de suspensão da concessão no Supremo Tribunal Federal (STF) que, acatou de modo provisório, alegando que o satélite estatal da Telebrás não poderia ser operado por uma empresa estrangeira. O embate jurídico foi concluído em 2019 e o programa GESAC passou a ofertar internet de alta velocidade em novas localidades pelo país.

A complexidade do caso com seus múltiplos atores e instituições públicas/privadas constituem um amálgama de tensionamento considerável. Neste jogo, nos interessa reconstruir e precisar melhor como estes dispositivos/objetos comunicacionais são apropriados, a exemplo do “aquilombar-se” onde, ao realizar o movimento de “abrir-se” ao mundo pelas redes sociais, o meio *Facebook* atenua conflitos e aciona uma sociabilidade ampliada para além do território geográfico do quilombo.

1.4 Dádivas e Promessas: Lacunas da Ambiência Digital

O fenômeno da digitalização da vida é um movimento global de entrelaçamento, interconexão e interdependência entre a política, cultura e a economia. Os processos comunicacionais em rede são atravessados pela agregação de tecnologias/lógicas, interatividade e dinâmicas marcadas por incompletudes disruptivas. A inglesa Natalie Felton (2007) diz que as atuais mídias assumem seu caráter de “autogestão da informação e identidades, esse processo de contestação social enfrenta fases de visibilidade e fases de relativa invisibilidade” (FELTON, 2007, p. 226, trad. nossa), lacunas estas próprias das lógicas e operações da ambiência digital.

As redes buscam criar um ambiente de produção biopolítica porque a produção da vida social deste “eu” se entrelaça em tramas mais complexas entre a política e a cultura. Esta

²⁹ *Satélite* Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC) por meio do GESAC disponibilizou internet banda larga para 1 milhão de escolas no Brasil. Disponível em: <https://glo.bo/2YfuiTR>. Acesso em: 05 ago. 2020.

pluralidade em rede se expande e gera o sentimento de superação de limites e das fronteiras das subjetividades, contudo, o efeito de fragmentação é inevitável. No ciberespaço, o acesso é inclusivo por acomodar um amplo leque de novas demandas políticas, sociais e identitárias. A discussão entre o “virtual e o real”, teoricamente, é mais proveitosa em razão de “reconhecer que a circulação do virtual é mais produtiva do que abordar como duas entidades distintas” (FELTON, 2007, p. 231, trad. nossa). A autora entende que a ocorrência da chave dicotômica, “*off-line*” e “*on-line*” permite “o reconhecimento da diversidade dos desejos políticos” (FELTON, 2007, p. 231, trad. nossa).

Natalie Felton (2007) percebeu então, a ocorrência dos efeitos dos deslocamentos (RODRIGUES, 2012) onde a solidariedade é o caminho para fortalecer as políticas de voz e de representação. Para Felton (2007), “as identidades estáticas-políticas” são expressas através de um processo social contínuo de identificação individual e coletiva, “a intervenção política pode ser traduzida e retransmitida no mundo simbólico e do ‘simbólico ao ciberespaço’ que necessariamente se origina e se solidifica no mundo material do “real” (FELTON, 2007, p. 232, trad. nossa).

A coleção dos empíricos revela que está em curso, na comunidade quilombola, uma espécie de solidariedade orgânica que se estrutura sob “uma ação coletiva do grupo de interesse identitário”, tendo em vista que os jovens quilombolas se curtem, comentam-se e retroalimentam seus perfis na rede social do *Facebook*.

Uma das características das articulações dos movimentos sociais e dos coletivos nas redes é que eles possuem uma rápida mutação e velocidade de ação, contudo, não se prestam a compromissos de longo prazo ou laços mais profundos de lealdade. Ao analisar esses laços entre os jovens quilombolas e os pactos estabelecidos para os dois mundos “conectado” e “desconectado”, observamos a presença de uma retórica mobilizadora confiável. Ela ocorre quando um imaginário social passa a ser reconhecido entre sujeitos e suas demandas subjetivas, de ordem individual ou coletiva.

Uma segunda vertente das lacunas em rede é que as ambiências digitais atuam como espaços de memórias e de latências ritualísticas. No âmago dessas tramas, o *Facebook* chancela este território onde o “indivíduo construa, dentro de um determinado sistema, um perfil público ou semipúblico, que ele compartilhe uma conexão (...) cruzar sua lista de conexões com as conexões feitas por outros participantes dentro do mesmo sistema” (DALMASO, 2015, p. 02), sob a mesma superfície.

Silvana Dalmaso (2015), ao tratar da temática dos processos da memória em redes sociais, afirma que os inscritos nessas plataformas estão interessados em se comunicar,

interagir com o outro. Esse local é marcado por uma intensa produção de sentidos, constituição de identidades virtuais e de um público (audiência) que orbitam em torno destas materialidades postas em circulação. As “redes sociais (...) uma extensão nossa, uma presença extra da nossa identidade como experiência de subjetivação destinados ao compartilhamento de narrativas construídas” (DALMASO, 2015, p. 03).

Essas plataformas não atuam unicamente no sentido de construir espaços plurais de fala/vozes, mas se articulam, inclusive na condição de cancelar conteúdo alheio fornecido pelos produtores/atores sociais inscritos nelas. Os dados postos em circulação pelos atores sociais contribuem para direcionar publicidade específica a determinados usuários. Os canais digitais de interação são projetados para “intensificar e estimular o compartilhamento de conteúdo, a interação e a fabricação de memórias” (DALMASO, 2015, p. 04). A atualização constante dos registros no fluxo configura uma estratégia em dois sentidos: um de temor pelo “esquecimento”/silenciamento, e o outro, de se tornar “visível” em outros lugares/linhas do tempo/perfis, tudo precisa ser posto em circulação, atualizado e arquivado, seja em espaços “fixos” ou atemporais.

O artigo de Silvana Dalmaso (2015) descreveu que as redes sociais exercem um movimento constante e pendular entre “lembança e esquecimento, retorno e atualização” (DALMASO, 2015, p. 07). A perambulação em idas e vindas enunciadas no *Facebook* “são efêmeras e perdem rapidamente sua atualidade”, na linha do tempo e no espaço de organização desse tempo que vai da lembrança à memória. A linha do tempo, recurso pensado pelo *Facebook* para atuar na condição de pré-formatar o espaço-tempo faz com que a memória e seu registro possam ser performatizados pelos atores e materialidades postas em circulação. O estímulo empreendido pelas plataformas, cada vez mais intenso, promove a produção e tempo de conexão (permanência “*on-line*”), representando um esforço no sentido de atrair e estimular memórias, que se convertem em produtos pelas lógicas do meio e, segundo Dalmaso (2015), “(...) assim, fabricamos memórias e histórias que construam um eu que ‘é, acima de tudo, uma subjetividade que deseja ser amada e apreciada, que busca desesperadamente a aprovação alheia, e para tanto procura tecer contatos e relações íntimas com os outros” (DALMASO, 2015, p. 10).

Outro efeito analisado pelas pesquisadoras Maria Elisa Rendeiro e Leila Ribeiro (2017) observa uma espécie de obsessão dessas plataformas por uma espécie de “presentificação” dos tempos. Este tempo “presentismo” é de difícil classificação e de delineamentos teóricos. Os materiais postos em circulação nessas lógicas não formam substratos de lembranças, tudo se esvai em um clique da câmera dos dispositivos técnicos.

Rendeiro e Ribeiro (2017) recorrem a diversos pensadores, a exemplo de Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Walter Benjamin, com o objetivo de compreender a ocorrência destas fraturas entre a história e a memória nas redes sociais e, como elas afetam a psique humana e as experiências acumuladas pelos indivíduos.

O advento da cultura diluída nos ambientes virtuais acionou um “complexo potencial de recursos memorialistas” (RENDEIRO; RIBEIRO, 2017, p. 3). A produção memorialista e de seus objetos atuam como marcas ou registros das impressões do passado que trazemos em nossas subjetividades. Neste âmbito, os registros imagéticos pendulam entre o lembrar e o esquecer, o registrar e o apagar, se “fixar” ou de temporalizar sua existência nas redes, ao descrever o uso do recurso do *Stories* na plataforma do *Facebook*.

As redes sociais e suas tecnologias atuam sob a lógica de fragmentos narrativos que simulam uma constante e permanente sensação de interatividade. Contudo, mesmo diante de uma arquitetura de alto padrão assertivo, a condição de incompletude do sistema não consegue anular os efeitos dos ruídos, reorganizando os registros dos usuários, seus desejos e expectativas baseadas em fórmulas matemáticas e organizadas pelo algoritmo, a materialização das formas de representação social do algoritmo por si só agencia processos ampliados, onde devemos estabelecer escalas dos usos destas regras (lógicas, sistêmicas) que se encontram em interação com o sistema psíquico humano.

Este capítulo introdutório iniciou o leitor para o entendimento da complexidade do fenômeno comunicacional em curso em uma comunidade negra tradicional. Partindo da ideia, desta saída da teoria para o objeto, retomamos a compreensão, na perspectiva da mediação, analisando como a circulação passou a afetar as materialidades no fluxo do meio *Facebook*, o que iremos investigar no segundo capítulo.

2 APORTES TEÓRICOS E CENÁRIOS DA MIDIATIZAÇÃO EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL

Este capítulo apresenta alguns conceitos que gravitam em torno do objeto e de suas especificidades teóricas. Iremos descrever gradativamente os meios, formas e modos pelos quais os dispositivos interacionais passaram a “deslocar” o tempo/espço, além do ambiente em uma comunidade tradicional.

A midiatização em curso na comunidade quilombola atua e configura superfícies de estabilidade e desestabilidades, onde as estratégias de produção dos jovens negros possibilitam “seguir os atores em seu curso de associações” (GONZALES, 2013, p.150). A complexidade dos processos intra e extra comunitários demandam uma ampla observação dos enunciados em suas mínimas sutilezas. A tese sinaliza para os “retratos” extraídos do fluxo no meio *Facebook*, que possuem um efeito efêmero e representam um *frame* do momento ocorrido no passado e em constante transformação.

Ao abordar o tema, Zuleika Gonzales (2013) descreve esta complexa relação entre o indivíduo e o campo social evocando, para tanto, Bruno Latour (2012), no entendimento de que cada indivíduo é “um social composto por agregados em contínuas associações, tornando-o novamente vivo e capaz de traçar conexões (...) a sociedade é ‘um tipo de conexão entre coisas que não são em si mesmas sociais’ (LATOUR, 2012, p. 23 apud GONZALES, 2013, p. 150). Essa teia dinâmica e de tensionamento entre o ser social e o “não-humano” é uma das consequências da midiatização da vida que, em nosso caso, está em curso em uma comunidade quilombola no interior do Estado da Paraíba. Na abertura deste capítulo pretendemos descrever esse cenário de tensões e negociações nas efemeridades do meio *Facebook*.

Neste universo de múltiplas conexões, imagens, sons, estéticas e avatares nas redes temos uma apresentação do jovem quilombola nos perfis do *Facebook*, de onde, observamos um movimento de manutenção de uma identidade negra que pendula em intercambialidades das etnicidades (POLIVANOV, 2012). A partir dos movimentos da pesquisa, nos interessa descrever os elementos e princípios geradores da midiatização.

2.1 Estabelecendo Diálogos e Pontes Conceituais

A pesquisa em comunicação se desenvolveu de forma sistemática e organizacional, demandando outros campos epistemológicos e gramáticas próprias de análise. Neste cenário,

os objetos emergentes e seus problemas foram estruturados em duas correntes descritivas: uma macro midiática, sob olhares nos processos socioculturais alicerçadas nas Teorias da Comunicação, seguida de microanálise, verificando as ocorrências específicas dos usos e apropriações dessas linguagens comunicacionais.

A macro teoria do campo da observação percebe diretamente como a dinâmica do tecido socio comunicacional transformou esferas, a exemplo da cidadania (pensada nos objetos-dispositivos-local da fala) e dos sujeitos (na interação, usos, apropriações, enunciação, produtores). Descrevemos no campo mais amplo da análise, que a dinâmica da temporalidade do processo comunicacional midiaticizado, do tempo vinculado, constitui-se a partir da questão da construção das mensagens e dos sentidos, ou seja, como os sujeitos são e estão imersos nos fluxos ditados pelos dispositivos sociotécnicos:

(...) os processos midiáticos são entendidos como conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam, segundo diferentes linguagens, através de dispositivos como jornal, televisão, rádio, fotografia, publicidade, revista, produção editorial, produção eletrônica, comunicação organizacional, vídeo e outros processos emergentes. (GOMES, 2006, p. 26).

Desta linha de raciocínio, a problemática da técnica passou a operar formas de “escravização” das mediações, utilizando, para tanto, o acesso “irrestrito” à essa ambiência. A internet emancipa, mas a técnica por trás da máquina (hardware) transmuta a lógica de dispositivo (ECO, 1986) engendrando rituais de processos, de gestão política, de deslocamento dos atores sociais, cujos problemas de ordenamento estruturais/objetivos afetam o ordenamento social.

A comunicação e os processos midiáticos estão imersos em uma teia relacional complexa e atravessada por tensões, considerando que “a sociedade contemporânea exacerbou ao extremo o individualismo. A grande conquista da humanidade, a consciência da própria individualidade e a afirmação dos direitos humanos, chegou ao limite do esgarçamento das relações sociais” (GOMES, 2016, p. 1). Desse processo de alargamento e do não retorno ao estado inicial, “os seres humanos encontram-se fragilizados. Nada é permanente”. (op. cit., 2016, p. 1). Para melhor entender o fenômeno, foi importante que o campo de pesquisa na Comunicação resgatasse a contribuição da Escola de Frankfurt para a superação e transição dos processos abstratos de análise. Esse método permitiu descrever o problema dos sujeitos e de seus objetos mediados pelos meios de comunicação de massa.

A comunicação e seus aparatos fundiram-se à lógica do processo social porque os meios/canais tidos como “inofensivos” no passado, complexificaram-se em tramas

mediatizadas, cujos papéis sociais se deslocaram e as competências transbordaram as demarcações dos espaços, causando irritações e deslizamentos. Esse movimento se torna perceptível pelos vazamentos que são a nova tônica e condição comunicacional do sujeito, agora apartado de seu substrato simbólico e que passa a fazer parte da estrutura produtiva representada no plano histórico e objetivo das relações materiais com o meio.

Esse esquema anterior é um resquício dos estudos de recepção e que ganha novos contornos no contexto da midiatização. O cenário sinaliza e apresenta uma materialidade/objetividade e, neste modelo, nos interessa investigar como a midiatização potencializa o processo de desencantamento do mundo, como retorno ao “grau zero”, cada vez mais distante e desafiador para o ator social.

Neste ponto, a conjuntura descrita deixa ainda mais claro que os ruídos e contaminações do processo comunicacional surgem quando o fluxo é demasiado intenso nas trocas. O indivíduo inscrito em um dado meio, ao não se adequar às normativas da plataforma, é excluído e silenciado dessas trocas interacionais em rede. Os estudos da comunicação em midiatização na América Latina avançam e aprofundam as pesquisas baseadas na recepção. A recepção e sua vertente de análise apresentam uma problemática da sociedade unidimensional, entretanto, no contexto da midiatização, os fluxos e trocas ocorrem entre os dois polos produtivos, tanto da produção, como da recepção. A circulação midiática nos atuais meios digitais sinaliza para uma zona de passagem e de transição entre os estudos de recepção e de pesquisa em midiatização.

Nos interessa neste ponto, destacar que, a comunicação humana em seus estágios elementares possuía uma natureza dialógica e dialética de mão dupla. O elemento capaz de estabelecer zonas e pontos de contato é a cultura, cujos elementos simbólicos e seus fios invisíveis passam a ser tecidos pela comunicação e seus dispositivos. No circuito, “somente sujeitos autônomos serão capazes de entrar em situações dialógicas ideais, saindo da comunicação cotidiana para ingressar no discurso” (GOMES, 2016, p.13). Nesse olhar, o empoderamento do sujeito está vinculado à sua capacidade de entender que suas validações/declarações uma vez enunciadas necessitam sair da relação “eu-tu” para uma construção do “nós”. Um caminho a ser pensado, enquanto possibilidade de interlocução, ocorre “quando a sociedade aceitar que a comunicação (relacionamento consigo mesmo, com o outro e com o Outro Absoluto) é condição primária e constitutiva do ser humano, estar-se-á dando passos importantes no sentido de se encontrar os fundamentos que a justificam nos dias de hoje” (GOMES, 2016, p. 19).

A inserção do sujeito no contexto midiaticizado não pressupõe a garantia dos espaços de fala, eis que “os produtos dos processos midiáticos necessitam da realidade social como matéria prima de sua produção” (op. cit., 2016, p. 23), ocasionando a falsa sensação de liberdade de produção e de agenciamento de conteúdos, afetação esta, ocasionada pelas disparidades em rede.

2.1.1 Das redes para a midiaticização: refletindo os atravessamentos conceituais

O tópico estabelece diálogos para melhor entendimento da complexidade da presente pesquisa. Alguns temas/conceitos foram revistos com o objetivo de fortalecer perspectivas e angulações teóricas. As afetações e “ruídos” recorrentes dos sujeitos em rede, conforme Manuel Castells (2005), revelam que está em curso uma mudança e transformação estrutural que abrange uma ampla multidimensionalidade, capitaneada pelas “tecnologias de comunicação e informação”. Para isso, Castells (2005) esclarece que:

(...) a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias” (...). Neste ponto, a tecnologia atua como um espelho para a realidade do tecnológico e do digital. As designações do determinismo tecnológico, o caminho apresentado, pretende efeitos dos usos sociais da própria tecnologia. (CASTELLS, 2005, p. 16).

As redes existentes e em expansão permitem ultrapassar os antigos “limites históricos” e territoriais e, por esta razão, a sociedade conectada “manifesta-se de diversas formas, conforme a cultura, as instituições e a trajetória histórica de cada sociedade” (CASTELLS, 2005, p. 17) que, no caso de nossa pesquisa investiga as trajetórias históricas e sociais do jovem quilombola inserido nas esferas comunicacionais em rede.

O fenômeno descrito por Castells (2005) afeta radicalmente as relações de poder e de interação social. O estudo de caso na comunidade quilombola revelou que a figura representacional do *griot* (dos mais velhos/portadores da tradição e do saber) fora deslocada pelas tecnologias e agora pertence aos mais jovens¹. O poder e suas relações passaram a ser dinamizadas pela expertise dos jovens da comunidade no manuseio dos dispositivos interacionais. O meio *Facebook* potencializou esta condição e conflito geracional entre jovens e idosos no quilombo. A comunidade quilombola com a implementação da política pública de

¹ Esta referência faz menção à diversas situações, a exemplo do “Auxílio Emergencial” durante a pandemia do COVID-19. O Governo Federal disponibilizou acesso ao benefício por meio de aplicativo para *smartphones*. Esta via tecnológica era o canal de referência para os pedidos, avaliação e disponibilização de recursos pela Caixa Econômica Federal.

inclusão digital passa a ser acelerada por esferas de sentido e postas em movimento pelos dispositivos socio técnicos e discursivos da comunicação.

Nesse aspecto, o deslocamento de referências não deve ser o enfoque em nossos estudos comunicacionais e permanecerá como um “pano de fundo”, a ser pensado para uma análise descritiva dos processos sociais que passaram a agenciar “intra” demandas nas práticas sociais da comunidade quilombola.

Destes agenciamentos, Castells (2005) aborda que tal condição diz respeito às estratégias e interligações entre instituições e organizações da sociedade. Decerto que, nas lógicas das redes observamos um “(...) conjunto, não enquanto indivíduos, mas como receptores coletivos de informação, mesmo quando a informação final é processada por cada indivíduo de acordo com as suas próprias características pessoais” (CASTELLS, 2005, p. 22). Nesse ponto, Castells (2005) antecipa uma das características do algoritmo interno nas redes sociais, a exemplo do *Facebook* que é a capacidade de adaptar-se a cada indivíduo e suas necessidades subjetivas primárias.

Naquela época, Castells (2005) previu que “um sistema oligopolista de negócio multimídia, que controlam cada vez mais inclusive o hipertexto, e pela explosão de redes horizontais de comunicação local/global”. (CASTELLS, 2005, p. 23) se faria presente. O *Facebook Inc.* e suas subsidiárias (*Instagram*, *WhatsApp*) atuam fortemente no universo de bilhões de usuários mensais no mundo que visitam suas plataformas. No Brasil, 130 milhões acessam mensalmente o *Facebook* e, desse total, mais de 85% dos usuários acessam pelos dispositivos móveis.

Figura 9 – Dados mundiais de usuários da rede social *Facebook*

No Brasil, entre 2020 e 2021, o número de perfis no *Facebook* salta de 120 para 130 milhões. Em grau de comparação, os 10 milhões de novos usuários brasileiros passa longe dos 60 milhões na Índia.

Fonte: We Are Social, disponível em: <http://bit.ly/2NHWRYL>. Acesso em: 01 março. 2021.

O dado acima apresentado corrobora no sentido de afirmar que a navegação se torna cada vez mais personalizada, portátil e individual. Essa “virtualidade é a refundação da realidade através de novas formas de comunicação sociável” (CASTELLS, 2005, p. 23). Para os usuários, o acesso às TICs e suas plataformas de interação demandam um movimento

performático constante como prática e fator determinante para o sucesso da comunicação, baseada agora em rede.

Em obra anterior, Castells (1999) inicia aportes teóricos no sentido de compreender os impactos da sociedade em rede, que passa a ser atravessada por lógicas sistêmicas, onde “a cultura mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico” (op. cit., 1999, p. 414). A Internet, ao se apropriar de aspectos importantes da cultura, foi gradativamente emoldurada para expandir as comunidades físicas em territórios virtuais, um novo cenário surge por “uma nova cultura: a cultura da virtualidade real” (op. cit., 1999, p. 415).

O cenário digital e suas tecnologias se apresentam como um movimento tentativo de apreensão das subjetividades humanas. Essa tentativa, por parte do meio, configura uma excelência da “nova galáxia da comunicação”, cujas estruturas “foram reestruturadas e reorganizadas em um sistema” de dados para que, de modo tátil, apresente uma formatação assertiva. A conjuntura apontada por Castells (1999) diz respeito às técnicas de audiência por onde os conteúdos são direcionados, para a construção de um caminho que ofereça uma menor resistência por parte de seus usuários.

As plataformas são desenvolvidas para que a reflexão cognitiva seja a menor possível. Ali, a personalização das informações disponíveis pela plataforma do meio torna-se máxima nos esforços de aproximação do algoritmo às subjetividades humanas. Esta tentativa da máquina é espelhada nas múltiplas superfícies de acesso, esquema constituído por uma inscrição que se segue a uma seleção de elementos, representações, registros que são gerados por uma gratuidade do usuário. Este lança, constantemente, uma oferta e representação que retornam à produção por meio de *feedbacks* complexos. A organização das redes sociais faz com que o meio (estrutura, organização) se torne o canal da mensagem, por excelência. O jovem (quilombola – espaço A) aciona o dispositivo (local/tradição/suporte) passa a fornecer informações anteriores, recorrendo à acontecimentos nas experiências da memória coletiva. Neste dispositivo, no momento da produção, o conflito é acionado pelos rastros recuperados deste passado (eu-coletivo experiência) e o presente a ser experienciado).

Castells (1999) afirma que “a rede (...) é, em geral, espontânea não-organizada e diversificada em finalidade e adesão, (...) e quanto maior for a diversidade de mensagens e de participantes, mais alta será a massa crítica da rede e mais alto o valor” (CASTELLS, 1999, p. 439). Assim, encontramos nesta assertiva alguns aportes para pensarmos na problemática de nossa pesquisa, imersa em uma midiatização de intensa circulação informacional.

O ambiente da mediação inscrito na superfície das tecnologias, dispositivos e linguagens provoca e modula os estudos da área. Os indícios iniciais das pesquisas em comunicação descreveram como os laços sociais foram gradativamente sendo substituídos por ligações sociotécnicas, que no passado eram espaços da sociabilidade e que se transformaram em dados informacionais. Nessa nova organização e produção social, os fluxos informacionais foram compelidos para se converterem em um meio, cujo aparato tecnológico está baseado em imaterialidades, sinais e *bits* em rede.

O vínculo no contexto da mediação transcorre no seguinte sentido: o ator social – oferta no fluxo – em redes de circulação – cujas personas/instituições – possuem contratos sociais/gramáticas interpretativas e o discursivo transcorre entre interagentes. Nesta tônica, os laços sociais e tradicionais se fragmentam em meio a um processo emergente de flutuações e de superfícies atravessadas pelos conteúdos ofertados por esse ator, sendo elaborado para ser consumido instantaneamente pela dinâmica circulatória do meio. Este mecanismo de autopoiese necessita de constantes reestruturações através de processos de produção de sentido, onde os atores sociais são compelidos a abandonar seu pertencimento às antigas estruturas dos sistemas tradicionais/culturais de significação, para se instalarem nas lógicas das redes.

Ao analisarmos essas formas de atuação na mediação, devemos pensar na transversalidade. A orientação transversal da mediação se articula na ordem das afetações, dos campos (atores sociais-instituições) que se atravessam em zonas fronteiriças de contato, onde não mais existe um ponto de estabilidade/referenciação do sistema. As relações estabelecidas dizem respeito aos processos de idas e vindas dessas ofertas que se atualizam por meio de novas mediações e interações em rede. Deste processo, produção, oferta, circulação, temos a constituição da diferença entre a sociedade dos meios e da mediação, cuja produção de sentido e seu controle se desloca para um “lugar” mais distante do controle desse ator social/produtor de conteúdo. O fenômeno descrito é o campo de conflito das inter-relações sociais que passaram a ser afetadas por lógicas pré-estabelecidas. Esse deslocamento permite observarmos que as linguagens e seus sentidos ganham uma inteligibilidade canhestra.

Os sujeitos históricos comunicantes se constituem na esfera das relações interacionais enquanto personas inseridas em uma política pública que se configura enquanto processo de “domínio/controlado”. Na ambiência digital, os meios se baseiam em uma falsa sensação de empoderamento e de apropriação dos dispositivos por parte dos jovens, caminho descrito por Sodré (2015) como a consequência da financeirização do ato comunicacional.

A circulação e seu processo atravessado na sociedade atua como uma nova arquitetura e ordem estabelecida. A midiatização e seu movimento dependem de três condições essenciais: uma de produção, a segunda de circulação e a última que se realiza na recepção, pois os objetos-signos necessitam de um dado leitor-interpretante que possa “nomeá-lo” e referendar seus sentidos. Esse esquema funciona sob a lógica do ator social que aciona os meios e esses mesmos meios acionam outros atores sociais. Essas múltiplas evocações são permeadas por um intenso fluxo de acoplamentos e defasagens discursivas.

2.1.2 Midiatização da sociedade: do caos aos objetos imersos nos processos comunicacionais

Ao realizar este movimento analítico, pretendemos destacar que, diante da emergência da midiatização, há o tensionamento de duas figuras contextuais: do campo da comunicação representada pelos meios e, outra, do campo midiático que abarca nesta esfera os sujeitos e os sentidos postos em circulação, contudo, afetados pela intensa defasagem nos discursos. A midiatização é a mediação que ocorre por vias tecnológicas, em que os graus/potências foram alargados por uma espécie de reconfiguração da ecologia comunicacional do bios midiático (SODRÉ, 2002). Tal processo é considerado como uma espécie de chave hermenêutica para explicar como o indivíduo/sociedade se percebe a partir do fenômeno da mídia (GOMES, 2006), onde o material e o simbólico se fundem em um processo-síntese da dialética do sujeito e de seu objeto posto no fluxo.

A tecnologia abarcada nos dispositivos integra uma ambiência que trabalha na construção dos sentidos, induzindo uma forma de organização social, mesmo que simulada. O ordenamento ético está essencialmente ligado a esse processo de midiatização do social, significando uma nova forma de “(...) estar e de ser no mundo” (GOMES, 2006). A vida cotidiana é regrada e organizada pelos sistemas de informação que foram desenvolvidos e estruturados tecnologicamente.

A padronização evidencia a tese de uma sociedade em crise, cujas replicações, ações e integrantes atuam de forma coordenada, assumindo um caráter cênico. A percepção autopoiética da vida e de seus conteúdos é a potência e engrenagem dos sistemas dos meios midiatizados, pelos quais os contratos são reformulados e as rotinas produtivas e do trabalho decidem de forma automatizada o que esta oferta enunciada deve receber dos meios. Internamente a esse processo, Luhmann (2005) diz que a resistência pode emergir como um problema de consciência do objeto, eis que a problemática da comunicação é que os próprios meios produzem “resistência contra si mesmos” (LUHMANN, 2005, p. 147).

Dessa vertente, uma nova questão deve ser tratada pelos pesquisadores, pois Luhmann (2005) sinaliza que a Pesquisa Social Empírica pode ser uma possibilidade de verificação ou falsificação de teorias. “Em documentos para decisões em política e em economia ou mesmo na correção de estereótipos que se desenvolveram e se fixaram por meio das próprias notícias e reportagens (...) a intenção de tornar visíveis as alterações”, ou aquilo “que escapam dos meios de comunicação” (LUHMANN, 2005, p. 148). Mesmo que o campo de análise dos materiais esteja baseado em um sistema operacional fechado (E-M-C-R), o método apresentado pelo construtivismo operacional nos permite analisar como os recursos são disponibilizados de forma específica, pois:

A realidade e de como é utilizada como experiência de resistência em todos os lugares onde se formam sistemas autopoieticos operacionalmente fechados e assim também na área dos meios de comunicação. O resultado talvez mais importante dessas reflexões é que os meios de comunicação produzem de fato a realidade, mas não uma realidade que precisa ser consensual. (LUHMANN, 2005, p. 151).

O método apresentado por Luhmann (2005) pretende exemplificar como as processualidades e os efeitos ocasionados pelos dispositivos de acesso contribuíram com o efetivo melhoramento dos acoplamentos e dos novos sistemas de recepção.

Ao tensionar as relações envolvendo as territorialidades e sua relação com os sistemas sociais observamos que não são os territórios (físicos e/ou digitais), ou os costumes/tradições que se separam, diferenciam e criam a sociedade com suas redes, mas é a sociedade, enquanto formulação de comunicações/mediações/tecnologias que passam a produzir, reproduzir e impulsionar as divisões dentro dela. Em nossa pesquisa, as contradições se expressam entre incluídos e degradados, dentro e fora do território físico e digital.

A tecnologia se converteu nas esferas culturais e sociais, produzindo, por consequência direta, a razão política (BARBERO, 2004) pensada no bem comum que se transmutou em potência, cujos efeitos não podem ser mensurados de modo preciso. Desse cenário, o mundo intelectual vê a atualidade como um campo de incertezas. A técnica passa a reger um preceito descrito pelas ações da tecnicidade, do “saber/ser”. Nesse espaço, a tecnicidade criou um campo nebuloso, encoberto e o desvelar desta cortina de fumaça depende da forma como são pensadas as relações entre a ciência e a técnica, pois demandam processos de análise para “além da episteme humana”. A atual conjuntura dos processos midiáticos exige um outro tipo de construção da verdade, decodificando os números binários e daquilo que é visível e sensível. A *bios* se realiza através das simulações sinópticas de computador.

Nessa ruptura do espaço/tempo, do sinóptico digital, os acontecimentos e experiências não se fixam ou se “cristalizam em duração”. Essa característica efêmera das materialidades faz com que elas não possuam potência necessária para solidificar as informações no tecido social. A retórica acionada nos meios digitais pertence a categoria do tempo presente que se replica e busca se fixar enquanto processo de referência discursiva. O caldeirão contextual, expresso na articulação do binário, não permite evidenciar em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação do poder, e nem se pode visualizar o que há por trás do conteúdo e do sentido da mensagem posta em circulação.

A comunicação, na condição de linguagem/gramáticas e protocolos de interação faz parte da autopoiese do sistema social, os neófitos (jovens quilombolas) aprendem com a “comunicação para se tornarem sociáveis e para que possam participar do processo social, que já existe quando chegam” (LUHMANN, Niklas. apud Hoerster D, 2006, p. 264).

Assim, a midiaticização se constitui enquanto campo de batalhas políticas, expressas pelas contradições entre o poder sistêmico e o mundo da vida. Este domínio é atribuído à estratégias que se apropriam dos meios, forças estas, políticas, institucionais, técnicas, comunicacionais, amparadas por uma engenharia complexa de produção e de suas múltiplas operações discursivas com seus produtos/imagens ofertados e postos em circulação.

2.1.3 Zonas de passagem e afetações: redes que ligam e fraturam o tecido social

Uma das operações dos processos de midiaticização são as iniciativas de articulação das políticas públicas. A pesquisadora Imma Tubella (2005) analisou os efeitos da transição da sociedade dos meios, da era televisionada das informações até as redes de informação via computadores. A autora destaca os movimentos específicos e canhestros nos processos sociais. Para tanto, Tubella (2005) evoca Thompson (1997) para compreender uma das consequências desse movimento:

(...) as tecnologias digitais transformaram a organização espaço-temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, novos modos de relação social e novas formas de relacionamento com os outros e conosco. As novas formas de interação social favorecidas pela Internet obrigam-nos a reconsiderar o significado dos conceitos de comunidade e identidade. O enorme impacto da Internet na expressão e percepção das identidades sociais é relativamente clara: expande as esferas culturais e as fronteiras geográficas e permite a comunicação de ‘muitos para muitos’. (TUBELLA, 2005, p. 179).

Ao descrever esta característica, a autora nos ajuda a pensar na transição de uma sociedade dos meios para uma outra vinculada às redes. Nesta, o processo tentativo do digital

ocorre à medida em que a liga social dos indivíduos incluídos na era da internet faz com que os usos simbólicos e identitários do homem sejam traduzidos para os meios e, com isso, oferece ao algoritmo novas e outras formas de “ser e estar” no mundo direcionadas para determinados grupos sociais.

Sobre essa a forma de “emolduração” dos indivíduos, Tubella (2005) afirma que:

(...) a Internet influencia a construção da identidade individual. Isto, na medida em que os indivíduos confiam cada vez mais nos seus próprios recursos para construir uma identidade coerente para si mesmo, num processo aberto de formação do *self* enquanto projeto simbólico, através da utilização dos materiais simbólicos disponíveis. (TUBELLA, 2005, p. 280).

Outro desafio revelado pela autora consistiu em dizer que, o processo de digitalização da vida é um “processo em aberto (...) em que as pessoas se foram adaptando aos novos materiais simbólicos (...), mas bastante mais difícil para as coletividades cuja tendência é manterem-se alicerçadas nos valores tradicionais” (TUBELLA, 2005, p. 280). Essa abordagem, segundo Thompson (1997), é explicada pelo conhecimento “não-local” a ser apropriado pelos indivíduos localizados em espaços específicos restritos, a exemplo da comunidade quilombola. Essa configuração específica nos perfis fala do processo de formação do *self*, sua condição de indivíduo ou representação enquanto coletividade está cada vez mais dependente do acesso às formas mediadas de comunicação.

A política de inclusão digital, ao inscrever e ascender os sujeitos às esferas e lógicas das redes, provocam zonas de fraturas sociais. Ao pensar nas afetações sobre tais práticas, observamos nos esforços de F. Rui Cádima (2014), que analisou a convergência dos dispositivos e a confluência tecnológica nas interações sociais. Os dispositivos e plataformas possuem a crença de que a condição humana na atualidade está atrelada ao *human digital* ou na existência intrínseca da vida humana sob o formato digital, e não aos acoplamentos resultantes das desconexões, a exemplo do observado, relativo aos jovens quilombolas.

O debate sobre as duas estruturas e a ocorrência destes “dois tempos e dois dispositivos” transcorrem por uma transição da oralidade, baseada no território para a escrita nos dispositivos e sua codificação para os *bits* da ambiência digital. A Galáxia de Gutemberg busca alcançar uma genealogia da comunicação e responde parcialmente às atuais demandas desses rastros, afetações e atualizações ocasionadas pela vida humana digital (*human digital life*).

A passagem e transição da oralidade para a escrita se articula como uma “separação (*decoupling*) entre interação e comunicação”. Cádima (2014) reconstrói uma processualidade

e configuração de método, percebendo que, para seguir os passos e rastros do digital, o ato de comunicar algo vai além da exposição/do colocar em oferta, ou seja, essa ação não significa uma intenção direcionada e exclusiva “do informar algo para alguém”. A respeito desse ato informacional, Cádima (2014) esclarece que, mesmo na ocorrência de rupturas importantes do processo comunicacional, a linguagem escrita foi capaz de integrar simultaneamente dois tempos/dispositivos/superfícies e plataformas, atuando em diversas frentes no “processo tecnológico-simbólico”.

Essa divisão da escrita em dois momentos, da superfície material impressa às plataformas digitais, nos questiona a partir do empírico, indagar sobre quais lógicas e afetações surgiram desde o telefone fixo (do “orelhão”) público à internet via satélite em alta velocidade, que passou a dinamizar processos outros na comunidade quilombola. Neste frenesi tecnológico, Cádima (2014) afirma existir uma

(...) possibilidade do processo de digitalização ser uma espécie de remediação não-linear, sem retorno, esbatendo e anulando progressivamente a diferença entre os meios clássicos face, nomeadamente, à constituição de interfaces que integram os processos e dispositivos de enunciação, de armazenamento e de difusão da informação. (CÁDIMA, 2014, p. 267).

O autor esclarece ainda que, mesmo diante de uma possível “anulação progressiva da diferença”, a nova tecnologia empregada nos dispositivos e plataformas, a exemplo do *Facebook*, faz surgir uma “emergência da esfera pública burguesa”, de ordem disciplinar e regulatória dos modos de “ser e existir” no mundo. A lógica desse algoritmo passa a tensionar e gerar campos de disputa entre o que permanece e o que se ‘apaga’ da memória dos fluxos.

Estes jogos e campos de interesses passam a “gestar” no *Facebook* uma clara ruptura do sistema de mediação “*face-to-face*”, imperativo este, já deslocado naquele espaço permeado por lógicas não-lineares de enunciação. Nesse processo e dinâmica cibernéticos, observamos a rápida expansão e “fusão entre fisiologia e tecnologia da informação” (CÁDIMA, 2014, p. 268). O campo de disputas por sentidos é uma problemática que diz respeito à “dois ecossistemas – do dispositivo midiático para o pós-midiático, da comunicação unívoca para a comunicação ubíqua, e, de certo modo, algorítmica” (CÁDIMA, 2014, p. 269).

O teórico Manuel Castells (2005) adverte que, “(...) difundir a Internet ou colocar mais computadores nas escolas, por si só, não constituem necessariamente grandes mudanças sociais. Isso depende de onde, por quem e para que são usadas as tecnologias de comunicação e informação” (CASTELLS, 2005, p. 18). Esta forma e os usos acelerados das TICs nos diversos setores e aplicações no cotidiano fazem menção ao “grande hiato entre conhecimento

e consciência pública, mediada pelo sistema de comunicação e pelo processamento de informações dentro das nossas ‘molduras’ mentais”. Em relação às “molduras mentais”, às quais se referem Castells (2005), descrevemos a ocorrência das tensões e distensões em que o cognitivo do sujeito conectado realiza suas negociações e trocas nas redes.

Quando Cádima (2014) fala sobre o processo de trocas entre sistemas sociais, ele afirma ser consequência do processo de remediação, onde o “velho” sistema/meio serve apenas como base e superfície para o “novo” percorrer e deslizar. Essa ação objetiva visa dirimir os atritos da “superfície” em torno da melhor estratégia de difusão do ato “comunicacional”. O ponto destacado por Cádima (2014) fortalece a problemática da pesquisa ao situar possíveis afetações no meio *Facebook* em uma comunidade tradicional, evidenciando o que estaria “não evidente” nas ofertas postas em fluxo. Interessante perceber, neste caso, como os jovens quilombolas acionam estratégias de “remediação” como um denominador comum para a transposição de superfícies e marcas presentes entre as dinâmicas temporais, a serem apresentadas no quarto capítulo da tese.

Nessa linha de pensamento, observamos como a política pública de inclusão digital do Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão (GESAC) tensiona e passa a controlar os fluxos e “a tensão entre uma Internet aberta, neutra e colaborativa e uma Net controlada pela indústria é um ponto de fratura na temática da convergência” (CÁDIMA, 2014, p. 272). O Governo Federal, em nível institucional, sabe o que e por onde os jovens quilombolas estão navegando para poder assim, “controlar cada vez mais o que cada cidadão pode ou não fazer com a cultura e a criatividade nas redes” (op. cit., 2014, p. 272). O problema da informação resultaria dessa possível “transparência” que emerge das redes e passa a ocultar fraturas expostas e seus possíveis conflitos.

O cenário apontado descreve como os “novos dispositivos técnicos consagraram (...) uma conversibilidade do humano” (op. cit., 2014, p. 274). Os processos acionados pelos atores sociais dizem respeito, no caso do *Facebook*, se o meio pertence ou não a uma esfera onde informações pessoais (critérios, desejos, experiências) são partilhados de forma igualitária e armazenadas para a construção de um novo tipo de panóptico, em que

(...) os agregadores de informação e os algoritmos dos novos intermediários digitais são tipicamente depositários de toda a ‘pegada’ digital de um determinado utilizador, mesmo um simples ‘like’, ou melhor, os rastros dos nossos ‘likes’, é informação que pode expor, de um modo jamais imaginado, a intimidade, o ser do utilizador. Estaríamos assim já sob o espectro de um *panopticon* na temporalidade. (CÁDIMA, 2014, p. 274).

Nesse controle, apesar de ser uma condição intrínseca da máquina/do algoritmo, temos a possibilidade “do apagar da nossa pegada digital, quando e onde o queiramos” (op. cit., 2014, p. 275), entretanto, esta ação exige do usuário da plataforma digital, uma expertise para poder “frear”/ou selecionar quais tipos de informações poderão ser coletadas ou não. Ao descrever os processos de controle, Cádima (2014) menciona que os novos intermediários da narrativa digital (*Google, Facebook, Yahoo*) atuam fortemente para a replicação dos “filtros bolhas”, uma vez que o algoritmo do sistema “dá prioridade à informação mais acessadas pelos utilizadores” (op. cit., 2014, p. 275). Isso favorece o discurso homogêneo, único. A pluralidade das vozes, ideias e opiniões fica em um segundo plano, e os sentidos são construídos por meio da replicação mais acessada e “recomendada” naquele dado momento de acesso.

Destes sentidos enunciados pelos produtores, a inteligibilidade da máquina “compreende parcialmente” esta incompletude que é inerente à sua natureza binária. Assim, a máquina subjuga o que deve ou não permanecer preservado, a exemplo do recurso do “Lembranças no *Facebook*”. O jovem, ao ser confrontado com uma imagem do passado, sem técnicas de edição dos recursos de embelezamento, é confrontado à uma “obrigação” de excluir ou não aquele registro/oferta, muitas vezes, a única materialidade disponível.

Figura 10 – Acionamento dos recursos das lembranças-memórias no *Facebook*

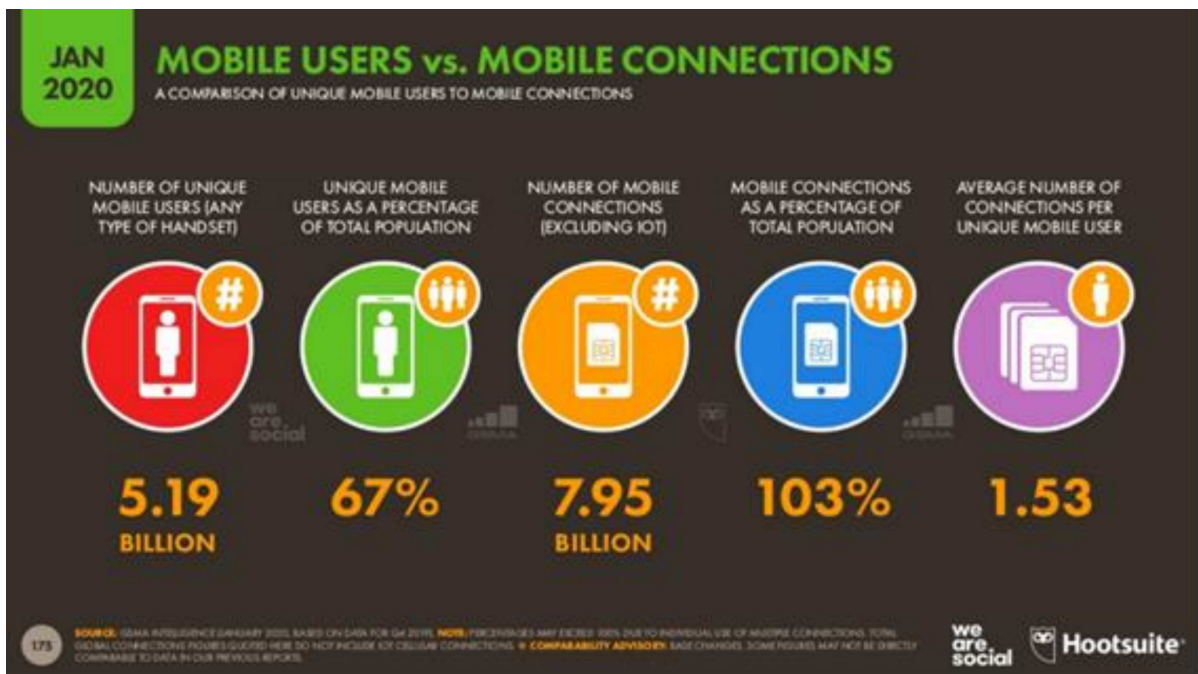


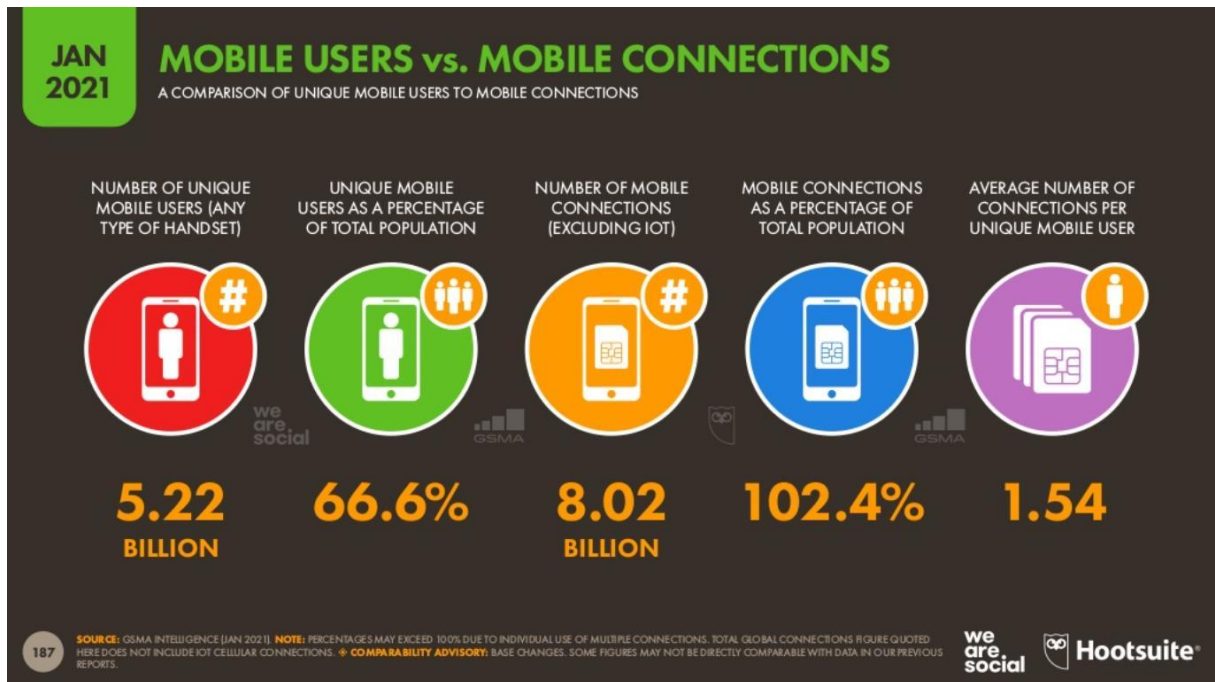
Apresentação dos acionamentos dos recursos de memória e das lembranças do *Facebook*. Em ambos os episódios as jovens resgatam episódios anteriores extraídos da linha do tempo e republicados nos *Stories*, postagens extraídas em 04/08/2019 e 11/08/2019.

Fonte: Arquivo do autor, 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Ao concluir seu raciocínio e conceituação sobre as fraturas do digital, Cádima (2014) adentra na temática das subjetividades humanas, relacionando “o excesso de interação tecnológica levar a um déficit de atenção amorosa (...)”. Em nosso estudo de caso, as partilhas na rede pelas jovens quilombolas expressam uma espécie que chamamos de “sentimentos em oferta”, e que faz parte deste movimento perambulante do que permanece e o que se exclui no *Facebook*, movimento de perdas e recomeços.

Figura 11 – Número comparativo global entre usuários de celular e de conexões móveis





Entre 2020 e 2021, o número de usuários que possuem um único dispositivo móvel passa de 5.19 para 5.22 bilhões de usuários em todo mundo. Já o número de conexões ultrapassa 8 bilhões de usuários, dados estes, incluindo os dispositivos que possuem a tecnologia “*dual sim*”, ou seja, a capacidade de dois números em um mesmo aparelho.

Fonte: We Are Social. Disponível em: <https://bit.ly/39vo09q>. Acesso em: 01 março. 2021.

Em razão disso, a plataforma busca resolver o problema construindo uma arquitetura apta para criar uma atmosfera em que “os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contatos e são social e politicamente mais ativos do que os não utilizadores” (CASTELLS, 2005, p. 20). Essa afirmação deixa claro que, ao vincular a imagem do internauta a um sujeito ativo, participativo e crítico das redes, algo parece bastante contraditório. Nesse sentido, há estudos apontando para um aumento súbito de jovens que estão conectados ao “hiperespaço”. Estudos datados de 2016² pela Universidade de Chicago, neurocientistas revelam a ocorrência de uma eclosão do fenômeno da solidão entre jovens, observando se tratar de um mal e questão de saúde pública, como vem ocorrendo na Dinamarca e Reino Unido. A matéria publicada no Uol Tab³ em março de 2020, revelou que, para o ano de 2040 estima-se que 50% da população passe a viver uma vida solteira/solitária ou *single*.

As lacunas do processo são inevitáveis porque as lembranças, seus imagéticos excluídos ou deletados por não se situarem na nova roupagem estética do meio acentua a

² CACIOPPO, John; Stephanie. **Solidão, uma nova epidemia**. El País, 13 de abril de 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3r0T2vL>. Acesso em: 06 ago.2020.

³ UOL TAB. Solidão já é tratada como epidemia no mundo e impacta até na política. Disponível em: <https://bit.ly/2LZdoXr>. Acesso em: 19 ago. 2020.

sensação de efemeridade, que pertence a uma ordem mais complexa, onde o usuário não mais consegue mensurar as consequências do apagamento dessas representações. Uma condição levada adiante pelo dispositivo é o seu sentido a partir de seu símbolo enquanto condição de status social, condição bastante latente conduzida por uma indústria que reintroduz pequenas modificações e funcionalidades, agregando “mais-valia” ao dispositivo e ao acesso exclusivo quanto ao uso de novos recursos, técnicas e filtros digitais.

2.2 De Onde Vim e para Onde Vou: O Jovem Quilombola nas Redes

Neste tópico iniciamos reflexões sobre as referências e modos pelas quais as primeiras ofertas disponibilizadas pelos jovens quilombolas do Matão sinalizavam para uma abertura/ascensão de enunciados autorreferenciados na própria comunidade, apresentando a vida em família, o espaço geográfico com seus eventos/vivências comunitárias que, gradativamente, foram se encaminhando em apropriações, enquanto estratégias. Os contatos com as afetações do meio *Facebook* passaram então, a espelhar sentidos outros, de “idas e vindas” na circulação do meio *Facebook*.

O jovem quilombola, ao ser inserido na dinâmica canhestra do *Facebook*, nos jogos de disputa por reconhecimento e pela visibilidade deste “eu” quilombola, transpôs para superfície binária/virtual (do “se”...“então”), lógicas e esquemas de representação advinda das superfícies do local comunitário (ambiente). O aprimoramento da técnica via dispositivos com o uso de filtros, enquadramentos e apreensões da linguagem própria daquele meio geram não apenas imagens digitais mas, representações simbólicas que estão em disputa, tensão e disrupção no meio *Facebook*.

Os observáveis imersos nas lógicas do referido meio traçam caminhos próprios, onde os rastros-atualizações demonstram “inferir lógicas em vias de constituição-experimentação de processos, tentativas sociais de elaboração de dispositivos e de circuitos – ou seja, para capturar, ainda em curso de desenvolvimento, o que chamamos de ‘invenção social na e pela comunicação” (BRAGA, 2017, p. 64).

Os jovens quilombolas parecem transitar entre processos de hibridização, perambulando entre fronteiras campo-cidade complexificando os fazeres identitários, formas e modos de interagir com o “outro” em rede. Os sentidos se constituem na condição de expectativas que se reproduzem desta relação entre o indivíduo (vertido no pertencimento, vinculação do sistema/subsistemas e o ambiente) e os modos pelos quais o psíquico atua em

mobilizar a diferenciação por meio de operações construídas pelos sistemas sociais, representado na forma de conjunto de operações de comunicação.

Esta invenção social diz respeito a distinção das atividades realizadas pelos sujeitos na rede social, os quais são fatores que interferem na dinâmica de interação entre os indivíduos – “homem e máquina; homem e a rede; homem e o outro conectado em rede”. Um dos desafios que acompanham a análise destes fenômenos é a ocorrência de um “esquecimento da história social recente”. É que, a memória social no meio digital é ocultada/silenciada pela forte presença desses conteúdos exógenos e replicantes, onde ocorrem as perdas de sentido que são uma característica marcante, a tônica da ambiência digitalizada da vida.

2.2.1 Da plataforma aos sujeitos: representações emergentes na linha do tempo do *Facebook*

A compreensão do fenômeno da “fixação” das representações na “linha do tempo do *Facebook*” pode ser considerada uma espécie de projeto político e emancipatório nas redes? Ao iniciarmos este tópico com uma pergunta, a pesquisadora inglesa Natalie Felton (2018) nos auxilia na compreensão, pois essas mesmas redes “(...) não possuem uma essência libertadora ou um caminho essencial para uma abertura democrática” (FELTON, 2018, p. 56, trad. nossa). As bandeiras da democratização são uma utopia construída sem que haja uma arquitetura que forneça suporte para sua universalidade, tornando iguais os interagentes. A materialidade da ambiência digital e de seu maquinário (cabos, conexões, eletricidade) se apresenta como uma nova disputa e competitividade entre nações e Estados Nacionais pela busca do mais aprimorado *know-how* de meios para captação de dados e de narrativas pessoais, o *Big Data* se torna o *big boss* da vez.

Para melhor entendimento do fenômeno, Gabriela Seganfredo e Daniela Chatelard (2014) analisam as contribuições de Lacan para compreender este fenômeno como o “êxtimo”, que aparenta uma centralidade nas ações humanas nas redes sociais. Para a Psicanálise, o “êxtimo” é uma conjugação do “íntimo com a exterioridade radical” (CHATELARD; SEGANFREDO, 2014, p. 62) onde, as “Coisas” íntimas são espelho deste mundo externo que se apresenta na condição de guia ou devir do sujeito. Segundo as autoras, a êxtimidade é uma “ferida narcísica” do inconsciente humano, onde Lacan questiona “Quem é esse Outro o qual este ‘eu’ é mais apegado do que a mim mesmo?”. A resposta reside no inconsciente que se modela ao discurso deste Outro.

Nesse ponto, refletindo o nosso estudo de caso, esse “Outro” passaria a atuar no campo da recepção configurando ações e conferindo sentidos ao que está posto em oferta.

Esse êxtimo necessita ser chancelado pelo “Outro” que, muitas vezes, revela-se na figura de uma *outrem*/fora das relações territoriais e sociais da comunidade quilombola.

A superexposição do êxtimo é uma tentativa do sujeito em dirimir os efeitos da separação, que se enquadra no que Chatelard e Seganfredo (2014) afirmam:

É importante destacar que este Outro ou este próximo que promoverá a ação específica não é um outro qualquer, não é um outro semelhante, mas além que possui um diferencial, que já está submetido ao simbólico. Portanto, o corte simbólico, esse próximo, autor da ação específica. (CHATELARD; SEGANFREDO, 2014, p. 64).

As autoras colaboram para pensarmos em uma modelagem criada no mundo das ideias e apropriada, tentativamente, pelo algoritmo, o que nos leva a questionar: “Qual é a modelagem externa, originária do mundo das coisas, que passa a transpor as representações destes jovens negros quilombolas?”

Mairê de Miranda Vaz (2015) aponta que, esta entrada no objeto, passa a ocorrer quando pensada na “visibilidade mediática em uma época caracterizada por sua liquidez e espetáculo, seja imperativa: as pessoas são impelidas a se mostrarem” (VAZ, 2015, p. 11). Os encaminhamentos suscitados pela autora reconstróem importantes conceitos que direcionam para a compreensão do fenômeno em curso, pois segundo

Zigmunt Bauman (2001b), Guy Debord (1997) e Richard Sennet (2006), ao estudarem esta época denominam-na de “sociedade líquida”, de “sociedade do espetáculo”, de “sociedade do novo capitalismo” (...) projeto de atualidade parece ter se excedido ou não mais ser capaz de propor soluções para os problemas que assolam a humanidade (...) padronização e comportamento, que reproduzem explicações prontas e definidas, nem sempre questionadas ou discutidas, aceitas com “naturalidade”, levando-os ao imobilismo ou à estupefação. (VAZ, 2015, p. 14).

Os comportamentos reproduzidos e autoafirmados pelos interagentes estão atrelados aos interesses da sociedade do consumo fluído e das representações espraiadas em rede. O imagético enunciado caracteriza-se pelo status de “mercadoria, portanto, pode ser tangível ou intangível, um bem de consumo ou de serviço; é tudo que se produz como fruto de trabalho (...) o valor de uso tem sua base em sua função, sua utilidade, suas qualidades” (VAZ, 2015, p. 20).

Neste entendimento, as curtidas, comentários e compartilhamentos acionam e agregam valores nos quais as trocas resultantes desta negociação se estabelecem enquanto potência de “mais valia”. É o engajamento como resposta e elemento dinamizador da circulação em rede. Ao fomentar uma seleção de imagens que são consumidas tanto na linha do tempo como no recurso do *Stories* no *Facebook*, a diversidade simbólica permanece restrita e convergente em

uma única imagem/pose/enquadramento que é levado adiante. Bauman (2008b) é importante porque seu pensamento permite perceber que este “fetichismo da subjetividade, o hábito é o de ocultar a realidade demasiado modificada da sociedade de consumidores” (BAUMAN, 2008b, p. 26 apud VAZ, 2015, p. 24).

A alta exposição dos jovens é explicada pelo acúmulo “da fala” ao longo dos anos silenciados no interior da comunidade. As relações quando são expandidas pela rede ganham novas e outras proporções, porém, a liberdade e sua respectiva intimidade, códigos de conduta e de convivência continuam pertencentes “*in off*” a uma coletividade.

O quadro apontado por Vaz (2015) descreve uma fragmentação, diluição das personas, contudo, “(...) as redes sociais *online* surgem justamente para despertar este desejo latente e absoluto de sobrevivência” (VAZ, 2015, p. 55). Dessa assertiva, o pensar/agir nas redes é um “(...) desejo de extimidade, que é uma forma de afirmação, de confirmação da própria existência, depende da satisfação do desejo de intimidade” (VAZ, 2015, p. 56). Esse movimento de exposição atua como um processo de “autoafirmação”, de esperança na existência de espaços de reconhecimento no ambiente físico e digital.

2.2.2 “Ser ou não ser” quilombola: o problema da interação em rede

A autoexpressão do “eu” através das plataformas das redes sociais pode se tornar uma “ferramenta de resistência e manutenção de uma autonomia comunicativa” (CASTELLS, 2009, p. 141). Essa citação trazida pelo autor e evocada por Mágda Cunha (2013) colabora para a percepção das narrativas e memórias perdidas pela “ausência daquilo que passou (...) uma superfície de projeção, fixações constituem procedimentos de esquecimento” (CUNHA, 2013, p. 116). As narrativas e os enquadramentos são retroalimentados pela memória compartilhada por cada membro da comunidade. Essas redes atuam na condição de

(...) plataformas tecnológicas para narração compartilhada são recursos que podem estar inseridos para proporcionar a inclusão narrativa, com base em tecnologias móveis. (...) os indivíduos tornam-se mais distraídos quando seus referenciais de tempo e espaço começam a ser atropelados pela industrialização, pela modernidade”. (CUNHA, 2013, p. 117).

No cenário moderno e tecnológico, Cunha (2013) revela que a ambiência digital “(...) serve ao princípio de uma sociedade pós-industrial, com valores individuais desenhados (...), na sociedade pós-industrial todos os cidadãos podem construir seu estilo de vida e selecionar suas ideologias a partir de um grande número, não infinito, de escolhas” (CUNHA, 2013, p.

118). Ao analisar como as informações enunciadas na linha do tempo e sua fixação descrevem registros e estratégias de conservação da memória, que acionam os meios e suas estruturas internas, recorreremos ao pensamento da teórica holandesa José Van Dijck (2013) que descreve a ocorrência de uma disputa de sentido entre usuários, empregados (do *Facebook* e cooperados terceiros) e da plataforma (algoritmo/inteligência artificial) no controle das identidades on-line.

Para Van Dijck (2013), o *Facebook* formula mudanças na plataforma para fomentar e alinhar princípios da conectividade e da narrativa em um único espaço. A autora sustenta que a audiência por meio da autopromoção incorporou outras estratégias ao que é enunciado nas redes, “os proprietários corporativos de sites (redes) mudaram o foco para a construção de plataformas de interação, monetizando a conectividade por meio de uma maximização do tráfego de dados entre pessoas, coisas e ideias (VAN DIJCK, 2013, p. 200, trad. nossa).

Van Dijck (2013), ao discutir as estratégias das plataformas em promover este “eu” virtual/online e de converter em um produto padrão a ser negociado entre usuários, diz que “uma característica da estratégia de personificação dos sujeitos ao analisar as plataformas, observa-se como a interface tecnológica promove uma autoexpressão inconsciente quando também habilitamos a autopromoção consciente” (VAN DIJCK, 2013, p. 201, trad. nossa).

A autora entende que os algoritmos ativam o maior número de conexões possíveis, embora os usuários ainda não estejam cientes dos efeitos que estas escolhas/possibilidades têm sobre eles. Enquanto os usuários constroem conscientemente seu próprio perfil, os proprietários das plataformas e investidores coletam dados e comportamentos sem que os usuários estejam cientes disso. Uma dessas inferências é a constituição de um “sistema algorítmico de resposta” na plataforma do meio *Facebook*.

Van Dijck (2013) afirma, ainda, que a plataforma *Facebook* em 2009 transformou a auto apresentação de seus usuários em algo vendável, produto a ser configurado para ser consumido pelos e entre usuários da rede social. A mudança ocorreu quando o “*Facebook*” percebeu que sua plataforma “servia” apenas como um ponto de referência para que os usuários postassem “coleções de coleções” de suas vidas. Ou seja, narrativas e histórias de vida que não podem ser convertidos em dados brutos e, por isso, necessitam passar por uma “codificação” que facilite a apreensão dessas informações pela inteligência artificial por trás da engenharia social.

Esta modelagem do meio ganha forma e contornos em setembro de 2011. O novo desenho da “Linha do Tempo” da plataforma *Facebook* inaugura o conceito do “tudo o que

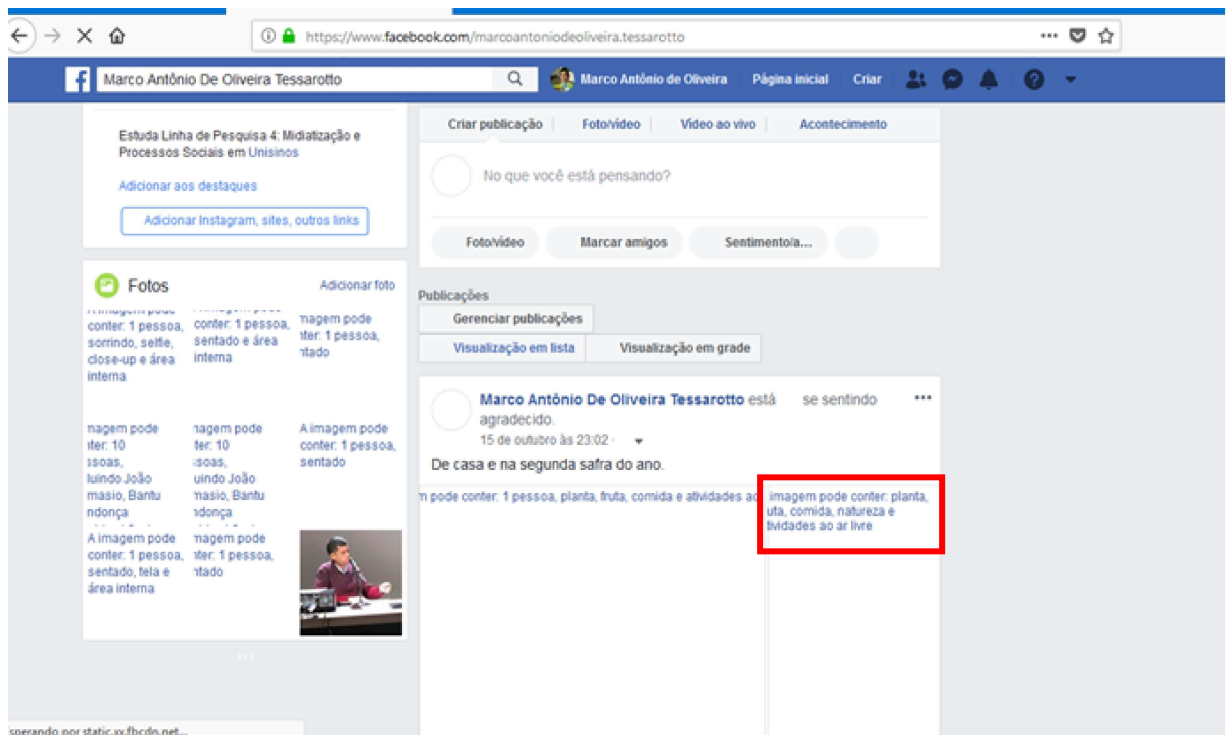
você precisa está aqui”, suas postagens, apps, fotos/vídeos. José Van Dijck (2013), assim observou que

A nova linha do tempo é muito mais do que um novo e chamativo recurso de interface: é uma revisão completa da arquitetura que inteligentemente disciplina seus usuários para ajustar/combinar sua auto expressão, neste caso, memória -emoções da autopromoção em um formato uniforme e organizado como uma biografia narrativa. (VAN DIJCK, 2013, p. 204, trad. nossa).

Esse sistema e modelagem é uma tentativa mais ampla de vincular a expressão do “eu” e da autopromoção enquanto estratégia de visibilidade. A linha do tempo e as dinâmicas da “memória-emoção” deste “eu” e da auto promoção combinaram outros e novos esforços do ator social, no sentido de se manter visível por mais tempo possível nas múltiplas telas e em distintas linhas do tempo do *Facebook*. Após 2011, os usuários passaram a se esforçar mais, as narrativas digitais estão conectadas às pessoas e, as pessoas aos produtos, vontades e desejos disponibilizados pela plataforma.

Para Van Dijck (2013), a estrutura e a linguagem passam a se articular a partir das narrativas. Para ela, por trás dos perfis, imagens, mensagens, rastros simbólicos estão os dados e a mineração conforme extração abaixo.

Figura 12 – Captura de tela do navegador *Mozilla Firefox* com vazamento da plataforma



Na extração datada de 19/10/2018, a inteligência artificial do meio *Facebook* é revelada. Em um dos enunciados (à direita) temos o seguinte vazamento do algoritmo: “imagem pode conter: planta, fruta, comida, natureza e atividades ao ar livre”

Fonte: Do autor, 2018.

A leitura e o conseqüente vazamento da inteligência artificial, J. Van Dijck (2013) descreve ser uma das formas de “padronizar as narrativas para massificar uma customização e personalizar seus mercados estratégicos” (VAN DIJCK, 2013, p. 206, trad. nossa). A presença das narrativas e o grau de resposta e de engajamento dos atores sociais sinalizam para o algoritmo a quantidade de validação e de influência que um determinado usuário, com sua postagem, exerce sob um coletivo de sujeitos. Com isso, podemos afirmar que estão em curso na atualidade, duas urgências adotadas pelo modelo de negócio do *Facebook* que são, respectivamente, a “conectividade/disponibilidade e as narrativas. Estes dois importantes princípios com os quais as plataformas e companhias solidificaram seus ganhos econômicos e simbólicos” (VAN DIJCK, 2013, p. 207, trad. nossa).

Sobre a força que impulsiona este meio, Van Dijck (2013) esclarece que “na teoria de Goffman, os sujeitos têm múltiplas necessidades de expressão, comunicação ou de “promoção”, refletindo diferentes personas e as necessidades locais/endereçadas” (VAN DIJCK, 2013, p. 211, trad. nossa). Esse devir das redes, em que se encontram os usuários do *Facebook*, contribuem para potencializar o capital social da empresa que se realiza pela máxima da apresentação performática do “eu” na rede social.

O processo de diálogo entre Cádima (2014) e Van Dijck (2013) articula duas lógicas inerentes ao processo de mediatização; as defasagens e fraturas ocasionadas no contato com os meios (CÁDIMA, 2014) são constantemente negociadas e dirimidas pelas ações dos sujeitos (VAN DIJCK, 2013). Nessa relação de tensão e distensão com os meios, os usuários acionam estratégias inventivas e criativas para a promoção deste “eu” em disputa por referencialidade nas múltiplas plataformas das redes digitais, o que iremos discutir no próximo tópico.

2.2.3 O *Facebook* na condição de rede interativa de sujeitos e coletivos

As reflexões descritas neste plano se inter cruzam para a construção das identidades e formas como os usuários foram inseridos em um programa de inclusão digital que, segundo Stuart Hall (2005), se trata da nova condição intrínseca do sujeito inserido em um mundo pós-moderno e atravessado pelas lógicas das digitalizações da vida.

Os jovens quilombolas em rede são sujeitos/pessoas constituídos a partir destas interações entre seus próprios sistemas psíquicos que passaram a observar outros sistemas psíquicos ou sociais conectados pelo meio *Facebook*. A complexidade do fenômeno ocorre pela combinação de graus de evolução e complexidade comunicacional. A complexidade

pertence a uma estrutura que se torna comparável a modelos de racionalidade conhecidos. Tais atravessamentos, da psíquico e os sistemas sociais exógenos às lógicas da comunidade (ambiente) passaram por processos de interpenetração expressos nesta relação do “ser humano” (psíquico/orgânico) em reciprocidade e dependência com sistemas sociais (comunicação).

Nesse processo, a presente pesquisa, ao se inserir na análise de uma lógica de ordem sistêmica, como no caso do *Facebook*, as construções de sentido induziram formas outras de organização social. Este ordenamento implementado na comunidade quilombola está associado a nuances inerentes a uma midiatização que gera esse sentimento e sensação de “ser e estar no mundo” (GOMES, 2016).

No cenário das redes, a vida cotidiana dos jovens nos espaços “físicos e digitais” passa a ser regrada e organizada em sistemas de informação estabelecidos por uma operação tecnológica-binária. A circulação impulsiona o meio e, este último impulsiona os usuários que passam a enfrentar as múltiplas afetações e os atravessamentos que transcorrem dos jogos de disputas entre produção e consumo dos enunciados. As disputas de sentido entre atores sociais ocorrem por meio do reconhecimento que articula processos objetivos (técnicos-enquadramentos) e sensíveis, pelo excesso de exposição das “representações íntimas” do “eu”.

A pesquisadora Natalie Felton (2018) afirma que “quanto maior é a rede de amizade, mais sobrecarga de informação passa a ser transferida para a Linha do Tempo de um determinado usuário, a mensagem ‘política’ se dissipa no caos e a força de mobilização se desprende” (FELTON, 2018, p. 185, trad. nossa). O processo social em conflito no âmbito comunitário é responsável pelo “desafio da construção de uma identidade coletiva simbólica com o grupo”. Quando as lógicas da coletividade se esfacelam, os projetos individuais entram em conflito, as defasagens aumentam e novos/outros produtos necessitam ser ofertados/reelaborados.

Figura 13 – Captura de tela com infográfico elaborado por programa parceiro do Facebook (*Quizstar.com*)



Na extração, o *Facebook* e sua plataforma terceiriza a captura de dados por meio de programas parceiros, a exemplo do *Quizstar.com*, disponível em: <https://pt-br.facebook.com/quizstarPortugues>. Acesso em: 06 ago. 2020.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A captura de tela acima retrata a montagem de um infográfico no qual “os relacionamentos mais próximos” da jovem quilombola são exibidos. Essa estratégia sinaliza para duas questões, a primeira é a simulação dos níveis de proximidade entre os usuários na plataforma, técnica esta, que afasta do usuário a problemática do meio frio, dos silêncios e “vácuos”. O segundo nível revela que a rede de “relacionamentos mais próximos” na ambiência digital é a mesma dos contatos físicos existentes na comunidade negra e de suas práticas sociais.

O empírico indica, tratar-se de uma tentativa de padronização canhestra da plataforma *Facebook*. Esse movimento é perceptível de forma mais contundente quando uma sociedade em vias de anomia interna e de disputas por referencialidades necessita de um ponto de equilíbrio. As ações e as performances realizadas pelos interagentes são afetadas por esta disrupção interna, que passa a assumir episódios e enunciados autopoieticos⁴ expressos em conteúdos ofertados ao meio.

⁴ O método apresentado por Luhmann (2005) pretende exemplificar como as processualidades e os efeitos ocasionados pelos dispositivos de acesso e os modos pelos quais contribuíram com o efetivo melhoramento dos acoplamentos, descrevendo como a engenharia de produção implementou novos sistemas de recepção, em

Este ato comunicacional mais amplo, baseado nas esferas das redes que afeta diretamente as estruturas dos campos sociais e, por consequência, os contratos de leitura, são reformulados e substituídos por rotinas produtivas automatizadas por um algoritmo incumbido de padronizar o que deve ser oferecido e/ou recepcionado, cancelado e/ou “ir adiante” na circulação no meio *Facebook*.

De fato, ao analisar as estratégias, usos e apropriações por jovens quilombolas percebemos uma

(...) emergência do individualismo em rede (enquanto a estrutura social e a evolução histórica induz a emergência do individualismo como cultura dominante das nossas sociedades) e as novas tecnologias de comunicação adaptam-se perfeitamente na forma de construir sociabilidades em redes de comunicação auto-seletivas, ligadas ou desligadas dependendo das necessidades ou disposições de cada indivíduo. Então, a sociedade em rede é a sociedade de indivíduos em rede. (CASTELLS, 2005, p. 22).

As estruturas de acesso/inscrição no meio constroem vínculos de afetividade através de uma gratuidade por parte do usuário. A produção/enunciação é transpassada pela problemática da mixagem, da replicação e “colagens” em múltiplas e híbridas superfícies. Como nossa pesquisa foi realizada em uma comunidade tradicional, levantamos considerações que permitem perceber como os “projetos individuais” dos jovens quilombolas passaram a ser afetados e atualizados em “valores definidos” por uma ambiência, valor este, afetado por um dado passado que gradativamente passou a espelhar conflitos de interesses dentro e fora da comunidade quilombola.

2.3 Do “Meio Frio” à Experiência Tátil: O Contato Inicial com a Ambiência

No presente tópico apresentamos o importante movimento que aborda a experiência do “meio frio”, advinda da sociedade dos meios para a vivência deste meio “quente e tátil”. Pedro Gilberto Gomes (2018) afirma que a mídiatização inaugura uma ambiência que atua sob a condição de uma nova e outra “inteligibilidade social”. Gomes (2018) ratifica que, os recursos digitais tornaram as relações tão complexas e ampliadas que a sociedade como um todo está em vias de mídiatização. Para ele, “as inter-relações recebem uma carga semântica que as coloca numa dimensão radicalmente nova (...), pelo qual os meios não mais são

que “a realidade e de como é utilizada como experiência de resistência em todos os lugares onde se formam sistemas autopoieticos operacionalmente fechados e assim também na área dos meios de comunicação. O resultado talvez mais importante dessas reflexões é que os meios de comunicação produzem de fato a realidade, mas não uma realidade que precisa ser consensual”. (LUHMANN, 2005, p. 151).

utilizados como instrumentos possibilitadores das relações pessoais, mas fazem parte da autocompreensão social e individual” (GOMES, 2018, p. 243).

A comunidade é composta por indivíduos cujo ambiente se realiza entre sistemas sociais (de comunicação), cujo processo de interação é o código destas condições estruturais de ordenamento entre possibilidades e expectativas. Deste trânsito, o *Facebook* na condição de meio dos meios gerencia o código binário, deste “sim/não”, “se/então” auxiliados por estes programas terceiros que oferecem condições/operações para dirimir os efeitos das irritações dos atravessamentos estruturais.

A inteligibilidade neste “sistema algorítmico de respostas” se articula em lógicas de “sobrecomunicação”, onde o meio “observa e aprende” o comportamento do jovem negro. Os programas terceiros acoplados são os espaços de difusão cuja função é a de ampliar os círculos, nichos de receptores, entretanto, ao analisarmos estes sujeitos e os meios de interação, mergulhados neste “tempo de turbilhão”, observamos uma gradativa redução do controle dos sentidos entre a mensagem produzida (ora pelos jovens quilombolas ou não) e as possibilidades de compreensão (destes enunciados) perderem sentidos, gerando espaços de incerteza.

Esse novo modo de “estar no mundo” e seu movimento de imersão, de ida às redes, é analisada por Manuel Castells (1999) como um endereçamento voltado para uma espécie de “privatização da sociabilidade”. Nesse caso, as lógicas objetivas das redes digitais contribuem para uma maior tentativa de controlar os fluxos, tendo em vista a pulsão vital das comunidades tradicionais possuírem e se encontrarem “desconectadas” desta digitalização da vida.

Nesse conflito de ações, os dispositivos interacionais ocupam um lugar privilegiado nas estratégias, usos e apropriações dos jovens quilombolas em episódios de interação e de compartilhamento entre os diferentes participantes conectados em rede, e que exercem tensionamentos e vigilância “em variados graus de qualidade, sucesso e valor (...). Essa tentativa a sociedade tenta viabilizar pelos processos disponíveis para atingir seus objetivos diferenciados, acionando elementos já compartilhados, produzindo mudanças de sentido, e tensionando o próprio dispositivo em uso”. (BRAGA, 2017, p. 68). As comunicações desenvolvidas entre e nos dispositivos interacionais são “modulados pelos contextos e processos instituídos (...), os processos desenvolvidos passam a incidir sobre seus contextos, modificando-os através de seus resultados e do fenômeno da circulação” (BRAGA, 2017, p. 70) na ambiência digital do *Facebook*.

Os comentários e curtidas que alimentam os sucessivos episódios interacionais em sistemas outros/extra na comunidade quilombola ocorrem pela “(...) apropriação de sentido daquilo que recebem ou captam, os participantes de um episódio podem pôr em circulação no espaço social sua resposta” (BRAGA, 2017, p. 71). A comunicação e as interações sociais fazem com que a “sociedade elabore – através das tentativas comunicacionais de criação, de ajuste e de aperfeiçoamento – processos mais ou menos reiterados de conexão e de tensionamento entre diferentes tipos de episódios, desenvolvendo assim lógicas articuladoras entre os dispositivos interacionais acionadores da circulação” (BRAGA, 2017, p. 72) atuando na condição de audiência e engajamento nas enunciações.

O pesquisador argentino Mario Carlón (2012) afirma que são os sujeitos e não os meios *broadcast* que decidem quais discursos serão consumidos, em que momento e por meio de dispositivos por eles escolhidos. Como reafirma o autor, a autonomia e o poder de decisão estão nas mãos dos usuários, contudo, o atual contexto da midiatização tem favorecido uma imposição à vida social relativamente aos Meios Digitais, que graças a hiperconectividade dos dispositivos oferece uma Internet “sempre” disponível aos comandos operatórios dos usuários.

Carlón (2012) observa, também, um nível da dimensão discursiva evidenciado nas novas práticas de *upload* (de produção e de envio) que gradativamente tem alterado os cenários de emissão e de recepção entre os usuários desses Meios Massivos (MM). Em nosso estudo, nos interessa avaliar, no caso dos jovens quilombolas inscritos no *Facebook*, quais foram as estratégias utilizadas nos Meios Digitais (MD) – *Facebook* que os fizeram habilitar os atuais e outros modos de vinculação, estabelecendo contatos, compartilhando discursos e enunciados, pois para Carlón (2012),

(...) graças a estes novos modos meios e dispositivos com base na Internet, novas possibilidades discursivas (ou também, novas formas de dizer) e novos sujeitos tem emergido ou estão irrompendo na vida social. (CARLÓN, 2012, p. 176-177, trad. nossa).

Essa afirmação de Carlón (2012) contribui para se pensar como as linguagens e os dispositivos sempre se manifestaram de modo explícito ou implícito em uma dada discursividade nos meios digitais. Os estudos sobre midiatização e estatuto dos diferentes meios (MM/MD), com suas respectivas linguagens e dispositivos, validam a ocorrência de interesses divergentes entre sujeitos que operam na produção ou no reconhecimento de discursos produzidos por eles (instituições, zonas de controle, algoritmo) em diferentes sistemas na midiatização.

Ao aprofundar o conceito de dispositivo/operações, Kessler (2006) é evocado por Braga (2017) para pensar em “um tipo de formação que não apenas produz controle e restrições, mas também abre possibilidades de contacto, participação, processos lúdicos, assim como experiências corporais e sensuais” (KESSLER, 2006 apud BRAGA, 2017, p. 33). Essa observação é utilizada em nossa pesquisa porque, embora situada na interface do meio *Facebook*, percebemos um cenário no qual a empresa e suas irmãs (*Instagram*, *WhatsApp*) são insuficientes para responderem às demandas de representação do icônico dos sujeitos, pelo menos na atualidade. Nessa dinâmica tentativa, ocorre uma segunda lógica que podemos perceber pela existência de um estatuto sociotécnico e de afetações, nos sentidos das enunciações e nas possibilidades dos sujeitos em operar tais gramáticas difusas, quer na produção, quer no reconhecimento, cujos polos estão imersos em uma complexa interação entre atores.

Figura 14 – Audiência do *Facebook* e a referencialidade nos dispositivos (2021)



Os dados de janeiro de 2021 revelam a referencialidade das empresas-irmãs do *Facebook* nos dispositivos móveis.

Fonte: We Are Social, disponível em: <http://bit.ly/2NHWRYL>. Acesso em: 01 março. 2021.

O ato comunicativo é repleto de sentidos indeterminados e imprevisíveis que, na ambiência digital, as plataformas atuam para dirimir os efeitos da complexidade. No exemplo acima, os dados descrevem a referencialidade da plataforma *Facebook* com suas empresas irmãs que atuam em diferentes “braços/tentáculos” para captar usuários ávidos por interação. A comunicação enquanto sistema social é a síntese da informação

(autorreferenciada/temporal), acionada por uma mensagem (condições materiais e seu trânsito) cuja compreensão destes retornos/feedbacks acionam operações de diferenciação que mantem o sistema em funcionamento.

O problema levantado por Carlón (2012) ao descrever e operacionalizar estas gramáticas, é que “nas origens da semiótica, a questão a determinar era a que ponto foi operativa a aplicação de resultados obtidos na análise da linguagem verbal”. Percebemos, contudo, nesta análise que, os descontínuos do digital (suas fraturas) contêm representações imagéticas diretamente vinculadas às energias analógicas/simbólicas que se perdem no contexto. Nesse âmbito, o desafio consiste em avançar nos modos pelos quais o icônico (analógico), o simbólico e o indicial que se inter cruzam com este digital (algoritmo), acaba por tensionar e reconverter este imagético em sentidos outros. O meio *Facebook* se reinventa constantemente para tornar sua experiência o mais próximo possível das formas autênticas de comunicação (cara a cara). Em uma primeira observação, aquela mais visível na “Linha do Tempo”, o desenho da plataforma do *Facebook* destaca o “gostar ou não” de determinada publicação, o que configura uma estratégia de busca para aperfeiçoar as aproximações, os engajamentos entre o homem e a máquina (algoritmo).

2.3.1 Marcas e sentidos digitais: notas sobre o *Facebook* e seus processos inventivos

O meio digital do *Facebook* e sua plataforma gerenciam e demarcam lógicas entre as singularidades/particularidades que atuam constantemente para reevocar a imagem mais “curtida e comentada” de seus fluxos. As lógicas e marcas da memória midiática (algoritmo/máquina) não atuam no mesmo mecanismo do tempo humano, pois suas operações têm lugar no espaço digital pertencente a uma “memória episódica, singular, e memória de generalidades” (BONIN, 2009, p. 85). Essa memória do tipo midiática/digital atua “como instância configuradora de matrizes e esquemas presentes como marcas nas memórias” (op. cit., 2009, p. 85) dos jovens quilombolas, atingindo um nível de engajamento e percepção no nível da recepção.

Carlón (2013) esclarece que o devir do meio *Facebook* é “(...) levar adiante e determinar se os distintos discursos provenientes se limitarão a seguir estes argumentos ou nos entregarão diferentes desenvolvimentos” (CARLÓN, 2013, p. 190). Nesse argumento, é interessante perceber e investigar como as discursividades entram em tensão e, como esta convergência entre Meios Massivos (MM) e Meios Digitais (MD) disputam as referencialidades dos sujeitos e de suas respectivas representações enunciativas.

Dentro deste complexo cenário, observamos uma retomada para a construção de caminhos para a análise do campo social das comunidades enquanto “lugar de visibilidade e agenciamento” (LACERDA, 2005, p. 1467), de ofertas específicas, atravessadas por sentidos ora tradicionais (do totem negro), ora fluídas (da indústria cultural, camisa de bandas de rock). Esse efeito apontado pelo autor diz respeito à constituição de “novos lugares de significação, de racionalidade dos processos sociais” (op. cit., 2005, p. 1468) produzidas pelo “ir adiante” nas redes, acionando a não georreferencialidade, lugar este do *outrem*.

Figura 15 – Capturas de tela com o fluxo híbrido e as afetações do meio exógeno



As extrações revelam as afetações decorrentes do contato do Território Físico (quilombo território) com as imagens exógenas das redes. Registros extraídos do fluxo do *Facebook* em 04/12/2016 e 30/11/2017.

Fonte: Arquivo do autor, 2016-2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A perda e afastamento do espaço geográfico é uma característica e condição moderna do indivíduo regulado nas esferas da digitalização da vida. Contudo, Sorj (2003) esclarece que “a criação de redes virtuais não elimina a materialidade do mundo”. Para ele, toda matéria depende da potência vital do simbólico, nutrido pelas interações “face-à-face” (*face to face*). A política de inclusão digital serve, neste ponto, para agregar valores identitários que não estavam incluídos no sistema produtivo, econômico e social. A “inclusão do outro” serve para aprimorar o algoritmo dos meios e cativar melhor a nova audiência, neste caso, os “neófitos”

quilombolas do Matão. Os constantes ajustes desses meios com seus conteúdos direcionados, conforme movimentos das materialidades, se ajustam às redes para dirimir os confrontos e disputas, provocando o surgimento de “bolhas” de interesses que fomentam sensação de acolhimento e pertencimento a um coletivo de atores.

O uso das tecnologias e da inteligência artificial por meio do algoritmo, com seus atuais *boots*, são capazes de gerar e de agregar conteúdos automatizados, em constante atualização. Esse sistema utiliza o *big data* e a engenharia social como forma de mobilizar e compreender como fatos particulares se somam às experiências anteriores e universais. O processo explicitado diz que, se convencionou chamar de “história” ou de *Stories*, emoções ainda não sedimentadas, em razão de sua efemeridade. A rede social *Facebook*, ao adquirir o aplicativo e plataforma de imagens “*Instagram*” em 2012, incorporou funcionalidades à sua plataforma. O recurso do *Stories*, nativo no *Instagram* lançado em 2017 no *Facebook*, trata-se de um recurso que permite a publicação de imagens, vídeos e mensagens que permanecem acessíveis por até 24 horas. Esse movimento do *Facebook* atribui um novo significado à construção do tempo naquela rede social, as *hashtags*⁵ (*#bt*) que sinalizam ao algoritmo que a lembrança enunciada faz referência à alguma coisa nostálgica, que merece tão somente resgate e repliques no presente.

O *Facebook* é o meio agenciador de código algorítmico cuja inteligibilidade aciona e forja condições para atuar no sistema social, transitando e possibilitando operações vinculantes de poder social e político ao agenciar os preceitos/condições da “cidadania” e do reconhecimento das personas conectadas em rede. Os jovens quilombolas são os agentes que, acoplados na plataforma do meio *Facebook* passam a irritar seu sistema (ora se fixam, ora se desacoplam, desterritorializam). Os quilombolas operacionalizam um código próprio, onde o totem território quilombo e a Instituição em Vias de Midiatização – “OloduMatão” mobilizam fazeres que irritam o meio e, este, dirimindo os efeitos das diferenciações, realiza o movimento de complexificar as lógicas de sua plataforma e de seus parceiros terceiros.

Uma importante consideração sobre os processos técnicos do *Stories* de Castells (2009), diz que:

A intemporalidade do hipertexto de multimídia é uma característica decisiva de nossa cultura (...) a história é organizada de acordo com a disponibilidade de

⁵ O símbolo “#” ou *hashtag* é um composto por um conjunto de palavras-chave, sinalizam etiquetas para um assunto/tema relevante. Esse acionamento pode ocorrer tanto por um ator social ou por instituições para engajamento em determinadas campanhas. A origem desse mecanismo surgiu no *Twitter* e gradativamente associada ao *Instagram* e em seguida, acoplada ao *Facebook*. Informações consultadas em: <https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-hashtag/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

material visual (...), o entretenimento na mídia (...) organizam a temporalidade do melhor modo, para que o efeito geral seja um tempo não-sequencial dos produtos culturais disponíveis em todo o domínio da experiência humana (...) toda a ordenação dos eventos significativos (...) é simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero. É eterna porque alcança toda a sequência passada e futura das expressões culturais. É efêmera porque cada organização, cada sequência específica, depende do contexto e do objetivo da construção cultural solicitada. (CASTELLS, 1999, p. 554).

A referida citação nos leva a questionar o seguinte: “O que é o tempo? E como ele está organizado em nossa sociedade?” Para Castells (2009), este tempo é demarcado por uma “coisa que sucede outra coisa”. Esse movimento errático e tentativo da plataforma em disponibilizar recursos/*hashtags* faz com que “o tempo intemporal, como chama a temporalidade dominante de nossa sociedade, ocorra quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto” (CASTELLS, 1999, p. 556). Essa ocorrência pertence a uma fase disciplinária, na qual o algoritmo se propõe a demarcar e ordenar comandos à estrutura biológica do homem.

2.3.2 A cultura da virtualidade do “real”: passos dos “neófitos” nas redes

Como vimos, a tecnologia midiática e sua cultura é uma ambiência que trabalha na construção de sentidos que provocam uma indução da organização social nas redes. Nesse sentido, o ordenamento ético do processo está essencialmente ligado à midiatização da esfera social e do atual “ser e estar no mundo”. No devir tecnológico, o *Facebook* segue uma estrutura de simetria entre condições de produção e de reconhecimento, entretanto, as postagens dos jovens quilombolas revelam o acionamento de caminhos e de lógicas atravessadas por símbolos da indústria cultural, que se realizam por meio das desterritorializações e de lugares *outrem*.

O meio *Facebook*, ao despontar na condição de referencialidade, parece abarcar múltiplas dimensões, em um intenso trabalho para cooptar, editar e classificar cada movimento produzido por estes jovens negros pertencentes a uma comunidade tradicional. Ao destacar a importância do meio *Facebook* em mobilizar processos produtivos de fazeres de enunciação “do eu”, destaca-se a ocorrência destes campos em contradição/rota de colisão, da hegemonia (das forças exógenas ao quilombo) e da contra hegemonia (substrato comunitário, das trocas simbólicas entre os moradores do quilombo).

O sujeito (jovem quilombola, identidade) vinculado às redes não se constitui em ação. Neste ponto, as ações sociais e suas gradações encontram um local de máxima pungência

onde os objetos (das representações) são conflituosas, local também, onde se realizam as arenas da batalha por referencialidades, permeado pelo acionamento intenso de fluxos entre apropriações e usos de ferramentas. Esta saída do local, dos jovens “condenados ao quilombo” para as redes “dos dilemas/contradições” encontra alguns desafios para uma leitura descritiva do fenômeno.

A lógica do *Facebook*, marcada por uma intensa incorporação de novas formas de mediação, se realiza por meio de uma excelência da plataforma que consiste em reunir, em um mesmo espaço, três condições antagônicas, mas que se complementam na superfície digital e que merecem ser destacadas: a dimensão temporal baseada na ocorrência de três tempos, em que o primeiro resgata lembranças do passado no presente, projetando-o por meio de recursos digitais e imersivos a um futuro a ser almejado; outra dimensão, a espacial, é o local de georreferencia que se vincula conforme subjetividade/ânimo do usuário e, finalmente, temos a dimensão identitária, ora marcada pela fixação, ora pelo apagamento deste simbólico.

Outra discussão recorrente sobre o uso das redes diz respeito aos status dos atores na instância de mediação frente ao surgimento destas personas. Assim, o que antes eram meros receptores, tornam-se produtores de discursividades sociais, pois: “a nova arquitetura do âmbito da mediação e seus efeitos, particularmente pela presença da internet como novo dispositivo de produção de sentidos” (FAUSTO NETO, 2010, p. 18). Ao convidar os sujeitos a entrar no circuito de produção dos acontecimentos, o meio *Facebook* atua na condição de implementador de um processo desestabilizador de discursos, travestido de protocolos de interação “uniformes e igualitários”. O esquema descrito pertence à mediação com seus fluxos emergentes de informação, que realiza o convite para a inscrição no “circuito de produção do acontecimento” nas instâncias da rede acoplado em uma comunidade quilombola. As condições de enunciação que os jovens quilombolas acionam no meio se realizam através de acordos mútuos, cujas expectativas ocorrem em condições amplas e “simétricas” entre os protocolos de enunciação e de recepção.

Com isso, essas redes suscitam uma nova instância de migração e de afetações dos circuitos, em que o sujeito enuncia e toma para si as nuances e facetas da produção, uma vez que, o sujeito enunciador se torna aquele que aciona a mediação/do ir adiante do seu acontecimento. Esse fenômeno se deu por um “processo de circulação foi ampliado e alargado com a entrada dos internautas nas mídias/redes sociais”, esta interação é atravessada pelo “abandono da posição clássica de destinatários e assumem a produção de certa análise” (FAUSTO NETO, 2010, p. 23) de sua enunciação.

Dentro do panorama amplo das redes, um dos desafios encontrados pelos “neófitos”, no caso, os jovens quilombolas, é a questão dos conteúdos específicos para as comunidades negras e rurais. Esta é uma das lacunas apontadas pelo relatório da Controladoria Geral da União (CGU) sobre a necessidade da universalização da internet e das políticas públicas de inclusão digital serem direcionadas para esses segmentos, que revela a insuficiência de serviços a serem partilhados entre o público rural. A política pública quase se esvazia de sentidos em consequência dessa mídia que unifica mensagens e fontes em um único ponto de referencialidade, que são as vidas enunciadas pelos “famosinhos”/*influencers* nas redes.

Ao elencar os primeiros indícios do empírico, percebemos que os jovens quilombolas no meio *Facebook* vivenciaram uma aproximação latente, realizando e recebendo novas solicitações de amizade entre pares sociais. A “emergência da esfera pública burguesa”, de ordem disciplinar e regulatória, passou então a mediar este modo de “ser e existir” no mundo. Os elementos implementados (desejos de ser e estar) e de existir no digital passaram a tensionar e gerar campos de disputa entre o que permanece e o que deve ser apagado da memória das plataformas, transpondo sentimentos de perdas e incompletudes no espaço físico da comunidade.

Nesse cenário conflitante, o que permanece ou não, é resultado, segundo Cádima (2014), de uma “(...) zona de turbulência de dois ecossistemas – do dispositivo midiático para o pós-midiático, da comunicação unívoca para a comunicação ubíqua, e, de certo modo, algorítmica” (CÁDIMA, 2014, p. 269). Assim, cabe perguntar se as imagens desterritorializadas fazem parte dos efeitos multilíneares e de representação do mundo, a partir da afetação da circulação em rede. É verdade que a “progressiva consolidação do digital fortemente ancorado ao modelo sistêmico do analógico” (CÁDIMA, 2014, p. 269) provoca um sentimento de perdas de referência ou de uma multiplicidade de conteúdos, uma vez que, “tudo parece bastante uniforme”. Notamos que esse processo atrelado à convergência de mídias e ferramentas tecnológicas, permite perceber que a convergência serve de veículo para potencializar os meios tradicionais.

2.4. Os Múltiplos Cenários e Condições da Mídiatização

A ambiência global tão logo implementada funciona em uma rede ampla e conectada por tecnologias de ponta. As redes sociais na atualidade e sua superfície operam na condição de plataforma técnica convergente entre antigos e atuais meios, com isso, transfere competências dessas fases no sentido de costurar “narratividades perdidas/fragmentadas”.

A pesquisa desenvolvida na área das Ciências da Comunicação percebe a ocorrência de chaves de leitura que transcorrem em múltiplas aberturas de ramos do conhecimento, desde a contextualização de ordenamento socioantropológico, cujo território (seus espaços, de pertença, das identidades do “eu coletivo” e indivíduo) realizam esforços no sentido de realizar esforços tentativos de experimentação, usos e apropriações dos dispositivos técnicos em uma plataforma do meio *Facebook*. Deste conflito, cenário de afetações diversas, o território físico, espaço da tradição (do totem território quilombo) passa a ser tensionado com outra superfície de fazeres líquidos e esvaziados de sentidos (meio este referenciado destes fazeres replicantes).

A forma descritiva desse fenômeno e de sua interrelação com a construção coletiva dessa representação envolve um conflito em três esferas, notadamente a um “eu” interno ou de deliberação – do “eu” e dos pactos com seu “coletivo”, permeando um intenso trabalho de negociação entre pares. As questões relativas ao poder e ao direito à fala também devem ser objetos de compreensão. No caso dos jovens quilombolas, o perfil na rede social mesmo pertencente a um indivíduo, suas representações, uma vez enunciadas, passam a compor uma força simbólica resguardada por uma coletividade.

Nesse tensionamento entre indivíduo e a coletividade, percebemos que as ofertas enunciadas são estratégias que ocorrem em processos de afetação mútuos que foram implementados pelo programa de inclusão digital, GESAC. A busca por processos de referenciação territorial e identitária foram introduzidas por uma “Instituição em Vias de Miatização - IVM”. Esse “IVM” é constituído pelo grupo de dança e de percussão “OloduMatão”, que possui um grupo privado na plataforma da rede social do *Facebook* e uma página hospedada no *Blogger*⁶. A estratégia adotada pela IVM na Internet vem demonstrar as “incidências sobre o desenho do dispositivo se articulam com os demais elementos da interação” (BRAGA, 2017, p. 40), em que se afetam e se atravessam mutuamente.

A mídiatização dessas representações imagéticas é um processo que envolve a produção por parte dos jovens quilombolas, o tensionamento entre o GESAC – “OloduMatão” – lideranças comunitárias, perpassando os fluxos da produção e recepção. O fazer canhestro e complexo das fotografias, mensagens e vídeos, segundo Rosa (2012), gera uma atribuição de valor que é perceptível na distribuição dessas imagens em novos fluxos e circuitos gerando trocas e “reconhecimento de um valor, onde produção e recepção partilham significantes” (ROSA, 2015, p. 141).

⁶ Página do grupo de percussão e dança afro “OloduMatão” no *Blogger*. Disponível em: <http://olodumat.blogspot.com/>. Acesso em 19 ago. 2020.

Observamos no *Facebook*, um espaço privilegiado em que os atores desempenham uma verdadeira operação de “auto empreendedorismo de um ‘eu’ que busca o sucesso, como experiência desmensurada em termos de intensidade cujas energias brotam das experiências produtivas de indeterminação, instante intemporal que disjunta o estado anterior de um objeto de seu estado consecutivo” (PRADO, 2015, p. 16), indeterminações expressas tentativamente nas dinâmicas do meio.

As experiências do meio permitem o trabalho em um fazer conjunto cuja “interação entre iguais, na qual as partes coordenam suas dinâmicas” (PRADO, 2017, p. 6) regulando os fossos da linguagem expressos em “atos falhos” advindos das linguagens impuras (dos recursos híbridos) que se direcionam em emissões de sentidos múltiplos, plurais. Independente das condições técnicas, as expectativas de interação são marcadas por dissonâncias/decepções que se convertem em novas/outras fontes de exigências, indo além, deslocando as afetações e irritações entre sistemas, o meio *Facebook* é o espaço de tensões sistêmicas e o mundo da vida, o deslizamento das superfícies ocasiona o sofrimento e reelaborações psíquicas.

3 A CONSTRUÇÃO DO CASO E OS MOVIMENTOS DA PESQUISA

A abertura deste capítulo tem por objetivo direcionar esforços no sentido de estabelecer pontes entre o empírico e a configuração do caso da pesquisa. Para tanto, o complexo jogo envolve disputas de sentido que ocorrem no *Facebook*, configurando e reconstruindo partes dos processos sociais nos quais os “sujeitos falantes e pensantes (...) transitam entre ambos, natureza e sociedade (GONZALEZ, 2013, p. 145). Por meio desta categoria reafirmamos a ocorrência de intensas negociações entre a sociedade e a natureza do homem, imerso em um ambiente digital regido por padrões efêmeros, de múltiplos tensionamentos e permeados por *feedbacks* complexos entre indivíduos, instituições e coletivos.

As tensões resultantes das gramáticas em conflito e em negociação constituem esforços do pesquisador no sentido de descrever um movimento de observação da pesquisa. Gonzales (2013), ao recorrer a Latour (2012) para analisar quais “fontes de incertezas”, “(...) pesquisador interessado em abrir a caixa preta do social (...) interromper o fluxo das controvérsias (...) registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis” (...) buscando ‘apenas’ segui-las sem tentar resolvê-las” (LATOURE, 2012 apud GONZALES, 2013, p. 45). Por esse motivo, a tese é permeada por um complexo jogo de múltiplas agregações externas e estranhas à comunidade quilombola, a exemplo das iniciativas do Governo Eletrônico (E-gov) pelo GESAC, onde se acopla a Instituição em Vias de Miatização (IVM) – “OloduMatão” – com seus múltiplos atravessamentos das políticas de inclusão digital e de desenvolvimento social.

A complexidade do quadro de observação da pesquisa e de seu empírico pretendeu estabelecer laços para a compreensão de um fenômeno em desenvolvimento na comunidade negra. Os jovens quilombolas recorreram ao meio *Facebook* com o objetivo de serem vistos e reconhecidos nas redes. Seus esforços de expansão dos vínculos extracomunitários fizeram com que seu simbólico realizasse movimentos constantes de estabilização, que ora se “fixam” ora se “apagam” nas linhas do tempo e da circulação do *Facebook*.

O ato de se enunciar nas redes pertence a uma categoria que almeja o reconhecimento. Para Honneth (2003), esse reconhecimento é definido por “uma consciência já constituída ‘idealmente’” que foi enunciada, montada e enquadrada, onde “se reconhece como a si mesma em uma outra totalidade, em uma outra consciência” (HONNETH, 2003 apud PERELSON; ZANA, 2013, p. 63)

Ao analisarmos a questão das políticas públicas e sociais, observamos que Sorj (2003) afirma este desejo, de se sentir incluído, parte da premissa de que “toda a humanidade tem direito de usufruir o mesmo patamar civilizatório” (SORJ, 2003, p. 09). O autor colabora para a reflexão sobre as prerrogativas expressas no relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, em que a Ciência e a Cultura (UNESCO) aprofundam a discussão sobre “o crescimento das redes e aplicações das tecnologias de informação e comunicação não garante, por si mesmo, os fundamentos das sociedades do conhecimento” (op. cit., 2003, p. 09).

Nessa linha de pensamento do autor, percebemos a ocorrência de processo similar na Comunidade Quilombola do Matão, antes do ano de 2014. A maioria dessas populações rurais e periféricas sentia o reverberar do “novo mundo” nas telas dos televisores sintonizados em antenas parabólicas via satélite. Esse olhar, da janela eletrônica, o sentimento e o desejo coletivo nutridos pela globalização da vida social, passaram a orientar “indivíduos, grupos, instituições, empresas em função de informações, expectativas e desejos inspirados em referências globais” (SORJ, 2003, p. 11). Um dos desafios a serem superados pelas instituições públicas é o de “elaborar propostas efetivas que integrem o capitalismo (com seus negócios) e o progresso tecnológico (de viés inclusivo) sob uma visão humanista da história” (op. cit., 2003, p. 12) pensada para todos, quer do campo, quer da cidade.

Esta dificuldade da condução da política pública pelo Estado promove dissonâncias que resultam da “modernidade tardia” em considerar a alteridade, categoria que pertence a ordem do reconhecimento da diferença enquanto esfera de múltiplos sentidos de justiça e de igualdade. As autoras Augusta Zana e Simone Perelson (2013) aportam em Habermas e Honneth para entender a “teoria do reconhecimento e a partir do questionamento da própria categoria de identidade” (PERELSON; ZANA, 2013, p. 45). A identidade encontra limites quando o indivíduo é confrontado com o estranho, da não-identidade, se confrontando com este “Outro”. No meio *Facebook*, as questões referentes a esses conceitos fortalecem a ação do sujeito que se inscreve nas lógicas de um meio para “ir ao encontro”, se permitindo ser confrontado por este estranho que tensiona seu simbólico e sua identidade.

3.1 Atores, Instituições e Zonas Territoriais em Conflito na Comunidade Quilombola do Matão

O complexo cenário da midiatização, no qual se encontra a comunidade quilombola, circunscreve um contexto de tensões e confrontos geracionais. Os laços de respeito solidário no meio *Facebook* são firmados por acordos tácitos de visualização, curtidas e de comentários

entre os jovens da comunidade e que estão inscritos na rede social. Na coleção do empírico extraída da circulação no meio *Facebook*, buscamos compreender os “percursos, marcas e dinâmicas enunciativas nas representações imagéticas desses jovens negros e quilombolas” no interior da Paraíba. Nessa visada, pretendemos extrair imagens, publicações e postagens que remontam ao processo tentativo de produção, fixação e apagamento de representações; investigando, a constituição dessas perambulações no fluxo, do “acender e apagar” destas representações imagéticas e identitárias no meio *Facebook*” (TESSAROTTO, 2019, p.03).

No movimento inicial das materialidades observamos que os jovens quilombolas revelaram uma intensa troca, onde o “estima social” está vinculado “a um contexto de vida social em uma comunidade de valores” (PERELSON; ZANA, 2013, p. 46) pertencentes a uma geração bem anterior às lógicas do algoritmo.

Nas lógicas internas da comunidade, o grupo de dança e de percussão afro, “OloduMatão¹” articula ações e atua na centralização de suas lógicas na identidade negra daqueles envolvidos. Assim procuram reconstituir características, marcas e traços da identidade negra com o objetivo de intensificar importantes elementos de sua cultura. Registramos que os jovens participantes do grupo são instigados a pensarem em processos de diferenciação, portadores de sentidos simbólicos diversos dos demais que se apresentam no fluxo do meio *Facebook*, afirmando ser necessário “se destacar entre os iguais para se alcançar o reconhecimento desta diferença que necessita de espaços nas redes sociais” (PERELSON; ZANA, 2013, p. 47).

A midiatização, ao se acoplar na comunidade quilombola, reconfigurou este conceito de tal modo que a identidade e sua autenticação passaram a se vincular ao reconhecimento deste “Outro”. Perelson e Zana (2013) trazem uma discussão de Judith Butler (2003) para se pensar no “(...) reconhecimento relação intersubjetiva, e, para um indivíduo reconhecer o outro, ele tem que recorrer a campos existentes de inteligibilidade” (PERELSON; ZANA, 2013, p. 48). Os campos de inteligibilidade referidos por Butler (2003) fazem referência aos campos de pertencimento, aos espaços comuns de sociabilidade, na associação, escola, festividades – vaquejada e comemorações na comunidade.

O encontro com a alteridade, com este “Outro” no *Facebook* envolve o estar em sintonia e em convergência com gramáticas específicas que somente os interagentes em rede conhecem. O uso dos recursos técnicos e dos filtros são ações que podem ser consideradas “operações de legitimação” onde, ao se afirmar para a diferença, é esperado do

¹ História do acoplamento da Instituição em vias de midiatização e de referencialidade “OloduMatão” (ONG) pode ser acessada em: <http://olodumat.blogspot.com/p/olodumatao.html>, acesso em: 25 jul. 2020.

reconhecimento deste “Outro” em gramáticas e *feedbacks* imprevisíveis. Se o “outro” reconhece essa enunciação como um ato jurídico de igualdade ou não, as diferenças atuam na “transformação dos padrões de inteligibilidade e da abertura para outros modos de enunciação de si” (PERELSON; ZANA, 2013, p. 49).

No meio *Facebook*, o sujeito é vigilante e, antes de enunciar algo, fica apreensivo quanto ao recalque que o olhar do “Outro” possa lançar sob sua publicação/oferta posta em fluxo. O recalque se fortalece porque o estranho é caracterizado como algo não representado e fora-do-significado. Inspiradas em Freud, Augusta Zana e Simone Perelson (2013) afirmam que o recalque é o ato de rejeitar e negar, no subconsciente, ideias, pensamentos, lembranças ou desejos que são bloqueados para não gerar angústia. Ao fortalecer a identidade/subjetividades negras no jovem quilombola, o grupo de dança e de percussão “OloduMatão” promete uma cisão menos nociva entre o que ocorre no meio *Facebook* e que ocorre fora dele.

3.1.1 Entradas teóricas no objeto da pesquisa: o flunar do “obs-pesquisador”

Os caminhos da pesquisa exigem a descrição das etapas metodológicas, pelo que recorreremos aos procedimentos teóricos elaborados pela pesquisadora Jiani Bonin (2006), que teceu importantes considerações sobre o “pensar/fazer metodológico”. As reflexões a partir de suas ideias são pertinentes porque descrevem processualidades do trabalho do “artesão pesquisa” que mobilizaria procedimentos de observação dos fenômenos. Nesta ação, encaminhamentos e desdobramentos direcionam a atenção para importantes etapas dos fazeres metodológicos, onde destacamos o “ver e o sondar”. A etapa descrita pertence ao conjunto do “estudo do estado da arte” que pretende instigar, descrever, explorar e objetivar outros endereçamentos ao empírico a ser esquadrinhado.

Os esforços empreendidos pelo “ourives-pesquisador” e os procedimentos metodológicos adequados ao empírico visam capacitar e avançar na postulação de indícios, de “articulação com os fios condutores oferecidos pela ciência e a coerência com o problema de pesquisa” (BONIN, 2006, p. 148). Outro passo importante é o acionamento do arcabouço teórico-metodológico, de estrutura capaz de acionar capítulos, elenco de autores e teóricos aptos a análise do “processo comunicativo, como espaço em que coabitam múltiplas operações entre as quais as sociais, as culturais e as históricas” (BONIN, 2006, p. 149).

A próxima etapa é a descrição, análise e exposição dos dados da coleção dos empíricos, esse movimento deve ser capaz de descrever os fazeres do pesquisador em

comunicação, voltado para uma interpretação de fenômenos sociais complexos em que o empírico se encontra imerso. A complexidade a ser descrita pertence a uma “construção do objeto/problema, das perspectivas teóricas e das construções metodológicas para elaborar a pesquisa sobre a mediação das identidades afro-brasileira” (op. cit., 2006, p. 150). Uma possível saída para o impasse do fazer ciência/pesquisa em comunicação se concretiza pelo “olhar curioso, inquieto, aberto e questionador, a reflexão científica e ética” (op. cit., 2006, p. 150) em movimento processual e contínuo.

Nesse caminhar processual e dialógico pensamos no problema da pesquisa atrelado à dinâmica da circulação no meio *Facebook* que surgiu diante dos processos e operacionalizações entre o teórico e o empírico. O primeiro movimento de observação nos materiais e de seus indícios, conforme descreve no artigo da COMPÓS, “Comunicação, disciplina indiciária”, o pesquisador José Luiz Braga (2004) esclarece que, neste tipo de estudo de caso, os indícios criativos são os passos iniciais para descrição dos movimentos “(...) mais essenciais e acidentais àqueles que se articulam em direção aos mais complexos por intermédio de outros indícios *ad hoc*” (BRAGA, 2004, p. 78).

O processo observacional da pesquisa e a busca pela causalidade do tema objetivam alcançar um corpus normativo capaz de problematizar um dado caso, detectando/verificando como as normas/performances internas das ofertas seguem adiante, ante uma estrutura ambiente e ecologia da cultura na atualidade. Para compreensão desse fenômeno, evocamos Aníbal Ford (1999) e seus encaminhamentos para se pensar na causalidade das marcas, entendidas como conjunto de casos que se referem corpus normativo ou um tópico narrativo se inscreve em diversas tradições” (FORD, 1999, p. 247).

O teórico Aníbal Ford (1999), ao aprofundar a questão das “costuras conceituais”, afirma que “(...) uma via de ingresso ao conhecimento geral ou estrutural, como acontece na antropologia com as histórias de vida ou nos estudos de caso ou os diferentes usos da entrevista e da reconstrução biográfica (...) supondo um marco geral” (FORD, 1999, p. 247). A proposta lançada por Ford (1999) será, gradativamente, exposta durante a tese.

Ao aprofundar o estudo de caso do fenômeno comunicacional, nosso trabalho recorre ao método que elenca e enumera uma relação do “ponto de vista semiológico, cognitivo e sociocultural” (FORD, 1999, p. 248) das ofertas e postagens publicadas no meio *Facebook*. Para, em seguida, estabelecer, na coleção dos indícios, esforços tentativos de construção de caminhos e sentidos a partir da produção posta em circulação por jovens quilombolas, referenciando na pesquisa o que dizem sobre si mesmos, seus modos de agir e de participar da cultura midiática nas redes.

A presente narrativa e temporalidade que foram forjadas na comunidade negra sinalizam para a ocorrência de crises no modelo de interação e de disposição dos atores sociais em alguns episódios interacionais. Descrevendo as materialidades, visualizamos uma constante zona de contato na qual atravessam continuamente (físico e digital, quilombolas e não-quilombolas), somando-se umas às outras bolhas e nichos culturais igualmente sedentos de reconhecimento e legitimação social.

As primeiras extrações dos indícios revelam, em primeiro plano, a ocorrência de “uma ruptura com a ‘normalidade’ e esta interrupção e descontinuidade é o ‘ponto de chegada’ (FORD, 1999, p. 252) que, em nosso caso, configura o ponto de partida para os desdobramentos em seis dinâmicas ou marcas performáticas evocadas pelos jovens quilombolas do Matão. Ao formular a abordagem da observação em dinâmicas, Ford (1999) afirma que é necessário desvelar as possíveis censuras que “rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de possíveis posições e funções” (FORD, 1999, p. 253). A observação em processualidades temporais corrobora para entendermos essa essência do *Facebook* na condição de disparador de falsas sensações de “completude”, em meio a uma profusão de dinâmicas atravessadas, do eterno presente.

Prosseguindo e aprofundando o estudo de caso com seus desdobramentos teóricos, a análise das imagens e postagens revelam, a priori, perspectivas angulares de fatores internos (subjetivos) e exógenos (dos processos sócio-políticos e econômicos), acionadores mútuos das práticas sociais na comunidade quilombola. Daí seguimos com Ford (1999) por afirmar que “a narrativa do caso intervém nas estruturas perspectivas próprias de cada cultura, sua particular hierarquização dos sentidos como disparadores da memória e suas formas de recordar” (FORD, 1999, p. 258). Esses elementos disparadores de memória e as imagens-recordações serão apresentadas na quinta dinâmica do próximo capítulo.

A pesquisa revela, ainda, uma problemática dos atravessamentos da midiaticização, onde o empírico e as lógicas internas com seus jogos de disputas e negociações se evidenciam entre os jovens da comunidade negra e os não quilombolas conectados em rede. Perceptível também, o fato dos fazeres produtivos acelerados e potencializada pelo meio *Facebook* buscarem silenciar as microssituações e acontecimentos internos da comunidade negra. Uma das características desse meio é a de pertencer a uma espécie de “meios de meios”, constituída a partir de um desenho de página-interface, e-mail, mensageiro (*chat*), fotografia, vídeos enunciados em uma mesma superfície digital. Esta profusão de recursos híbridos, com suas discursividades canhestras, vazam em esquemas e estruturas, desvelando uma plataforma operada por lógicas objetivas e sistêmicas do algoritmo.

Observamos que as dinâmicas são angulações tentativas para a investigação de um determinado contexto, compostas por proposições descritivas, que Braga (2017) enuncia como

(...) ocorrências empíricas (a que chamamos de ‘episódios’ e ‘dispositivos’ (...) a observar que tentativas o processo interacional parece elaborar (...) na procura de uma proposição heurística pode buscar sua sustentação. A expectativa de ofertar um produto comunicacional e eficaz faz com que os “passos subsequentes de um circuito sejam aperfeiçoados e ativados para novas ‘edições’ dos passos anteriores (...) a observação da especificidade dos dispositivos que se relacionam, das lógicas de fluxos entre saídas e entradas – pois é nessa relação que o fluxo segue e que antecipações se realizam. (BRAGA, 2017, p. 49).

A construção do caso e sua constituição em fases/transições foram forjadas a partir das intenções dos sujeitos conectados em rede, que se verificam pela “(...) intensidade atual da circulação pela cultura da midiatização se faz por experimentação” (BRAGA, 2017, p. 75) via dispositivos interacionais que estimulam a invenção social tentativa. O gatilho desse processo ocorre na ambiência digital implementada pelo programa de inclusão digital do GESAC que acionou “processos em experimentação modificam os sentidos e os modos de ação dos campos sociais” (BRAGA, 2017, p. 76), a exemplo do campo territorial da comunidade negra.

As categorias de análise sobre os sujeitos, formas e modos de vida, são entendidos por Aníbal Ford (1999) como um dos desafios dos sujeitos imersos na sociedade da informação. Ao descrever como esta nova potencialidade das redes, trouxe consigo um conteúdo baseado em informação de entretenimento, e que Ford (1999) diz se basear em três pilares:

(...) 1) desfocagem dos limites entre o privado e o público e no ataque sobre a privacidade no somente dos meios e dos diversos sistemas de controle social; 2) as necessidades de aumentar a credibilidade nos meios através de uma informação individualizada e aparentemente contestável; 3) a contaminação da informação com a narrativa (e também com a ficção) devido, talvez, a opacidade, complexidade e suspeição à respeito de discursos argumentativos e informações das ‘zonas duras’ dos meios. (FORD, 1999, p. 251).

Ao elencar essas três categorias, Ford (1999) sistematiza um encaminhamento pelo método e proposta de “entrada abduativa em novas formas e conflitos sociais” (FORD, 1999, p. 251). Essa opção, nas palavras do professor José Luiz Braga (2018), faz com que possamos tentativamente, reconstruir os pontos e articulações entre atores sociais de uma comunidade tradicional inseridos em uma “midiatização de choque cultural” permeada por uma ambiência digital implementada naquele espaço geográfico.

Os dados obtidos no primeiro movimento da pesquisa, voltado para o fluxo do meio *Facebook*, envolvem uma “cultura supostamente orgânica” e, por isso, Ford (1999) esclarece

ser necessário estabelecer alguns critérios de observação micro sociológicos, interrogando se os processos socioculturais enunciados nas redes sociais categorizam marcas indiciárias específicas que sinalizem um “marco disciplinário”. A partir das dinâmicas e movimentos pensados da coleção dos materiais, foi possível verificar as zonas de passagem entre um estado inicial e os demais que se complexificam pelos atravessamentos outros/outrem, de origem sociotécnicas-discursivas.

3.1.2 Quadro tátil de observação das conexões sociais e heterogêneas: uma análise dos indícios

Na análise do quadro tátil e de observação das conexões sociais, para a sistematização do objeto empírico recorreremos ao método abduutivo formulado por Charles Peirce (1878) que propôs uma operação comutativa revelada por dialéticas ascendentes e descendentes. Esses esquemas se revezam em esquemas a montante e a jusante. O primeiro movimento consiste em recortar o objeto, fazer a sistematização da abdução/dedução e, a partir do tensionamento das induções, construir uma caixa de ferramenta conceitual, reflexiva e argumentativa, que sinalize os possíveis descaminhos da pesquisa. O método proposto por Peirce (1878) pretende forjar o suporte argumentativo e a metarreflexão do objeto pela construção do problema de pesquisa que se revela por meio dos indícios e proposições que permitiram problematizar o caso de investigação propriamente dito.

Nos encaminhamentos do caso sob investigação, se processam em articulações que ocorrem em um segundo plano e são movidas por agonísticas de incertezas. Felizmente, a inteligibilidade é o caminho para a percepção dos fenômenos e conceitos a serem mobilizados na pesquisa. Nesse sentido, recorreremos ao enfretamento das teorias cuja base epistemológica deveria se constituir por um conjunto ascendente de indícios que se encaminham para uma complexidade. Verón (1989), ao trazer as contribuições de Carlo Ginzburg para os estudos em mediatização, bem relaciona os fenômenos comunicacionais na sociedade, pois “apresentam uma diacronia muito dinâmica – não apenas em consequência do avanço tecnológico, mas também dos processos sociais interacionais que se diversificam correlatamente” (GINZBURG, 1989 apud VERÓN, 1989, p. 76).

O caminho indiciário por ele traçado serve para consolidar e validar um banco de dados com regras básicas e próprias do campo comunicacional, objetivando minimizar as dispersões que ocorrem em meio à variedade dos objetos, pelo que devemos recorrer às teorias apriorísticas. A codificação do mundo ocorre por meio da interpretação dos fenômenos

possibilitada por meio da crítica que fornece elementos para a emancipação, em observância às nuances do senso comum que trilham para caminhos da lógica e do método (BRAGA, 2014).

O processo dialético a ser construído pretende sistematizar os vazamentos, tensões e potências de regulação dos meios (*Facebook*) se encontra imergida no objeto. A proposta metodológica acionada pela diagramação do objeto, de suas respectivas figuras nas dinâmicas, levanta inferências que pretendem descrever figuras resultantes dos observáveis, verificando o problema do objeto e o recorte realizado, encaminhando para a descrição da abdução criativa.

Os desafios para este pesquisador é a de perceber, nas dinâmicas do meio *Facebook*, quais rastros-atualizações identitárias e imagéticas dos jovens quilombolas, descritas nas figuras escolhidas, se encontram afetadas pela sua inserção nas lógicas da cultura midiaticizada. A constituição das dinâmicas é um esforço de reconstrução destes fragmentos decisivos para a compreensão do fenômeno, extraindo do fluxo das redes os indícios e caminhos do fenômeno da midiaticização dos meios.

3.1.3 Das inspirações às lacunas: o estado da arte no perfazer do “ser pesquisador”

A pesquisa no campo da comunicação, segundo Braga (2018), exige que o pesquisador realize o movimento do “desentranhamento” do conhecimento comunicacional. A problemática inicial aponta para uma interseção de múltiplas áreas do conhecimento, a exemplo das Ciências Humanas e Sociais que podem ofuscar o objeto e o desvelamento do problema da pesquisa.

O desenvolvimento das problemáticas e dos atravessamentos de campos do conhecimento é um desafio a ser trabalhado pelo pesquisador, pois nessa condição devemos acionar recursos, meios, formas e visadas que corroborem para o referido desentranhamento. A técnica da “pesquisa da pesquisa” é uma importante estratégia metodológica a ser desenvolvida. Nesse esforço, pretendemos que os achados respondam à pergunta: “O que é que está acontecendo aqui?” A resposta obtida empreende um esforço criativo em criar as condições propícias para o diálogo e interação de esforços coletivos, sejam eles outros, que encaminhem uma efetiva direção do percurso epistemológico necessário para o desenvolver do objeto.

Como a pesquisa em Comunicação exige uma abordagem complexa, uma das veredas/saídas encontradas é a construção empírica alinhada com teorias e explicações sobre os fenômenos comunicacionais. Nesse movimento, no sentido de avançar e prosseguir com “o

que já está posto”, empreendemos esforços para aprofundar e fundamentar as materialidades que emergem deste objeto, descrevendo e classificando as lacunas existentes nas produções científicas nas mais variadas áreas do saber.

Na tentativa de constituir as questões de horizonte da pesquisa, elencamos algumas contribuições para pensar em ângulos de observação do objeto e, desse mergulho, gerar descobertas. Para o cumprimento desta etapa, foi no arcabouço monitorado que coletamos informações nos mais diversos mecanismos de busca de produções científicas, desde o Google Acadêmico até o serviço do “*Ebscohost*” disponíveis para os estudantes/pesquisadores da UNISINOS que estão conectados diretamente via *proxy* no banco de dados da biblioteca.

O recurso de busca acionado ocorreu por meio de palavras-chave, a exemplo de: “quilombola; midiaticização; inclusão digital; comunidades tradicionais; *Facebook*, jovens quilombolas”. O movimento evocado pela “pesquisa da pesquisa” pretende não “deixar escapar nada”, por isso, optamos pela seleção de materiais publicados entre os anos de 2013 à 2020. A estratégia acionada e de articulação entre as palavras-chaves utilizadas revelou um universo de onze trabalhos acadêmicos e artigos científicos. Contudo, no esforço inicial de “desentranhar” o comunicacional do observável, destacamos cinco daquele universo. Contudo, três foram selecionados por pertinência ao abordarem diretamente com o conhecimento comunicacional pesquisado. Os demais o fazem apenas em abordagens transversais à Comunicação.

Em 2013, a tese de Eduardo Yuji Yamamoto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e intitulada por “A questão da comunidade na era da midiaticização: crítica e ontologia”, trouxe grande contribuição para a crítica do conceito de comunidade inserida no contexto de midiaticização. Um dos contributos desenvolvidos por aquele autor diz respeito à proposta de “descentralização” das identidades dos indivíduos inscritos sob a lógica dos dispositivos. Do movimento realizado pelo pesquisador, pretendemos verificar a ocorrência de marcas originárias da comunidade negra, deslocadas pelas lógicas da circulação em espaços-tempos outros, de perambulação entre fixação e apagamentos.

No ano seguinte, em 2014, a pesquisadora Diva da Conceição Gonçalves, mestra em Ciências da Comunicação pela UNISINOS desenvolveu a pesquisa intitulada: “Midiaticização e contexto rural: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre”. O trabalho dissertativo orientado pelo Professor Doutor Jairo Ferreira observou no empírico, como as comunidades extrativistas, ao se inscreverem e se apropriarem dos dispositivos técnicos, foram incorporando aos poucos uma

espécie de “mídia social” das instâncias interativas e conversacionais do grupo nas práticas sociais do cotidiano.

O processo sociotécnico ao transferir lógicas do circuito ambiente para as práticas sociais, acabou transpassando as interações entre indivíduos e uma coletividade de atores sociais. Nisso, é importante destacar o contributo da técnica da “pesquisa da pesquisa” de que fala Gonçalves (2014), favorecendo nosso estudo relativamente com quilombolas. Isto porque a autora aciona níveis heurísticos para a compreensão do fenômeno observado, descrevendo formas e afetações dos meios com a mediação. A estratégia evocada pela pesquisadora confirma a hipótese baseada nos dados da pesquisa de campo, onde recuperamos de Gonçalves (2014) algumas estratégias de observação e de “entrada” na pesquisa de campo. Aqui, no nosso caso, percebemos como os jovens quilombolas nas dinâmicas da circulação no meio *Facebook*, negociam ofertas entre as transições episódicas de interação.

No mesmo ano, em 2014, recuperamos a tese de Cirlene Cristina de Sousa, da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada por “Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à mediação das sociedades contemporâneas”, que faz uma interessante interface entre a educação, a mediação e as afetações decorrentes nas práticas sociais do público juvenil. A tese descreveu como o empírico foi sendo atravessado por lógicas da mediação e incorporadas no cotidiano interacional dos jovens e adolescentes no ambiente escolar. A autora acionou conceitos da mediação, incluindo uma pesquisa de campo por meio do tensionamento entre o teórico e as falas dos estudantes.

Nesse movimento, a autora adentra na temática das afetações em comunidades virtuais compartilhadas por jovens, extraído do fluxo materialidades das redes sociais, no caso, o *Facebook*. Percebemos nesta abordagem, enquanto estratégia metodológica, a “entrada” *insider* da pesquisadora em grupos e páginas pessoais de seus empíricos. Em nosso caso, o processo “etnográfico para as redes” se perfaz pelo processo do “flanar” no fluxo. Em nossa visada, os materiais foram coletados em informações disponibilizadas pela “linha do tempo” do pesquisador. A nossa proposta pretendeu analisar como o algoritmo age e atua na condição de “sistema algorítmico de resposta” quanto às ofertas publicadas pelos jovens quilombolas.

Os demais trabalhos elencados formam uma constelação de dados que recuperam esforços das diversas áreas dos saberes, a exemplo do Direito e da Educação que exaltam a importância da política pública de inclusão digital enquanto bandeira de cidadania dos afrodescendentes, em especial dos jovens quilombolas. Um importante contributo para este trabalho, após o Seminário de Tese, foram os Relatórios de Trabalho elaborados pelo Tribunal de Contas da União e pela Controladoria Geral da União (2015-2016). Esses relatórios se

encontravam em uma posição desprivilegiada nos “buscadores” de conteúdo na rede, a exemplo do *Google*. Entretanto, esses documentos oficiais são importantes por apresentarem um panorama geral sobre a implementação das políticas públicas de inclusão digital, trazendo à discussão experiências de países como a Inglaterra e a Dinamarca.

Os estudos sobre as diversas políticas existentes descrevem o esfacelamento, por baixa efetividade dos objetivos e diretrizes dos programas, necessitando dos gestores competentes um redimensionamento de ações de gestão para um melhor acompanhamento dessas políticas. Um dos trabalhos sobre a questão do reconhecimento e do direito às vozes pelas mulheres quilombolas foi realizado pelas pesquisadoras Janine Bargas e Danila Gentil Rodriguez Cal publicado pela Revista Observatório² em 08 de outubro de 2018. Nesse artigo, as autoras discutem o papel das mulheres quilombolas e as formas de reconhecimento e modos de afirmação de seu protagonismo nas comunidades negras, articulando estratégias para as situações de ruptura de antigos preceitos, a exemplo do modelo patriarcal.

O movimento do “Estado da Arte” ganha e revela novas potências no período de isolamento social motivado pela pandemia do novo coronavírus (março de 2020). A síndrome respiratória aguda provocada pela COVID-19, descreve uma preocupação de pesquisadores e de pessoas da sociedade civil para as condições precárias de acesso à informação nas comunidades quilombolas. Entre os achados, destacamos a mobilização de entidades do terceiro setor (ONGs) denunciando o “novo silenciamento” para as condições de acesso ao sistema básico de saúde pelas comunidades quilombolas. A primeira extração datada de 10 de maio de 2020 destacava a matéria publicada no portal “Terra de Direitos”, escrita por um coletivo de mulheres jornalistas e pesquisadoras: Lizely Borges, Kel Baster, Selma Dealdina, Iara Moura e Camila Nobrega, que revelava em determinado trecho que: “Dado o contexto, a construção de redes offline de confiança é uma importante via para a circulação de informação dentro das comunidades. Para a maioria das participantes da pesquisa são os agentes de saúde as principais referências no atendimento às dúvidas sobre a covid-19³”. A referida citação colabora para pensarmos na importância das redes de solidariedade articuladas nas superfícies desconectadas da “grande rede” digital.

² BARGAS, J.; CAL, D. G. R. Luta por reconhecimento, identidades e relações de poder: as mulheres no movimento quilombola. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 475-505, 8 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ojLaDO>. Acesso em: 31 jul. 2020.

³ BORGES Lizely. Como os quilombolas estão atravessando a pandemia no Brasil. *In*: Terra de Direitos, 15 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2YghMnp>. Acesso em: 07 ago. 2020.

A segunda referência vem do trabalho de Flávia Ribeiro no Portal “Alma Preta”, no qual retrata a situação das comunidades quilombolas no Estado do Pará⁴. Em determinado trecho, as condições de acesso precário fazem com que: “as comunidades estão afastadas dos centros urbanos e isso implica ainda a dificuldade em acessar a internet para ter acesso ao auxílio emergencial”. A matéria ali publicada expõe as lacunas do processo de inclusão digital que, na atual crise sanitária, se tornou o único caminho para acesso aos benefícios sociais, a exemplo do auxílio emergencial e seu trâmite administrativo totalmente digital, via plataformas.

O terceiro achado é a matéria publicada em 11 de julho de 2020⁵ no site “Carta Capital”, publicação de Ari Xavier e Bruna Hercog. Este se refere-se sobre as discrepâncias no acesso à informação quando se trata de pandemia em comunidades tradicionais. Com isso eles comentam que, “quando há o acesso, ele é precarizado, com limites de franquia de dados, baixa qualidade de sinal que muitas vezes só permite o uso do *WhatsApp* para troca de mensagens. Nas comunidades quilombolas e indígenas o cenário é ainda mais crítico”. Essas notícias nos fornecem elementos para discussões futuras sobre as promessas não cumpridas da digitalização da vida. O atual cenário das redes e da pandemia fragilizou os saberes e o conhecimento, os processos de desinformação passaram a disputar referencialidade com um direito fundamental, que é o direito à vida. Apesar disso, a divisão da sociedade apresenta dois segmentos distintos e contraditórios, dos que possuem ou não o acesso, nos possibilitando analisar chaves interpretativas futuras, tensionando objetos e contextos.

3.1.4 Direcionamentos do caso para a prática: tensionando os objetos

O trabalho do “pesquisador-ourives” permite a formulação e a constituição de hipóteses argumentativas de tal modo que possa indicar caminhos outros não previstos no processo de análise da coleção. O empírico e seus materiais foram submetidos à Comissão de Ética da Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e teve seu parecer de número 2.689.448 aprovado em 04 de junho de 2018. Na ocasião, a amostra inicial fora composta por 17 jovens quilombolas inscritos no meio *Facebook*, dos quais apenas 11 concordaram, preencheram e autorizaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Assentimento (TA).

⁴ RIBEIRO, Flávia. Quilombolas do Pará promovem ação na internet para denunciar desamparo. *In*: Alma Negra, 26 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Yj8fvC>. Acesso em: 07 ago. 2020.

⁵ XAVIER, Ari; HERCOG, Bruna. Pandemia, desigualdades raciais e acesso à internet: e eu com isso? *In*: Carta Capital, 11 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ab31Yi>. Acesso em: 07 ago. 2020

A totalidade da amostra, do empírico extraído, é composta por 3.411 capturas de telas, houve a distribuição por 29 pastas de arquivos, conforme o trânsito das materialidades na linha do tempo do meio *Facebook*. O arquivo mais antigo está datado de 18 de outubro de 2016 e o último coletado em 17 de agosto de 2019. O banco de dados compreende um total de 1,77 Gigabytes e armazenado em três locais distintos e em redundância, sendo dois físicos e um nas nuvens, do tipo *cloud storage*. Nesse esforço de captura, em colecionar e analisar as imagens com suas múltiplas nuances, pretendemos destacar e sinalizar nesta tese, os pontos de “início” e de “virada” das extrações que delimitam as fases/transições e atualizações performáticas da representação imagética e identitária do jovem quilombola do Matão.

Destacamos que a pesquisa não contou com o apoio de instituições de fomento à pesquisa, a exemplo do CNPq e da CAPES. Nesse sentido, a pesquisa careceu de apoio financeiro para fins de melhoria de recursos técnicos/programas estatísticos que trariam maior qualidade e potência ao empírico, talvez permitindo a sinalização de elementos que não percebidos pelo pesquisador, diante da dimensão das extrações disponíveis na amostra da pesquisa. O trabalho de campo foi realizado em três movimentos, sendo um de apresentação do projeto da pesquisa aos próprios jovens e à comunidade quilombola, seguido de assinaturas dos termos de autorização da pesquisa, encaminhando em seguida para a coleta de dados em questionário executado em 17 de novembro de 2019. O trabalho com o questionário serviu de base para validação do movimento e das operações lógicas propostas por Peirce em movimentos ascendentes e descendentes. As dinâmicas com seu imagético selecionado reconstroem o caminho em temporalidades, do mais antigo ao mais recente, destacando entre os pontos de “entrada” e de “virada”, quais imagens/representações surgem inéditas, sendo postas em replicações (enquadramentos, filtros, técnicas) que, em seguida, os jovens produzem um outro/novo inédito.

Fotografia 3 – Apresentação da pesquisa na Comunidade Quilombola do Matão



Registro de apresentação dos primeiros movimentos da pesquisa aos jovens da comunidade quilombola em 25/02/2017.

Fonte: Registradas pelo autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A sistematização das primeiras coleções apontou para o desafio de constituir e de acompanhar um diagrama geral da pesquisa para visualizar as nuances e zonas de passagem desses jovens negros no meio *Facebook*. O *close* e movimento de aproximação de cada etapa descrita serviu de pressuposto para avançarmos e prosseguirmos nos objetivos do estudo. Esta descoberta do movimento dentro da proposta metodológica adotada permitiu reunir as condições de possibilidade para o estudo de caso.

O desenho do caso e o campo de observação da pesquisa possuem características complexas, primeiro por conta da definição do próprio objeto, de natureza descritiva, cujas coleções dos materiais sob a luz das inferências configuram bases interpretativas para a compreensão do fenômeno. O segundo movimento, de natureza explicativa, trilhou o caminho das inferências buscando identificar os fatores que contribuíram para a ocorrência de determinada ação/ocorrência/movimento/dinâmica por parte dos jovens quilombolas.

O enquadramento da análise dos dados com a fusão das perspectivas qualitativas (questionários, entrevistas, observação, conversas informais) foi confrontado com a ocorrência da pesquisa quantitativa (número de imagens, postagens com respectivo tipo de enquadramento técnico, uso de filtros, mensagens de teor afirmativo – identitário), fase esta, de extrema importância para a validade da presente pesquisa.

A opção por um primeiro plano de análise na modalidade qualitativa foi exigida para compreensão do processo performático acionado pelo objeto de estudo porque Liebscher, (1998) apud Freitas e Jabbour (2011) chamam a atenção para a natureza complexa do fenômeno a ser analisado e confrontado, de característica perambulante/tentativo e canhestro das ofertas enunciadas por jovens quilombolas. Nesta rápida entrada ao empírico, elencamos os passos para a aproximação deste pesquisador com a empiria, nisso descrevemos narrativas, analisamos a qualidade dos movimentos perambulantes e performáticos, cruzando os dados da pesquisa de campo com o quantitativo das coleções, valorizando as evidências demonstradas.

O estudo de caso apresentado reuniu e sistematizou informações sobre a ocorrência dos usos e apropriações interessantes. O presente movimento consiste em construir e mobilizar a teoria com a práxis, coletando evidências por meio das entrevistas e da observação direta (análise dos contextos locais e de pesquisa dos jovens) em conversas informais.

A proposta desenvolvida se fez pela transcrição e descrição fidedigna das evidências coletadas no campo, construindo uma base sólida sob os principais conceitos da área, tensionando a mediação, seus dispositivos com os usos e apropriações, enriquecidos por atorização e o reflexo da totemia. Os esforços que empreendemos se seguiu por cruzamentos de dados e das evidências qualitativas e quantitativas, o que nos permitiu encontrar caminhos inteligíveis para a análise e comprovação das hipóteses inicialmente suscitadas.

3.2 Meios de Coleta e de Observação do Empírico no Fluxo

Diante da necessidade da adoção de procedimentos metodológicos rigorosos, extraímos da netnografia o recurso e a técnica de “pausar”, observar e coletar do fluxo as ações dos jovens quilombolas conectados em ambientes virtuais. O objeto de pesquisa neste método permitiu descrevermos hábitos, formas, meios pelos quais os sujeitos em rede passaram a interagir com seus pares interligados em plataformas digitais.

O acionamento das estratégias metodológicas da netnografia nos auxiliou na descrição das marcas e ocorrências constituídas a partir das postagens, interações e tipos de gramáticas próprias evocadas pelos usuários que continuamente recorreram a um processo tentativo de consolidar uma identidade de grupo. Este é um fenômeno que resulta das afetações com a mediação. Nesse sentido, os desafios da pesquisa foram múltiplos, posto que atentamos para a complexidade das redes, passando pelos processos interacionais e pela forte presença da efemeridade. Esses efeitos exigem um olhar atento para “captura/registo” do fenômeno comunicacional em curso.

Os dados obtidos pelos materiais descrevem a ocorrência de uma complexa teia de realidades socioculturais que estão inseridas e que emergem dos ambientes digitais atravessados por lógicas canhestras. Para Robert Kozinets (2014), a análise dos dados exige uma abordagem adaptada para as redes sociais e digitais da informação. Nesta abordagem metodológica para as redes, outra questão a ser detalhada diz respeito aos objetos que emergem das redes e desses materiais que se inserem nelas, partindo da descrição das estratégias mais simples para as mais complexas da interação.

A medida em que os dados são capturados e extraídos, buscamos qualificar o fenômeno em latência que envolve, em nosso caso, indivíduo-tecnologia-efeitos-reinvenções. As descrições decorrentes do que foi observado nos permitem perceber transições que ocorreram entre as esferas do social/grupal para as lógicas das redes/algoritmo e, quais

afetações ocorreram desse contato quando o indivíduo deparou com os múltiplos “eus”/ e os outros em suas demandas específicas.

A netnografia como método serviu para extração dos dados presentes no fenômeno comunicacional através da observação participante das publicações enunciadas e expostas na linha do tempo do meio *Facebook*. A técnica acionada ampliou as possibilidades de observação em relação ao método antropológico tradicional. O campo de observação da netnografia para análise dos comportamentos/operações, nos quais os indivíduos realizaram o uso de plataformas digitais e de seus recursos, permitiu vê-los “indo adiante” ou recuando em suas ações, conforme trânsito e contexto do ambiente socioterritorial.

Como dito anteriormente, os recortes, montagem e análise ocorreram por meio do arquivamento eletrônico, que permitiu a criação do banco de dados e a análise contínua dos fluxos e ofertas extraídas no meio do *Facebook*. Não é demais acrescentarmos a adoção da estratégia do “*printscreen*” – ou da captura de tela – que oportunizou o registro das materialidades marcadas por uma intensa efemeridade. As extrações foram gradativamente constituídas em um esquema “*just in time*” contínuo, apreendendo a descrição dos rastros/marcações deixadas pelos sujeitos da pesquisa em suas interações online.

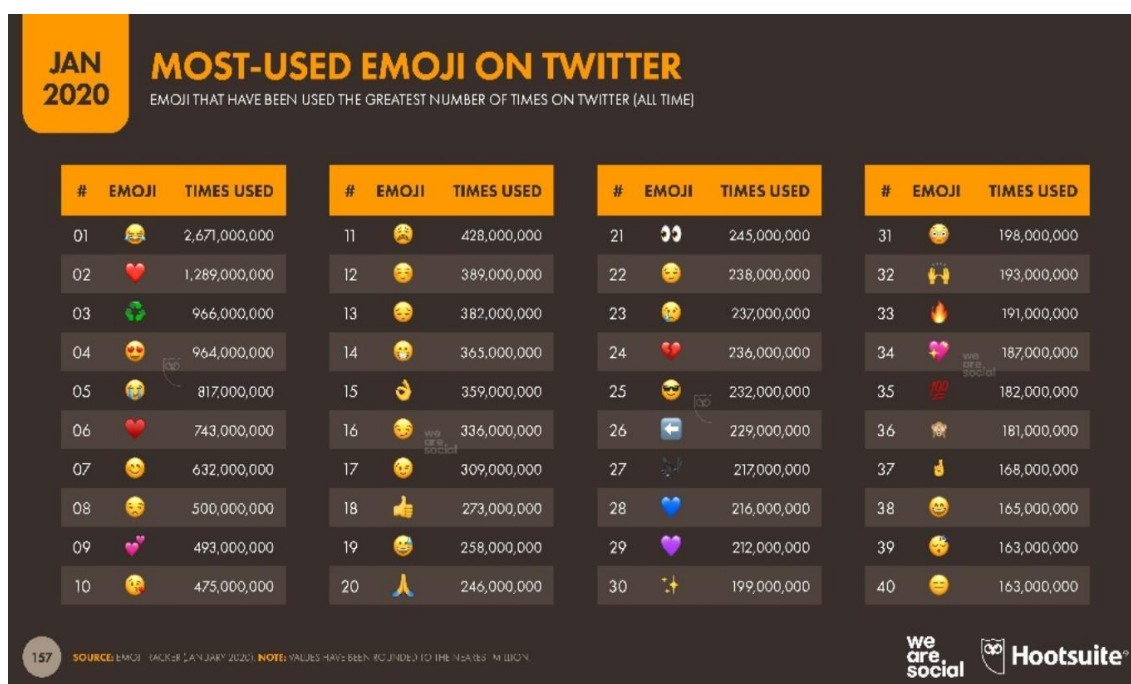
Nisso percebemos que as relações e os elos interacionais mantidos pelos usuários (entre jovens) mantêm vivo o engajamento e a retroalimentação da plataforma. A dádiva ocorre quando o algoritmo torna visível uma publicação específica, espalhando sentidos e alimentando uma intensa circulação de complexos retornos. O esquema metodológico da netnografia permitiu-nos descrever a ocorrência de processos complexos que envolveram à priori, o uso de aplicativos (APPS) – suporte tecnológico, ferramentas aptas para recursos, edições, reelaborações; do agir dos meios digitais emoldurados por plataformas (*Facebook*). Essas condições e cenários são disparadores e configuradores dos sentidos expressos e enunciados por jovens quilombolas. Os rastros e sentidos reconstituídos nessas dinâmicas revelaram os caminhos e processualidades das apropriações realizadas pelos jovens na linha do tempo do *Facebook*.

3.2.1 O método das redes na configuração do caso: analisando o contexto

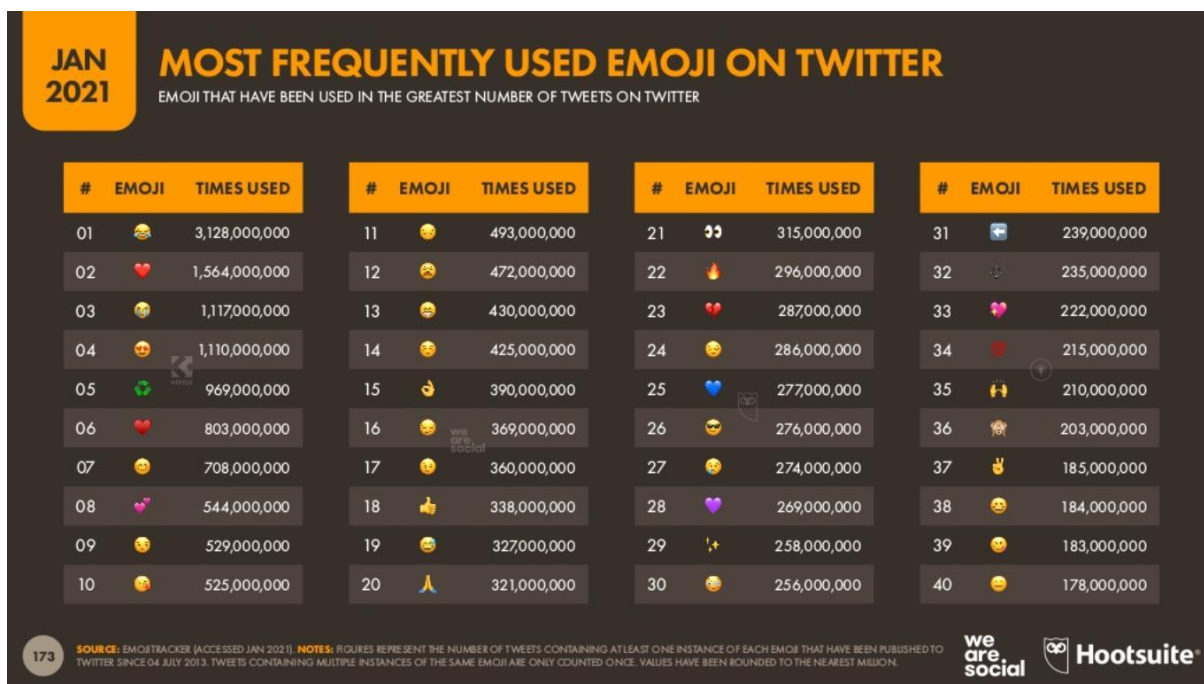
O pesquisador da Universidade do Sudoeste da Califórnia, nos Estados Unidos, Robert Kozinets (2014), descreveu o método da netnografia como uma das formas de verificar as intenções a partir das interações sociais sustentadas e constituídas pelos laços de “familiaridade” e de proximidade entre usuários conectados em uma plataforma. O termo

“cultura da rede” para ambientes digitais “como sabemos”, segue orientações apreendidas em um complexo e ramificado conjunto de significados nas múltiplas relações (ator-ator; ator-instituição; ator-rede; rede-rede). Esses sistemas culturais de significados são constituídos por meio de negociações *on-line* e de acionamento de gramáticas específicas de interação, onde destacamos, os *emojis*⁶. Estes tornam-se quase expressões idiomáticas, de sentidos discursivos em duplo sentido e em movimentos tentativos para “burlar” o meio, no caso das desterritorializações de geolocalização das publicações.

Figura 16 – Quantidade de vezes e de acionamento dos *emojis* na plataforma *Twitter*



⁶ O uso dos “emojis” aciona condicionais dentro do sistema de comunicações simbolicamente generalizados, ou seja, tem validade universal, regula situações, descrevem subjetividades e estados emocionais.



Do riso ao choro alguns bilhões de acionamentos separam sentimentos antagônicos e em oferta, direcionando esforços do meio para captar estes anseios. Em 2021, observamos o “emoji” do sentimento “choro” sair da quinta posição em 2020 para a terceira em 2021. Dados referentes ao mês de janeiro de 2020 e 2021.

Fonte: We Are Social. Disponível em: www.wearesocial.com/digital-2020. Acesso em: 01 março, 2021

As comunidades de indivíduos conectadas pelos aparatos eletrônicos são alimentadas por energia vital transferidas pelo contato “face a face” destes usuários em diversas socializações no cotidiano, seja na escola, nas festividades, aniversários. No caso dos jovens quilombolas, tomados neste estudo, observamos uma espécie de adaptação do meio *Facebook* aos anseios destes jovens fornecendo chaves de observação para emoldurar o desejo por visibilidade e reconhecimento. Ao descrever as interações em comunidades virtuais, Kozinets (2014) afirma que os “indicadores de afeição, afiliação e outros elementos esclarecedores da comunicação ocorrem por meio de novos símbolos, ou ‘paralinguagem’ eletrônica, tais como os conhecidos ‘emoticons’, erros ortográficos propositais, ausência e presença de correções e letras maiúsculas” (KOZINETTS, 2014, p. 19). A descrição e análise dos dados possuem um “mix” de processos que envolvem análises tanto qualitativas (sentidos, gramáticas, intenções) e quantitativas (extrações realizadas em múltiplas datas, usuários). Nesta primeira vertente, qualitativa, o pesquisador descreve sentidos e contextos dos materiais e, em seguida, analisa quantitativamente a ocorrência do fenômeno.

Kozinets (2014, p. 19) também afirma que a descrição qualitativa pretende “desenhar (ou redesenhar) o mapa de um terreno novo ou em rápida transformação”. Já na análise quantitativa, diz que “aprimorar o conhecimento do modo como esses pequenos conjuntos de

construtos se inter-relacionam”. Nesta pesquisa retratamos as culturas conectadas em ambientes digitais e como os usuários compreendem atitudes e correlações entre as ações, valores sociais partilhados por e entre esses indivíduos. A pergunta a ser respondida diz respeito às relações ou estruturas comunitárias que são partilhadas por jovens quilombolas em rede.

Os estudos da netnografia em redes sociais compreendem um método analítico que possui uma entrada nas estruturas e padrões de interações. Para Kozinets (2014), existem duas unidades de análise, os nodos (atores sociais) – pessoas, equipes, instituições que direcionam sua mensagem, bem como, vínculos e relações estabelecidas entre atores, agentes, instituições. As descrições e análises realizadas nas redes sociais são compostas por uma ampla gama de materialidades “textuais, gráficos, animados, de áudio, fotográficos ou audiovisuais” (KOZINETS, 2014, p. 40).

Na condição de pesquisador fomos desafiados para descrever e desenhar padrões e vínculos que se estabeleceram em movimentos perambulantes. A análise prévia das materialidades coletadas revelou a priori que as práticas sociais e os tensionamentos da superfície social e comunitária alteram os sistemas de significados no interior da comunidade negra. O método de abordagem netnográfico foi importante para alinhar o foco (captura de informações) com o problema da pesquisa (observar marcas e transições entre as dinâmicas). Esse movimento revelou elementos de um cenário amplo, de usos de diferentes estratégias de coleta de dados e nas mais variadas formas e meios nos quais os participantes interagem.

As opções de netnografia acionadas nesta pesquisa consistiram em dois tipos, que foram dados arquivais, copiados diretamente de comunicações mediadas por computador preexistentes dos membros de uma comunidade online, e dados extraídos como resultado da interação do pesquisador por meio de interação pessoal e comunitária quando da realização das entrevistas. Neste instante é importante dizermos das estratégias de resguardo das informações que se seguiram por meio de capturas de dados que contêm estímulos visuais, compartilhamento de áudio e imagem, mundos virtuais e algumas áreas de websites de redes sociais, arquivos e materiais resguardados em um formato legível de captura e de maneira aproximada, descrever o que se vê na tela.

Destacamos que o quarto capítulo estará ancorado na análise dos dados, partindo da codificação das categorias, dinâmicas temporais; de anotações do contexto sociocultural; da abstração e comparação das relações e etapas; do trabalho com a verificação e refinamento – da pesquisa de campo com os sujeitos da pesquisa; descrevendo as generalizações do

fenômeno e, na última etapa, teorizar na análise e tensionamento teórico para comprovação de tese.

O quadro analítico da tese permite percebermos que a pragmática destas relações que transcorrem na ambiência digital forjou ampliações entre mundos sociais (do ‘eu’ para os múltiplos ‘eus’), sendo marcadas por uma intensa expansão dos significados sociais e discursivos. Ao inscrever a tese sob a perspectiva dos critérios netnográficos para a extração dos dados no meio *Facebook*, a pesquisa foi construída com a adoção dos seguintes critérios: *da coerência* - porque cada interpretação é reconhecidamente diferente, por isso está livre de contradições internas, legitimada por apresentar um padrão unificado; possui representação teórica respaldada por dados, onde as ligações entre dados e teoria são claras e convincentes; sobre o critério da *ressonância*, este se evidencia pela conexão personalizada e sensibilizadora do fenômeno cultural, adquirido; *pela reflexividade* – por este critério, o presente pesquisador adotou uma atitude aberta a interpretações alternativas, em respeito à práxis da ação social e comunicacional dos sujeitos envolvidos.

Este método é uma invenção criativa para descrever as ocorrências das representações sociais que permitiram o pesquisador levar em conta a interligação dos vários modos de interação social, e como atuam as lógicas destes espelhos, das experiências do *on-line* e do *off-line*, dentro e fora da comunidade.

3.2.2 Uma tentativa descritiva do caso: o diagrama/desenho da pesquisa

Neste tópico apresentamos uma analogia circular que transforma e contextualiza o objeto em torno do conjunto das primeiras inferências apresentadas, e que foram convertidas em metáforas que apontam e direcionam para outras zonas de contato de forma heurística. A opção de retratar o desenho inicial da pesquisa em um diagrama não se trata “de resolver o problema empírico, mas de elaborar condições de suas possibilidades enquanto dispositivos de pensamento, ou melhor, enquanto movimento de ideias em diálogo e em transformação” (MACHADO, 2015, p. 67). A relação desse desenho com a semiótica triádica é:

(...) uma forma de alcançar a semiose das operações interpretantes do pensamento pela observação dos modos como se desenvolvem tais relações triádicas. Os elementos dessa tríade são variáveis, dependendo da relação observada entre o signo e seu objeto, o signo se manifesta como índice, ícone ou símbolo: o índice manifesta relação de existência; o ícone, de similaridade; o símbolo, uma relação convencional. O diagrama insere-se na categoria do ícone e divide com a imagem e com seu objeto. (MACHADO, 2015, p. 66).

A pesquisadora Irene Machado (2015), ao descrever as múltiplas operações acionadas pelo objeto da pesquisa, demonstra que este exercício de tensionamento “qualifica seu objeto e projeta suas possibilidades (desloca no tempo e espaço). (...) Uma vez que o ícone confere a forma e define o modo de articulação do pensamento” (MACHADO, 2015, p. 66). Essa condição de articulações e acoplamentos, Machado (2015) diz ocorrer quando, ao descrever o objeto e suas figuras, passamos a trilhar pelos caminhos de dimensão interpretante do problema da pesquisa. Contudo, a proposta de formulação de diagrama não pretende executar um fechamento lógico, mas um reconhecimento na intersubjetividade, nas lógicas das forças subjetivas e nos caminhos intersubjetivos das figuras.

O movimento dialético ascendente e descendente revela o processo abduutivo, cuja argumentação metodológica trabalha com a construção do objeto, de seu estudo empírico ao epistemológico, traçando transversalidades, codificações referenciais, em que a linha do tempo sofre deslocamentos e movimentos das figuras e do objeto que necessitam ser indicializadas, dissecadas e extraídas do fluxo. Essa coleta relaciona ações dos atores, suas explosões, regulações, usos e modos de operacionalização entre dinâmicas e temporalidades na ambiência implementada naquela comunidade quilombola.

O objeto e as figuras foram desenhadas a partir de um diagrama geral elaborado enquanto representação linear do “acolher o raciocínio produzido pelas distintas relações dialógicas de contiguidades, associações, confrontos e, sobretudo, de inferências e de abduções abertas ao florescimento de hipóteses” (MACHADO, 2015, p. 64). Ou seja, uma “operação de topologias resulta de um trabalho conjunto atribuído à orquestração de uma mente quando se trata de relações em larga escala de processos culturais não é da mente humana que se trata, mas sim da mente da cultura” (MACHADO, 2015, p. 65-66). Esta operação de observação do caso e da ambiência implementada na comunidade quilombola descrevemos no tópico a seguir.

3.2.3 Construção do quadro observacional da pesquisa - descrições, fases e caminhos: por onde seguir?

A constituição do caso no campo de observação da pesquisa traz, no diagrama em formato hexagonal, o tensionamento entre figuras e as relações dos pontos de “virada” e de transição entre as dinâmicas. O modelo e desenho apresentado foi, inicialmente, desenvolvido no decorrer do componente curricular “Midiatização: Aportes Metodológicos” ministrado pelo Professor Doutor Jairo Ferreira no semestre de 2017.1. A figura proposta teve por

objetivo descrever os endereçamentos e “caminhos” iniciais percorridos por jovens quilombolas no fluxo da ambiência digital.

A figura intitulada por: “caminhos tentativos das experimentações, usos e apropriações imagéticas dos jovens quilombolas na circulação do circuito ambiente” foi onde buscamos descrever as processualidades dos sujeitos acoplados naquela ambiência digital, situando os movimentos de transição entre o “local-global, global-local”, experiências de atualização e de tensionamento (identidade-memória; imagem ‘real’-imagem ‘virtual’).

O quadro de observação foi elaborado por meio das análises das imagens do grupo de dança e percussão; dos recursos tecnológicos disponíveis, dos registros/dissecações em diferentes temporalidades dos jovens quilombolas inscritos no meio *Facebook*, das observações dos rastros e atualizações identitárias/imagéticas via aparatos e dispositivos sociotécnicos-discursivos e disponíveis na comunidade.

Nos indícios extraídos há remissão a uma historicidade inicial, remontando ao passado da comunidade. A observação das materialidades acerca dos usos e apropriações das narrativas e modos de enunciação foram aprimoradas pelos *feedbacks* complexos (FAUSTO NETO, 2010b), que se fundiram ao imagético reconstituído, implicando na tensão do grupo de dança e percussão (“OloduMatão”), bem como, os processos de circulação no meio *Facebook*.

A interdiscursividade é mobilizada por forças transcendentais percorrendo o trânsito entre o meio e os interagentes. A circulação é o local/dispositivo que nutre e arma o produtor com novas/outras operações de discursividades e de sentido. Os efeitos deste dispositivo ocorrem pelo “modo como os produtores/receptores se encontram em jogos de oferta”. Deste contato, seus efeitos descrevem a seguinte ocorrência: quanto maior é o contato do jovem quilombola com seus interagentes, maior é a perda das intenções discursivas.

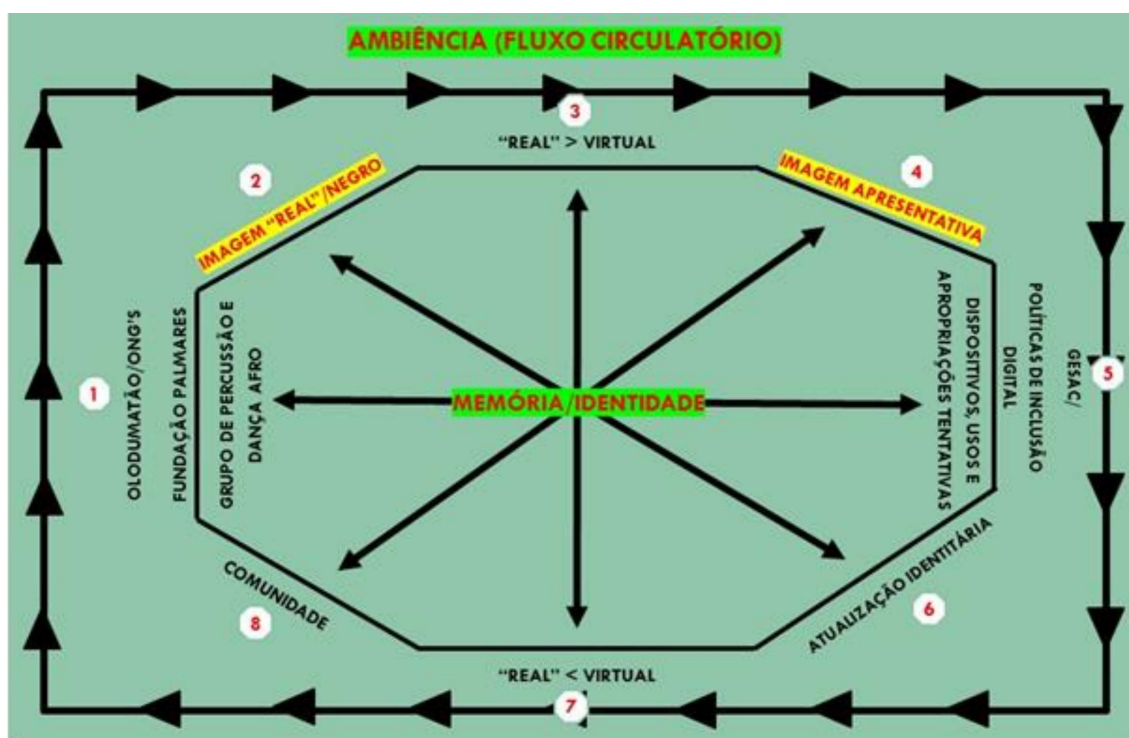
Pondera Ferreira (2012) que o diagrama constitui uma importante etapa para a construção de caminhos inteligíveis para os acionamentos de materiais necessários para a validação do estudo de caso. Por isso, o desenho foi elaborado em formato hexagonal⁸. Neste quadro mais amplo, as figuras selecionadas nos auxiliaram na apresentação mais aberta dos

⁷ As discussões sobre os conceitos de “real-virtual” destacada nesta tese é uma especificidade técnica da comunidade quilombola que transita de um estado “off-line” para um “online” quando contacta o ponto de conexão. Neste espaço real “off-line” observamos a pré-seleção de elementos a serem postos em circulação.

⁸ A apresentação do diagrama em formato hexagonal tem sua origem na descoberta dos triângulos da contrariedade e da subcontrariedade (COSTA Jr, 2012, p. 262). O teórico Blanché se apropriou deste conceito para desenvolver o hexágono lógico. O modelo tentativo de descrição observacional do objeto foi desenvolvido durante o percurso da disciplina, *Midiatização: Aportes Metodológicos*, ministrada pelo Professor Doutor Jairo Ferreira. A figura proposta e tentativa tem como objetivo descrever os “caminhos” percorridos pelos jovens quilombolas no fluxo da ambiência.

movimentos em articulação. Com efeito, a inspiração para seu desenho se originou da “observação selvagem” de que fala Braga (2018). O empírico capturado por breve momento no meio *Facebook* nos permitiu a contextualização em torno das inferências apresentadas e estas, já transformadas em metáforas, apontaram para zonas heurísticas em tensão e afetações mútuas.

Figura 17 – Exercício tentativo de observação da pesquisa (2017)



Este exercício de observação tentativa da pesquisa descreveu um esquema de circulação das materialidades dos jovens quilombolas no meio *Facebook*.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2017.

O excerto acima nos mostra as operações de observação primárias⁹, acionadas pelo tensionamento da figura e de seus desdobramentos em dinâmicas que “qualifica seu objeto e projeta suas possibilidades (...). uma vez que o ícone confere a forma e define o modo de articulação do pensamento” (MACHADO, 2015, p. 66). Essa condição foi elucidada pela professora Irene Machado (2015), que ao descrever o objeto e suas figuras busca descrever caminhos para a dimensão interpretante do problema da pesquisa. Contudo, na formulação do diagrama não pretendíamos executar um fechamento lógico, mas ilustrar e reconhecer na

⁹ O referido desenho analisou à época (2017), um movimento de oito etapas (transições) das materialidades na circulação da ambiência digital. As etapas percebiam o empírico saindo de seu “espaço-território”, iniciando seu processo gradativo de digitalização de sua representação que passa por uma atualização (espaço eu-mundo) e, deste contato com a audiência do meio *Facebook*, retornando chamado “espaço mundo digital” para acoplar na comunidade novos endereços simbólicos.

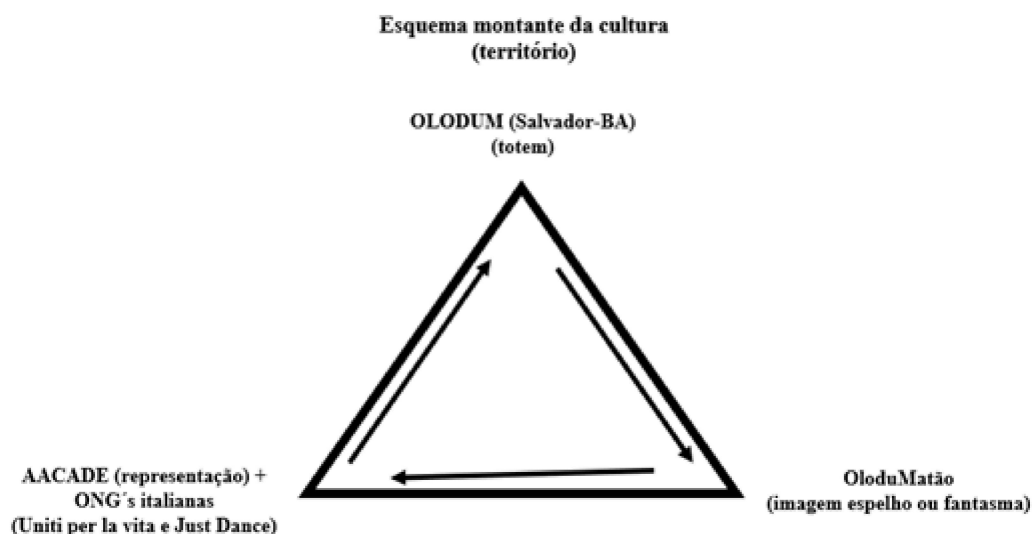
intersubjetividade, quais lógicas, forças subjetivas e caminhos seriam possíveis para revelar lógicas e ordenamentos internos da complexidade do observável.

3.2.4 Caminhos e direções do desenho da pesquisa: descrevendo os primeiros indícios

A opção pelo uso de um desenho inicial tornou possível solidificar os elementos imersos em um terreno movediço, depuráveis na análise da circulação no *Facebook*. A resultante desse movimento foi afastar da pesquisa uma possível fragmentação teórica e epistemológica da área da comunicação. Os múltiplos recortes e corpus de áreas afins lançam “luzes e holofotes” conceituais, ofuscando o “desentranhamento” do comunicacional. Nessa importante etapa houve o alinhamento epistemológico da linguagem comunicativa e em negociação entre os jovens quilombolas em rede, que com seus dispositivos possam encaminhar uma decodificação para o nível hipercodificado das materialidades deste observável.

Retornando ao que dizíamos, o foco do trabalho consistiu em depurar o empírico na interface da rede social *Facebook*, descrevendo para tanto, uma coleção e classificação das imagens extraídas no fluxo, analisando as “molduras” e estruturas técnicas, cujos ângulos e enquadramentos possam evidenciar os modos, meios e formas de enunciação dos conteúdos ofertados e postos em circulação na rede social do *Facebook*. A opção descritiva da ambiência principal e de suas vertentes buscaram, tentativamente, abarcar o empírico e suas nuances que foram se configurando a cada episódio e atualização. Na lógica da midiatização e de suas instâncias, descrevemos abaixo dois esquemas que se afetam, mutuamente, nos vazamentos que passamos a ilustrar.

Figura 18 – Construção do esquema montante referente à observação da pesquisa



O primeiro desenho aponta para as afetações que transcorrem nas práticas sociais no território da comunidade quilombola. Este desenho representa as negociações e tensões entre as Instituições em Vias de Mídiação e o grupo de jovens participantes das ações das ONGs estrangeiras.

Fonte: Elabora pelo autor, 2020.

O esquema a “montante” é um processo e movimento que ocorre de “baixo para cima”. No desenho, as ONGs italianas recorreram à representação imaginária/lembança do grupo “Olodum” na Bahia como um modelo de referencialidade totêmica de grupo de percussão e dança afro. Esse modelo do tipo “ideal” de cultura funciona como um retorno à comunidade como um espelho a ser replicado, inclusive em sua simbologia de cores e formatos.

Fotografia 4 – Imagens que retratam o totem (esq.) e o espelho/fantasma (dir.)



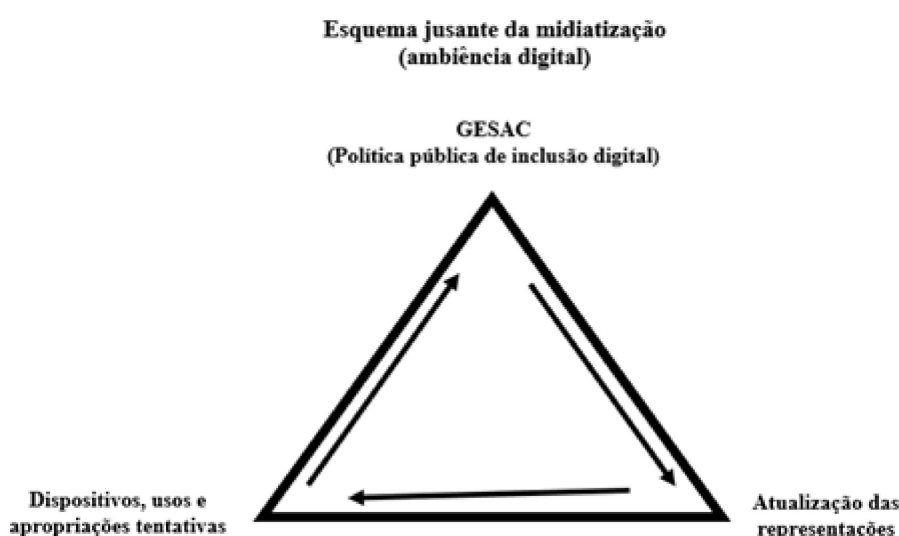
As imagens retratadas destacam o simbólico partilhado entre o totem (esq.) do grupo Olodum, Salvador (BA) e com o espelho (dir.) e representação fantasma composto pelos jovens quilombolas do Matão.

Fonte: Imagem à esquerda: Olodum, Salvador (BA). UFBA, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Ma3G4r>. Acesso em 20 ago. 2020. Imagem à direita: Apresentação do “OloduMatão”

em João Pessoa (PB). Blogger do “OloduMatão”, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2YkXYyU>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Pelas considerações acima, apresentamos o esquema montante agregador de marcas que demarcam energias simbólicas oriundas do território comunitário, este último, almeja vincular-se ao simbólico do totem que aparece representado na figura do Olodum, Salvador-BA. Para além disso, o movimento contrário é o descendente, por ele percebemos as afetações da ambiência digital e o que ela suscita nas reflexões que passamos a analisar nas reflexões que compõe o segundo desenho.

Figura 19 - Construção do esquema jusante referente à observação da pesquisa



O segundo desenho representa as afetações resultantes do contato com as zonas canhestras da midiáticação na comunidade quilombola. Neste esquema, os dispositivos atuam na mediação com a ambiência digital implementada pelo GESAC e, dos acessos a circulação desta ambiência digital, temos a ocorrência das formas identitárias híbridas.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

De acordo com o esquema apresentado, percebemos no movimento jusante uma afetação que transcorre em um fluxo “de cima para baixo” destacando, em plano superior, a referencialidade do programa de inclusão digital (GESAC) como mola propulsora das novas experimentações da circulação midiática na ambiência digital. Segundo esses dois esquemas, fica demonstrado que “montante” e “jusante” configuram uma série de atravessamentos, sem precedentes, entre a cultura, identidade, pertencimento e memória que apresentam lógicas da midiáticação, zona canhestra, de operacionalização por dispositivos, modos híbridos de ser e estar no mundo. Esse transpassar entre esquemas montante e jusante podem ser descritos nas extrações abaixo.

Figura 20 – Marcas das afetações do esquema jusante da midiatização



Nas extrações e capturas de tela visualizamos as marcas das afetações resultantes da circulação na ambiência digital. Na imagem à esquerda, o jovem se apresenta no Dia da Consciência Negra com o grupo de dança e percussão do “OloduMatão”¹⁰.

Fonte: Do autor, 2016 e 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

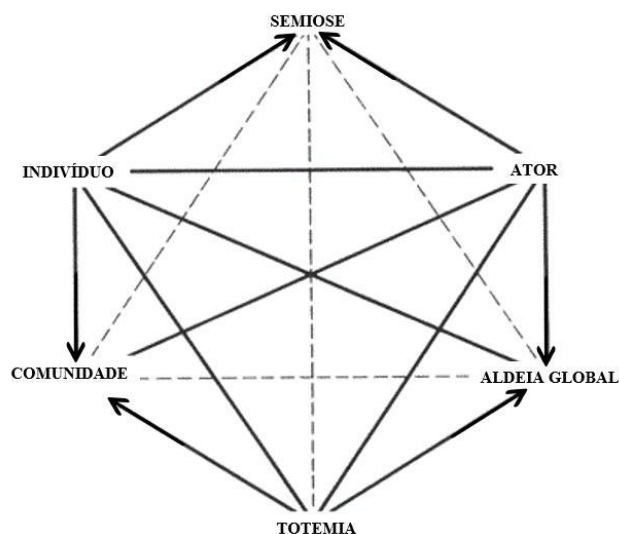
Embora esse processo de escavação e dissecação das imagens nas redes e dos seus esquemas a montante e jusante ainda precise ser aprofundado, descrevemos a ocorrência de duas perspectivas de grande relevância: uma de estética fágica e outra êmica (KILPP, 2010), que se alternam conforme as subjetividades e atualizações das redes.

Identificamos, ainda, outra questão nos movimentos estudados, que consiste na ocorrência de uma “vitrificação” das mercadorias produzidas pela indústria cultural, a exemplo da camiseta da banda americana “Ramones” pelo jovem quilombola. Esta ação é resultante destes sólidos tradicionais que são liquefeitos e ganham outras roupagens, agora fluídas e fragmentadas.

Os exercícios no fazer pesquisa nos fizeram lidar com figuras que compuseram um quadro de observação mais centralizado. O enquadramento e ângulo de entrada, por estar baseado em tensões micro estruturais, expressas nas coleções ofertadas por jovens quilombolas, nos permitem revisitar, na oportunidade daquele desenho proposto pelo Prof. Dr. Jairo Ferreira no Seminário de Tese (2018) quando observou um esquema e espaço de tensão entre atores, espaços (geográfico e digital) que tensiona e afeta as representações.

¹⁰ Mesmo diante do processo regulatório da Instituição em Vias de Midiatização “OloduMatão” que busca “fixar” sua referencialidade ao totem do grupo Olodum, da Bahia, as forças exógenas da circulação encobrem o simbólico, deixando vaziar tais elementos da indústria cultural. Na segunda extração à direita, o jovem acolhe em sua enunciação elementos outros a seguem reconhecidos pelos interagentes.

Figura 21 – Hexágono lógico de tensionamento da pesquisa (FERREIRA, 2018)



Hexágono lógico proposto como ponto de partida para a visualização das dinâmicas apresentadas pelas ofertas postas em fluxo.

Fonte: FERREIRA, 2018. Observações do Seminário de Tese (Prof. Dr. Jairo Ferreira)

Diante do cenário de múltiplos *inputs*, passamos a indagar “quais operações e lógicas são acionadas pelas dinâmicas da circulação do jovem quilombola no meio *Facebook*? Dos observáveis do empírico, “quais marcas sinalizam mudanças, atravessamentos de fases na temporalidade da circulação”?

O exercício desenvolvido pelo uso do diagrama principal foi sugestivo para o encaminhamento de outras angulações nas materialidades extraídas. Os observáveis demandaram uma análise tentativa das transições e intersecções derivadas dos tensionamentos do empírico. Sendo assim, o quadro proposto por Ferreira (2018) no Seminário de Tese é um ponto de partida, contudo, encontra alguns desafios e chaves de leitura para analisar os movimentos perambulantes das enunciações no *Facebook*. Os desenhos e modelos apresentados nesta nossa abordagem fazem parte da observação que apresenta algumas inferências criativas sobre os empíricos demonstrados à época do Seminário de Tese.

Na medida em que os desenhos elaborados e pensados no Seminário de Tese não contemplam todas as ofertas apresentadas na quinta e sexta dinâmica extraídas no fluxo, nos orientamos para montar uma estrutura de análise dos observáveis pós pesquisa de campo, confrontado as respostas dos jovens em sistematização das operações, estratégias e lógicas evocadas em cada dinâmica específica. Ferreira (2018), em um movimento interpretativo, observa que ocorre uma

(...) questão do reconhecimento: interface entre o social e o semiótico: - INDIVIDUALISMO CONECTADO - Na perspectiva semiótica, o reconhecimento

é sempre instável, provisório, incerto, lacunar; - ATORIZAÇÃO (ADAPTAÇÃO À LÓGICA DOS MEIOS EM REDE – SELFIE, ETC.); - COMUNIDADE – IDENTIDADE – MEMÓRIA; - INSCRIÇÃO DA ALDEIA GLOBAL – TOTEMIA - Por isso, a necessidade do mito e do rito – formas provisórias de fechamento – forma de compreender a proposta de Ana [ROSA, 2012], a totemia. Mas há aí um duplo vínculo totêmico: o midiático e o cultural. Ambos definem tempos, espaços e movimentos. (FERREIRA, 2018. Observações do seminário de tese, documento roteiro_tessarotto, arquivo digital em áudio).

Assim, o corpus da pesquisa compreende ciclos e temporalidades entre os usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no meio *Facebook*, apresentando desafios de ordem para a sistematização dos procedimentos metodológicos que vão sendo paulatinamente superados. A Professora Doutora Ana Paula da Rosa, em sua tese¹¹, realiza movimentos de apreensão do fenômeno das imagens totens. O ponto de partida acionado é o método abduutivo, “de onde se retira o substrato necessário para a busca de teóricas e argumentos” (ROSA, 2012, p. 114). Na sua pesquisa, os instrumentos de verificação apreendem ajustes e direções para as etapas no fazer científico do conhecimento a partir de um dado problema ou situação.

Rosa (2012, p. 115) evoca as “classes de raciocínio (...) a fim de obter a clarificação das ideias”, que, em Peirce (1999), são os sentidos e movimentos metodológicos. As classes de raciocínio são respectivamente, a indução, a dedução e a abdução. Esses elementos seguem níveis operacionais, onde “a dedução um raciocínio necessário que se caracteriza por partir de um estado de coisas hipotético, definido sob aspectos abstratos, para a observação” (ROSA, 2012, p.115). Ou seja, as observações iniciais e suas inferências “precisam ter relação com as premissas iniciais” (op. cit., 2012, p. 115) na pergunta da pesquisa.

Já a indução, após a observação e premissas, recorre às inferências para construir “regras interpretativas” para o fenômeno pesquisado. Nesse movimento, recorreremos à “articulação entre o singular e a teoria, sua aplicabilidade, verificação” (ROSA, 2012, p. 115). Após a análise do caso e de sua articulação com teorias, formamos uma “hipótese explanatória” onde é apresentada “uma ideia nova”, o movimento descrito como abduutivo enuncia na coleção do empírico “algo destoante”, sugestivo de uma especificidade ou percepção particular.

¹¹ ROSA, A. P. *Imagens-Totens: a fixação de símbolos nos processos de midiaticização*. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3iTLsGz>. Acesso em: 07 ago. 2020.

3.3. Tensionando o Objeto e seus Materiais: Das Imagens do Sujeito ao Controle das Plataformas e Interfaces do Meio

Neste tópico, as figuras que surgem permitem trabalhar com uma gramática própria e articulada, vendo as operações, relações de espaço-tempo entre a comunidade negra e a ambiência, observando nesta circulação os problemas expressos nos acessos, usos, codificações e decodificações. O presente estudo observa o percurso das enunciações que atravessam zonas fronteiriças entre a tradição e o moderno/híbrido/fluído das redes. O meio *Facebook* surge na oportunidade de ampliar laços de negociação para além do seu território originário.

A lógica da ambiência de mediação “diz respeito à unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: os processos comunicacionais, os contextos sociais e os dispositivos midiáticos” (ROSA, 2014, p. 28). A depender dos atuais sentidos a serem acionados e que ocorrem por meio deste *feedback* do social, o ser excluído passa a se mediar, fomentando um espaço de interação onde, o poder simbólico dos sujeitos e dos indivíduos constroem um consenso, cuja repetição e reprodução é a tônica deste fenômeno. Através das estruturas do social hierarquizadas e que se estruturam na realização das leituras de mundo, emergem valores simbólicos tais como, lembrança, repetição e perlaboração, que estão em potência e são postas em circulação no meio. Quando isso ocorre, os simbólicos são capazes de afastar as sensações de perdas deste passado, forjando outros e novos acontecimentos ressignificados.

Nesse sentido, a técnica e seus instrumentos vigilantes foram facilmente inseridos e manipulados pelos usuários, uma vez que, a dádiva prometida por esses aplicativos é o fim da solidão, promovendo uma série de situações sociais, interacionais e técnicas. A indústria com seus recursos e técnicas potencializam o mal-estar da hiperconexão e, ao mesmo tempo, apresenta as soluções para as contradições da pós-modernidade mediada.

A problemática reside na “grande ilusão” que, ao conectar e se desconectar da rede, as interações sinópticas no cérebro fossem capazes de cessar, o que não é mais possível. A mobilidade e suas interfaces instauram nos dispositivos uma rede tão ampla de conexões que, os registros de uso, preferências, buscas, palavras-chave são postas em contínuo e conectado fluxo.

As trocas realizadas nessa esfera binária trazem outras implicações, a exemplo do culto ao “eterno presente” e a busca incessante pelo prazer, do arriscar-se na exposição. Nesse cenário, categorias, mobilidades, canais e espaços de fala são reformulados, demandando aos

sujeitos comunicantes novas e outras formas de serem reconhecidos e legitimados. Assim, cogitamos que o meio *Facebook* atuaria na condição de “micro comunidade de sentido desse jovem quilombola”, articulando ações e os fazeres na plataforma.

O movimento da midiatização é responsável por esta alteridade que forma o “eu-identidade” diante do ‘estranho’. As formas de contato ocorrem quando, ao enunciar, o jovem quilombola lança cartas (coringas, azes, copas) que são mutáveis e compartilhadas entre sujeitos conectados ao *Facebook*.

Ao se inscreverem na zona canhestra do meio *Facebook*, o usuário se submete a uma série de ritos e de endereçamentos específicos “pelo e para” o “Outro”. As ações mais sinceras, menos forjadas para a simulação do “eu” emissor que passa a lutar contra sua morte digital quando ocorrer o “silêncio”/vácuo imposto pelo “Outro”. Esse processo de rupturas é esvaziado por um algoritmo que atualiza e relaciona uma forte dicotomia entre “humanização” – (a identidade do ‘eu’) e a desumanização – (a morte do “Outro”). O ato de enunciar nas redes sociais é potência da valorização desse “eu” em detrimento do “eu” estranho/Outro. Os recursos técnicos e seus aparatos de ferramentas filtram, recortam, montam e emolduram sentidos para que ambos “eus” não “agonizem” em meio às trocas simbólicas na linha do tempo do *Facebook*. Nisso reside a precariedade das relações com os meios em estado de hibernação.

O processo de diferenciação ocorre quando modos/formas pelas quais os sistemas (psíquicos e sociais) se relacionam e, ao mesmo tempo, se diferenciam. Para compreender estes sistemas significa descrever as operações nesta dupla vinculação entre constituição e na autorreferenciação que, em nosso caso, é o entendimento da constituição dos jovens quilombolas (em trânsito entre o TF e o TD) e sua relação com os não-quilombolas (interações exógenas) compreendendo quais operações levam esta diferenciação. A compreensão do fenômeno de diferenciação compreende níveis de inteligibilidade em condições materiais, simbólicas (comunidade-totem território) e interacional (constituir-se) em rede.

O totem quilombola possibilita a inteligibilidade para o jovem quilombola desenvolver importantes subsistemas que o auxiliam na pré-seleção de materialidade deste simbólico que perambula. A interação é o ambiente no qual as condições (materiais, simbólicas e interacionais) forjam operações e esquemas entre sistemas (psíquicos e sociais), cujo entrelaçamento entre sistema e ambiente (eu e o outro) coevoluem.

3.3.1 Mdiatização e afetações na identidade quilombola na circulação: do acesso ao meio às tensões teóricas

Para entender o fenômeno da midiatização necessitamos compreender a preponderância de suas lógicas internas e simbióticas. Essas categorias são afetadas por uma complexidade de níveis: do viés tecnológico, que se enuncia por meio de uma linguagem própria cujas práticas sociais e, da cultura são afetadas pelos múltiplos campos e circuitos fundidos através de *feedbacks* complexos.

As discursividades e os modos de articulação entre operações e gramáticas atuam sobre a produção, circulação e recepção dos conteúdos ofertados pelos jovens. Decerto que, a midiatização enquanto fenômeno se engendrou na sociedade via processo e resultado de uma complexificação, tanto nas esferas da prática social, como da produção discursiva. Das múltiplas visadas, desde Stig Hjarvard (2013) da escola do norte europeu que pensa em uma midiatização na mediação instrumental e institucional dos campos sociais, passando por Andreas Hepp (2012) que analisa uma espécie de configuração de mundo midiatizado pelo viés da “era da mediação de tudo”, em nosso estudo, direcionamos os esforços de tensionamentos teóricos para as particularidades dos fenômenos midiáticos no contexto dos fenômenos ocorridos na América Latina, em nosso caso, no Nordeste brasileiro.

Nesse intuito, Eliseo Verón (1983; 1997) esclarece aspectos dos processos de midiatização que surgem a partir de modelos internalizados das mídias e dos processos sociais específicos e, assim, acompanhado de Fausto Neto (2006; 2010) recuperam a complexificação dos mecanismos, materiais e imateriais da circulação midiática. Ao analisar os efeitos dos circuitos/arranjos, Braga (2006; 2017) percebe a partir de Adriano Rodrigues (2001) uma conceituação precisa que leva em conta, os atravessamentos dos campos sociais que rompem fronteiras e são caracterizados em “zonas de indeterminação” do sistema.

Para Braga (2006), nesse cenário os movimentos de apropriação são tentativos e canhestros, de idas e vindas na circulação. A sociedade transpassada pelos aparatos técnicos e complexifica lógicas através dos dispositivos com seus usos e apropriações, que assumem um caráter divergente, atravessado e disruptivo.

Nesse cenário, os usos e apropriações dos dispositivos conectados às redes se constituem em uma nova produção de sentidos, onde o “ir adiante” (BRAGA, 2006) passa a afetar as lógicas entre produtores e receptores na esfera comunicacional. Podemos insistir em afirmar que, os dispositivos interacionais configuram o lugar privilegiado das estratégias, usos e apropriações desses jovens quilombolas expressos em episódios de interação e de

compartilhamento entre diferentes participantes, constituindo tensionamentos e vigilâncias. Para Braga (2017) isso ocorre

(...) em variados graus de qualidade, sucesso e valor (...). Essa tentativa a sociedade tenta viabilizar pelos processos disponíveis para atingir seus objetivos diferenciados, acionando elementos já compartilhados, produzindo mudanças de sentido, e tensionando o próprio dispositivo em uso (BRAGA, 2017, p. 68).

O terceiro elemento que se interpõe é a circulação, que assume um status potencializador de discursividades. A existência desse gatilho é a intercorrência entre os dois polos discursivos, marcados por uma zona de circulação errática e indeterminada, constituída por sentidos outros, de imensuráveis reiteraões cíclicas. A evolução dos esquemas interacionais e sua complexificação transforma os sujeitos em novos agentes-receptores.

A análise histórica desse fenômeno, segundo Fausto Neto (2006) e Pedro Gilberto Gomes (2017), se realizou através da midiatização quando entra em cena o aumento e complexificação das interações e dos mecanismos técnicos-sociais, ou seja, no instante em que a midiatização se torna de natureza sócio-organizacional e representada por processos de descontinuidades, fragmentos e heterogeneidades. A dinâmica acionada pela midiatização não é uniforme, e varia de acordo com as disjunções entre estruturas de oferta e de apropriação de sentidos, pois uma mesma mensagem pode ser transportada/transposta em múltiplos meios, dispositivos, plataformas e interfaces sociotécnicas.

A pesquisa em comunicação, em seu campo teórico e metodológico no Brasil e na América Latina, foi desenvolvida descrevendo os indícios de uma lógica da midiatização em meados dos anos 90. A heurística do conceito se organizou de forma sistemática a partir do episódio em que o fenômeno midiático transcendeu a episteme tradicional (das mediações), e passou a se espalhar em caminhos inteligíveis complexos, a exemplo das redes, *bits*, plataformas, solicitando e demandando uma gramática própria de interpretação e de análise.

Nessa perspectiva, os objetos emergentes e seus problemas passaram a se estruturar em duas correntes descritivas, uma macromidiática voltada para o campo de observação dos processos socioculturais alicerçados nas Teorias da Comunicação e, de microanálise, responsável por descrever ocorrências específicas das linguagens, suas afetações e estratégias tentativas nas práticas sociais acionadas por interagentes.

A macroteoria do campo de observação favorece diretamente os estudos sobre a dinâmica do tecido sociocomunicacional e do como transforma e afeta os campos sociais, a exemplo da “cidadania”, que fomenta e reclama por uma política de inclusão digital do GESAC. Esta política lança representações simbólicas dos jovens quilombolas nos objetos e

dispositivos técnicos, nos interessando investigar as ações/reações desses jovens quilombolas, e as formas como transcorrem as interações, usos-apropriações, lógicas da enunciação, de produção e reconhecimento no interior da circulação nas plataformas digitais de interação.

A midiatização e seus processos percebem a técnica como um processo acionador dos “meios-pulsões”, constituídos a partir de ambientes/superfícies e arranjos. Os novos mecanismos de produção de sentido atuam sob a lógica de uma autointeligibilidade adaptável e articulada de acordo com protocolos de demanda, desse modo, a oferta passa a ser reclamada em ambos os polos produtivos da enunciação. O ato comunicacional está imerso em um conjunto de tecnologias híbridas, de dispositivos disruptivos-multimodais e por linguagens atravessadas, revelando ser uma das potências conceituais para os estudos em midiatização na comunicação.

3.3.2 Caminhos dos usos e apropriações dos dispositivos: o *Facebook* na condição tentativa de meio referência

Ao pensar e trilhar os caminhos dos usos e apropriações dos dispositivos, os indícios iniciais nos permitiram descrever como os laços sociais foram, gradativamente, sendo substituídos por ligações sociotécnicas. A nova dinâmica transmutou os espaços de sociabilidade em lógicas tecno-informacionais, lógica esta de produção “do social”. Os fluxos informacionais são compelidos e enviados por um meio e aparato tecnológico baseado em imaterialidades representados por sinais, *bits*, redes.

O vínculo e os encaixes no contexto da midiatização percorrem um esquema tentativo, em que o ator social faz uma oferta ao fluxo que, neste ambiente acelerado das redes de circulação de natureza disruptiva, tentam constituir-se na condição de um contrato social discursivo. Os laços técnicos produzidos por elas tensionam de tal forma que, em meio a um processo emergente de flutuações e de superfícies, o conteúdo ofertado por essas instâncias é consumido instantaneamente pela dinâmica da circulação.

Essa mesma circulação, pensada na condição de mecanismo autopoiético, necessita de constantes reestruturações/atualizações de seus processos de produção de sentido, irrompendo sistemas culturais de significação e acoplando nos atores sociais lógicas erráticas/sistêmicas/tentativas.

As lógicas das redes informacionais e de suas instâncias atuam justamente no sentido de acionar uma produção controlada, nesse caso, pelas lógicas do algoritmo empregado pelo *Facebook*. O domínio da técnica, a respectiva operacionalidade do código informacional e de

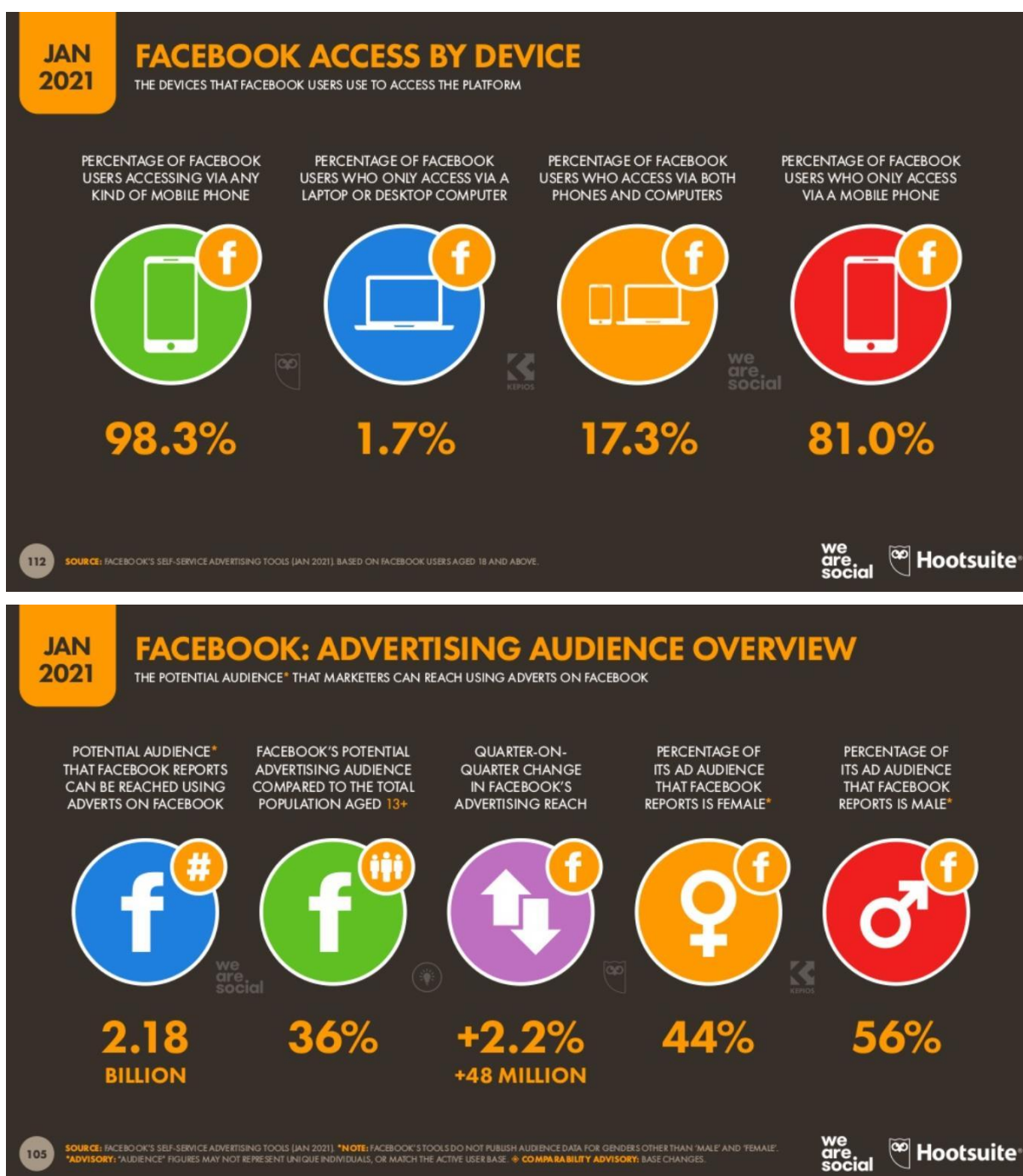
seu substrato digital é a nova tônica na condição de um *habitus* a ser incorporado nas práticas sociais dos usuários inscritos em sua ambiência.

O ator social neste contexto atua na condição de narrador e operador de sentidos entre conexões nos campos e esferas discursivas. A midiatização surge na condição de categoria explicativa de um fenômeno que dinamiza os campos sociais. O teórico português Adriano Rodrigues (2000) nos fala de uma aproximação dos indícios da midiatização com uma “sociologia fenomenológica”, conceito utilizado para descrever processos e modos nos quais os dispositivos, ao se complexificarem, passaram a alterar nossa percepção de mundo, caracterizada por uma bolha e simulacro da *bios*. A funcionalidade desses dispositivos é um status atribuído pela automatização das competências técnicas, que demarca o campo das mídias.

Ao adentrar nas lógicas inscritas na plataforma do meio *Facebook*, a pesquisa de Oliver L. Haimson e Anna Lauren Hoffmann (2016), publicada na revista online “*First Monday*”, descreve as formas como aqueles processos que passaram a idealizar uma outra experiência e prática social por meio de uma autenticação deste “eu” para as redes, que fora, gradativamente, espelhada na vida real. Os autores analisam as formas e modos com que as promessas da democratização digital, pensada na WEB 2.0, foram deixadas de lado, devido às condicionalidades das regras de inscrição naquele meio/plataforma.

O problema de pesquisa levantado por esses autores diz respeito a não inclusão de indivíduos marginalizados e pertencentes aos “fluxos não normativos identitários” e que almejam representação nas redes. No artigo publicado, os estudiosos analisaram também a política interna de inscrição em um meio, pensando nas formas de autenticação de uma autoapresentação dos sujeitos. Se cada sujeito pode ser como gostaria de ser nas redes, o conflito reside na política de exclusão condicionada pelo conjunto das normas impostas pelo *Facebook*. Melhor dizendo, a plataforma ao criar e “encaixar” padrões normativos de identidade, passa a forjar uma “autenticação forçada” de sujeitos via mecanismos administrativos de registro de usuários. Uma explicação ao controle imposto é que sua ambiência digital possui mais de 2,180 bilhões de usuários no mundo, dados coletados em março de 2021¹², segundo o site especializado “*We Are Social*”, no qual a referencialidade do meio é comprovada pelo número e forma de acessos.

¹² We Are Social. Dados sobre o número de usuários e índices estatísticos das redes sociais podem ser acessados em: <https://bit.ly/2NHWRYL>. Acesso em: 01 março. 2021.

Figura 22 – Número de usuários do meio *Facebook* e formas de acesso

Nos dados das ilustrações, o *Facebook* se constitui enquanto rede social de referência em todo o mundo, mais de 2 bilhões de usuários se encontram ativos nesta rede social.

Fonte: WeAreSocial, março de 2021.

Outro dado importante do site são as formas e modos de acesso ao *Facebook*, revelando os esforços dos projetistas da plataforma para atenderem a um público em constante deslocamento e mobilidade, onde o percentual de usuários que acessam ao *Facebook* exclusivamente pelo celular atinge cerca de 81% dos usuários da rede social.

Haimson e Hoffmann (2016) aprofundam a discussão da hegemonia das plataformas questionando o seguinte: “Quais as possíveis consequências éticas ocasionadas pelo efeito forçado do enquadramento étnico/identitário”, em nosso caso, nos usuários no *Facebook*? Ao desenvolver uma possível resposta para o problema, os pesquisadores identificaram uma crescente “marginalização do algoritmo” em usuários que não se enquadram à política normativa da plataforma, exemplo disto, é a recusa à realização dos testes/*Quiz* propostos pelo meio. A não captura de dados pessoais acionam processos marginais do algoritmo e, por via de consequência, a oferta produzida pelo ator é, gradativamente, oculta/silenciada nas linhas de tempo de seus amigos.

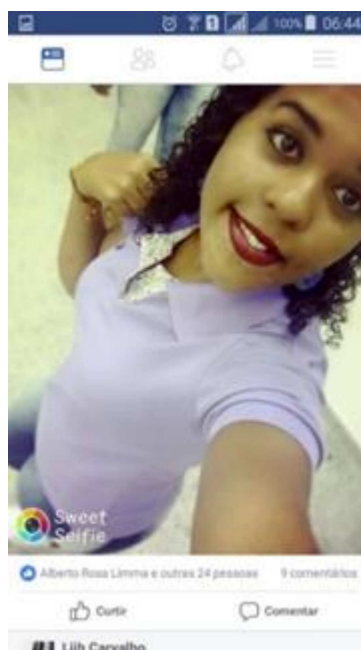
Uma característica esperada com a ascensão das redes sociais era a expectativa da distinção entre identidades “reais” e as “virtuais” dos usuários. A plataforma e suas lógicas fazem com que os perfis e páginas pessoais não sejam “fixados”, assumindo contornos de uma autopoiese dinâmica, onde o *Facebook* atua na condição de espelho dessa “identidade real/física” perambulante. É intrínseca na lógica da plataforma que este “real 1” espelhe uma espécie de “real 2” no interior da dinâmica da circulação.

Desse efeito espelho, os usuários acionam para a realização da “identidade criativa e sincera” a adoção e uso de perfis clones, efeito este, muitas vezes das experiências frustrantes das apropriações do meio (perdas de senhas, amigos que pretendem deixar no “vácuo” etc.).

3.3.3 Os múltiplos territórios em conflito no campo de observação da pesquisa

Neste ponto, passamos a discorrer e tensionar uma descrição inicial dos produtos ofertados pelos jovens quilombolas no meio *Facebook*. Em uma aproximação “selvagem” aos observáveis, os dados coletados descrevem mecanismos utilizados pela plataforma que atuam no sentido de acionar vazamentos, zonas de regulação e de sentidos *ad hoc*/exógenos na plataforma. Esse processo de atualização de sentidos e de representações imagéticas tem por gatilho a apropriação de filtros e recursos estéticos-técnicos disponibilizados pela interface do *Facebook*. O acionamento do recurso performático e estético atua na condição de promessas e dádivas dos aplicativos que passam a mediar esta reconstrução e narrativa imagética, mais suavizada para melhor atenuação às lógicas da rede, a exemplo da extração abaixo.

Figura 23 – Captura de tela com jovem se apropriando do recurso de edição de imagem



Na extração datada de 31 de agosto de 2017, a jovem publica em sua linha do tempo do *Facebook*, representação imagética reconstruída, enunciando em marca d'água, o uso do aplicativo de embelezamento “*Sweet Selfie*”.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Vimos que o movimento enunciado por meio de uma oferta, espelha uma representação imagética e “apresentativa” da jovem quilombola que tenta se fixar nas redes. Entretanto, nas extrações do aplicativo, podemos observar itens do “editor de rosto” e “*body editor*” (editor de corpo), segundo o qual, nesse processo, as curtidas e comentários acionados pelo engajamento devem se submeter à correções que, aos desviados, pareceria de ordem técnica, mas não subsistiria a uma análise aprofundada. A estratégia valorativa deste simbólico, implementa desafios, onde o “real 1¹³” da jovem quilombola é confrontado com o “real 2” que extrapola os limites de pertença à comunidade negra.

O enquadramento da *selfie* é definido como marcador de identidade e a midiaticização aparece no fluxo potencializado por lógicas destes meios e algoritmos terceiros que disputam apropriações deste acionamento técnico do filtro “*Sweet selfie*”. O algoritmo atua na condição de força adaptativa deste “eu” e a interação com os elementos da cultura, onde o ambiente orgânico é acoplado por um “algoritmo da cultura”, onde totem “quilombo território” – atua na condição de vigiar e de cuidar.

¹³ Destacamos que não se trata de dizer que está em jogo a realidade, visto que, a mesma é uma construção. Ao acionar o termo, pretendemos dialogar com os esforços de Hoffmann e Haimson (2016) que o recuperam na descrição de um fazer discursivo e produtivo específicos dos usuários da rede social *Facebook*.

Nas plataformas observamos os jovens quilombolas em “outras formas de ser e estar” no digital, estes usos por parte dos jovens buscam atenuar os atravessamentos dos sistemas sociais, onde a capitalização desta produção/impulsão – financeiro e consumo abarcam a cultura e a política. O imaginário quilombola permanece em contato com a grande câmera – neste desejo de “superar o algoritmo”, se recolocando em interação e em vigilância do olhar deste outro.

Figura 24 – Capturas de tela com promessas enunciadas pelo aplicativo *Sweet Selfie*



Fonte: Do autor (2020), destaque nosso.

Na figura acima, o aplicativo reforça a existência de um outro “eu” para ser apresentado nas redes. Esse dispositivo descreve, na condição de promessas; o aplicativo enuncia a necessidade de uma “pele lisa: alise a pele e remova a acne e espinhas para obter uma pele impecável; ajustar as características faciais: clarear os dentes, remover olhos vermelhos, **lábios carnudos, criar uma ponte nasal mais alta**” (*SWEET SELFIE*, 2020, destaque nosso). Assim, a plataforma sugere a exclusão das características estéticas negras, representada pelos lábios carnudos e nariz mais largo estampando assim, um algoritmo racista baseado em um padrão forjado pelos interagentes não-quilombolas.

As plataformas terceiras de edição, a exemplo dos filtros do “*Sweet Selfie*” atuam na repetição ou ressignificação de uma expectativa, ponto crucial para o desenvolvimento de objetivos comuns que não depende unicamente da linguagem enquanto troca de signos entre presentes, mas de estruturas catalisadoras capazes de radicar seleções e motivações específicas aos sistemas psíquicos, deste “eu” em tensão. Os enunciados exógenos/híbridos apontam para uma experimentação que permita avaliar toda uma riqueza de signos a ser processada em uma complexa teia relacional de produtores e operadores de discursividades.

Nessa linha de pensamento, ao revelar a questão das disputas pela fixação do imagético-simbólico do jovem quilombola nas redes, as materialidades extraídas do fluxo pertencem às lógicas e imperativos do acesso, usos e apropriações acionadas em torno das promessas e expectativas da recepção. A potência imagética e representacional na circulação descreve níveis e tensões simbólicas/subjetivas em disputa pelo reconhecimento em diferentes espaços. Sejam eles internos e externos à comunidade que foram acionados por um terceiro elemento (aplicativo – algoritmo), forjando dessa forma, uma arena/*ring* de disputas por reconhecimento via “inscrição de imagens em dispositivos midiáticos atribuição de valor perceptível” (ROSA, 2015, p. 140).

Nesse sentido, as lógicas midiáticas se estruturam quando a rede passa a ser rentável e a esfera binária acionada se ajusta conforme o número de “curtidas” das ofertas, posicionando e potencializando esta representação na circulação do meio. O interesse do uso pelas plataformas e interfaces sócio e técnicas decorrem do efeito descrito por Andrew Keen (2009) como uma “grande sedução”. Sendo assim, os recursos disponibilizados promovem uma falsa sensação da existência de um espaço de colaboração, de relações e entrelaçamentos, onde o sujeito é dotado de uma “inteligência colaborativa” e criativa que “filtra continuamente novas formas de conteúdo, consagrando o útil, o relevante e o divertido e rejeitando o resto” (KEEN, 2009, p. 31).

A essa altura, percebemos que a crise da atualidade está alinhada à crise da imagem representada, afetada pelas perdas referenciais em razão de cada registro posto no fluxo que passa a ser devorado pelos sistemas e interfaces da rede. Essa esfera imagética, disruptiva e tentativa faz com que as ofertas “deslizem” entre superfícies e “diz respeito à unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: os processos comunicacionais, os contextos sociais e os dispositivos midiáticos” (ROSA, 2014, p. 28).

Descrever o fenômeno comunicacional em curso na Comunidade Quilombola do Matão é estar ciente da emergência de sistemas viabilizados pelas condições materiais e

disposicionais para acionar funções condicionantes (de reconhecimento) entre os jovens da comunidade. Analisando o empírico, os sistemas sociais (da comunicação) ao mobilizarem funções de ordenamento psíquico passaram a orientar ações e fundamentos alinhados às experimentações para um sucesso comunicacional efetivo, participando e acionando jogos de disputas por referencialidades na rede social do *Facebook*.

Nos interessa perceber, o acoplamento do GESAC fornecendo materialidades para novas interações em 2014. A aceleração dos tempos e dos sistemas sociais (da comunicação) na comunidade passaram a transcorrer em operações híbridas para atribuições de enunciados a serem postos em circulação. Os sistemas sociais são constituídos como resultado de operações de observação e descrição destes novos interagentes em rede.

Com essas considerações, percebemos certa dependência dos atuais sentidos a serem acionados diante do “*feedback* do social”. A representação é “silenciada/excluída” no espaço geográfico que se midiatiza na rede, se apropriando dos formatos e espaços de interação do meio *Facebook*, onde o poder simbólico e de representação está em disputa permanente entre sujeitos que se dispõem a construir pontes e consensos.

Em um esquema tentativo, estas ações de complexas afetações observam o “ser humano” (jovem quilombola) em contato com sistemas sociais (meios/comunicações) operando em trocas baseadas em reciprocidade/dependência que se realiza/operacionaliza em camadas de interpenetração (sistemas e subsistemas, do ambiente ao sistêmico).

O totem se atualiza e suas operações também, os sistemas sociais são complexos por natureza e passam por constantes instabilidades que objetivam reproduzir/reagir e retroagir operações. As diferenciações e contradições fazem parte da natureza complexa dos sistemas sociais que se baseiam em múltiplas estruturas da expectativa interacional dos sujeitos (jovens quilombolas e não quilombolas). Este “ir adiante” é uma produção de comunicação e dos sentidos para garantir a sua própria reprodução, onde os acoplamentos estruturais são entendidos enquanto operações nas quais os sistemas sociais se constituem na condição de comunicação e experiência de compartilhamento desta performance.

Os indícios recuperados no fluxo reproduzem sentidos e perfazem estruturas do social hierarquizadas, que se estruturam na realização de “leituras de mundo”. Nesse caso, os valores simbólicos são compartilhados entre os interagentes do processo comunicativo. Outro recurso disponibilizado pela plataforma *Facebook* movimenta ações de lembrança, repetição e perambulação. As ofertas publicadas no fluxo movimentariam mecanismos e esquemas para fomentar um ambiente de fuga dos “traumas do passado” (esquecimento), suscitando sensações de alívio (pelo reconhecimento e contatos).

4 DO EMPÍRICO NO FLUXO: MARCAS, ENCAMINHAMENTOS E SITUAÇÕES DAS MATERIALIDADES NO MEIO *FACEBOOK*

O jovem quilombola na categoria de “neófito” das redes, inserido na dinâmica circulatória do meio *Facebook*, rapidamente, apropria-se dos jogos inerentes às disputas por reconhecimento e visibilidade do “eu” quilombola. O aprimoramento da técnica via dispositivos com o uso de filtros, enquadramentos e apreensão da linguagem própria daquele meio, com suas gramáticas específicas, fazem com que possamos não apenas apreender as imagens físicas/digitais, recortes de fotografias ou vídeos, mas de uma representação imagética daquela singularidade que está em disputa, tensão e disrupção na circulação desse meio digital.

O cenário de disputas internas por referencialidades pode ser compreendido como um espaço de erosão dos direitos das pessoas relativo à sua privacidade. Isso ocorre porque nos ambientes digitais observamos um certo grau de consentimento de quem “doa” sua representação simbólica aos fluxos. O fenômeno ocorre em função da oferta de produtos e serviços das mídias sociais, dos sites de armazenamento de conteúdo e da transformação potencial da visão das pessoas em um complexo jogo na fronteira dos atravessamentos configuradores do público e do privado. Nessa linha, vislumbramos certa “erosão dos direitos”.

O esquematismo binário do algoritmo se articula em forma de ação (sim/não) relacionando operações entre a produção (A) que chega ao destinatário com sentidos ressignificados, revelando um “sentido” (B) daquele enunciado (A) posto originalmente. Este esquema possibilita a união e a compatibilidade entre os enunciados. É importante lembrar que todos esses serviços para coexistirem dependem, para sua funcionalidade, que o usuário neste *input* seja incentivado a viver a essência subjetiva do “*Do It Yourself*”. Da sugestão para o trabalho “Faça Você Mesmo” percebemos o surgimento de uma mercadoria cuja força motriz opera na lógica da gratuidade de seus usuários.

Sobre esses processos de trocas e meios, Bauman (2007) esclarece que se trata de uma guinada de pensamento operada por causa da perda de privacidade em troca de uma promessa de visibilidade, de inclusão social, desse fazer para ser notado. Tal premissa é essencial para uma virada em direção a uma aceitação, fundamental para a legitimação da perda de privacidade. Outro ponto importante destacado por Bauman (2007), encontramos na obra “*Vida Líquida*” onde a lógica das mídias sociais é mais aprofundada, pois para ele, as mídias sociais e suas promessas foram tão facilmente abraçadas justamente por prometerem o fim da

solidão e da exclusão. Assim, os atuais dispositivos das plataformas sociais vêm oferecer solução para esses dois problemas desafiadores. Entretanto, nessa pretensa solução não podemos esquecer dos seus efeitos colaterais.

O cenário atual das interações, à medida em que apresenta condições sociais, técnicas e cognitivas ideais, segundo Bauman (2007), podemos reafirmar que os problemas não estão nos meios em si, pois o *Facebook* oferta recursos ausentes na comunidade quilombola com a finalidade de uma comunicação imediata voltada para o fim do isolamento social, promovendo forte engajamento entre os jovens negros e os não quilombolas. Desse engajamento, nos interessou investigar quais problemas são resultantes das afetações das lógicas do meio *Facebook* e de seu projeto em formato de plataforma convergente, que recorre ao movimento tentativo de estreitamento de distâncias entre produto ofertado e a audiência/público receptor.

Sabemos que uma das estratégias do algoritmo implica em usos adequados pelos produtores dos meios técnicos, a fim de dirimirem os efeitos e ruídos resultantes das afetações e das perdas de sentido ocasionados pelos *feedbacks* complexos da circulação. Ao selecionar partes do empírico, observamos a ocorrência de uma dinâmica, cujas transições entre as materialidades ocorridas em uma linha do tempo revelaram jogos de disputas, tensionamentos e atualizações perambulantes que ocorrem no meio *Facebook*.

A pesquisadora doutora Ana Paula da Rosa, em sua tese defendida em 2012, realiza uma descrição dos movimentos da pesquisa e análise do empírico, revelando uma sequência de “(...) produção das imagens simbólicas (...), segue um quadro de etapas, a saber: “APARECIMENTO/OFERTA-APAGAMENTO/DESAPARECIMENTO – REAPARECIMENTO – REPLICAÇÃO – RESTRIÇÃO – TOTEMIZAÇÃO” (ROSA, 2012, p. 122). Seguindo seu pensamento, trouxemos para nossa tese, o estudo de caso que elaboramos utilizando um esquema tático de observação de movimento similar nas coleções do empírico dos jovens quilombolas no *Facebook*, visando à uma possível aproximação, no sentido de perceber a ocorrência, conforme Tessarotto (2020) dos USOS (OFERTA) – IMAGENS ÚNICAS/REPLICAÇÕES (CURTIDAS) – APROPRIAÇÃO (TOTEMIA) – RESTRIÇÃO (SOCIAL-POLÍTICO- RELIGIOSO) – APAGAMENTO DO SIMBÓLICO (*STORIES*) – “REFIXAÇÃO” (RETOMADA DA SOLIDARIEDADE ORGÂNICA).

O esquema proposto serviu para construir e viabilizar “como os dispositivos midiáticos atuam na mediação da circulação das imagens” (ROSA, 2012, p. 123), e como a plataforma *Facebook* estaria atuando nessa dupla condição e função: garantir e resguardar o que será preservado ou esquecido em suas tramas, bem como estaria, enquanto meio, atuando

e atualizando representações entre fases e transições possíveis de engajamento do que seria potencializado ou não na circulação. O desafio do pesquisador, diante da coleção de indícios, foi realizar uma busca incansável por marcas que delimitassem as transformações, agregando à experiência narrada e descritiva encaminhamentos necessários para analisar os movimentos evocados por jovens quilombolas.

Ao analisarmos as referidas transformações, Lacerda (2005) descreve que as condições históricas influenciam nas condições de produção do conhecimento, cada fase/etapa/dinâmica trazida pelo autor da pesquisa pretende em meio a um “tecido social de acontecimentos” estabelecer e “articular processos de produção, circulação e consumo” por parte dos interagentes envolvidos (LACERDA, 2005, p. 1461).

Deveras complexo, neste nosso estudo de caso percebemos como as interações e as práticas sociais de uma comunidade quilombola passaram a ser atravessadas por experimentações via dispositivos midiáticos, estruturados sob a ótica da produção, circulação e reconhecimento não mais linear e sim, em constante transformação pelo simbólico convertido em produto de consumo.

A comunicação pensada na condição de sistema social teria a função de reduzir os efeitos da complexidade do mundo moderno/líquido e, desta ação, desfazer os ruídos entre sistemas (psíquicos/sociais endo e extra) que ocorrem pela complexificação da comunicação e de seus processos interacionais. Os preceitos das fronteiras territoriais seriam superados pela perspectiva globalizante da sociedade, onde esta sociedade “mundial/universal” deslocaria o dilema da exclusão do “homem” para operacionalizar seus modos e fazeres específicos de comunicação.

A operacionalização das dinâmicas pertence a uma observação de segunda ordem, analisando este contingente operacional (transições/lacunas) entre as materialidades do empírico. Desta observação em segunda ordem, as dinâmicas compreendem os esforços criativos em descrever subsistemas internalizados em práticas sociais estabelecidas por ancestralidades e por laços de pertença ao território quilombo. As dinâmicas percebem o fenômeno comunicacional em uma tripla dimensão, a saber: temporal, objetiva e material. As temporalidades descrevem este constante acoplamento e desacoplamento que potencializam a autopoiese do sistema e dos respectivos atravessamentos entre estruturas.

4.1 Na Lógica da Plataforma: Capital Simbólico Convertido em Consumo

A internet atuante sob a lógica de plataformas e das experiências baseadas nas expectativas humanas, gerou um código/ algoritmo utilizado para captar tais anseios, ajustando-os à sua interface, para fomentar espaços de fusões e de sociabilidades diversas, a exemplo do mecanismo que sugere novas e outras conexões de amizades escolhidas no nível de integração/engajamento com demais atores conectados em rede. Nesse espaço digital, de lógicas objetivas, os custos de manutenção dos sistemas são compartilhados por empresas e seus parceiros, que facilitam o armazenamento em *datacenters* e da infraestrutura de dados que vão ampliando o leque dos serviços e a própria capacidade de disponibilidade destas plataformas, sem perdas de interesses comerciais.

O modelo competitivo e de disputas por referencialidades/audiências entre os internautas servem para operacionalizar as lógicas do marketing e, para tanto, utiliza das expertises dos profissionais de Tecnologias da Informação (TI) sem deixar de promover esta ideia de exploração intelectual que remontam às advertências de Karl Marx, quando identifica a circulação dos valores econômicos (objetivos) engendrados nas diversas áreas do conhecimento. Não obstante, a comunicação opera sob as lógicas sistêmicas dos bens simbólicos que ocorrem pela produção, consumo e circulação dos bens ofertados. Percebemos que a circularidade é a força que abriga esses objetos semióticos que, devido às fortes forças centrípetas, deslocam esses objetos para as margens do sistema. Dessa forma, o movimento produzido na circularidade se molda conforme táticas dos usos e apropriações que os sujeitos fazem da tecnologia e de seus meios.

O consumo desse simbólico atua sob a lógica de táticas e aproximações que potencializa a circulação, fazendo com que ocorra uma permanente ação de deslocamento do objeto por meio desta perda simbólica do tecido social que se verifica na reintrodução/incorporação de valores exógenos. A monetização das publicações enunciadas pelos usuários na plataforma se torna uma mercadoria articulada na condição de objeto e de meio, a exemplo dos dispositivos móveis que assumem referencialidades do meio ao abrigar plataformas (*Facebook, Waze, WhatsApp*) e vai simultaneamente, converter objetos midiáticos em um simbólico constituído das práticas sociais. Assim, os meios surgem como objetos potencialmente simbólicos que se transmutam em espaços públicos e, este objeto-meio só é midiático quando ele se transforma em objeto prático para consumo.

Na atual conjuntura, o objeto-meio deixa a perceber, a ocorrência de três níveis de afetação (FERREIRA, 2018): primeiro, o pendular entre “ágora – meio/ ecclesia –

instituições”. Nesse nível, o simbólico privado é levado ao mercado (ágora) e este investimento enquanto ação é representado pela circulação (ESTÁGIO 1) do processo. O movimento inicial não ocorre exclusivamente ao nível do consumo, mas se realiza por algo que necessita ser agregado e, nesse estágio, os dispositivos passam a ofertar um dado simbólico, cabendo então o questionamento: O que ofertam tais dispositivos? Quais recursos atraem para o engajamento e participação? O que há de fascinante no ato de tornar o privado em público? O ESTÁGIO 2 deste nível, refere-se à noção de diferença de valor. Essa categoria, na formulação dos pesquisadores Ana Paula da Rosa e Verón, significa que as imagens/objetos se valorizam na lógica da circulação, ganham potência na produção social de valor. Esse ganho (mais-valia) resulta na transformação do consumo para a produção produtiva.

O ESTÁGIO 3 atua sob a lógica do Meio, do Objeto e na perspectiva do Interpretante. Os meios são as técnicas e os dispositivos tecnológicos, enquanto o objeto, na superfície do digital, é convertido em código binário pelas plataformas e interfaces do código informacional. No capitalismo, a desrealização dessa produção emerge sob a forma de crises e descontinuidades e, essas duas características se relacionam com a fragmentação e o esfacelamento das forças e bens simbólicos que alimentam o tecido social. Nesse terceiro nível, temos a ocorrência de três agenciamentos, um dizendo respeito ao processo que passa a ser regulado pelas interações, pela ausência de realização/reconhecimento, impedindo o indivíduo de avançar, de impulsionar o movimento de “ir adiante”, uma vez que o fluxo energético da retroalimentação simbólica está desconectado.

O segundo agenciamento é a “liberdade” regulada pelo uso. Esse uso é normatizado por uma produção de bens materiais para o capitalismo de rede. O último nível é o do indivíduo sujeitado por uma processualidade comunicacional. Melhor dizendo, toda mercadoria/bem simbólico é convertido em ganhos de capital para a plataforma. Esse processo de maximização dos ganhos transcorre em decorrência de duas características intrínsecas da gratuidade, a saber: pelo reconhecimento enquanto investimento individual e, o reconhecimento da complexificação dos processos interacionais. Este retorno/*feedback* à produção ocorre por meio de perdas, afetações e ruídos. Acrescentamos que as perdas não são mais gerenciadas pelo código/plataforma, mas pelo indivíduo que lança nova oferta.

Nesse sentido, entra em curso, o reconhecimento das esferas midiáticas que acionam operações independentes do conteúdo a serem circulados. Com isso, investigamos os efeitos desse fenômeno que atuam e se articulam enquanto modos de operação da lógica midiaticizada, de tentativa e erro, como a seguir apresentamos.

4.1.1 Acionando o dispositivo interacional: tentativa-erro no meio *Facebook*

Nesta pesquisa nos debruçamos sobre o meio *Facebook*¹⁴ no que revela uma problemática para os interagentes, relativa aos efeitos da produção e da recepção discursiva. Os estudos em mediação antes de Eliseo Verón não descreviam “a construção das relações entre produção e recepção repousava em torno da ocorrência de um ato cuja complexidade era colocada fora de cena” (FAUSTO NETO, 2009, p. 02). Verón, ao considerar que esta zona indeterminada é marcada por um certo “intervalo”, percebeu a complexidade do local discursivo e de fala entre produtores e receptores de dado conteúdo pois, passam a exercer múltiplas operações de ordem técnica-discursiva. Nessas superfícies, o meio *Facebook* transcorre em uma “luta pelo trabalho de produção de sentido complexifica-se com a intervenção de novos processos e dispositivos tecno-discursivos na organização dos protocolos de interação” (FAUSTO NETO, 2009, p. 03), cujos “efeitos (...) espraíariam redes complexas de discursividades” e perfazem os sentidos construídos pela produção.

A plataforma e algoritmo do *Facebook*, ao direcionar determinados conteúdos, passa a gerir uma “dominância de uma ação unidimensional do dispositivo midiático, enquanto única geradora de efeitos” (FAUSTO NETO, 2009, p. 4) que, ao recuperar o nível das gramáticas, verificamos a ocorrência de operações em estruturas e “intencionalidades do discurso” que afetam e produzem efeitos na recepção.

Nesse esforço interpretativo, o conceito se desloca de uma defasagem/intervalo para se situar em “pontos de articulação” ou melhor dizendo, “a circulação modo como produtores e receptores se encontram em jogos de oferta realiza um trabalho de negociação e, conseqüentemente, de apropriação de sentidos” (FAUSTO NETO, 2009, p. 6). Nesse caminho, percebemos que os desvios se situam na ação discursiva, onde se localizam “zonas complexas de intensos feedbacks” entre sujeitos.

O ambiente de tensões constituídos em vínculos e encaixes no contexto da mediação configura um esquema tentativo. O ator social que faz sua oferta ao fluxo é imerso neste ambiente acelerado, de natureza disruptiva, objetivando constituir-se em um contrato social discursivo. Os laços técnicos acionados se tensionam de tal forma que, em

¹⁴ A empresa foi lançada oficialmente em 04 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e três colegas de faculdade, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Em julho de 2016, atingiu a marca de 2 bilhões de usuários na plataforma. A regra de inscrição na plataforma é bastante simplificada, o usuário necessita declarar ser maior de 13 anos para se tornar usuário da rede social. Destaca-se como marcos da empresa: 05/2007 – Página lança sua API (Interface de Programação de Aplicação) que foi responsável por um desenho gráfico que permitiu agregar “plugins” à superfície do programa principal; 11/2007 – Após testes com sua API, implementa o *Facebook Ads*, onde sites parceiros podem compartilhar e capturar dados dos usuários baseado nas atividades no perfil do usuário e de seus amigos.

meio a um processo emergente de flutuações e de superfícies, o conteúdo ofertado por estas instâncias é consumido, instantaneamente, pela dinâmica da circulação.

A circulação é um dispositivo/local onde as mídias mobilizam a recepção. Os atuais “tempos de turbilhão” fazem com que os sentidos sejam acelerados pelos atores e por suas intenções. Neste cenário, as gramáticas de produção se organizam conforme intencionalidades dos discursos cuja complexidade é o insumo a ser projetado por este produtor. O sujeito ao se apropriar da linguagem para fazer referência ao “eu” híbrido, o mundo psíquico e o ambiente (TF – IVM “OloduMatão”) buscam níveis de convergência discursivas, de intensões.

Nos interessa, assim, pensar a circulação como um mecanismo autopoiético que necessita de constantes reestruturações/atualizações dos processos de produção de sentido, irrompendo tradicionais sistemas culturais de significação por deslocar os atores sociais nas lógicas erráticas/sistêmicas/tentativas dos meios. Em síntese, as lógicas da ambiência digital e de suas instâncias atuam no sentido de acionar uma produção de sentido controlada, com domínio técnico de sua respectiva operacionalidade e que envolve um código informacional. O domínio deste código é o substrato da nova tônica de um *habitus* a ser incorporado nas práticas sociais desses usuários inscritos em sua ambiência.

Neste caminho entre produção e recepção, as gramáticas em produção e em reconhecimento se tocam e irritam umas às outras. Tal efeito naturalizado nas interações entre sistemas sociais faz com que o meio *Facebook* agencie com seu “sistema algoritmo de resposta”, deslocando os efeitos das rupturas dos contratos de leitura, possibilitando novas/outras zonas de contato, a exemplo do recurso do *Stories*.

Vimos que, o ator social é inserido na condição de narrador e de operador de sentidos nas conexões entre campos e esferas discursivas, porque a mediação evoca para si uma categoria explicativa do fenômeno que enfatiza e vaza dinâmicas/articulações de diversos campos sociais. Em nosso caso, as disrupções internas, jogos de disputas pelo discurso de referência no interior da comunidade quilombola do Matão espelharam uma condição de “fixação-apagamento” desta imagem potência do jovem quilombola. Os movimentos de idas e vindas, avanços e recuos revelam os graus de fragilidade dos laços sociais na comunidade que, por sua vez, evocam “os dispositivos são espaços de realização de processos comunicacionais, acolhendo resistências, visibilidades, permitindo replicações e apagamentos de imagens” (ROSA, 2012, p. 118).

Assim, a mediação na comunidade vai atuar em uma superfície de estabilidade/desestabilidade, onde em suas estratégias de produção são reveladas ao “(...) seguir os atores em seu curso de associações” (LATOUR, 2013, p. 150). Os movimentos da

pesquisa ao categorizar “seis dinâmicas”, no trânsito das materialidades apresenta “a cada nova circunstância novos agregados se formam e as novas concepções são reformuladas”. Para Bruno Latour (2013), tais ‘fontes de incertezas’ buscam esclarecer quais processos sociais são quadros de referência instáveis e mutáveis nessa ambiência digital.

Perceber diante das condições materiais, as formas pelas quais os jovens estavam elaborando estratégias comunicacionais em rede. Ao contextualizar o fenômeno, local da pesquisa, observamos que a falta de políticas públicas de geração de emprego, renda e valorização da cultura e de lazer voltados para estes jovens quilombolas descreve um cenário de desigualdade de acesso entre o público da zona urbana e da zona rural. As porteiras do Quilombo do Matão quando se “abrem para o mundo” acionam processos e negociações outras que “catapultam” as práticas sociais da comunidade negra em novas searas de negociação.

As disputas perpassam o acionamento da linguagem que estabelece a referencialidade dos sistemas sociais, entretanto, as dinâmicas constituídas intentam perceber o “fosso”/transições que movimentam as marcas simbólicas. As formas/meios pelos quais o jovem quilombola “burla” o meio *Facebook* é uma forma de linguagem mobilizada pelos jovens para transcender as regras impostas à priori pela plataforma e ao ambiente (condenados ao quilombo).

A flexibilidade da tecnologia é uma característica deste contexto da midiatização que realiza o movimento tentativo, com ajuda e suporte de suas plataformas proprietárias, com a intenção de capturar os direcionamentos interacionais. No caso do meio *Facebook*, isso se realiza na captação de dados e canais de fala que, de forma flexível e maleável reduzem as irritações da superfície do contato discursivo. Braga (2007) é importante na resolução do problema do objeto empírico de nossa pesquisa, uma vez que pertence a uma caracterização complexa e espraiada da midiatização, onde não é possível visualizar o “começo, meio e fim do objeto” de pesquisa (BRAGA, 2007, p. 40). Esse processo apontado por Braga é um dos desafios a serem revelados pelos processos comunicacionais em suas múltiplas interações e superfícies, conforme passamos a descrever.

4.1.2 Interações e afetações nos dispositivos: processos comunicacionais atravessados por múltiplos sentidos

Os processos interacionais, segundo Antônio Fausto Neto (2008), ocorrem quando produtores e receptores projetam lógicas de suas experiências no trabalho enunciativo, no

nosso caso, o meio *Facebook* em sua condição de zona de contato nas relações entre os atores sociais. Os meios como dispositivos de produção e de representação das atividades humanas nos mais diversos campos sociais e nas dinâmicas da midiatização fazem com que essas “zonas de contato” permaneçam soltas e atravessadas por biombos constituídos nos múltiplos espaços-tempos.

Gomes (2016) diz que o “novo estar no mundo” é estabelecido por outros e novos mecanismos, dinâmicos e múltiplos que foram intensificados por uma circulação de mensagens constituídas por um outro contrato de leitura. Este agora, é marcado pelo ingresso do “leitor-internauta” que se estabelece/realiza sua leitura/interpretação em uma zona de contato indeterminada, de temporalidades e espaços marcados por perdas de referencialidades. Nesse espaço, os nichos, modos de produção se multiplicam e entram em disputa.

O sistema e suas lógicas, para evitar seu cataclisma/destituição, recorre à protocolos de negociação que são acionados por uma interação e proximidade simuladas. Tal movimento de tentativa e erro na plataforma afrouxa limites e zonas de contato que são revistas e reaprendidas pelos mecanismos discursivos do sistema. O sistema realiza, gradativamente, estas adaptações, como esclarece Van Dijck (2013):

Os ajustes sutis ao longo dos anos e como as plataformas implementam as necessidades de conectividade dos usuários para estimular a conectividade lucrativa e como elas impulsionam formas narrativas para melhorar a rastreabilidade do comportamento social. Os perfis de mídia social, em outras palavras, não são um reflexo da identidade de alguém. Mark Zuckerberg quer que acreditemos, mas faz parte de uma disputa de poder entre usuários, empregadores/funcionários e proprietários de plataformas para orientar informação e comportamentos online. As interfaces são instrumentos importantes de formação de identidade cujos mecanismos de direção (algoritmos, protocolos e configurações padrões) são inscritos em botões enganosamente simples e inóculos apenas à transparência e autenticidade. (VAN DIJCK, 2013, p. 212, trad. nossa).

Desta mediação/autenticidade do meio, Braga (2007) apresenta como uma condição de processo interacional de referência. O fenômeno apresentado se articula como um conjunto de reformulações sociotécnicas, de modelo hegemônico que atua no papel tentativo de construção da realidade. A cultura escrita e seu ato de elaboração é percebido na circulação como algo incompleto, em face da ocorrência das perdas de sentido. Na midiatização, duas ações são provocadas por objetos distintos que entram em disputa, de imediato representa os “processos de interação social”, e em seguida uma ordem da midiatização. Este último age para se tornar processo de referência, mas, devido à sua constituição incompleta por pertencer

à ordem do “código binário”, faz com que o primeiro, da interação social, também seja afetado por uma constante corrida que realiza na tentativa por reajustes e rearranjos.

O reajuste ocorre durante o funcionamento da circulação e dos impactos dos dispositivos digitais que atuam em “novas possibilidades de interação entre mídias e recepção” (FAUSTO NETO, 2009, p. 1). A circulação, desse modo, perde sua “capa” de invisibilidade e se revela quando os recursos incorporados (*plugins*) deixam perceber as bordas e vazamentos das plataformas. Ao abordar a questão da audiência dos públicos e das atuais formas de circulação, o recurso do *Stories* agrega essa nova possibilidade para o usuário, no sentido de apagar ou não uma dada enunciação, conforme sua audiência e engajamento.

Para Braga (2017), esta circulação é munida de recursos técnicos dos dispositivos para atender a uma demanda e vínculo que o “usuário traz para a interação; as expectativas sobre o usuário, no momento da criação dos produtos (...) aos modos de endereçamento, às promessas e contratos” (BRAGA, 2017, p. 38). Em um primeiro plano, esse contato atua na condição de dispositivos de interação, que são processos e modos de ação espalhadas em estratégias ensaio-e-erro de agenciamentos táticos locais para, no segundo nível, pertencer às atividades específicas da experiência vivida e das práticas sociais dos indivíduos/grupos, territórios, espelhando a sombra/fantasma deste totem no TF.

O movimento descrito, no sentido de reunir em um mesmo espaço, sons, gestos, desejos, expectativas, imagens e representações é um desafio para o código informacional, pois, “para cada movimento tentativo de interação, são acionados pela máquina complexos jogos de enunciados de controle/teste que são elaborados e reelaborados a partir das respostas destes *feedbacks* complexos da própria circulação” (FAUSTO NETO, 2009, p. 17). É, neste exercício complexo e tentativo onde a comunicação transcorre entre polos discursivos.

De fato, a internet é um dispositivo de produção de sentidos que “(...) graças aos novos dispositivos digitais, um processo peculiar de mediação de um “acontecimento intermediário” (FAUSTO NETO, 2009, p. 18) atua no crescente processo produtivo de sentidos. O sistema e suas normativas, sob uma perspectiva de mediação comunicacional, observa o meio *Facebook* como um espelho dessa relação – eus/comunidade – tanto que se realiza pela semiose das apropriações, como presente na ambiência digital que complexifica as “operações de envios e reenvios de enunciados”, fazendo com que a dinâmica circulatória se realize “por diversos acoplamentos que se dialogam e se conectam” (FAUSTO NETO, 2009, p. 19). Nessa perspectiva, o *Facebook* agencia uma

(...) paisagem de ‘leitores silenciosos’ a analistas de um processo que se leva a cabo através de um dispositivo intermediário entre páginas da web e da sociedade. Se trata de uma ‘solicitação’, um documento que opera na rede digital e com o qual se leva a cabo a conversação de certos atores sociais em um tipo de instância de atores-estratégias. (FAUSTO NETO, 2009, p. 23).

As trocas discursivas são atravessadas por uma espécie de zona de interpenetração, onde as lógicas midiáticas e da própria sociedade se espriam em outros e novos discursos levando à “(...) existência como um ator do processo em questão, que envolve a problemática da opinião”, segundo conveniências e convicções reguladoras” (FAUSTO NETO, 2009, p. 24). Tais colocações reafirmam que o uso do dispositivo é algo regulado e restrito ao usuário final, pois os desenvolvedores garantem seus interesses e objetivos no desenvolvimento dessas plataformas que se encontram criptografadas nas centenas de milhões de linhas de códigos, onde somente estes agentes detém acesso, com exclusividade.

4.1.3 O dispositivo e os atravessamentos da mediação: sujeito e máquina em negociação

Ao descrevermos o dispositivo e atravessamentos da mediação, Pedro Gilberto Gomes (2017) e Antonio Fausto Neto (2017) fazem referência à mediação como deslocamento da sociedade dos meios para uma sociedade em vias de mediação, de natureza complexa e permeada por dispositivos multimodais, ou seja, que agregam as inter-relações entre atores sociais com suas respectivas práticas. Gomes (2017) considera que essa “*bios*” de ecologia comunicacional se realiza pela mediação entre a realidade e o indivíduo, cujas relações são perpassadas por uma mídia. Com isso, também convergimos com os autores porque essa cena aponta para um conceito de ordem e mediações socialmente realizadas, que passam a ser entendidas como processo-chave hermenêutico para a compreensão e interpretação da realidade.

Esta leitura da realidade transcorre em experiências com o “real” esfacelado e desterritorializado. Uma das consequências da experiência mediada é a vivência dos deslocamentos espaciais e temporais que forjam uma espécie de “falsa” sensação de controle e de empoderamento pelos atores sociais envolvidos. O “devir” mediado, de que fala Gomes (2017), significa que, mesmo o sujeito se negando a pertencer a uma lógica de consumo mediado, sua formação, grupo familiar, cultura, preferências são reelaboradas pelo sistema e incorporadas a um *habitus* introduzido, subjetivamente, e ofertado pelas múltiplas redes, estejam elas conectadas ou não.

A complexificação dos processos de conexão e dos fluxos se potencializam em um ambiente específico com suas operações, onde as novas racionalidades se instalam e perfazem uma estratégia própria de produção de sentidos. Deste movimento acionado, a mediação assume um “modo de organização cuja “*bios*” une o tradicional, a cultura e pertencimento com formas virtuais de vida, fluxos, fragmentos e deslocamentos com o objetivo de interagir e de se tornar ponto de referencialidade, no qual as lógicas dos processos discursivos estão voltadas para a produção de mensagens/conteúdos a serem consumidos por uma dada demanda, de atores sociais e instituições.

4.2 Das Afetações e dos Contatos com o Meio – Atravessamentos de Lógicas Canhestras

Neste ponto passamos a analisar as interconexões estabelecidas no meio digital que são de natureza fluídas e afetadas por múltiplas construções e fragmentos de experiências, de memórias coletivas e individuais. Essas trocas discursivas operam em rede construindo expectativas e encaminham intencionalidades, neste quadro o “(...) ato de olhar é uma construção cultural aparelhos tecnológicos (...) requerem experiência e a sensibilidade” (AZEVEDO, 2015, p. 2). O cenário descrito revela as formas de como esses meios acionam uma interatividade baseada em um movimento contínuo de edições e de apropriações configuradas a partir das ferramentas digitais. As imagens nessas plataformas dialogam com o desenho das interfaces onde, a “captura do instante (...) o ‘espectador’ deixa de ver determinado corte temporal, para que a máquina assuma esse papel” (AZEVEDO, 2015, p. 3). Nesta ação circulatória, os sentidos ganham novos e outros formatos, porque

(...) a relação do indivíduo com a interface (...) o próprio ato de correr com o dedo para ver a próxima imagem faz dele um ator ativo e a imagem que circula nas redes sociais possibilidades de representar o visível, mas de tornar visível, criando e simulando novas realidades. (AZEVEDO, 2015, p. 04).

O movimento acima descreve a relação “do indivíduo com a interface”, por isso, analisamos e pensamos “segundo movimento de circulação do produto, após a recepção (...) **pensar** nos novos produtos derivados dos primeiros, re-mediação, *remakes*, multimediação, *cross-media*” (BRAGA, 2017, p.45-46).

O cenário descrito por Braga (2017) revela que a circulação “(...) transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento” (FAUSTO NETO, 2010b, p.11). Essa esfera de tensões mútuas faz com que “produtores’ sejam quaisquer participantes de um episódio interacional que fornece elementos

para circulação; e ‘receptores’ são os participantes de outro episódio, que acionam aqueles elementos para suas ações comunicacionais” (FAUSTO NETO, 2017, p. 51). A complexificação das discursividades ocorre devido aos efeitos dos *feedbacks* complexos, cujos contratos são deturpados por uma preambulação entre receptores e produtores que “migrando em seus contatos com mesmos, e quebra zonas clássicas de fidelização” (FAUSTO NETO, 2017, p. 51).

Os sistemas sociais são permeados pelos campos da comunicação que agenciam na atualidade uma luta pelo reconhecimento que possibilite forjar acontecimentos que, em nosso estudo de caso, observamos a partir das dinâmicas, as formas pelas quais o jovem quilombola permeia um intenso trabalho criativo pela visibilidade nas redes. Esta visibilidade é uma ação política para uma abertura cujos afetos resultem da relação orgânica de seus corpos e o totem. Neste ponto, o reconhecimento ganha potência com a urgência dos afetos, processo este, de sensibilidade espontânea, “textura densa de costumes e expectativas que constituem uma substância herdada” (PRADO, 2015, p. 4).

O estudo revelou um campo social em vias de experimentação com acoplamentos e disrupções, que se tornam para nós um desafio a ser analisado entre os produtos ofertados e transformados pela circulação, cujas materialidades surgem e desaparecem nos fluxos da linha do tempo da plataforma do *Facebook*.

4.2.1 Marcas discursivas dos sujeitos no meio *Facebook*

Conforme Fausto Neto (2008) podemos entender que as marcas discursivas e a circulação pertencem a categoria da “(...) noção de acontecimento, na medida em que o fluxo de sua produção se dá no âmbito de interfaces e zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2008, p. 36). Nesse sentido, os sujeitos endereçados recebem estímulos para produzirem um determinado tipo de discurso, segundo condições negociadas. O funcionamento das marcas e operações enunciativas inseridas em uma publicação utilizam o dispositivo na condição de ferramenta de mediação. Dessa forma, os atores constroem representações/narrativas sobre os fenômenos enunciados em rede que são “(...) zonas de interpenetração dinamizam a atividade da circulação possibilitando que o acontecimento se desdobre” (FAUSTO NETO, 2012, p. 26).

Nesse caminhar, vimos que as postagens/publicações possuem comentários/narrativas que são fragmentos de discursos outros, de marcas distintas constituídas por comentários dos internautas, ou seja, “molduras” fixas e estruturadas na superfície das plataformas. Os

episódios interacionais de natureza conversacional, regulam os comentários e evidenciam situações nas quais, o protocolo de leitura permanece no caminho estipulado e “pré-programado” pela plataforma, como reação já esperada em uma determinada situação, a exemplo das publicações onde a “ostentação” faz parte desta narrativa montada. Como o algoritmo previu antecipadamente, o forte engajamento do público jovem em publicações do tipo “ostentativa”, o meio passa a agenciar este rápido trânsito do “ir adiante” em múltiplas telas.

Figura 25 – Captura de tela com as marcas discursivas do ato de “ostentar” para as redes



Extração do dia 02/07/2019. Nesta publicação, a jovem compartilha publicação enunciando um sonho, meta de vida para vida conjugal. As representações enunciadas e deslocadas não fazem parte do universo do jovem negro quilombola que pertence ao agreste paraibano.

Fonte: Do autor, 2019. Termos de consentimento da pesquisa autorizados.

O caráter performativo amplia a ação da linguagem, mobiliza instâncias contudo, a força simbólica é reduzida e “esvaziada” quando passa a ser acoplada em instâncias sistêmicas do meio. A natureza do *Facebook* configura o “entendimento” quando o enunciador e o receptor possuem dados concretos de determinada situação, entretanto, dois ambientes distintos não podem compartilhar objetos/dados concretos, apenas espelham tentativas de expectativas em relação a um determinado fato enunciado, publicado.

Os valores sistêmicos forçam e acionam regimes de não-reconhecimento mobilizando uma espécie de subordinação social que esgarça o *status* individuais na interação social, ou seja, mobilizam padrões institucionalizados de “desvalorização cultural”, construindo categorias de atores sociais tidos como normativos (incluídos – não quilombolas) e outros inferiores (degradados – território quilombo).

Em razão disso, são perceptíveis os efeitos ocasionados pela circulação, no deslocamento da enunciação que não se

(...) limita a mover-se dentro das fronteiras das enunciações delimitadas, mas que extravasa o contrato prévio, demarcando este espaço com tensões não convergentes, resultado destes “leitores convertidos em novos atores graças ao dispositivo defendem as prerrogativas do mediador” (...) novos protocolos de interação no cenário da sociedade midiática”. (FAUSTO NETO, 2008, p. 37).

O relato dos modos e operações discursivas exige do utilizador um domínio e acordo entre partes sobre as regras de acesso e de funcionamento dessas práticas, na ambiência da rede social.

Uma das características do fenômeno é que, para ser reconhecido pelo outro, consumido/tensionado e provocar reações, o usuário das redes sociais deve sofrer “(...) uma pressão cotidiana sobre os corpos e as subjetividades para que estes se projetem de acordo com os novos códigos e regras” (FAUSTO NETO, 2017, p. 27). Outro efeito bastante recorrente é a experiência da “vida” ao vivo, sem cortes e que pertence a uma nova geração de recursos, em que o “eu privado” se direciona para outros “eus privados”, são capturados e enunciados sob uma mesma técnica e espaço. A compreensão dos movimentos das materialidades na “linha do tempo” do *Facebook* é descortinada pelos modos de ser e estilos de vida pré-selecionados pelo algoritmo. Essa apropriação do meio retorna ao usuário/produtor em formato de impulsionamento publicitário (*Facebook ads*). Em síntese, a lógica objetiva instaura um campo de incertezas e indeterminações do “eu digital”.

4.2.2 Das imagens no tempo aos espaços de incertezas

As questões referentes à imagem e ao tempo passaram a ser percebidas pelo cinema como espécie de dimensões históricas consolidadas. A velocidade e as narrativas aumentam, entre os anos de 1895 a 1915, as montagens e mudanças de cenário (do estúdio para as ruas) criaram um ambiente propício para a ilusão de movimento das imagens e de sua respectiva

manipulação por meio da reconstituição e manipulação do tempo. A atualidade passa a ser narrada a partir de uma realidade criada e editada.

O cenário das imagens em movimento passou a eclodir em elipses temporais, cujas histórias passaram a utilizar a lógica do “vai e vem” nas tramas. O desafio consiste em recuperar as especificidades, estabelecendo um “olhar” mais adiante dos processos e relações de poder nos quais essa representação está fixada/enunciada. Nesse caso, toda representação imagética recupera processos anteriores e evoca para si, novas tramas.

No movimento de “idas e vindas”, a mídia estabelece bases narrativas sob uma superfície do “presente absoluto”. Os tempos midiáticos realizam uma espécie de espraiamento dos mundos comunicacionais, onde se perpetua uma espécie de *déjà vu* de narrativas. Nelas as tramas temporais se desenvolvem sob a camada dos tempos dos projetos dessas plataformas, experiência esta de construção coletiva dominante, em um jogo constante de rupturas e continuidades.

Desse modo, a virtualidade opera em uma lógica de rupturas, estabelecendo uma nova ordem. Esse tempo acelerado por ser considerado como o “tempo de turbilhão”, temporalidade que remete a uma nova ordem no tempo das experiências humanas assentadas pela produção frenética de múltiplos *frames* narrativos. O tempo, sua singularidade e exclusividade é uma espécie de ação/movimento que objetiva anular o outro, seu antecedente. A construção das discursividades almeja estreitar os vínculos dos sujeitos a tempos outros/líquidos.

A evolução dos sistemas de comunicação simbolicamente generalizados se realiza pela evolução/atualização do sistema social enquanto expectativas que revisitam ações anteriores. O jovem quilombola ao se apresentar às redes recupera uma experiência coletiva, a partir dos fragmentos do real posicionados ora em primeiro ou segundo plano em suas representações enunciadas na rede social do *Facebook*.

Logo, as certezas vão sendo substituídas discursivamente pelas notícias ligeiras, cujo tempo de duração é baseado no produto midiático que volta, retoma, apaga e se replica na ambiência digital. Esta sequência será recuperada com as dinâmicas da circulação nas enunciações dos jovens quilombolas que iremos relatar.

4.3 Dos Episódios Interacionais: Situando as Ofertas no Fluxo

Observamos que os episódios ou quadros interacionais e performáticos dos jovens quilombolas foram pensados e constituídos a partir das “trocas, articulações ou

tensionamentos entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflituosa” (BRAGA, 2017, p. 21). Dessa assertiva, os caminhos heurísticos propostos entre dinâmicas/zonas de passagem estão vinculados a uma teoria tentativa, onde o comunicacional do objeto é extraído de diversos ângulos modalizadores.

O processo de classificação das ofertas, baseadas em uma temporalidade que transcorreu pelos usos e apropriações dos dispositivos técnicos e na plataforma do meio *Facebook* foi aqui classificado em seis dinâmicas ou zonas de passagem: na primeira delas tratamos das relações do “eu e o mundo”. Esse movimento representa as primeiras ofertas que ascenderam às redes, destacando as operações dos usos e das apropriações iniciais do dispositivo no meio *Facebook* por jovens quilombolas.

Na segunda dinâmica, investigamos as internalizações das lógicas do “mundo para o eu”, que passaram a configurar as experimentações tentativas entre as zonas de contato com esse mundo “externo” à comunidade quilombola. Na segunda fase, os usos se potencializam nas apropriações dos filtros, dos recursos técnicos e no enquadramento das imagens. Na terceira dinâmica consideramos o problema das forças exógenas, no retorno desse “mundo para a comunidade”, expresso nos caminhos e zonas de afetações resultantes da circulação. Nessa fase, o jovem quilombola entra em disputa por reconhecimento na plataforma, onde os desafios se tornam latentes, ocorrendo o esgarçamento do imagético quilombola, por uso dos filtros existentes nela.

O gatilho do reconhecimento e do engajamento no *Facebook* abre a quarta dinâmica. Nessa fase observamos a oferta em um movimento de contrafluxo da comunidade para o mundo revelada pela constituição dos sujeitos na circulação. Nesta dinâmica, as representações imagéticas assumem potência de fixação no meio pelo acoplamento de um grupo de percussão e dança afro “OloduMatão”, que potencializou uma representação de identidade afro “do tipo ideal” que necessita ser espelhada dentro e fora no meio.

A quinta dinâmica é marcada pelo desafio do ir adiante ou não. Nesse ponto, o eu físico e virtual encontram conflitos e tensões dos processos sociais comunitários que ocasionam um efeito de recuo no meio *Facebook*. As enunciações foram deslocadas para espaços de intemporalidades, a exemplo das publicações enunciadas no recurso do *Stories* no *Facebook*. A última dinâmica que apresentamos pertence à ordem do deslocamento do desaparecer em si, que se deslocou no sentido de se fixar novamente na Linha do Tempo do *Facebook*. Esse retorno ocorre, simultaneamente, com as oficinas de direitos humanos com os jovens da comunidade. O retorno dos laços de solidariedade orgânica aparece retroalimentando este simbólico para as novas e outras disputas de sentido no meio *Facebook*.

Doravante, observaremos, os jovens e suas enunciações falando por si, onde o pesquisador assume a condição de guia observando as formas e estratégias acionadas por esses jovens negros e quilombolas que, da noite para o dia, acordaram mergulhados na digitalização da vida e no desafio de serem eles mesmos nas redes sociais.

4.3.1 Dinâmica 1. As relações do “Eu e o Mundo”: das ofertas que ascenderam à circulação

A descrição inicial das dinâmicas teve por objetivo apresentar as primeiras coleções do empírico, ficando claro que os endereçamentos iniciais surgiram um ano e meio após os primeiros convites recebidos e aceitos por este pesquisador na página pessoal da rede social do *Facebook*, ocorridos entre o final de 2014 e início de 2015. Naquele momento, interrogávamos quem eram aqueles jovens inaugurando seus passos na condição de interagentes, que assumiram perfis/avatars em uma rede social já consolidada mundialmente.

A proposta da primeira dinâmica intitulada: “Eu e o Mundo” evidencia a ocorrência e as afetações promovidas pelo processo de implementação do programa de inclusão digital (GESAC) na comunidade quilombola. Esse movimento de acoplamento e dos usos dos dispositivos representa uma ação inicial por parte deste ator social que, diante do acesso, realiza o “tatear” dos recursos técnicos e estratégias de enquadramento desse “eu” na ambiência digital.

Figura 26 – Elementos e marcadores da primeira dinâmica (entrada e virada)



Extração posta na circulação em 05/11/2016

- Postagem lembrança do dia 31/05/2015;
- Imagens sem a presença de filtros ("eu" desnudado);
- Narrativa simples, não exógenas: *"domingo perfeito com eliany Silva"*

Extração posta na circulação em 10/11/2016

- Representação em busca de autenticação;
- Imagens com o uso e apropriação de filtros, recursos gráficos (emojis);
- Narrativa recortada/descolada de contexto: *"Nem tudo passa"*.

Extração posta na circulação em 12/11/2016

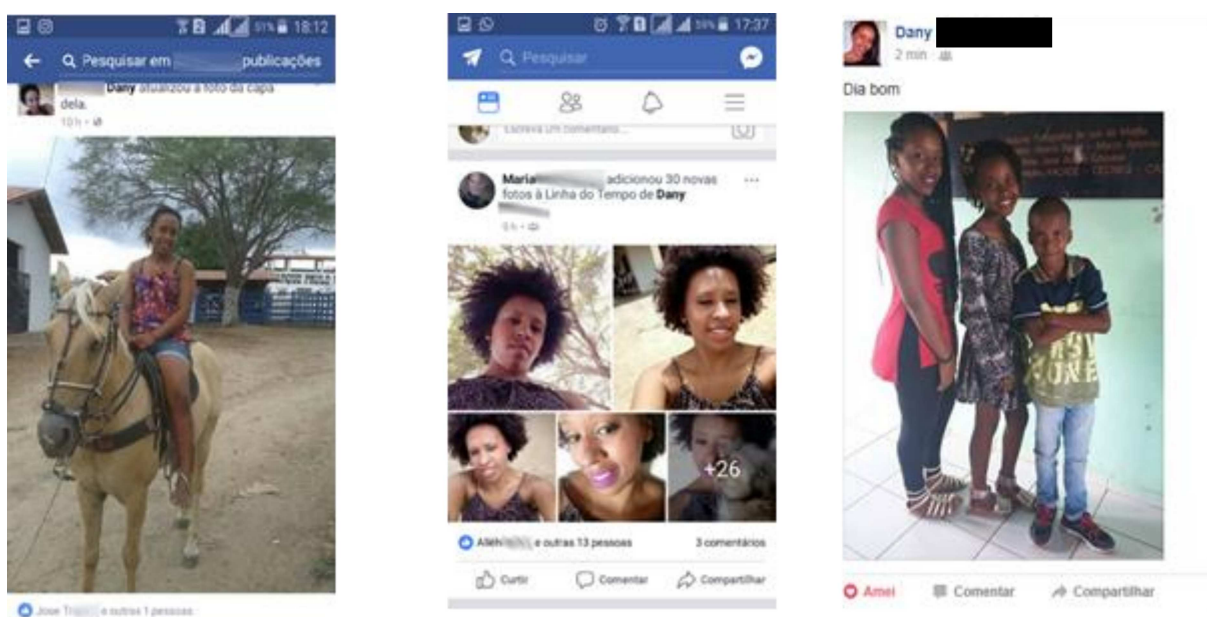
- Imagens com filtros, protagonismo e senso de coletividade;
- Apropriação do engajamento (o "outro" é marcado na publicação);
- Narrativa híbrida: acionamento de hashtag: *"Melhores momentos apenas com as melhores amigas."*

#minhas_vaca_amor"

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

O contato com a ambiência digital propiciou a inscrição nos meios configurando processos tateios (usos) e tentativos para uma representação primária do “eu neófito” na circulação. As extrações, em nível inferencial revelam o episódio em que, o indivíduo “desconectado da ambiência digital” ascende ao meio e oferta uma “identidade desnuda” de afetações sistêmicas, e que, gradativamente, acrescenta em sua representação, técnicas de enquadramento e filtros de edição.

Figura 27 – Marcas dos usos e de apropriação das técnicas de enquadramento



Ilustrações extraídas do fluxo entre 24 de dezembro de 2016 e 12 de março de 2017. Nas imagens extraídas, à esquerda, a jovem deixa ser retratada por um terceiro, em seguida, com o dispositivo em mãos, inicia processo de exploração de enquadramento da técnica da *selfie*. Na última extração, a jovem inicia processo de “autenticação” na ambiência digital.

Fonte: Do autor, 2016 e 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

As extrações que retratam este primeiro movimento foram classificadas a partir da construção de caminhos inteligíveis para as interações tentativas dos jovens quilombolas, agora conectados em rede. Nesse sentido, observamos os “modos e táticas na busca por uma efetividade comunicacional ampliada” (BRAGA, 2017, p. 33), que revelam um ambiente cultural cujos padrões são desenvolvidos e postos em circulação pelos próprios participantes, em legítima busca por diferenciação e reconhecimento.

O reconhecimento é um processo cujos padrões operam sob condições de redistribuição de recursos materiais possibilitando a realização dos projetos de autorrealização dos sujeitos. As irritações e diferenciações mobilizam operações com vistas à visibilizar o

intersubjetivo destas personas/coletividades. As identidades dos sujeitos são configuradas por uma autorrealização de reconhecimento acionada pela IVM “OloduMatão” que recorre ao simbólico do totem território quilombo, intercambiando entre elementos do ambiente endo e exógeno.

Este movimento, de reconhecimento empreende esforços no sentido de estabelecer diálogos internos e externos com os outros/interagentes. A identidade é um elemento avaliativo, fundamento de juízos, relações e interações com o ambiente. Em Honneth, “os sujeitos são forjados em suas interações, sendo que eles só conseguirão formar uma auto relação positiva caso se vejam reconhecidos por seus parceiros de interação”. (MENDONÇA, 2007, p. 3). Os dispositivos sociotécnicos acionados são os mais variados e, neste caso específico, o dispositivo escolhido foi a “vaquejada”, evento pertencente à cultura tradicional local e celebrada anualmente. Esta vivência simbólica movimenta e alimenta de elementos subjetivos das práticas sociais e comunitárias desses jovens.

Nas extrações acima, o dispositivo atuou emoldurando uma ambiência de elementos coordenados e processuais que “são processos e modos de ação, mas também estratégias pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais e atividades específicas da experiência vivida e das práticas sociais” (BRAGA, 2017, p. 38). O ato de inferência na formulação desta dinâmica vem acionar elementos não visíveis do episódio comunicacional e de suas composições. Os processos sociais presentes no imagético se acoplam, neste episódio, descrevendo as afetações que, em um primeiro nível se articulam ao espaço territorial da comunidade.

O material extraído, em nível subjetivo, expressa lógicas de poder e de regulação, pois o parque de vaquejada e o haras denominado Paulo Bezerra pertencem a uma família tradicional no estado da Paraíba e que disputou judicialmente as terras do quilombo do Matão no processo de demarcação de terras¹⁵. Essa tensão vivenciada no espaço geográfico da comunidade perdeu força nas ambiências digitais. O local de excelência dos acoplamentos situa-se na interação entre sistema e ambiente, interação esta, da consciência (sistema psíquico) e a comunicação (sistema social) mobilizado pelos interagentes em redes. O jovem quilombola é sujeito dotado da autorreferência cujo ambiente é o território quilombo cuja sombra provoca irritações com este objeto, elemento e referência externa à comunidade

¹⁵ O mandado de imissão na posse da Fazenda Santo Antônio foi cumprido em 03 de dezembro de 2020, estando em processo administrativo de delimitação física. O Quilombo do Matão, por este documento recebeu a titularidade de 117 hectares de terra que será com as famílias residentes. Informações extraídas e disponíveis em: <https://bit.ly/3a7JsJF>, acesso em: 04 de janeiro 21.

quilombola posta em interação. Estas irritações são dirimidas pelos acoplamentos estruturais cujos sistemas sociais (de comunicação intra e extra midiáticos) processam tais afetações.

A arena de conflitos existente no espaço físico é silenciada nas redes, uma vez que vinculada às estratégias simbólicas da cultura e da identidade local, são representadas na figura do vaqueiro, no montar do animal, no trabalho no campo, como atividades que transitam numa expressão de respeito entre os jovens. Esses atravessamentos de sentidos ao serem lançados no espaço, numa “cultura da midiaticização”, sinalizam e demarcam acordos e pactos mútuos entre os jovens quilombolas e os proprietários de terras da região.

As extrações desta dinâmica revelam as processualidades dos usos dos dispositivos técnicos. Na primeira extração vista à esquerda, a jovem quilombola optou por ser fotografada por um terceiro elemento/sujeito na ação. O fato de ser retratada e sua representação ser posta em oferta pelo “outro” torna evidente na circulação do meio, a potência dos *feedbacks* que acionaram o segundo movimento realizado pela jovem. Na imagem seguinte que extraímos, observamos o movimento de “ensaio-e-erro” e da apropriação tentativa da técnica da *selfie*. Esse movimento, em análise inferencial, significa uma necessidade de auto-apresentação para as redes. O ensaio-e-erro da jovem foi publicado e posto em circulação por um terceiro sujeito. O último recorte apresenta uma mesma lógica de oferta que, ao ser representado por um “outro” interlocutor, a jovem passa a assumir o papel de atorização na enunciação, se posicionando no enquadramento ideal.

O movimento e esforços empreendidos pela jovem dizem respeito ao processo de transferência para si da elaboração de sua oferta imagética. A expectativa de ofertar um produto que promova engajamento nas redes, configura a fase-episódio que aponta ainda, para um processo de atualização e de transição em direção à uma segunda dinâmica intitulada pelo “O Mundo e Eu”. Nesse movimento, os empíricos apontaram para marcas de afetações exógenas e da remediação do *Facebook*, que retorna ao campo da produção em *feedbacks* complexos, atualizando os fazeres produtivos e enunciativo dos jovens quilombolas.

4.3.2 Dinâmica 2. Internalizações do “Mundo para o Eu”: experimentações tentativas das zonas de contato exógenas

A segunda dinâmica que aqui trazemos é caracterizada pelas afetações resultantes dos *feedbacks* iniciais com a circulação no meio *Facebook*. Nesta dinâmica específica, as redes atuaram na condição de modos e operações expressos por atualizações, que passaram a recompor o “eu quilombola” em episódios replicantes na circulação. As materialidades

recuperadas das experimentações e esforços produzidos pelos jovens quilombolas, ao se apropriarem da expertise/dos usos destes dispositivos e de seus recursos técnicos, conseguem acionar movimentos de apropriação e de interação com o universo “externo” à comunidade geográfica. Os dispositivos, nesta fase, atuaram mais efetivamente na mediação discursiva, constituindo zonas de contato cujos parâmetros *ad hoc* foram convertidos para fomentarem uma interação “mais bem-sucedida” (BRAGA, 2017, p. 37).

Figura 28 – Elementos e marcadores da segunda dinâmica (entrada e virada)



Fonte: Elaborada pelo autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Diante do que ficou estampado, trazemos o questionamento de Fausto Neto (2013, p. 43) sobre “como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?” Ao responder, ele afirma que a circulação é o novo lugar de embates discursivos entre interagentes. Nessa arena, os campos sociais e seus respectivos atores, cada um com suas demandas e formas específicas de enunciar algo, se estabelecem no sentido de promover um espaço de referencialidade na circulação¹⁶.

¹⁶ O teórico Verón (2004) recuperado por Rosa (2016, p.76) afirma que a circulação implica sempre em uma “defasagem entre os dois” polos do “sistema de produtivo do sentido” (ROSA, 2016, p.76) polos estes, da produção e do reconhecimento.

Nesse cenário expresso por uma “emergência zona de contato” (FAUSTO NETO, 2013, p. 56) conflituosa e divergente, podemos interpretar o movimento inferindo que o meio *Facebook* é a nova figura do “ombudsman binário”, que vai cancelar a mediação entre a produção e a recepção, forjando espaços de “duelos entre usuários” da rede em busca de reconhecimento.

Para uma política do reconhecimento, as experiências não podem estar vinculadas ao “eu” supremo, de reducionismo “egológico”. A comunicação enquanto sistema social é o espaço de tensão que orbita em torno deste “fosso” e, desta lacuna, residem as operações que podem forjar acontecimentos e, destes acontecimentos são geradas políticas efetivas de reconhecimento participativo, visibilizando as experiências locais silenciadas/desacreditadas. Deste modo, verter processos de silenciamento aciona processos de visibilidade do jovem quilombola.

Destacamos ainda, no trabalho de Fausto Neto (2013, p. 57), uma classificação relevante quando se estuda sobre a ambiência do *Facebook* pensada na condição de “plataforma circulatória arquitetura comunicacional, na qual se dá a comunicação de ‘todos para todos’”. Entretanto, o efeito resultante das afetações na circulação atua nas “identidades, rotinas natureza” das estruturas dos campos sociais que se encontram em constante “desarticulação”, agenciando dos mesmos, movimentos performáticos mais elaborados.

O ato de comunicar/enunciar é uma consequência da inscrição, “a marca, uma vez posta a circular, engendra novos contextos, produzindo comunicações no plural” (PRADO, 2015, p.5). As dinâmicas são marcas diferenciais que se afetam/atravessam/tensionam experiências anteriores. Luhmann descreve três etapas para o desenvolvimento comunicacional. Anteriormente, Vygotsky vislumbrava no conceito de “zona de desenvolvimento proximal” a condição da percepção, da atenção e da memória. Luhmann, ao descrever a autopoiese dos sistemas descreve a importância da percepção (reprodução/replicação que advém deste outro), observando a consciência e a constituição deste psíquico para o desenvolvimento da comunicação.

A segunda dinâmica apresentada decorrente das ofertas produzidas que passa a ser diretamente afetada pelos sistemas *ad hoc* do programa de inclusão digital, GESAC, dos usos e apropriações técnicas da plataforma do *Facebook*. Nas materialidades extraídas, observamos uma espécie de “código informacional imagético” lugar de representação simbólica, que na atualidade tensiona um episódio anterior (primeira dinâmica) realizando um movimento de autovigilância.

As extrações sinalizam como os produtos elaborados pela ambiência digital se articularam na proposta de estabilizar as afetações exógenas da dinâmica apresentada. Os desafios e duelos propostos são acionados por um “Outro” que está na circulação. Ao permitir a “marcação/sinalização” de perfis entre usuários da rede social, o inscrito nesse meio pode ser surpreendido a qualquer momento por um ringue de referencialidades, elaborado e proposto pelo “Outro”. A gratuidade no meio *Facebook* configura, assim, um espaço permanente de tensões.

Figura 29 – Capturas de telas com a constituição imagética para as redes



Extraídas do fluxo entre outubro de 2016 (esquerda) e agosto de 2017 (direita). Das tensões resultantes dos desafios, os jovens passam a replicar uma representação selecionada e de referência.

Fonte: Do autor, 2016 e 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Pela amostra selecionada, podemos inferir que o movimento de experimentação está marcado por afetações resultantes das interações com este “externo” à comunidade, revelando como a midiaticização, suas plataformas e dispositivos passaram a conduzir e perfazer os produtos ofertados por jovens quilombolas.

Na primeira extração, à esquerda, a jovem quilombola, desafiada anteriormente pelo “Outro” nas redes, se apropria dessa estratégia e enuncia em seu perfil um novo desafio entre dois jovens. No desafio por ela proposto, outro jovem quilombola tem sua imagem e representação imagética tensionada por um não quilombola. Observamos nesse cenário um espelhamento de estratégias em que o simbólico entra em disputa na circulação contra uma representação *outsider* à comunidade negra.

Neste jogo, podemos perguntar: qual dos dois jovens resistirá às pressões e julgamentos? A imagem do jovem negro quilombola ou do adolescente que aparenta etnia caucasiana? A segunda extração representa um posicionamento e tentativa inicial de fixação dessa apresentação para as redes do imagético negro que fora tensionado. Assim, uma vez curtido/engajado, encontra força simbólica capaz de “fixar/ir adiante” de sua representação. Na imagem feminina que se seguiu, a enunciação textual possui uma narrativa para autoafirmação enquanto etnia, condição de *status* étnico amplamente aceito: “Ä mörenä que tū rēspēitā”. O textual dessa enunciação aparece diretamente vinculado ao simbólico deste “eu negro/quilombola”, repleto por lógicas e afetações dos contratos entre gramáticas e do ordenamento da experimentação do social dos acordos mútuos em rede.

Do episódio comunicacional extraído, percebemos o “acréscimo de ações, encaminhamento e objetivos, o conjunto ‘circuito’ elabora e exerce processos interacionais, repercutindo uma ação comunicacional em transformação, em fluxo contínuo” (BRAGA, 2017, p. 45).

Nesta fase, destacamos, ainda, o uso exacerbado dos dispositivos midiáticos que elaboraram “um intenso trabalho de proliferação de imagens” (ROSA, 2016, p. 2). No contexto de forte visibilidade das representações, observamos que as representações, segundo Rosa, (2016) são

(...) catapultadas ao espaço da circulação, são elaboradas, reelaboradas, replica das, acrescidas de novos significados. Isso revela um trabalho intenso realizado pela linguagem, pelos dispositivos, mas especialmente de valorização entre produção e reconhecimento que se hibridizam. (ROSA, 2016, p. 5).

Na segunda extração, à direita, ao ofertar um produto ao meio na condição e estratégia de consumo, a jovem quilombola aciona ações dos interagentes por intermédio das “curtidas e comentários” baseado na técnica acionada e na narrativa apropriada. Os usos adotados pelos produtores fazem com que o algoritmo dispare espelhamentos de representação em perfis e fluxos outros, potencializando sua visualização e, conseqüente reconhecimento. As redes sociais, dessa forma, servem de “laboratório experimental de uma ‘escuta-expectativa’ buscando prever a potencialidade de acolhida e tensionamento do que se dirá” (BRAGA, 2017, p. 52).

Nos contatos com o observável e suas representações colocadas em fluxo por quilombolas, verificamos a ocorrência e emergência da “autovigilância” provocada pelas competições virtuais. O episódio do “famosinho” na rede, encontra no meio *Facebook* lógicas e interface de potencial captura de imagens em circulação. Desta coletânea disponibilizada, as

mais “curtidas”, comentadas e compartilhadas ganham potência. O verdadeiro trabalho comparativo com perfis dentro e fora da comunidade negra passaram a forjar um simbólico autorregulado que busca se enquadrar nas “imagens-potência” (ROSA, 2016).

Os atores, na ação de autorregular essas imagens, promovem uma espécie de fixação na circulação, ação decorrente das “práticas tecnodiscursivas de circuitos que permite o que fluxo interacional siga adiante” (ROSA, 2016, p. 6). Ou seja, o valor desta fixação, se realiza pelo número de curtidas e comentários, onde o algoritmo é uma métrica que impulsiona as interações, acionando “espelhos valorativos” que tratam de replicar esta representação.

Percebemos, nesta ação, que as redes sociais com suas lógicas internas determinam funções e papéis de “desempenho comunicacional de alto valor”. Este desempenho/valor se realiza por uma maior exposição do produto em diversos perfis e linhas de tempo possíveis. Este efeito decorre do meio *Facebook* que, com suas lógicas, atua na condição de “sistema de circulação”, alimentando expectativas e por tentativas de interação em sentido “de e para” o outro. No movimento inferencial realizado nos observáveis buscamos evidenciar os usos e apropriações¹⁷ dos jovens quilombolas na tentativa de pertencerem e serem reconhecidos na circulação desta ambiência.

O “ser” quilombola, ao integrar-se à cultura globalizada e midiaticizada, acena para a entrada em definitivo nas disputas de reconhecimento e de exposição, reconhecendo que estas “zonas de contato *ad hoc*” passam a interagir e integrar apropriações performáticas dos jovens.

4.3.3 Dinâmica 3. O problema das forças exógenas “do Mundo para a Comunidade” – caminhos e zonas de afetações resultantes da circulação

Esta terceira dinâmica é marcada por indícios, afetações e articulações tentativas de uma Instituição em Vias de Midiatização (IVM), conhecida por “OloduMatão”. O grupo de percussão e de dança afro é mantida com recursos de ONGs italianas, a exemplo da entidade “*Uniti per La Vita*” e do grupo “*Just Dance*”. Esta instituição atuante na circulação contribui

¹⁷ O termo apropriação em uma premissa inicial afirma que “não é apenas a apropriação dos meios tecnológicos e das técnicas, mas também de linguagens e dos objetos sociossimbólicos (religião, política, amor, etc). [...] Só há dispositivos quando há apropriações” (FERREIRA, 2016, p. 66). Em Rosa (2016) encontramos uma definição mais assertiva para o empírico extraído, onde destacamos que “a noção de apropriação envolve a interiorização de competências técnicas e cognitivas, que passam a compor o indivíduo, sendo externadas em aparatos tecnológicos” (ROSA, 2016, p.78).

para acionar movimentos de fixação¹⁸, apresentando uma estética do “tipo ideal” desse “eu/ser quilombola”. Nessa dinâmica, as materialidades apontam para um processo experimental por parte da IVM em “rememorar” valores simbólicos já consolidados na cultura e vinculados à tradição afro-brasileira: dança afro e de percussão, a representação dos tambores, a pintura dos corpos, penteados e expressões físicas demarcadoras dos territórios identitários dos jovens quilombolas.

Figura 30 – Elementos e marcadores da terceira dinâmica (entrada e virada)



Fonte: elaborada pelo autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Nesta fase, o ordenamento acionado pela IVM promoveu a ocorrência de uma proliferação de táticas de oferta, em que “só permanecem circulando, indo adiante, aquelas imagens que foram valorizadas tanto pela produção como pelo reconhecimento” (ROSA, 2016, p. 11). O jovem quilombola, ao não se reconhecer no imagético registrado pela IVM, oferta e posta em circulação uma representação própria e reconstituída. A dinâmica apresenta “(...) operações circulação como uma relação de atribuição de valor (...) aplicada às imagens vincula-se a capacidade de proliferação e permanência de determinadas fotografias consumos ou fagias múltiplas” (ROSA, 2017, p. 3).

¹⁸ A fixação imagética acionada pela IVM “OloduMatão” decorre de “uma mesma imagem, amplamente reproduzida, e que chega a muitas pessoas, uma reiteração de uma imagem e, portanto, uma possibilidade de fixação, resultando em uma restrição de acesso a outras imagens” (ROSA, 2016, p.10). A técnica da instituição não-midiática para postular valores de fixação da imagem ocorre por meio da produção, seleção/edição e espelhamento em diversos circuitos (Blogger, Youtube, Facebook) de uma mesma oferta.

Neste jogo de disputas, os experimentos fragmentários do meio *Facebook* encontra barreira representacional, acionando uma “desfragmentação” mobilizada pelo “OloduMatão”. Nesta fase, o jovem quilombola reclama nas redes um movimento de “contrafluxo”, atuando na condição de “freio representacional” do “ir adiante” na circulação, e tentando estabelecer em suas lógicas por meio de um espaço virtual de autorreconhecimento e de reiteração da memória do “ser negro e jovem quilombola”.

Figura 31 – Capturas de telas com as lógicas e afetações da IVM no imagético quilombola



Da esquerda para direita, as extrações datam os períodos respectivos: 01/01/2017; 09/04/2017 e 10/10/2017. Nesta dinâmica, o acoplamento da IVM do grupo de percussão e dança afro “OloduMatão” aciona movimento de transformação e realocação desta representação no *Facebook*. Após a experiência dos ensaios e apresentação do grupo na comunidade, os sinais e marcações desta imagem-lembrança do negro são potencializadas.

Fonte: Do autor, 2016 e 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Ao analisarmos os empíricos em um movimento da esquerda para a direita, a primeira extração enunciada pela jovem quilombola revelou que seu imagético transmutou para um outro, muito mais potente na condição de representação do “eu”. Esta dinâmica anuncia que os *feedbacks* complexos das tensões entre atores em rede e o acoplamento da IVM “OloduMatão” atuaram nesses novos fazeres no *Facebook*. A enunciação do “antes” e do “depois” na publicação constituiu e revelou esta outra e nova fase aos interagentes. A inferência é que a antiga representação será substituída pela outra, de maior valoração para a circulação.

Outra característica que identificamos nessa dinâmica foi o acionamento dos processos de subversão¹⁹ à lógica do *Facebook*. Um dos recursos técnicos da plataforma é a marcação da postagem no momento da publicação. A plataforma utiliza uma georreferência baseada em dados de sinal GPS e de telefonia celular para “carimbar” a identidade geográfica das publicações. Entretanto, observamos por parte dos jovens quilombolas, uma intensa produção de “ofertas desterritorializadas”, a exemplo da segunda extração. Apesar do trabalho da IVM “OloduMatão” seja em reconhecer as dimensões sociais da comunidade negra e de suas práticas, os jovens mesmo estando presentes na comunidade enunciam locais “outrem”, fora da comunidade, a exemplo do “Não Sei”, publicado pela jovem.

A última extração pertence ao episódio bem-sucedido da IVM. Uma das mães presta homenagem na ocasião do aniversário de sua filha, compartilhando imagético elaborado nas lógicas de representação identitária da IVM do “OloduMatão”. As construções de sentido ou dos episódios extraídos passaram a transitar conforme caminhos e temporalidades distintas. Destacamos, neste episódio, que as ofertas desterritorializadas pertencem a uma vertente heurística na História desenvolvida por Rogério Haesbaert em 2005. Na tese desenvolvida pelo autor, recuperamos à noção do “mito da desterritorialidade” que, no atual cenário da mediatização, assume múltiplas formas e fluxos próprios/específicos. A lógica do meio *Facebook* apresenta em sua plataforma uma situação “real” para o território, porém, os jovens da comunidade optam pela conversão das territorializações fechadas em “político-funcionais flexíveis”.

Para Haesbaert (2005), a multiterritorialidade pensada na função “político-funcional flexível” é conceituada como a ação ou processo, em que os indivíduos, ao ascenderem às redes, passaram a se conectar por e em diferentes territórios, sejam eles individuais ou coletivos. As imagens desterritorializadas fazem parte dos efeitos multilineares e de representação do mundo, pensado enquanto afetação da circulação na ambiência digital.

Ao analisar o fenômeno do acionamento destes “multiterritórios”, ambos jovens deixam “vazar” nas superfícies do território físico e digital, elementos marcadores deste “totem território quilombo” que transita nestas duas superfícies de lógicas não convergentes. Ao se deslocar geograficamente do espaço mundo (do território quilombo), a jovem o referencia nesta “desterritorialização”, evocando a presença da IVM do “OloduMatão” e das amigas do grupo de dança que, de forma direta, pertencem e partilham dos mesmos elementos simbólicos deste totem território quilombo.

¹⁹ Este movimento acionado percebe no ato criativo (ROSA, 2016) uma apropriação do valor imagem que se estabelece por meio da subversão da tecnologia, manobra tentativa de fixação e reconhecimento na circulação.

Estes deslocamentos, ora “físicos ou virtuais”, promovidos pelo programa de inclusão digital fizeram com que os usos e as interações transcorressem nas plataformas digitais, tornando as relações sociais mais complexas em variadas formas de vinculação territorial que se cruzam/interseccionam em diferentes espaços. Os múltiplos territórios demarcam movimentos de desterritorialização e se sucedem por uma nova e outra “reterritorialização”. O movimento de “idas e vindas” faz parte de uma estratégia de subversão do algoritmo, na qual a tônica das redes e de seus territórios expressam esta nova condição “cidadã”, em que o território ou local designado pelo jovem quilombola passa a representar uma zona de conforto, estado emocional.

Figura 32 – Captura de tela e registro das tensões entre as lógicas da IVM e do “eu” quilombola



Extração e registro da apresentação no Ministério Público Federal da Paraíba, na ocasião do I Seminário Paraibano Sobre o Genocídio da População Negra e Políticas Educacionais.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

O registro feito no dia 30 de agosto de 2017 representa uma tentativa de fechamento da Instituição em Vias de Miatização – “OloduMatão” – no sentido de “fixar” a imagem e identidade do jovem negro quilombola no espaço local do evento. O enunciado acima demonstra dois episódios distintos, um primeiro representado pelas afetações da multiterritorialização descrita na localização: “Onde O Mal Não Me Atinge” e, um segundo onde observamos a caracterização do movimento de fixação de valores comunitários e coletivos exercidas pela IVM – “OloduMatão”.

Percebemos que esse enunciado híbrido representa marcas das afetações dos diversos acoplamentos, injunções *ad hoc*. Contudo, a jovem ao publicar nas redes, espaço representado pelos movimentos da circulação e das afetações múltiplas, aciona este “vazar” dos limites territoriais, onde este “totem território quilombo” atua nestas superfícies acoplando sentidos, configurando um espaço de acolhida e de pertença fora da comunidade mundo (território físico). De modo inferencial, a jovem ao partilhar uma imagem do grupo de percussão e de dança da comunidade reúne nesta representação e enuncia nas redes que, quando as jovens do grupo de dança estão juntas, nenhum mal poderá atingi-las, dentro ou fora deste espaço mundo (território físico) do quilombo.

Nestes fazeres dois processos de diferenciação se fazem presentes, um interno, no qual o ambiente (eu jovem quilombola – sistema psíquico acoplado em materialidades sociotécnicas) busca se diferenciar do totem (comunidade dos “eus” e a IVM). Este último, o totem ao “acelerar-se” se fixa ao jovem quilombola perambulante, em uma ancoragem simbólica de sua representação.

O reconhecimento neste ponto, é uma categoria acionada por elementos de pertença e valorização de uma coletividade, constituindo níveis de referência, o primeiro é o “amor” – onde o jovem quilombola se insere na dinâmica da dependência e autonomia da IVM/Totem território em um jogo de autoconfiança. O segundo nível se realiza pelo “direito” – o IVM e o totem acionam processos valorativos, de igualdade e respeito ao ambiente (território quilombo). Por último, o reconhecimento percebe na “solidariedade” um espaço de positividade, no compartilhamento do ambiente em uma comunidade de valores e de estima social.

Este movimento/episódio de fusão entre estratégias e apropriações de sentidos, de lógicas subvertidas do meio, acionam a quarta dinâmica que passou a ser interpelada por táticas, lógicas e gramáticas próprias de interação com o “mundo” digital exógeno.

As disputas entre a IVM e o GESAC perfazem um trabalho para atenuar o desrespeito, problemática das relações sociais na atualidade. Os ruídos são silenciados quando a distribuição é implementada em busca da paridade da participação, elemento este, núcleo do reconhecimento.

4.3.4 Dinâmica 4. O contrafluxo “da Comunidade para o Mundo” – a constituição dos sujeitos na circulação

Pela quarta dinâmica de transição percebemos nas materialidades a ocorrência de disputa entre sujeitos que, ao se projetarem na circulação enquanto comunidade, passaram a se autoafirmar na condição de representação simbólica do ser “negro e quilombola”. Neste percurso, a coleção do empírico sinaliza como o jovem negro “toma para si” a produção dessas ofertas, reconhecendo seu protagonismo e lugar de fala. Nesse cenário, a dinâmica evidencia uma apropriação única e própria desses jovens, projetando o fluxo valores comunicacionais exclusivos. Essa autenticação do “eu” quilombola não é mais a visão da Instituição em Vias de Miatização – “OloduMatão”, nem é a imagem do negro estereotipado e construído pela audiência do meio *Facebook*.

Figura 33 – Elementos e marcadores da quarta dinâmica (entrada e virada)



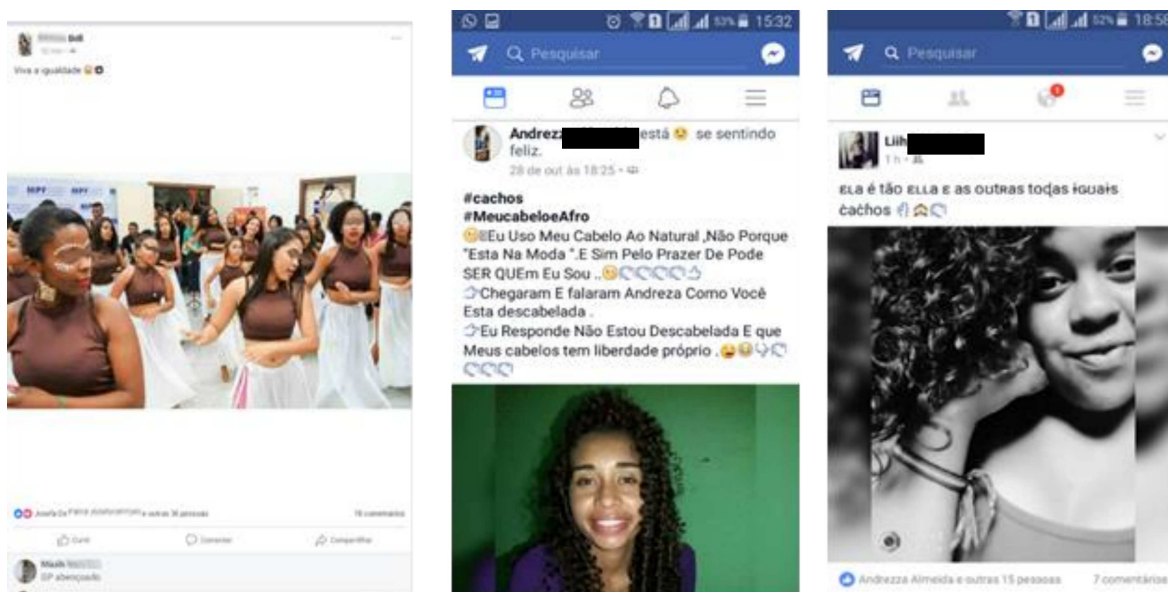
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados

Consideramos que o elemento de representação que marca esta dinâmica tem por referência o pertencimento/território quilombola e, a partir dele, uma identidade própria se constitui sendo acionada por postagens que retratam opiniões sobre o racismo, posições políticas e sociais.

O totem território ao mobilizar sujeitos e suas coletividades, as formas pelas quais estes jovens se comunicam, percebem a presença de chancelas e moralizações. Estas normas políticas “(...) adquiriu na evolução do sistema social uma função de alarme que aponta as realidades inquietas onde ocorre a sabotagem dos códigos e o conseqüente predomínio de representações estáticas político-legitimadoras sobre os outros” (LUCA, 2016, p. 15). O produtor, ao conferir à comunicação a este estatuto, cuja base advém dos sistemas sociais (de comunicação/interação) reconhece a condição autopoietica dos elementos psíquicos destes jovens, onde o ambiente (território físico) é o local de leitura e concepção de mundo destes jovens.

Entre as chaves da identidade do “jovem negro quilombola” pertencente a um território físico e/ou digital, uma performance não anula a outra, ambas se complementam, contudo, no espaço deste território físico, o simbólico aciona movimentos restritivos, nem todos os acontecimentos deste ambiente se encaminham às redes.

Figura 34 – Captura de telas com o simbólico em contrafluxo no meio *Facebook*



Extrações da esquerda para direita, 22/11/2016, 28/10/2017 e 30/11/2017. As enunciações apresentam uma resposta social ao meio. As extrações revelam como o processo de autenticação da identidade quilombola nas redes refaz o fluxo e coloca seu posicionamento identitário na ambiência digital.

Fonte: Do autor, 2016 e 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

O exercício tentativo identificado nas extrações serviu para exemplificarmos como o movimento da circulação das redes, com suas “idas e vindas”, movimentaram as materialidades. Estas, mesmo perambulando na circulação e de forma canhestra, passaram a comunicar modos e operações próprios nesse espaço, para tanto, observamos o fluxo da

comunidade (destes muitos “eus”) para esse outro mundo nas redes. Nas extrações selecionadas, vimos que as enunciações fortaleceram a fixação da memória simbólica do jovem quilombola, força simbólica potencializada, gradativamente, no meio.

Esta dinâmica se iniciou com a primeira postagem destacando o “Viva a igualdade”, mas a autoafirmação identitária somente se realizou 10 meses após. A segunda e terceira publicações nos revelam um enunciado que se destaca por um ato comunicacional que aciona fatores de diferenciação social. Percebemos que o contrafluxo ocorre na ordem de se contrapor às ocorrências e ofertas replicantes no *Facebook*. Os elementos simbólicos se fortaleceram nas narrativas que demonstram o orgulho daquelas jovens pelo fato de possuírem cabelos cacheados e naturais. Na publicação ao centro, temos a jovem que destacou em sua publicação, “*Eu Uso Meu Cabelo Ao Natural, Não Porque ‘Esta Na Moda’’. E Sim Pelo Prazer De Pode SER QUEM Eu Sou (...) Chegaram E falaram Andreza Como Você Esta descabelada. Eu Responde Não Estou Descabelada E que Meus cabelos tem liberdade próprio*”.

Nesse movimento extraído observamos as instâncias de representação nas quais os jovens quilombolas estão se alimentando. Os embates e disputas na circulação transcorreram em meio a duas esferas de lógicas divergentes, uma primeira do campo social da comunidade, advindo do espaço da tradição, cultura, dos laços parentais e territoriais e, uma segunda representada pelas lógicas do meio *Facebook*. Recordamos que o algoritmo que estrutura a gramática operacional da plataforma replica representações que não mais atendem aos interesses desses jovens e, do “vazio” representacional das redes, assumem modos de retratar a sua identidade negra e quilombola.

O exercício do reconhecimento enfrenta desafios de realização quando passa a ser afetado pelas formas de desrespeito do território digital (TD). Este desrespeito atinge a integridade corporal dos sujeitos, a exemplo dos filtros de edição com o acionamento do programa “*Sweet Selfie*” que abala a autoconfiança e mobiliza um cenário de tensões. Em seguida, o desrespeito se estabelece pela gradativa degeneração de direitos, imprimindo disputas materiais, estabelecendo no território quilombo, uma disputa entre incluídos e degradados, jovens quilombolas com acesso à melhores dispositivos/conexão e os que não possuem. Estas formas, ao unirem o desrespeito aos corpos/feições dos sujeitos com as disparidades materiais atuam “desfazendo” o espaço da solidariedade, convertendo valores positivos em referências negativas de certos grupos, afetando a autoestima e implementando o regime dos “condenados ao quilombo”, fortalecendo a condição de “degradados nas redes sociais”.

O reconhecimento se transforma em uma eticidade formal quando aciona o amor, o direito e a estima social, cujos princípios de justiça observam na redistribuição (políticas públicas), as condições ideais para solidificar o projeto emancipatório de sujeitos/grupos. Com isso, a dinâmica apresentada está na crista de um episódio com fortes marcas da experimentação social por parte dos jovens. Nos interessa extrair, deste ponto, as possíveis angulações e estratégias comunicacionais valorativas que assumam potência energética de uma representação estável e replicante da identidade quilombola na ambiência digital.

O movimento das redes, incluindo o meio *Facebook*, é um ambiente de ofertas que perambulam pelos espaços digitais. Não é demais recordarmos que os jovens quilombolas realizaram os usos e as apropriações táteis nos dispositivos, colocaram-se em tensionamento para constituir-se nas redes, passaram a ofertar sua representação própria desse “ser quilombola” nas redes. Na quinta dinâmica apresentaremos as flutuações nas gramáticas e nas práticas sociais no interior da comunidade.

4.3.5 Dinâmica 5. “Ir adiante” ou não: “o Eu Físico e Virtual” – conflitos e tensões dos processos sociais no silenciamento do simbólico

Nesta dinâmica apresentamos e recuperamos das coleções do empírico marcas que sinalizam mutações de sentidos outros nas representações imagéticas e identitárias dos quilombolas. O movimento de extração do empírico disruptivo no meio *Facebook*, ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2018. Inferimos que o acionamento de uma conjuntura de ordenamento político, social e religioso afetou diretamente as lógicas, gramáticas e interações nos níveis das práticas sociais no interior da comunidade e nas estruturas da circulação do *Facebook*.

Enquanto na dinâmica anterior evidenciamos um fortalecimento do protagonismo da representação simbólica do ser “jovem, negro e quilombola”, no ano eleitoral aconteceram disjunções *ad hoc* acionadas por dinâmicas nos processos e das práticas sociais. Tais disjunções foram percebidas claramente no acirramento político e religioso de teor conservador, disparando ofertas para uma “não fixação” e recuo das representações simbólicas na linha do tempo do meio *Facebook*.

O movimento regulatório das práticas sociais convencionou um mecanismo de segurança e resguardo temporal no recurso do “*Stories*”, disponibilizado pelo *Facebook*. A lógica interna desse mecanismo permitiu que a imagem permanecesse em fluxo “retido” por apenas 24 horas a contar de sua postagem. Outra característica decorreu desta “representação

provisória”, que é o controle da audiência pelo número de visualizações de produto ofertado, agora deslocado em um fluxo não mais replicante.

Figura 35 – Elementos e marcadores da quinta dinâmica (entrada e virada)



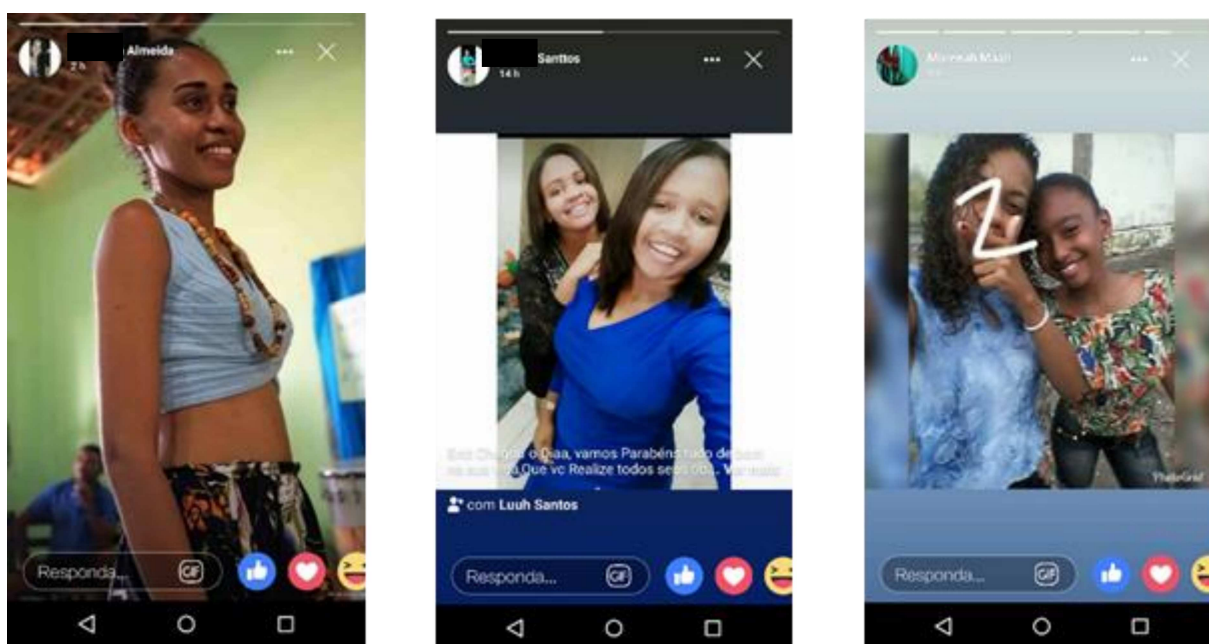
Nas extrações, observamos a problemática da polarização política e discursiva no interior da comunidade e em disputa no meio *Facebook*.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Os esquemas, meios e lógicas dessas narrativas após os “deslocamentos” nas superfícies dos processos sociais na comunidade quilombola, representam uma possível maturação das estratégias dos jovens quilombolas inseridos em uma dinâmica de tensões entre duas esferas, sendo uma do espaço desconectado, outra do *on-line*, dois espaços que se bifurcam a partir do espaço físico/territorial.

A identidade pensada no território, versada na questão dos multiterritórios, observando a IVM que intercambia entre o físico e o simbólico. As multiterritorialidades podem ser pensadas no espaço de proteção do totem, de restrição por este coletivo. Neste caso, o território digital acrescenta alguns fazeres nesta retroalimentação, o que eles interpelam diante do objeto e quais tensões são resultantes destas memórias.

Figura 36 – Capturas de tela com o apagamento do simbólico nas intemporalidades do meio
Facebook



As extrações datadas, respectivamente, no mês de dezembro de 2018, da esquerda para direita, dias 07, 12 e 15, sinalizam três movimentos distintos²⁰.

Fonte: Do autor, 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizado.

Pelas imagens acima recuperadas buscamos esclarecer o fenômeno do apagamento do simbólico negro/identitário que fora constituído na quinta dinâmica. Os processos de tensionamento e em negociação por parte dos atores, tanto no espaço territorial, como o digital acionou essa estratégia de recuo e de exposição nas redes. O uso recorrente do recurso do *Stories* é uma problemática da ordem de resguardo das memórias pois, a plataforma do *Facebook* realiza uma coleta constante das publicações situadas em sua Linha do Tempo, este trabalho do algoritmo de coletar e preservar materiais é utilizado pelo recurso de “Suas Lembranças”. Tal projeto da plataforma disponibiliza ao usuário recordações mais remotas das postagens realizadas no passado. Ao optar pelo recurso do *Stories*, a gestão de memórias passadas fica interrompida e sua possível projeção, em um dado futuro, não será mais possível de ser realizada.

Nisso, o simbólico tensionado por intemporalidades parece empreender, por parte dos sujeitos/atores, um movimento que “busca se unir a outras pessoas e grupos para valorizar a

²⁰ Na primeira, à esquerda, a jovem publica no espaço das intemporalidades, apresentação performática na Festa da Consciência Negra na comunidade. Na segunda extração, ao centro, a jovem se desliga do grupo de percussão e de dança afro, OloduMatão e passa a projetar representação imagética religiosa/evangélica. Na última, a representação se desfaz e inicia um processo de duplo “apagamento” (tanto no recurso de edição do dispositivo ao ocultar esta “face” do outro, bem como, na publicação enunciada no espaço do *Stories*).

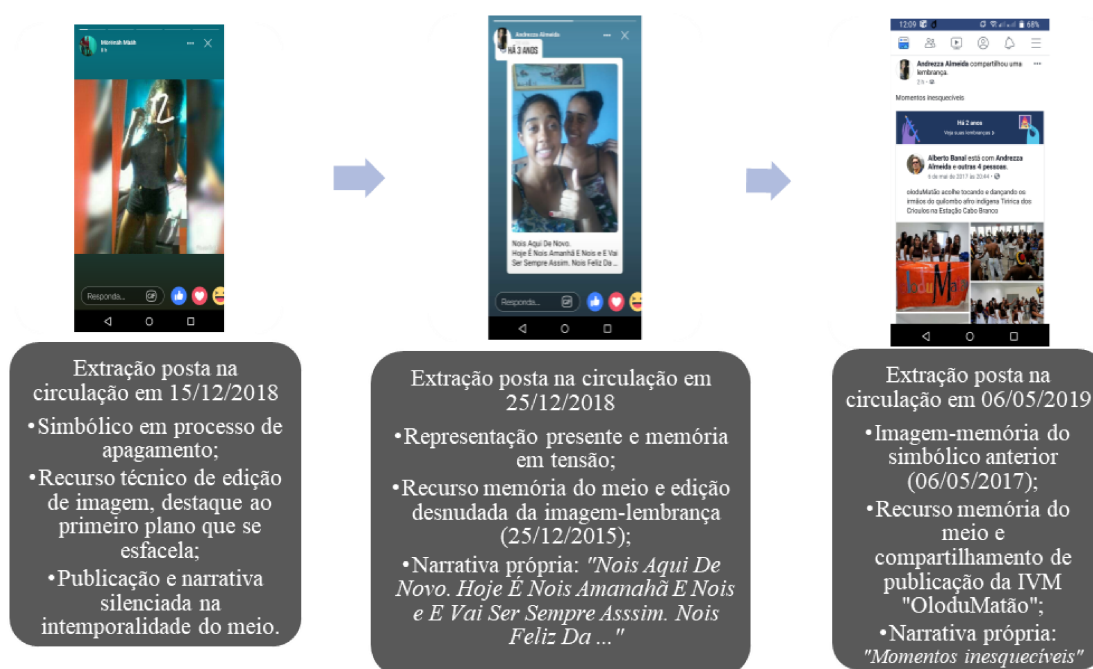
ideia da vida, por isso a fotografia é tão forte como elemento mágico” (ROSA, 2012, p. 103), do instante e deste possível controle de suas representações. Esta representação experimentada/vivenciada/sacralizada por uma coletividade se desloca para condições materiais frágeis e efêmeras.

Devemos relembrar que as disrupções internas, jogos de disputas pelo discurso de referência no interior da comunidade quilombola espelharam uma condição de “fixação-apagamento” desse simbólico e ato enunciativo do jovem quilombola. Os movimentos de idas e vindas, avanços e recuos expressam o grau de fragilidade dos laços sociais, pois “os dispositivos são espaços de realização de processos comunicacionais, acolhendo resistências, visibilidades, permitindo replicações e apagamentos de imagens” (ROSA, 2012, p. 118).

Outra hipótese a ser considerada diz respeito às operações de apagamento que possam ser estratégias futuras de seleção, chancela de possíveis “imagens-síntese” do ser jovem negro quilombola do agreste paraibano. Entretanto, nosso empírico, como esclarecido em diversos momentos, está perambulando, indo e vindo, fortalecendo e se esfacelando. Este movimento será evidenciado no que iremos apresentar na sexta e última dinâmica do empírico.

4.3.6 Dinâmica 6. A dádiva do perambular – do “desaparecer em si” ao retorno do espelho/fantasma do simbólico

Para o desenvolvimento do tópico acima, construímos a sexta dinâmica denominada pela ação do “parecer em si” e sua nova e outra “refixação” no *Facebook*. Essa ação empreendeu esforços e atravessamentos humanos no sentido de costurar os laços comunitários, desconectados no último cenário político e eleitoral de 2018. O retorno desse imagético negro ocorreu logo após as primeiras oficinas de cuidados e relações humanas que aconteceram no mês de maio de 2019. As oficinas foram promovidas pela Instituição em Vias de Midiatização (IVM) do “OloduMatão”, que foram desenhadas após a falta de interesse e de engajamento dos jovens nos ensaios e apresentações, identificados como vazios e silêncios percebidos nas publicações no *Facebook*.



Das extrações, infere-se que o processo de retomada desta potência simbólica para o contexto da ambiência digital transcorreu em três etapas. Um primeira (esq.) pelo silenciamento e esfacelamento do simbólico/imagético negro. Neste mesmo período, quase simultâneo, o algoritmo do meio *Facebook* se colocava em papel de mediação de memórias, sem sucesso. Na última extração (dir.), o recurso do meio “Minhas Lembranças” do *Facebook*, projeta na linha do tempo da jovem, simbólico constituído pelas lógicas da IVM e, episódio novamente posto em circulação.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018 e 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizado.

O retorno do imagético negro e quilombola durante o silenciamento nos fluxos e nas linhas do tempo constituiu um desafio a ser enfrentado pela iniciativa da IVM. O baixo engajamento, desmotivação, a falta de concentração e de compromisso para com as atividades planejadas para o grupo revelaram afetações de ordenamento social da comunidade negra. A coordenação da IVM proporcionou aos jovens oficinas de relações humanas com a psicopedagoga, Ivanise Lima. Nas oficinas, temáticas de ordem emocionais, subjetivas e comportamentais revelaram uma espécie de distopia nas práticas sociais da comunidade.

Fotografia 5 – Oficinas de relações humanas com os jovens da comunidade e do “OloduMatão”



Fonte: Registrada por Alberto Banal, 2019, coordenador da IVM “OloduMatão”.

O movimento do “desaparecer em si”, dos silêncios enunciativos marcados pelo imagético efêmero e saudosista (acionamento do recurso de “Minhas Lembranças”) é, gradativamente, substituído por sua refixação e retomada nas linhas do tempo no *Facebook*. As oficinas empreenderam esforços humanos no sentido de costurar os laços comunitários desconectados no cenário político disruptivo de 2018. Após os primeiros encontros e das rodas de diálogo com os jovens, em menos de 11 dias as publicações retornaram com a mesma potência e de engajamento nos fluxos da linha do tempo do *Facebook*.

Figura 38 – Retorno do simbólico na circulação da ambiência



Nas extrações, da esquerda para a direita, os registros foram capturados em 10/06/2019; 20/06/2019 e 17/08/2019. Na primeira extração, o simbólico do “ser negro e quilombola” retoma à circulação com a mesma força e potência expressas na quarta dinâmica²¹.

²¹ Os elementos da identidade negra e as apropriações dos recursos técnicos retomam acionamentos para destacar elementos e traços deste imagético quilombola. Na segunda extração, os elementos das festividades juninas

Fonte: Do autor, 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizado.

Nesta última dinâmica extraída do empírico podemos afirmar que as afetações nos processos sociais, no âmago comunitário, são responsáveis pelo desafio da construção de uma identidade simbólica que possa ser reconhecida pelo grupo. Nesse episódio, quando as lógicas da coletividade tinham se esfacelado, os projetos individuais entraram em conflito, de modo que potencializaram defasagens e a solidariedade orgânica necessitou ser reabastecida por outra força vital. Nesse movimento de retorno, as ofertas não retomam ao “estado original” expressas na primeira dinâmica, mas continua a existir com a mesma potência simbólica anterior, que apresentamos na quarta dinâmica, onde o jovem não assume a representação da IVM “OloduMatão” e não aceita imposição dos padrões da rede, se posiciona no sentido de ofertar algo autêntico deste ser jovem quilombola do Matão.

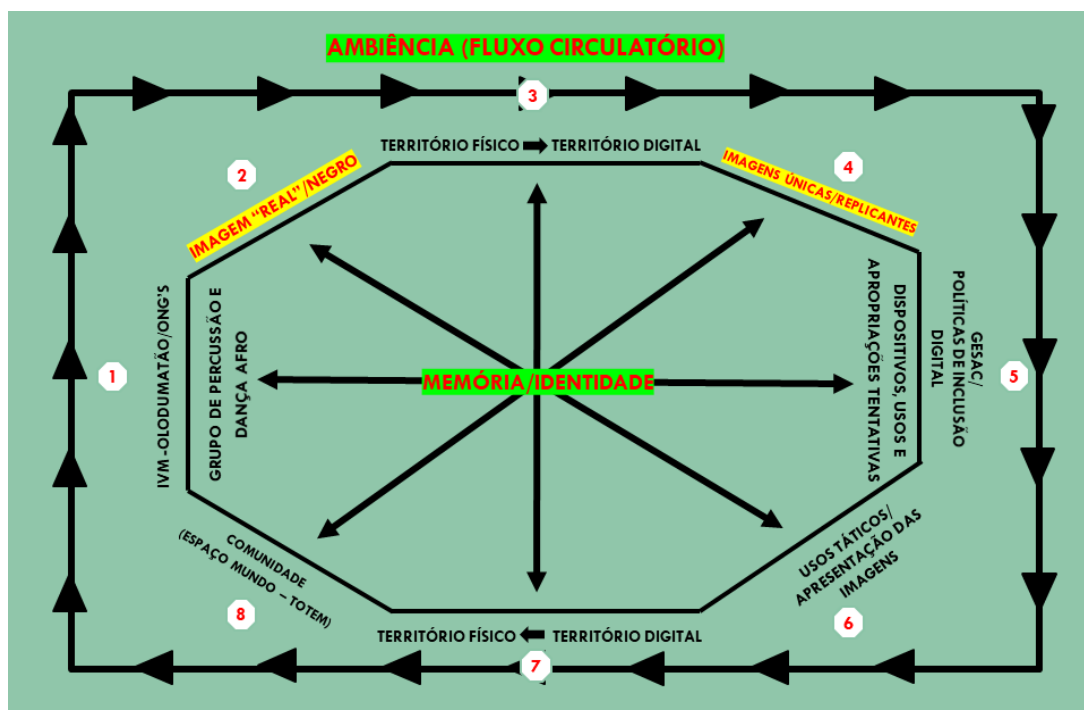
Os quilombolas do Matão disputam “nichos” e bolhas sedentas por visibilidade, por mostrar sua juventude e as facetas da ruralidade da Paraíba em busca por reconhecimento. Isto explica a intensa produção criativa demarca espaços de referencialidades nas redes. O *Facebook* na condição de “meio dos meios” acoplado plataformas terceiras com lógicas objetivas, postas na condição de “bem de consumo” e de captura de dados, a exemplo dos filtros e desafios enunciados.

Nos interessa descrever nesta dinâmica que, mesmo diante do trabalho da Instituição em Vias de Midiatização “OloduMatão” e das lógicas dos dispositivos nos quais o meio *Facebook* é mobilizado, os jovens somente retornaram a ofertar seu imagético quando os conflitos internos na comunidade foram “apaziguados” e as gramáticas/processos discursivos do “eu” quilombola e dos “eus” comunidade passaram a convergir.

Nesse sentido, ao analisarmos o primeiro desenho da pesquisa configurado em 2017 com a montagem e configuração das dinâmicas com o trânsito das materialidades, observamos a necessidade de atualizar algumas figuras, vertentes e tensionamentos com o objetivo de reconstruir os passos e movimentos do jovem quilombola na ambiência do digital no *Facebook*. O movimento empreende esforços no sentido de aprimorar o quadro de observação da pesquisa por meio de figuras elencadas para subsidiar uma visada imersiva no fenômeno em curso até setembro de 2019.

Figura 39 – Exercício tentativo de observação da pesquisa (2020)

retroalimentam esse simbólico com elementos da cultura partilhados entre quilombolas e não quilombolas, dentro e fora das redes. No último recorte, a jovem faz o uso do recurso efêmero do *Stories*, contudo, o ator não utiliza de recursos para o apagamento/silenciamento, uma vez que este material possui forças suficientes para romper a efemeridade daquele espaço.



O diagrama representa o movimento/fases de cada dinâmica e temporalidade conforme o trânsito das materialidades²².

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

O desenho atualizado da pesquisa que acima apresentamos, demanda explicações e orienta o leitor no sentido de esclarecer os três estágios que o referencial realiza enquanto movimento de transição entre fases.

Neste último desenho, o Estágio 1 significa o movimento expresso pelo ato de tornar público algo de caráter “privado” que transcorreu nas quatro primeiras etapas do quadro que delineamos nas fases 1, 2, 3 e 4. Para tanto, o primeiro movimento realizado é de onde parte esse “espaço mundo” do jovem quilombola realizado no território da comunidade, local de atuação da Instituição em Vias de Mídiação (IVM) “OloduMatão” - Fase 1. Percebemos que a imagem inicial “acolhe/agrega” valores simbólicos que são transferidos do “Território Físico (TF)” para um “Território Digital (TD)” – fases 2 e 3. Nessa transferência entre territórios registramos a seleção de “imagens únicas” ou “replicantes” – mirando a fase 4, observamos representações ali enquadradas, emolduradas e pré-selecionadas para serem enunciadas/enviadas ao meio, condicionadas ao acoplamento na política pública de acesso às lógicas do digital.

²² No desenho original, as fases 3, 4, 6, 7 e 8 sofreram alterações. Na fase 3, o “real” > virtual fora atualizado para o “território físico que transita para o território digital”. Na fase 4, a “imagem apresentativa” é substituída pelas “imagens únicas/replicantes” nas redes. Na fase 6, a “atualização identitária” passa a ser descrita pelos “usos táticos/apresentação das imagens”. Na fase 7, do “real < virtual”, observamos o movimento do “território digital para o território físico” e, na fase 8, a “comunidade” é revista para o “espaço mundo – totem”.

A leitura do Estágio 2 permite que a partir desta quinta fase destaquemos o dispositivo técnico e suas estratégias que acionam a “diferença de valor, cuja “mais-valia” acopla sentidos outros ao imagético/representação a ser ofertada ao fluxo. A transição da fase 5 para a fase 6, como veremos, configura o gatilho para o último estágio.

O Estágio 3 descreve o momento em que as lógicas do Meio, através da ação geradora de respostas deste “Outro” para o engajamento ou não desta representação, passa a ser operacionalizado por Objetos descritos na fase 6, que trata dos usos táticos e nas formas como ele se apresenta ao “outro” e, deste trabalho do produtor, que é o jovem quilombola que destina sentidos ao seu “Interpretante” na fase 7. Em síntese, essa é a forma pela qual compartilhamos o “olhar” da devolutiva do “Outro” em ambos os territórios (físico – comunitário ou digital).

Toda comunicação exercida entre interagentes se articula em sistemas que se “relacionam abertamente com o ambiente em que estão inseridos, construindo relações de complementariedade em suas estruturas” (LUCA, 2016, p. 01). Desta premissa, os protocolos de interação, em nosso objeto, atenuam as defasagens entre quilombolas e não quilombolas. O funcionamento deste sistema social atua de forma automatizada deslocando as formas disruptivas destes *feedbacks* complexos do meio *Facebook*. Neste sistema social de interações, é impossível apartar o “corpo de sua alma”, ou seja, é impossível separar do imagético do jovem quilombola enunciado nas redes de seu “totem território quilombo”.

Ao comentarmos o movimento de reconstruir e atualizar o desenho da pesquisa acima, acionamos um segundo elemento interpretativo no empírico, que é o tensionamento da coleção de materialidades com os questionários da pesquisa de campo.

5 DAS MARCAS E AFETAÇÕES: RECONSTRUINDO OS PROCESSOS PERAMBULANTES DO EMPÍRICO

No presente capítulo nos voltamos para apresentar os tensionamentos, marcas e afetações da circulação no empírico descritos nas seis dinâmicas e operacionalizadas de modo transversal. Sendo assim, o desafio consistiu em reconstituir as materialidades e proceder a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo com os jovens quilombolas. Reconhecemos que, ao recompor caminhos e etapas da pesquisa, os ângulos de observação do pesquisador são limitados, o que torna árdua a tarefa de aparar todas as arestas, bifurcações e pontos de virada nos descritos.

Ainda nesse capítulo iremos analisar as estratégias e modos de atuação e de construção de sentidos dos jovens negros no *Facebook*. Os esforços empreendidos, no sentido de analisar processos de midiatização em materiais imersos na circulação discursiva na ambiência digital, implicou em considerar as perdas inerentes ao processo, posto que, seguir rastros e realizar capturas de tela (extração) significa nos deparar com uma moldura “fantasma”, descolada e desprendida de contexto.

Cientes dessa dificuldade, realizamos um movimento tentativo buscando recuperar fragmentos observados, pois toda e qualquer comunicação entre interagentes é sempre tentativa. Nesse sentido, apresentaremos os esforços desses jovens quilombolas em dirimir as defasagens que ocorrem nos jogos de disputas por discursividades e referencialidades.

Os fenômenos comunicacionais descritos em episódios/ensaios de interação, descreveram ocorrências de um produto ofertado e modelado pelo trabalho de compartilhamento das diferenças entre as esferas produtivas em cena, dentro e fora da ambiência comunitária. Este perambular de idas e vindas dos enunciados busca diálogos e convergências possíveis na construção de sentidos de mundo, de identidade.

Por isso, o problema da pesquisa transitou, em instância deste objeto, com suas materialidades capturadas em um fluxo “em processo”. Destacamos que esta classificação em marcas, fragmentos e repetições do fluxo espelham uma representação do “tipo ideal” descrita em narrativas simuladas, destacando a presença de “um ser quilombola” reelaborado. Os dispositivos e seus suportes de edição acoplam ao “sujeito negro performado” uma estética, cujas lógicas das plataformas configuram uma “imagem sobre a imagem” das experiências vividas. O imagético deste jovem quilombola imerso neste digital surge reconstituído a partir de movimentos tentativos que ora se fixam, ora se deslocam na ambiência do meio *Facebook*.

Neste sentido, a performance elaborada corresponde a uma espécie de “atenção contemplativa” do “eu” posta em oferta para ser tensionado e reconhecido por este “outro”.

5.1 Reconstituindo as Peças do Quebra-Cabeças a partir do Questionário de Campo

Para realizarmos a reconstrução das peças de nosso quebra-cabeças, prosseguimos neste tópico com seus subitens apresentando as correções que foram possíveis nos pontos de arestas e de entrada deste objeto, para criar as condições de possibilidade para discutir, encaminhar questões e problemáticas ocultas e evidenciadas pelo movimento da pesquisa nas materialidades do empírico. A mediação pertence a uma complexificação dos processos sociais e, desta angulação, nos interessa perceber as particularidades expressas nas publicações dos jovens negros e quilombolas que compartilharam suas vivências no território sinalizado nesta pesquisa, onde já identificamos a atuação da figura do totem, que perambula.

Nesse sentido, a pesquisa de campo compreendeu a fase de observação desses jovens no ambiente físico e espacial onde transcorreram as ações e os acoplamentos de idas e vindas na ambiência digital. A amostragem da pesquisa contou com a participação de 11 jovens quilombolas, sendo três menores de idade, quando da coleta (novembro de 2019). O questionário aplicado com os jovens participantes na Comunidade Quilombola do Matão constou de 27 perguntas estruturadas em três momentos: configuração de perfil com dados referentes a idade, escolarização, apreensão das tecnologias e formas de acesso; a segunda foi direcionada para as formas com as quais os jovens descreveram e opinaram nas postagens dirigidas pelos interagentes no meio *Facebook*. Esta estratégia, de observação exógena que adotamos visou completar uma última etapa do questionário, que foi uma espécie de autoavaliação de suas publicações, usos e apropriações de filtros/edição de imagem, dos recursos narrativos utilizados e as intenções de enunciação.

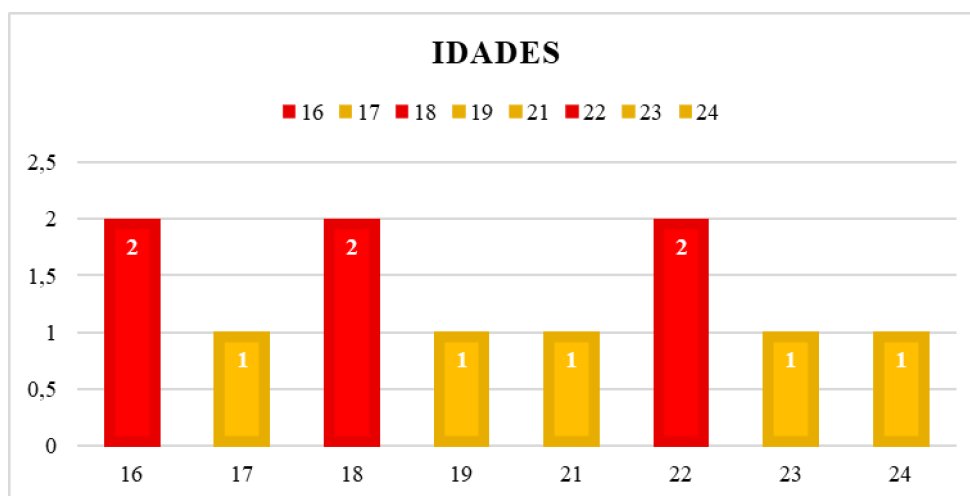
O questionário que articulamos para esta pesquisa permitiu classificarmos em graus de intencionalidade os elementos mais recorrentes e sinalizados por jovens quilombolas, considerando os níveis de afetações e lógicas expressas nas publicações. A última parte do questionário, mais subjetiva, trouxe o recorte para a “fala” destes jovens e as formas pelas quais eles se veem na rede social do *Facebook*. A execução dessa etapa comportou uma participação reflexiva entre os jovens participante da amostra. Ao realizarmos a leitura de cada item, fomos decodificando cada pergunta, esta estratégia foi importante porque permitiu mantermos um constante diálogo crítico e aberto durante todo o processo. Frisamos ainda que, tal estratégia foi possível graças aos contatos anteriormente mantidos por este pesquisador

com a comunidade. Isso implicou em adotar total transparência em todas as fases de desenvolvimento da pesquisa, explicando aos mesmos e aos responsáveis pelos menores, tudo o que ocorria nas fases subsequentes, que envolveu a apresentação do projeto de pesquisa, o convite aos jovens para assinatura dos termos de autorização, a partilha da síntese do que foi apresentado por ocasião do Seminário de Tese e da Qualificação, momentos estes, registrado por eles.

5.1.1 Os jovens quilombolas no Matão – traçando perfis e modos de aproximação na ambiência digital

No presente tópico fazemos um movimento de apresentação dos jovens quilombolas, descrevendo seus perfis, endereçamentos e modos de apropriação da ambiência digital. Esta primeira parte foi constituída de formas e lentes de leitura de mundo que esses jovens trouxeram consigo mesmos. Quando perguntamos sobre as idades, observamos o seguinte:

Gráfico 1 – Faixa etária e graus de leitura de mundo

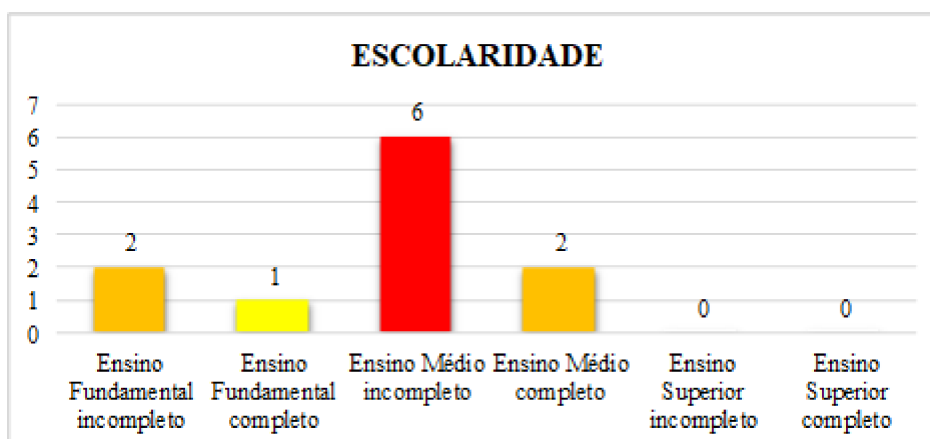


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Pela apresentação dos dados, realizamos importantes inferências e sinalizações quanto aos materiais extraídos na circulação, pois no universo composto por 11 entrevistados, seis deles se encontravam em fases distintas de maturidade. Os números que grifamos em vermelho revelam a diversidade de leituras de mundo. A primeira é marcada pelo deslocamento da imagem juvenil, para a formação de processos de maturidade com o início da adolescência e de tomadas de convicções. A segunda fase, destaca certo tensionamento, onde o jovem depara com a iminente conclusão do Ensino Médio e seus encaminhamentos para a vida, representado pela intenção de prosseguir e ampliar seus estudos, ou na

constituição de suas famílias ou inserção no mercado de trabalho. Na última fase, aos 22 anos, este perfil permite analisar as condições sociais e o mundo em duas perspectivas, uma de realização ou de frustração em seus projetos de vida e possíveis deslocamentos para os centros urbanos em busca de recomeços. A segunda etapa permitiu ler a configuração dos perfis realizada sobre os níveis de escolarização dos participantes.

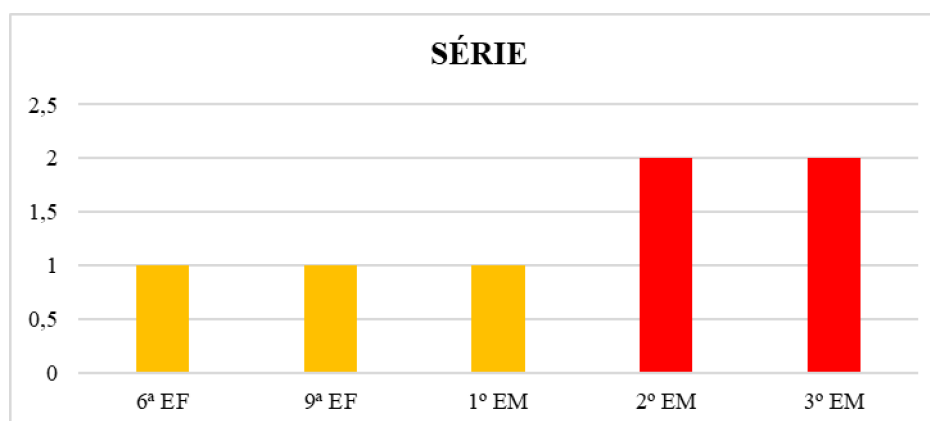
Gráfico 2 – Representação gráfica da escolaridade dos jovens quilombolas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

E, em seguida, temos uma apresentação mais precisa dos níveis e estágios de escolarização.

Gráfico 3 – Representação gráfica do nível de escolaridade dos jovens quilombolas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Em prosseguimento, observamos ainda que os índices sugerem características de transição para uma fase de mudança para uma outra condição social. A conclusão no Ensino Médio aparece como uma importante etapa de reflexões sobre o futuro. Nessa leitura, ao resultado das avaliações escolares somente aparecem no digital. Esse espaço é um importante celeiro e local para exposição destas intimidades, como capturado no exemplo abaixo:

Figura 40 – Captura de tela da jovem quilombola enunciando resultado do ano letivo no *Facebook*



Na extração, a jovem enuncia na plataforma da rede social, o resultado escolar no ano letivo de 2016. A consagração do divertido no meio *Facebook* encontra acolhida em um terreno de empatia em determinadas situações tidas como disruptivas nas práticas sociais no interior da comunidade.

Fonte: Do autor, 2016. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

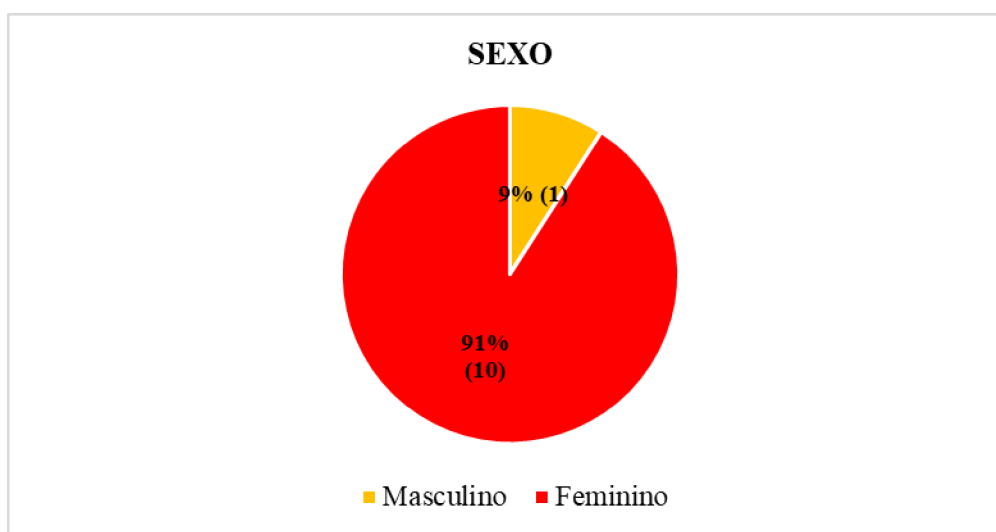
O cenário descrito revela um modo e condição de existência nas plataformas digitais, onde a lógica empregada pelo *Facebook* configura a “vitrine” de exposição. O “eu” inserido em seu pertencimento no território físico não permite divulgar os reais resultados da avaliação. Mas, a jovem ao projetar nas redes, o assunto e tema delicado se apresenta em um *feedback* de representações negociáveis, transitórias e deslocadas do espaço físico da comunidade. Nessa postagem, fatores como maior exposição e trocas ampliaram o “eco” da jovem quilombola no meio *Facebook*, e a recompensa é o espelhamento desta materialidade e o forte engajamento interacional da publicação, onde o tabu no espaço físico desaparece no digital.

Neste caso específico, a relação com o “Outro”, na condição de interagente, passa a atuar no campo da recepção/audiência configurando ações e conferindo sentidos ao que está posto em oferta. A identificação e reação “positiva” em cadeia recebe operações e modos de autenticação, espriando este reconhecimento na ambiência digital. A jovem, ao acionar

lógicas do expor seu “êxtimo”, desloca esta representação “dos silêncios” e das respostas não solidárias e divergentes no espaço da comunidade negra.

Ao avançar na configuração do caso sobre o perfil dos jovens quilombolas e perguntados sobre o gênero no qual se reconheciam, a resposta confirma a hipótese dos trabalhos socioantropológicos que caracterizam a Comunidade Quilombola do Matão como uma sociedade matriarcal, conforme dado abaixo.

Gráfico 4 – Gênero e construção dos perfis na rede social do *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Os dados referentes à constituição de gênero nas redes encaminham considerações pertinentes às ações das mulheres quilombolas que assumiram referencialidade nas redes sociais. No universo de 11 entrevistados, dez são mulheres e aceitaram participar desta pesquisa. O protagonismo das jovens mulheres na comunidade do Matão é um reflexo do sistema matriarcal que se expressa na dinâmica das práticas sociais verificadas no território físico da comunidade, onde as mulheres assumem a responsabilidade pela liderança e a voz do grupo.

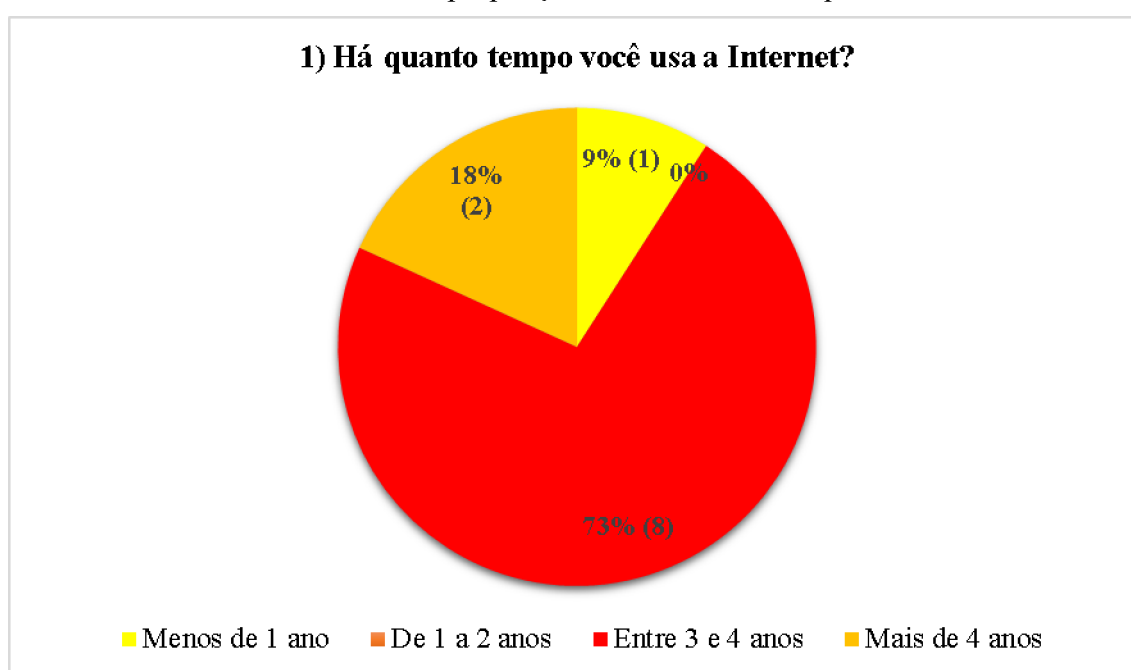
5.1.2 Marcas das afetações iniciais e o contato com a ambiência digital: práticas, usos e experimentações

Neste tópico acionamos uma nova etapa no questionário aplicado, por ocasião da pesquisa de campo para apresentação dos indícios decorrente dos contatos e afetações desses jovens com a ambiência digital.

Para tanto, evocamos as relevantes contribuições de Lev Vygotsky, trabalhadas por Marta Oliveira (2006), para descrever as ocorrências e zonas de passagens entre o

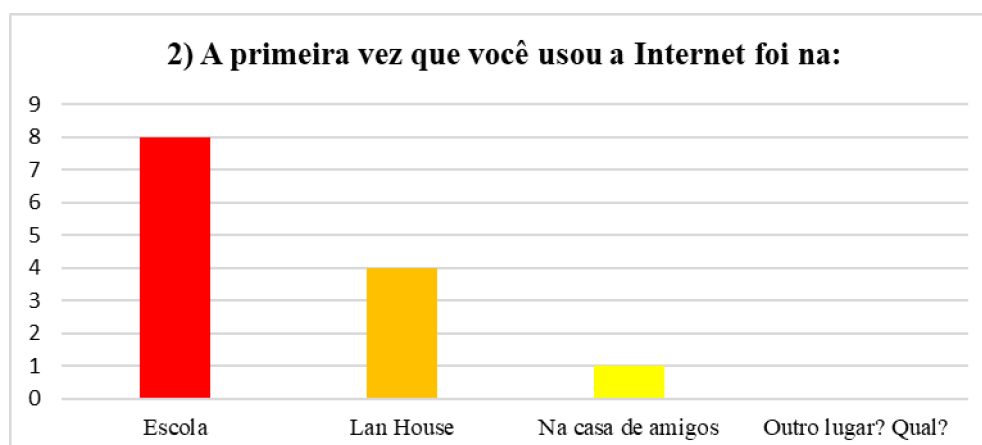
desenvolvimento real, do ser biológico e, este em transição para o desenvolvimento potencial (apropriações). Para os autores, essa transição se fez necessária para aquisição de outras e novas competências que permitiram ampliar a leitura de mundo. A transição entre os dois desenvolvimentos, do mais “primitivo” ao refinado, foi identificada na zona de desenvolvimento proximal. As articulações da “zona de desenvolvimento proximal” se desenvolveram na ambiência digital em pontos de contato com a implementação do programa de inclusão digital na comunidade quilombola, através do GESAC. No período da pesquisa, mais de 70% dos pesquisados responderam que tiveram contato com essa ambiência entre 3 e 4 anos antes do período de realização da pesquisa.

Gráfico 5 – Usos e apropriações da rede entre os quilombolas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Gráfico 6 – Usos e apropriações da rede entre os quilombolas – primeiro uso



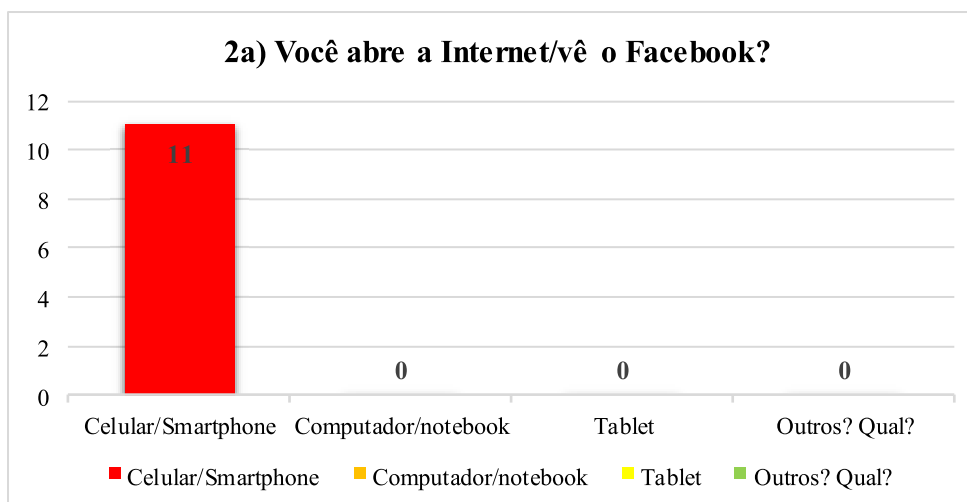
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A resposta acima realmente confirma uma das hipóteses centrais da pesquisa, porque mais da metade daqueles jovens estiveram desconectados da ambiência digital no território da comunidade no período apontado. De fato, o acoplamento do GESAC na comunidade permitiu a rápida transição entre duas etapas, dos esquemas táteis para a construção sistematizada de práticas organizadas e técnicas digitais.

O segundo gráfico serviu para apresentarmos o local e zona de contato com a ambiência digital. Nele aparecem os jovens fazendo remissão ao ambiente escolar, espaço este, do ensino-aprendizagem institucionalizado e gatilho das apreensões iniciais nas redes. Ao evocarmos uma leitura interpretativa dos processos psicológicos superiores, da percepção, atenção e memória, observamos neste caminhar pelas dinâmicas, o gradativo acionamento pelos jovens quilombolas de cada etapa, com o objetivo de adaptação às exigências normativas e interacionais do meio *Facebook*. A Internet se torna a infovia e suporte tecnológico na qual o *Facebook* faz uso inventivo desse código em uma engenhosa plataforma de acesso e de “interação sociodigital”.

Do contato com a velocidade nos fluxos em rede, os jovens perceberam que as imagens constituídas na comunidade permaneciam “frias e distantes” diante de um mundo tão acelerado. A lógica das redes, com suas molas propulsoras, deu movimento àquelas imagens estáticas, deslocando o simbólico preso ao “território quilombo” para se enunciar e ser tensionado/disputado por outras chaves de interpretação e de leitura fora do espaço do quilombo. No tocante às condições de acesso ao meio, os jovens foram unânimes em confirmar o celular/*smartphone* na condição de dispositivo de referência e mediação na ambiência digital.

Gráfico 7 – Dispositivos e referencialidades no acesso dos jovens quilombolas à internet

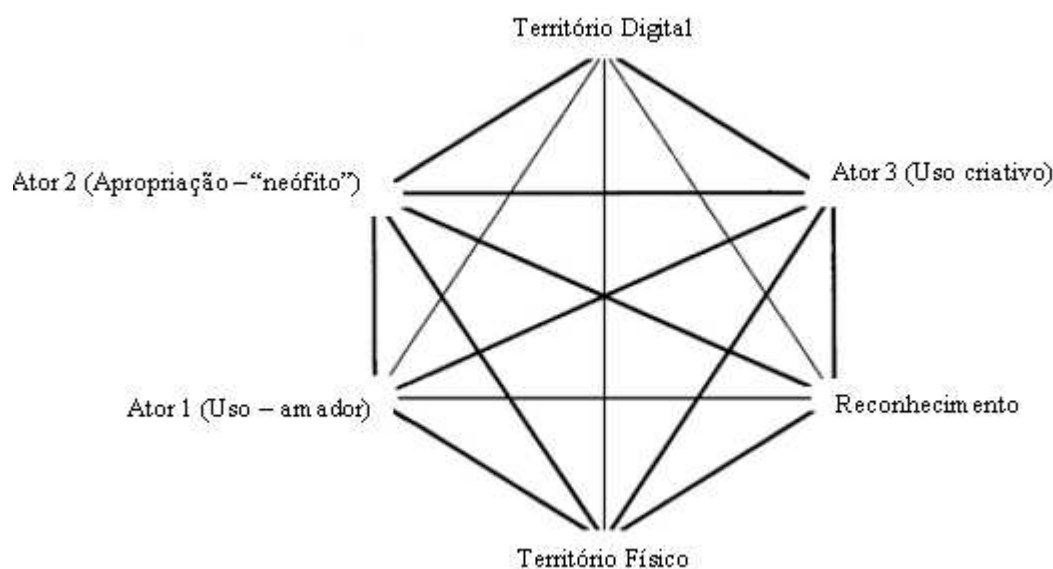


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Apesar da variedade dos dispositivos conhecidos, os celulares são os que atuam na psiquê humana, na condição de instrumento desenvolvido como parte integradora entre o indivíduo e o mundo, ampliando as funções biológicas/sociais que se realizam no espraiamento das interações sociais. O uso frequente desses instrumentos pela comunidade aciona processos psicológicos superiores e, sua intensa ação e atividade tentativa conduz a uma gradual expansão dos processos de percepção, de atenção e memória desses objetos digitais. A novidade são os meios e formas nas quais o jovem quilombola expande o repertório para se adequar à condição de interagente no meio *Facebook*. Essa observação nos remete à condição da tecnologia como mediadora, constituída entre a cultura do jovem quilombola e a cultura da ambiência digital.

O processo de apreensão da tecnicidade e o desenvolvimento das funções superiores atuam a partir da percepção acionada desse mundo sensorial, da visão/desenho da plataforma com suas linhas, pontos, cores e movimentos; da audição com seus sons, avisos de comandos, intensidades, alturas. O segundo sentido estimulado é o tato que comanda movimentos no dispositivo, exige a atenção e capacidade de controle voluntário, de seleção de informações do meio externo/exógeno adequando os reenvios a serem enunciados na circulação. Por último, a memória pensada na mediação dos signos, objetos, instrumentos, registro de experiências para posterior evocação, seleção dos signos conforme mediação com o meio cultural.

Figura 41 – Hexágono lógico com os perfis dos jovens quilombolas



Fonte: Elaborada pelo autor, 2021

No desenho¹ acima, as tensões apresentadas são acionadas a partir deste enquadramento dos perfis dos jovens quilombolas do Matão. O movimento descrito acima, coloca duas superfícies em disputa, a do território físico, enquanto “totem quilombo” e o digital, da ambiência com suas regulações e lógicas exógenas.

Conforme vimos, os usos táticos e de apropriação em diferentes processualidades evidenciam replicações, cópias, constituição do imagético de uso criativo e tático. O primeiro ocorre quando realizado o movimento de uso, repetições e cópias das replicações híbridas em rede e, segundo, forjada as apropriações tentativas dos recursos que compõem uma narrativa própria. Por último, o jovem evoca o gatilho e os encaminhamentos para o desenvolvimento potencial sob a forma de representação simbólica estável, baseada em uma enunciação própria. Nessa zona com transições entre atores, destacamos haver três figuras que disputam o mesmo palco e arena de reconhecimento nos dois territórios, no físico e no digital.

¹ O desenho proposto observa o conceito de “ator” como uma categoria de passagem entre o reconhecimento e a atorização deste sujeito. A força do movimento circulatório presente no meio *Facebook* potencializa fazeres e uma maior velocidade deste trânsito entre “atores”. Nos desenhos propostos, um mesmo jovem quilombola possui uma tríade performática, uma presente no território físico, outra quando se reveste das apropriações disponíveis nos dispositivos e, uma última, quando é tensionado/evocado pelos interagentes no *Facebook*. Pretendemos destacar que, o “totem quilombo território” atua no reconhecimento e na proteção deste ator/sujeito quilombola, buscando “frear”/diminuir as irritações entre sistemas, negociando valores e o que permanece ou se exclui nas redes.

5.1.3 Conflitos e sentimentos na ambiência digital: meios e estratégias acionadas para dirimir os efeitos dos ruídos comunicacionais

Também observamos que a rede social do *Facebook*, na condição de um fenômeno midiático e comunicacional, assumiu uma potência única ao autonomizar os signos/objetos de tal maneira que, em pequeno espaço de tempo, operacionalizou lógicas técnicas não mais passíveis de intervenção humana. A Internet e suas interfaces não pertencem a uma novidade em nível da midiatização, pois ela é uma mutação das condições de suporte/superfície que comporta o acesso desses atores às formas discursivas da ambiência digital. A novidade consiste nos atravessamentos e interpenetrações dos sistemas imersos nas lógicas da circulação.

A percepção dos conflitos imagéticos espelhados na representação virtual se encontra deslocado do espaço físico, onde os sentimentos postos em oferta estão impregnados de sentidos outros. Os jovens quilombolas, quando questionados sobre estas afetações e conflitos, responderam o seguinte:

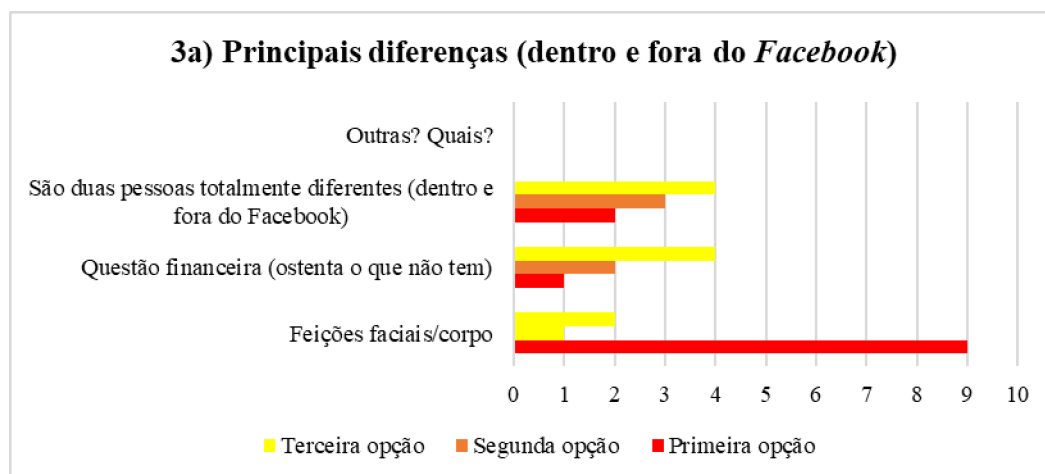
Gráfico 8 – Marcas das afetações e conflitos no meio *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A resposta foi unânime por observar que as afetações dos dispositivos atuam em primeiro plano na transformação deste corpo físico, preparando-o para a ambiência virtual.

Gráfico 9 – Principais diferenças



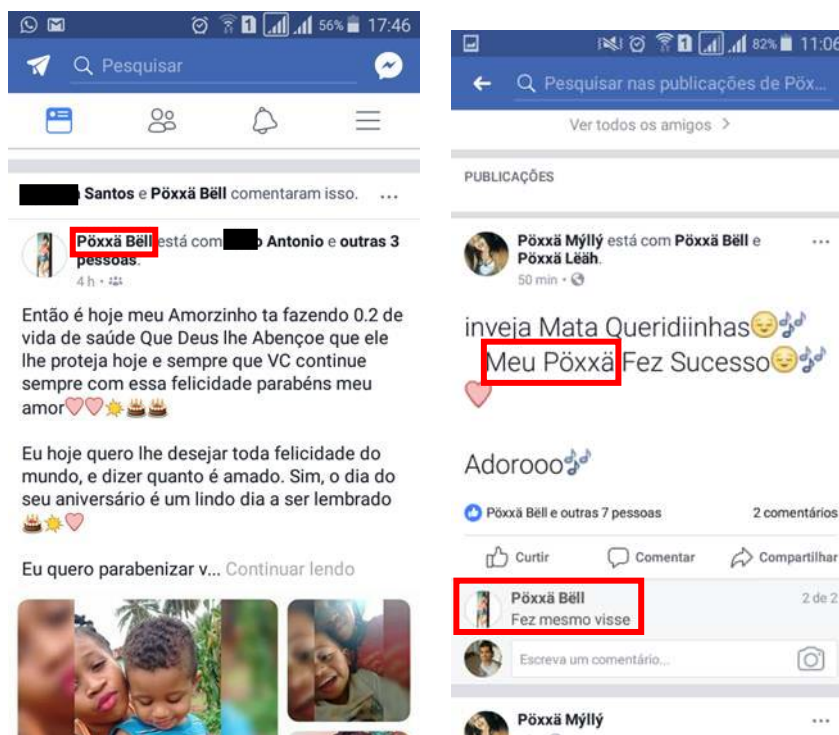
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A respeito dos dados expressos no gráfico acima, quando lemos a segunda resposta vimos que para aqueles jovens são as transformações presentes nos “status” sociais e econômicos dos usuários/amigos na rede social do *Facebook*, o que mais destacam. Essa é uma das principais estratégias de reconhecimento e de engajamento acionadas pelos jovens. As enunciações estão repletas dessa constituição e simulacro no território virtual de bens materiais almejados, inexistentes no espaço físico da comunidade.

Esse cenário descreve e verifica a ocorrência de afetações em diferentes e múltiplos níveis de interação, que passaram a modular tensões entre a oferta e o público no ambiente midiático. Voltando aos observáveis, verificamos que os produtos ofertados, quando ascendem aos meios, entram em disputa pela produção² do texto/imagem/identidade. As ofertas e movimentos enunciativos dos jovens quilombolas nas redes sociais descrevem a ocorrência de um intenso processo de atualização de modelos interacionais. As gramáticas replicantes, híbridas e evocadas são revistas, negociadas, expandem-se em um fluxo convergente, como demonstramos:

² Sobre as disputas na circulação, Fausto Neto (2013, p. 51) situa “(...) no âmbito dispositivo circulatório é o fato de que ela aciona operações enunciativas para a existência de um discurso que vem de outro lugar”.

Figura 42 – Capturas de tela com processo inventivo em disputa no *Facebook*



As duas extrações datadas entre 22/09/2017 e 26/09/2017 sinalizam a disputa pela enunciação discursiva. Na postagem à esquerda, a jovem altera seu nome de perfil de “Bell” para “Pöxxä Bëll”. Quatro dias após este episódio, a jovem da comunidade é interpelada pela provável “fonte/origem” desta performance.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Desse modo, confirmamos que a circulação transcorre em movimentos erráticos nas esferas das redes. Acertadamente Verón (1985) nos diz que os “contratos de interação” decorrem essencialmente dos acordos mútuos entre sujeitos comunicantes. Esses contratos acionam operações e gramáticas para a chancela ou não de uma determinada enunciação, onde a replicação e cópia por parte da jovem quilombola revela a existência desse contrato interacional entre sujeitos comunicantes (quilombolas e não quilombolas).

Ao descrevermos os modos como ocorrem os processos interacionais desses jovens negros no meio *Facebook*, notamos que a plataforma agiu na mobilização e movimento entre interlocutores, acoplando nas postagens possíveis modos, seleções, replicações narrativas “exógenas” com o objetivo de maior engajamento e conseqüente reconhecimento, espriamento desta “existência” do negro quilombola na rede social.

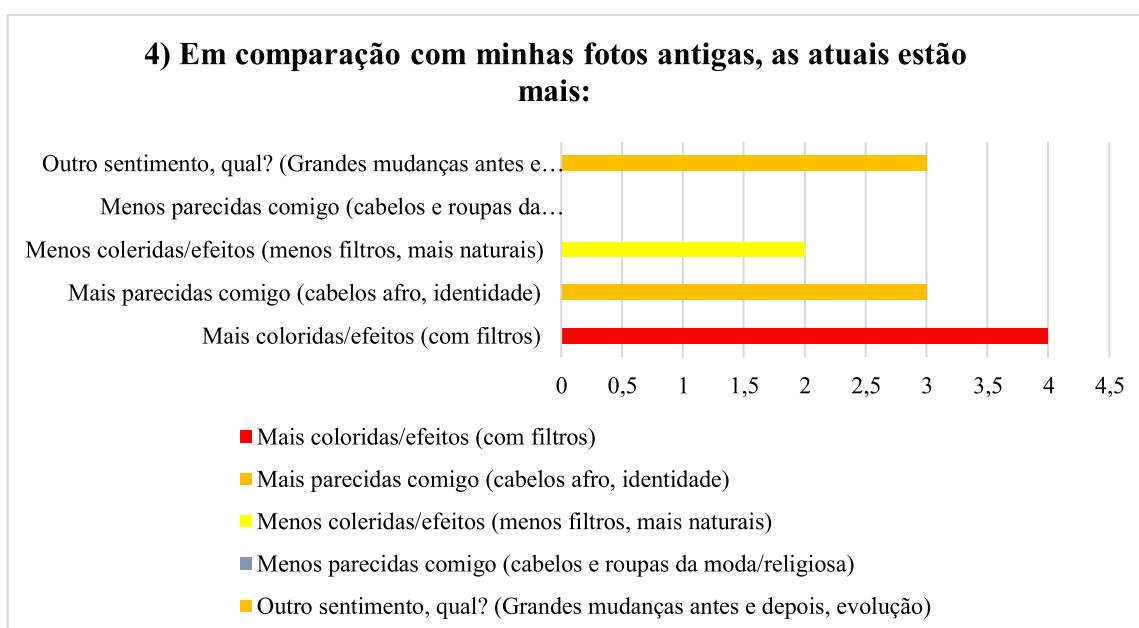
5.1.4 Sentimentos do “eu” quilombola nas redes: o início dos movimentos de idas e vindas

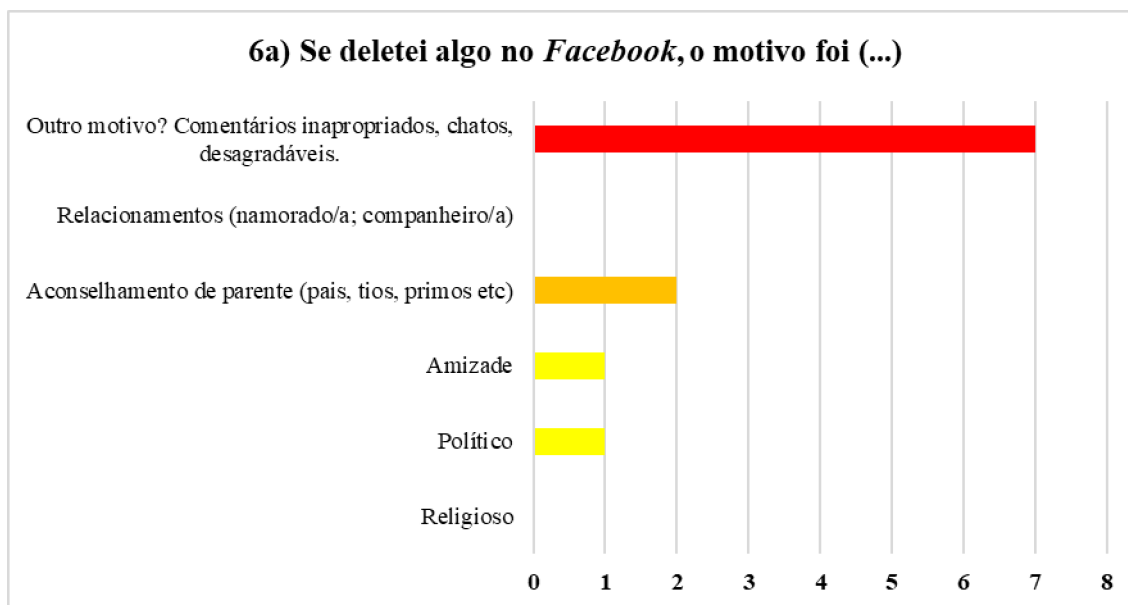
Neste item prosseguimos com a apresentação da descrição dos movimentos desse “eu”/imagético do negro quilombola nas redes. Tal descrição se acentua enquanto proposta de discutir os indícios e tensionamentos das marcas e afetações dos usos e apropriações dos elementos técnicos, presente dos programas de edição de imagem disponíveis em duas superfícies distintas, uma presente no dispositivo e outra na plataforma da rede social. Ambas tecnicidades competem por referencialidades e modos de fazer.

Inseridos na zona canhestra do *Facebook*, os “neófitos” – “jovens do Matão” – passaram pelas três etapas da percepção e de leitura de mundo, realizando a replicação, imitação e entendimento das lógicas da plataforma, atentando para o acionamento dos signos, filtros, programas de edição, de reposicionamento e enquadramento do imagético que memoriza e atualiza sua performática em enquadramentos de engajamento.

Nisso vimos que as materialidades extraídas no fluxo sinalizaram para as referências de demarcação sobre a permanência ou não do simbólico no fluxo, pois o jovem, ao comparar as postagens atuais com as imagens do passado, sem técnicas de edição, recursos de embelezamento, reconhece que seu imagético se encontra transformado por elementos exógenos.

Gráfico 10 – Efeitos das afetações do “eu” quilombola na rede social do *Facebook*

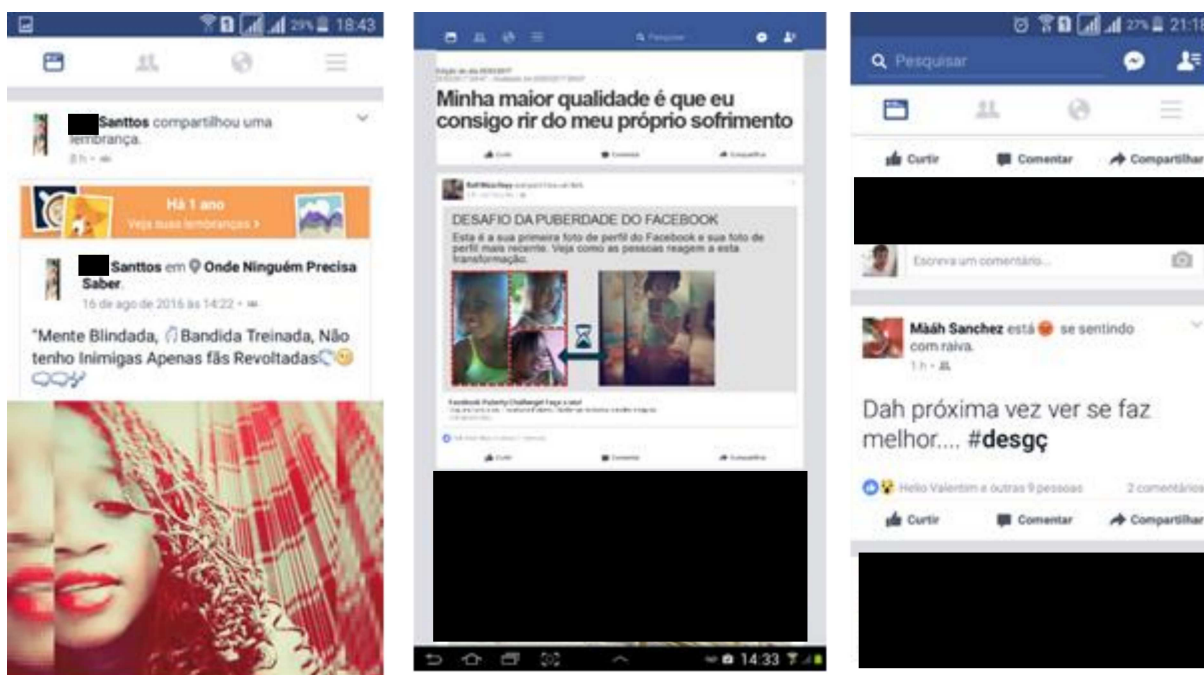




Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Ao demarcar os efeitos técnicos em sua apresentação imagética, de elaboração única ou replicante no território virtual, o jovem quilombola reafirma as ocorrências de fontes exógenas que atuaram nas imagens que estão mais coloridas, graças aos filtros digitais. Esse sentimento do “antes e do depois” impulsiona esta condição propagada pelos programas terceiros e *plugins* no Facebook.

Figura 43 – Capturas de telas com a percepção e afetações do meio, entradas no “antes e depois” das apropriações técnicas do Facebook



Extrações retiradas do fluxo entre fevereiro e abril de 2017. Os materiais revelam os modos e operações nas quais as jovens construíram as percepções de transformações em suas representações³.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Os movimentos performáticos dos jovens quilombolas atualizaram os produtos ofertados, com seus modos e estratégias próprias no sentido de se fazerem “ouvidos” nas redes. Esses episódios fomentaram “marcas” de atualização no “eu/subjetividade” desse jovem quilombola.

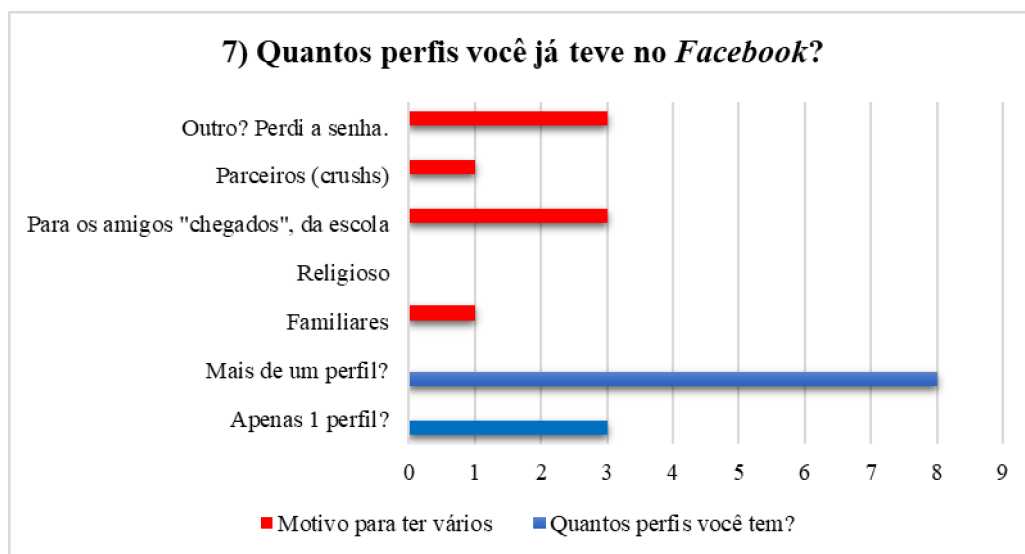
5.2 Os Quilombolas na Descoberta das Múltiplas Personas no *Facebook*

Neste eixo, apresentamos as formas e estratégias de reconhecimento acionadas a partir da rede social do *Facebook*, onde observamos no território virtual os processos interacionais movidos por tentativas e efemeridades. O jovem quilombola, ao perceber que a plataforma não consegue responder à todas suas demandas sociocomunicativas, ansiosos para expressarem seus modos de “ser e de estar”, promovem ações e movimentos próprios de interação. Desta ação, a identidade é um dos elementos utilizados na constituição nas suas formulações.

Nas atuais e outras formas avançadas do capitalismo de dados, presente nas lógicas das redes, o desenho e as normas para o acesso instituídos pelo meio *Facebook* potencializam essa “autopromoção” das enunciações. Os jovens ao serem questionados sobre a quantidade de “perfis e personas”, responderam:

³ Na primeira, à esquerda, a jovem publica o recurso técnico e de memória “Minhas Lembranças” no *Facebook*. Em seguida, participa do desafio: “*Facebook Puberty Challenge! Faça o seu!*”, recurso este, patrocinado pelas plataformas parceiras de terceiros e trata-se de uma estratégia para autorização e captura de dados pessoais. Por fim, outra jovem enuncia narrativa divergente. Os conflitos que ocorrem na ambiência “desconectada” são as principais causas para os “cancelamentos” de amizade na rede social.

Gráfico 11 – Modos e estratégias de visibilidade na rede social – quantidade de perfis



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

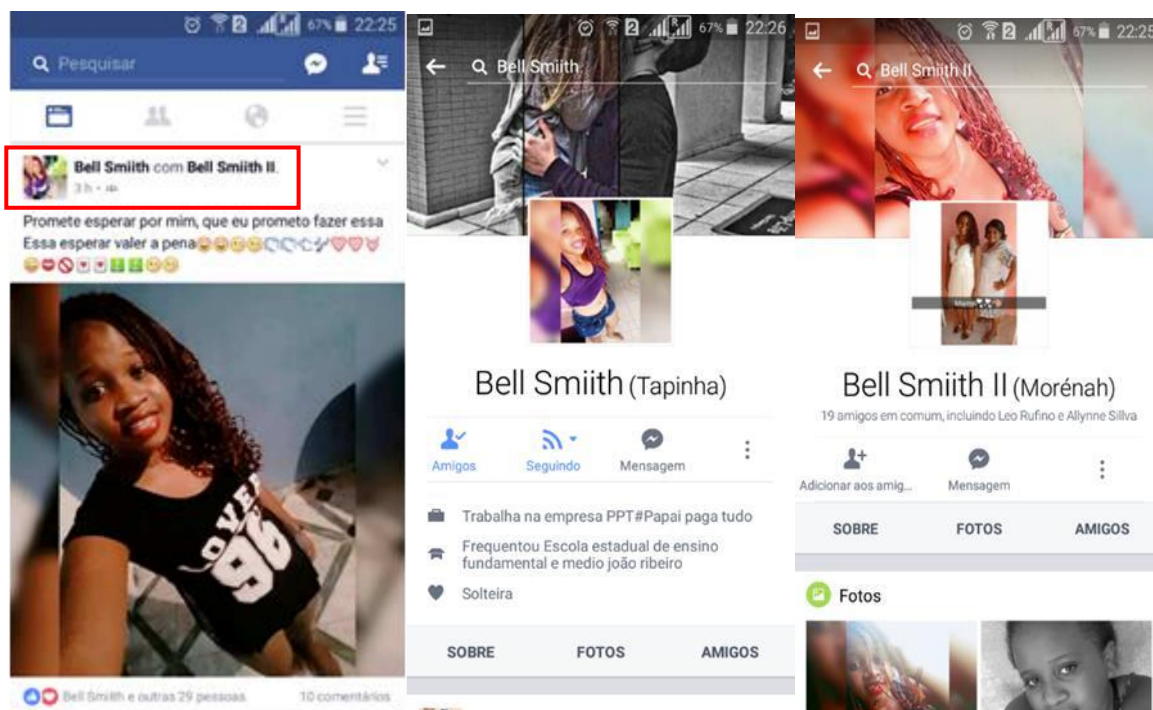
Gráfico 12 – Modos e estratégias de visibilidade na rede social – quais redes sociais



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Conforme revelam os dados, os meios e as estratégias comunicacionais acionadas pelos jovens quilombolas no *Facebook* apareceram no questionário, onde a maioria revelou possuir mais de um perfil, por razões diversas, seja por perda ou esquecimento das senhas, ou para atenderem à diversidade de público/nicho. Em relação aos perfis na rede, nos interessa destacar a apropriação de uma das participantes da pesquisa cujo uso das múltiplas personas ou clones foi uma estratégia bem elaborada.

Figura 44 – Capturas de telas com os modos de “ser e estar” no *Facebook*



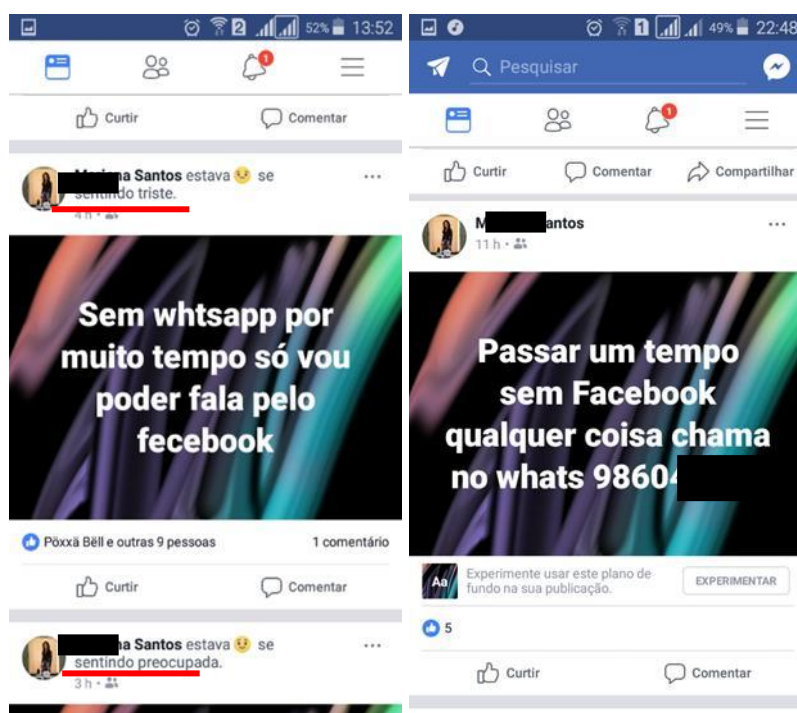
Extrações capturadas em 02/11/2016

Fonte: Do autor, 2016. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

O episódio acima reportado é tensionado na pesquisa por demarcar fortemente o processo de experimentação social na plataforma do *Facebook*. Os esforços da jovem em realizar sua performance enunciativa, dialoga sucessivamente com dois perfis ativos: um mais “descolado” e outro, mais conversador, ao lado de um adulto, representante da figura materna. Assim apreendemos as duas personagens “Bell Smiith (Tapinha)” dialogando com a própria “Bell Smiith II (Morénah)”.

Analisando tal experimentação e alinhando-a às respostas no questionário, percebemos que a jovem dos dois perfis objetiva ser reconhecida entre dois públicos com gramáticas interpretativas distintas. Em relação às formas de engajamento e dos usos, os jovens acionam simultaneamente duas ou mais plataformas digitais, sendo o *WhatsApp*, o aplicativo de referencialidade entre os jovens da comunidade.

Figura 45 – Capturas de telas com o uso e redundância dos dispositivos interacionais



Nas duas extrações, à esquerda (19/10/2017) e à direita (27/10/2017), a jovem retratada aciona o movimento pendular entre duas plataformas interacionais.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

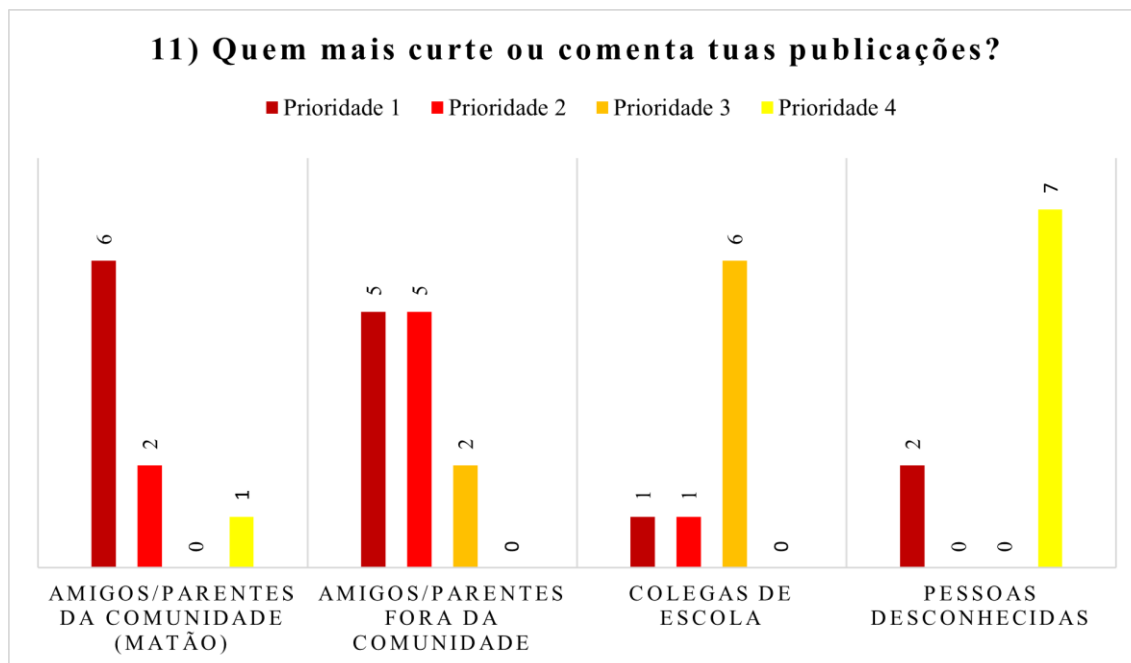
A implementação do programa de inclusão digital na comunidade favoreceu a expansão desses horizontes de sociabilidades, sendo necessário lembrarmos que essa política foi uma bandeira levantada recentemente pelos movimentos sociais e de igualdade racial. Os jovens quilombolas, ao experimentarem a “grande sedução” da ambiência digital, os usos e apropriações transcorrem por múltiplos dispositivos interacionais que atuam em redundância. Caso algum deles encontrasse um problema de ordenamento técnico ou interacional, seus interagentes sempre iam encontrando outras formas de interagir com ele, seja em uma sociabilidade mais ampla (*Facebook*) ou mais restrita (*WhatsApp*).

5.2.1 Acionando enquadramentos e modos de pertença em ambiente digital

Utilizamos o questionário da pesquisa de campo para tratarmos do alinhamento dos processos descritivos, para dar conta dos agenciamentos e acoplamentos na representação do negro quilombola na rede social do *Facebook*. Nesse sentido, as perguntas deste item investigaram uma possível espécie de “microcomunidade” de sentido, presente no território digital. Em nível inferencial, tínhamos a percepção dessas marcas expressas em “curtidas, comentários e compartilhamentos” espelhadas nas interações do território físico que migraram

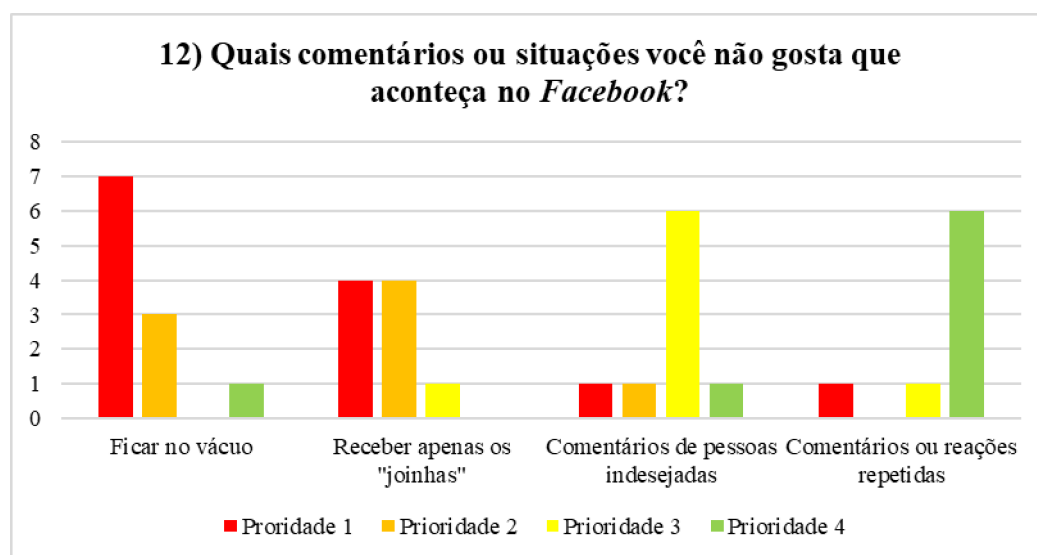
para o digital de forma latente e visível, nas publicações desses jovens, conforme dado a seguir:

Gráfico 13 – Desafios da microcomunidade de sentidos quilombola no *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Gráfico 14 – Ruídos e desafios da interação em rede



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

As respostas dos jovens quilombolas reforçam a hipótese desse espelhamento no território digital das interações e das práticas sociais cotidianas no espaço físico. Por ordem de prioridade, os amigos e parentes que compartilham do mesmo substrato simbólico, territorial e identitário acionam processos interacionais e de retroalimentação dessa

representação/enunciação, onde o sentimento de pertença nas redes afasta esta sensação de “estar só” no mundo.

A microcomunidade de sentidos no *Facebook* mobiliza no território digital uma “comunidade de jovens quilombolas” que se articulam em um “sistema de acontecimento em acontecimento” (LUCA, 2016, p. 5). A enunciação do jovem quilombola é uma ação que se realiza quando já existe uma concatenação de valores coletivos que se fazem presentes quando o ator está decidido a atuar, mobilizar e operacionalizar performances/recursos presentes no *Facebook*.

O Gráfico 14 sinaliza a seguinte problemática: mesmo diante da superexposição do “eu” privado para o “eu” público, e deslocados e desterritorializados nas redes, nem todas as apropriações/formas de enunciação transferem energia vital suficiente do “*bio corpus*” para a “*virtus*” na ambiência. A midiaticização atua na espécie de caráter efêmero, relativa e sustentada por um contrato social, contrato este, que se fragmenta e perde forças simbólicas na circulação, ou seja, as perdas e silêncios fazem parte desse jogo na rede social, como podemos visualizar nos episódios abaixo.

Figura 46 – Capturas de telas com as rupturas de contrato (TD)



As extrações, da esquerda para direita, nos dias 14/11/2017, 22/03/2018 e 26/12/2018 revelam os desafios e problemáticas das interações na ambiência. Nas ações observamos que os ajustes na plataforma são necessários, desde a remoção dos “excessos” descritos na figura dos “enfeites” e, no último episódio, o temor dos silêncios/vácuo interacionais na ambiência digital.

Fonte: Do autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A linguagem porta consigo símbolos e estes, por sua vez, acionam os meios para generalizar e espalhar motivações, neste sentido, Felipe Luca (2016) observa a linguagem:

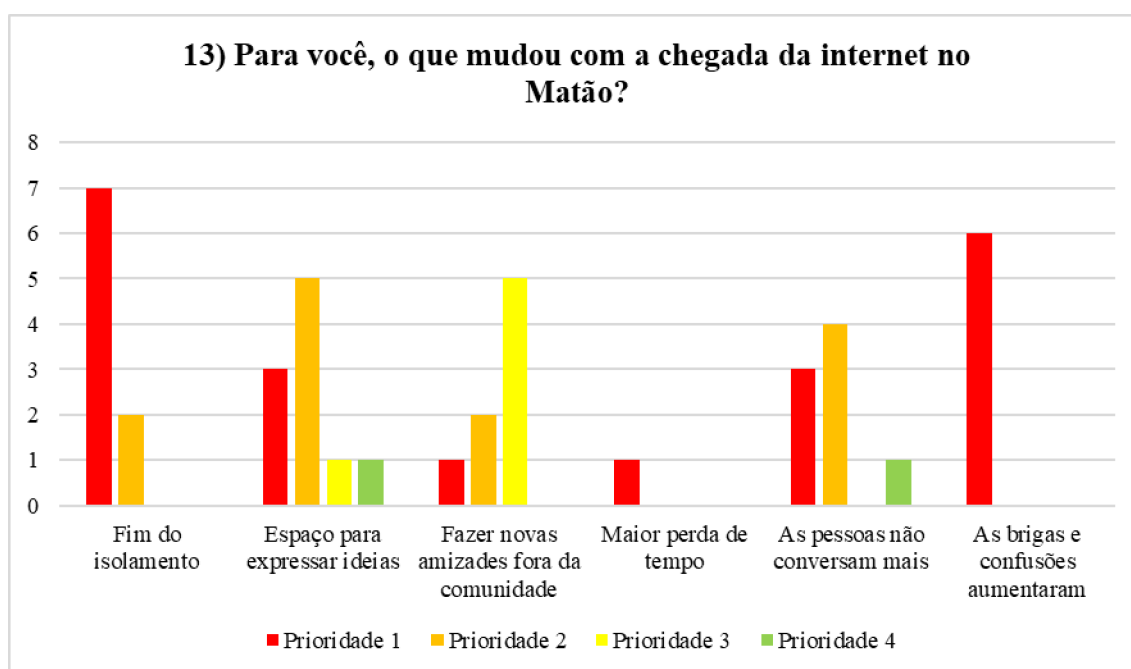
(...) como o mais primário meio de difusão (ainda que auxiliada pela mais alta tecnologia) necessita estar acoplada a meios de comunicação que expressem um misto de condicionamento (condições materiais) e motivações (ser visto/reconhecido) para que possa dar continuidade a padrões comportamentais, ações coletivas e autopeise. (LUCA, 2016, p.12).

Os desafios em romper as lacunas discursivas da circulação levam os jovens a empreenderem esforços no sentido de manter esse imagético em fluxo constante e adiante no meio *Facebook*. Um dos episódios acionados diz respeito a uma estratégia de reconhecimento praticada por eles, o que iremos descrever no próximo item, percebendo as operações de engajamento e do “ir adiante”.

5.2.2 Reconnectando os laços desfeitos na circulação: descrição das estratégias de engajamento do jovem quilombola no *Facebook*

Nesse caminho, percebemos um segundo efeito da fragmentação ocasionada pela circulação, que são as afetações resultantes das complexas negociações entre interagentes. Os produtores (jovens quilombolas) se desdobram para reconectar tanto o território físico como o digital. Os laços interacionais são constantemente desfeitos pelas afetações e ambos os territórios continuam se contactando em movimentos tentativos de negociação, o que descrevemos a seguir:

Gráfico 15 – Marcas das afetações e contatos com a ambiência digital



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Pelo gráfico acima podemos perceber duas condições do processo de inclusão digital na Comunidade Quilombola do Matão. A primeira representa uma das promessas desses programas de inclusão que é o “fim do isolamento” e, uma segunda, que são as marcas das afetações quando o território físico contacta o digital, no item destacado: “as brigas e confusões aumentaram”. Essa resposta traduz uma reflexão sobre as gramáticas não convergentes, e os movimentos tentativos nas interações realizadas em uma ambiência que provoca ruídos e dissonâncias entre o simbólico do território físico (totem) com a identidade híbrida do digital.

O peso desse fenômeno aparece descrito por Renato Nogueira (2016) quando, em companhia de Frantz Fanon e Achille Mbembe, apresenta o conceito de “necropoder”, o que significa dizer, que o “necropoder” é algo exercido por uma necropolítica que, na prática identificamos na implementação do GESAC. Essa política pública de inclusão digital seria este novo tipo de roupagem, representativa do “espírito colonial travestido de soberania democrática e cosmopolitismo universal. Mas, é preciso encarar que a política da morte está instituída” (NOGUEIRA, 2016, p. 71). Com a “chegada da internet” naquela comunidade houve, de certo modo, o “fim do isolamento”, entretanto, outras consequências se impuseram e foram sentidas pelos jovens nas práticas sociais da comunidade. Identificamos naquilo que eles chamaram de “aumento das confusões, divergências e o silenciamento das conversas informais”. Isso exigiu o exercício da comunicação oral para narrar fatos e acontecimentos,

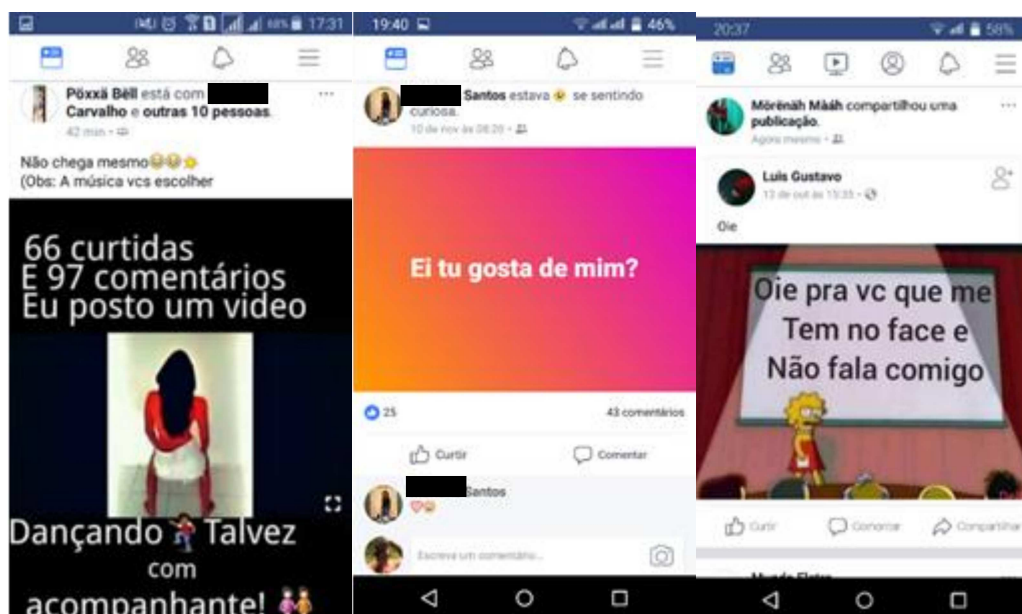
em que a morte está representada no enfraquecimento do substrato simbólico do totem, onde as tradições e suas narrativas são, gradativa e inexoravelmente, transferidas para a máquina.

O meio *Facebook* se insere nesse mesmo esquema, onde a “necropolítica” se estabelece na plataforma na condição de recurso técnico do *Stories*, este, por sua vez, forja o apagamento dessas narrativas que não podem ser resgatadas em um dado futuro. A discussão daquilo que pode “morrer” e daquilo que “deve morrer” está alinhado a uma estratégia mais ampla de dominação dos corpos dos sujeitos e de sua historicidade.

Os fortes vínculos dos jovens quilombolas com a IVM “OloduMatão” descrevem um movimento performático de impulsionar os elementos do “totem território quilombo” adiante. O totem território quilombo é o lugar de preservação de tradições e de práticas sociais cotidianas que resistem à “sombra da máquina colonial”. As plataformas são e atuam na condição de catalisadoras entre estruturas da comunicação oral (tradição) e os processos psíquicos entre atores dirimindo os efeitos das irritações decorrentes deste contato acelerado.

Nas dinâmicas apresentadas, o jovem quilombola aciona táticas na tentativa de “burlar” chancelas e processos de silenciamento. Contudo, estas zonas de poder exógenas impulsionam afetações que interferem nas práticas sociais correntes no território físico da comunidade quilombola. Os acordos pré-estabelecidos das narrativas, sendo alimentadas pelo diálogo e contato “face a face” no território físico é a condição deste “ir adiante” o que torna central o conceito do “aquilombar-se”. Esse esvaziamento de sentidos e o descolamento dessas práticas sociais são enunciados pelas jovens quilombolas, conforme extrações:

Figura 47 – Capturas de telas retratando as operações de engajamento do jovem quilombola no *Facebook*



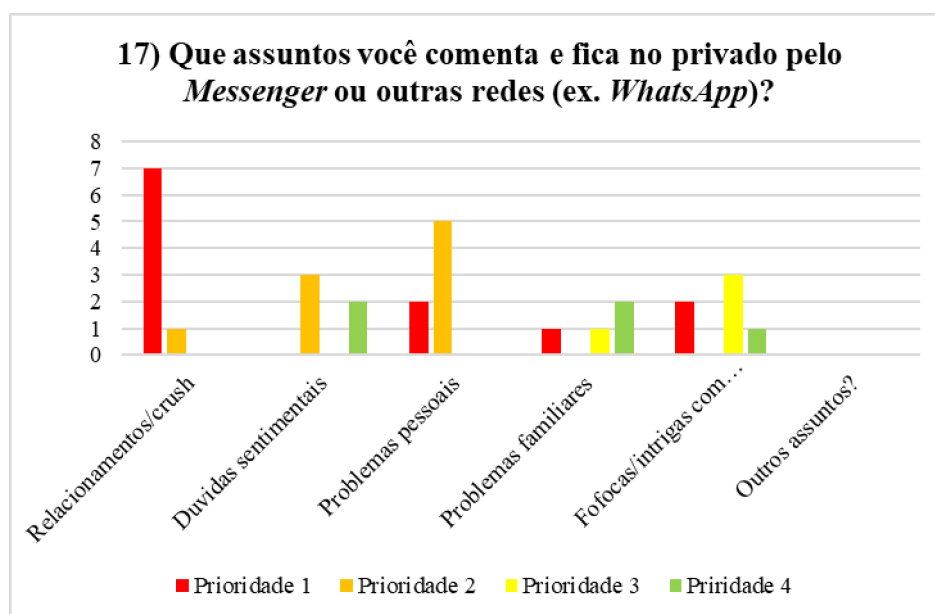
As extrações datadas, da esquerda para direita retrata três momentos distintos 03/10/2017; 14/11/2017; 02/12/2018 que descrevem as formas e estratégias acionadas pelas jovens quilombolas no sentido de dirimir os efeitos da circulação e das perdas interacionais⁴.

Fonte: Do autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

As extrações apresentam as malsucedidas estratégias evocadas pelos atores nos desafios interacionais na plataforma do *Facebook*. Sabemos que o foco dos estudos em mediatização descreve como a circulação com seus efeitos e afetações forjam um ambiente de complexas negociações entre interagentes objetivando sentidos na enunciação. As materialidades recuperadas descrevem o potencial criativo dos produtores, na tentativa de reduzir os efeitos disruptivos dos atravessamentos discursivos e nas representações enunciadas na circulação. Esta mesma circulação, que agencia o aperfeiçoamento das ferramentas, lógicas e gramáticas inseridas nos protocolos discursivos e nas representações, incita a audiência para o engajamento e replicação nas múltiplas telas e linhas de tempo na rede social.

Outra importante situação que capturamos na pesquisa diz respeito ao movimento tentativo feito pelos jovens visando à redução dos ruídos e efeitos dos *feedbacks* da circulação, entretanto, alguns assuntos/temas permanecem “proibidos/censurados” no meio *Facebook*.

Gráfico 16 – O que entra ou não no fluxo do meio *Facebook*



⁴ Na primeira, à esquerda, a jovem enuncia um desafio para suas amigas e, neste mesmo enunciado, realiza a “marcação” de mais 10 amigas, recurso este, de replicação do desafio no máximo de perfis possíveis. Na segunda postagem ao centro, outra jovem lança uma espécie de “enquete” virtual, de ordenamento afetivo e emocional, retroalimentando este “eu”. Na última extração, a jovem se utiliza desta narrativa híbrida para sinalizar um possível silenciamento dos amigos em suas publicações na rede social.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Os dados acima representados revelam o trabalho intenso e criativo dos jovens quilombolas na rede social do *Facebook*. Por ordem de prioridade, os jovens afirmaram não expor temas que tratem de relacionamentos pessoais e de possíveis laços afetivos (*crush*) e, em segundo lugar, evitam expor “problemas pessoais” e dúvidas sentimentais.

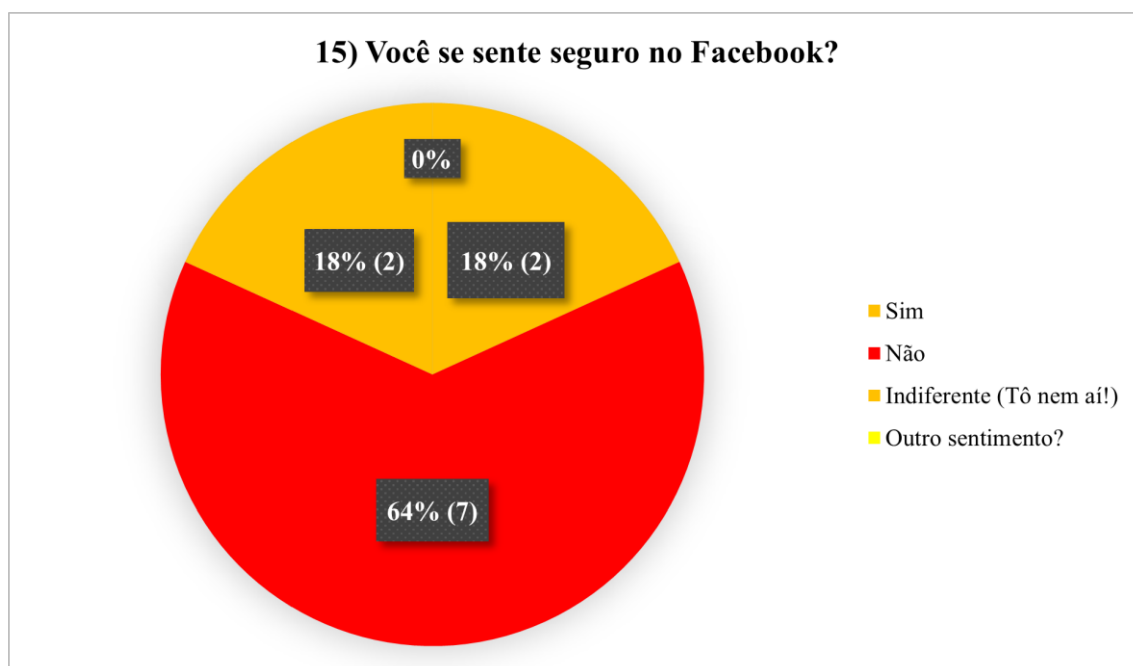
Os movimentos performáticos transcorrem pelo acesso dos dispositivos, meios, plataformas. Em segundo plano, nos usos e apropriações dessas lógicas de produção, na elaboração e no trabalho de pós-produção com os resultados dos engajamentos das representações postas em circulação. Por último, a depender das respostas, reelaboram outras e novas estratégias tentativas de fixação.

O jovem quilombola, ao publicizar um determinado enunciado nos fluxos das redes sociais, se coloca na condição de tópico discursivo cuja enunciação encontra sentido e reconhecimento nesse “Outro”. Esse discursivo é frágil e precário, necessitando que o produtor permaneça acionando reelaborações e reconstituições de sua representação.

5.2.3 O trabalho do algoritmo na plataforma do *Facebook* em conflito com a latência do simbólico quilombola

A partir do estudo de Braga (2006), observamos a ocorrência do fenômeno das afetações do “sistema social de resposta”, aqui denominamos “sistema algoritmo de resposta”, segundo o qual, perfis/avatars híbridos são espelhados na rede social. Nesse sentido, o digital é o espaço das incertezas, no tocante ao lugar final onde são depositados os dados pessoais, compartilhamento e captura do que é obtido através dos aplicativos terceiros (*plugins*), uma vez que os usuários não detêm o poder de administração/acesso claro de todos os passos. Na plataforma, esses programas terceiros auxiliam na captura de dados comportamentais mais precisos de seus usuários por meio das tendências de consumo de conteúdos etc. Por via de regra, os aplicativos terceiros afastam do *Facebook*, a responsabilidade da resguarda e privacidade, uma vez que, o usuário ao conceder acesso pleno às suas informações, desloca da plataforma principal (*Facebook*) a responsabilização por vazamentos e usos indevidos das mesmas.

Quando perguntados sobre a segurança e resguarda de seus dados, os participantes responderam:

Gráfico 17 – Os quilombolas e os graus de confiança na plataforma do *Facebook*

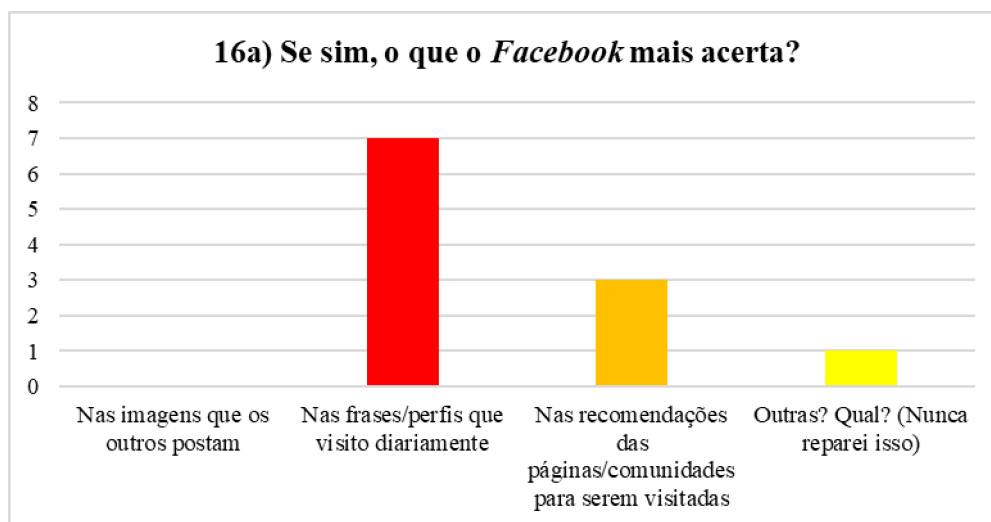
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Diante desse quadro, percebemos que embora o projeto de inclusão digital encaminhe promessas que atendem parcialmente aos desejos das comunidades tradicionais isoladas, não abordam temas sensíveis, a exemplo das regulações e níveis de chancelas, às quais este usuário é submetido. A resposta dos jovens quilombolas à questão da privacidade na ambiência digital revelou que, mesmo diante da intensa circulação informacional e do desenho das plataformas na “ocultação” deste ambiente de vigilância, regulações e de controle, os jovens quilombolas já perceberam estão sendo observados, capturados e tensionados por múltiplas forças e lógicas sistêmicas.

Gráfico 18 – Atuação e dádiva do oráculo digital no *Facebook*

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

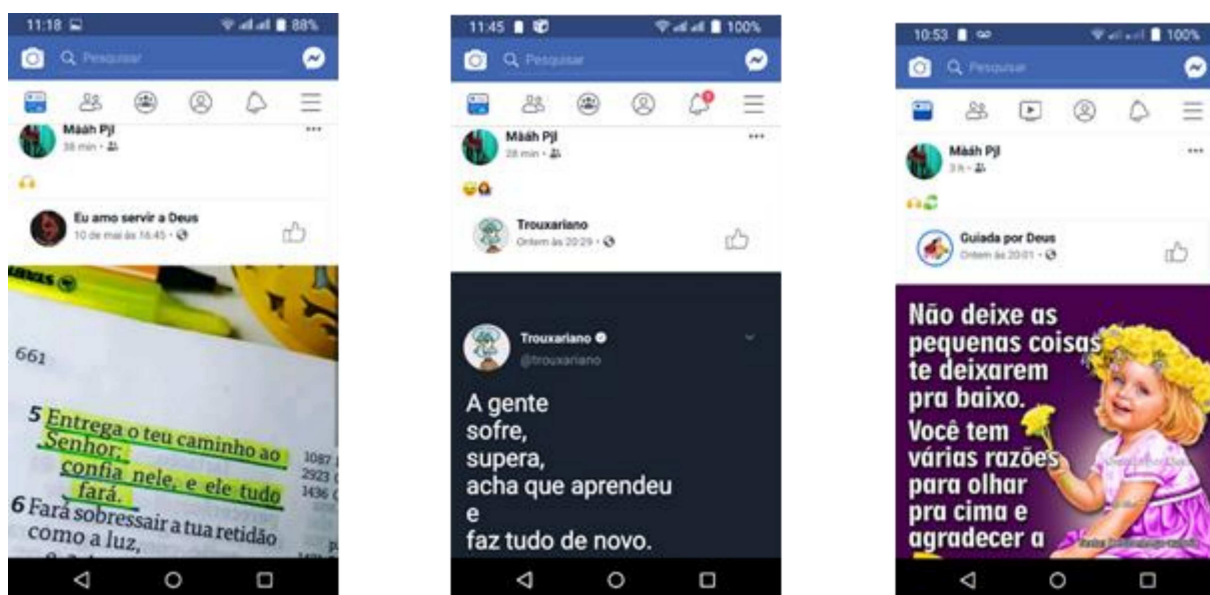
Gráfico 19 – Atuação do “sistema algorítmico de resposta”



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Neste estágio, a pergunta demandou uma discussão sobre os aspectos da regulação do meio nas publicações e “Linhas do Tempo” dos jovens quilombolas no *Facebook*. Uma das hipóteses tentativas levantadas foi sobre a ocorrência de uma espécie de “sistema digital de respostas”, projetado para espelhar um *feedback* simulado de interação, a exemplo das extrações abaixo:

Figura 48 – Capturas de telas com as articulações do “sistema algorítmico de resposta” no *Facebook*



Fonte: Do autor, 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A partir do episódio extraído entre 06/07/2019 e 15/08/2019, observamos operações e modos interacionais do meio *Facebook* em completar sentidos ou, tentativamente, gerar respostas aos anseios da jovem quilombola. O algoritmo ao articular ações baseadas nas interações e modos de entrada enunciativas, ou seja, quando o usuário expressa sentimentos divergentes revelando tristeza, decepção, desamino, a plataforma, em contrapartida, se apresenta na condição de “sistema algoritmo de resposta” espelhando na linha do tempo privativa desta jovem, uma pré-seleção de projeções mais otimistas, com perfis, grupos e mensagens de autoestima, de conforto, neste sentido, a máquina e seu código se apresentam para suprir as zonas de contato e as gramáticas desse “outro” que se encontra no território físico (TF) da comunidade quilombola.

A jovem, ao convergir no “sistema algoritmo de resposta” do meio, passa a enunciar a sugestão da plataforma em sua “linha do tempo”, retratando aquilo que os meios e suas redes sociais sugerem. Assim, passa a utilizar dessas experimentações com o objetivo de capturar sistematicamente a capacidade criativa das subjetividades humanas. Com isso, a inteligência artificial engendra processos e simulacros interacionais em duplo sentido.

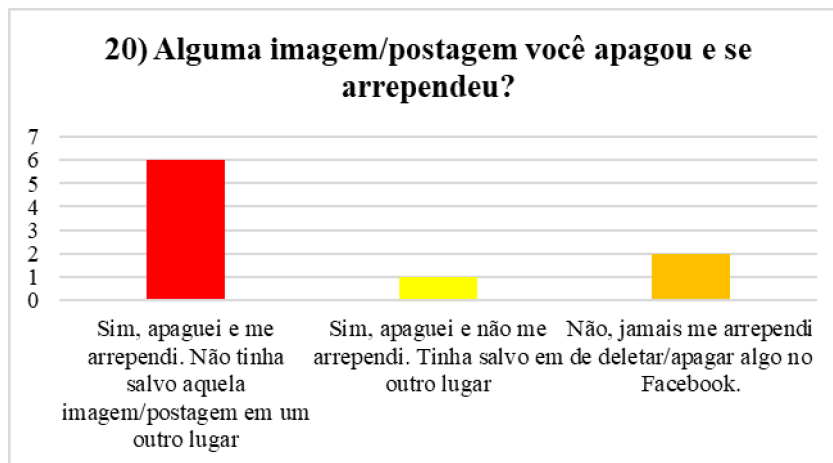
O episódio revela uma crise que faz parte de uma das lacunas afetivas provocadas pela ascensão do instantâneo. A rápida circulação e velocidade das interações forjam construções de sentidos esvaziados, onde o homem converte-se em objeto próprio do consumo imediato. O crescente acúmulo informacional e das gramáticas divergentes convertem a plataforma em local de afetividade e de conforto, as “curtidas” e comentários transformam-se em “abraços” virtuais. Este “sistema algoritmo de respostas” é responsável pelo efeito cascata no entendimento da resignificação dos processos e das crenças, alteradas e potencializadas em entradas temporais, fluxo este, expressos em subjetividades e emoções pelos jovens.

5.2.4 Deslocamentos temporais no esfacelamento do imagético quilombola

As representações nas redes são permeadas por edições, filtros técnicos e deslocamentos desenvolvem-se na relação do olhar do outro, que é substituída por um vínculo sociotécnico onde se localiza um indivíduo e a plataforma com seu maquinário. O questionário de campo, ao evocar o sentido das lembranças, do resguardo desse imagético, possibilitou observarmos uma relação entre o “visível e o sensível” do produtor/jovem quilombola. As enunciações fazem parte de um processo de transferência imagética que permitiram ao jovem quilombola doar-se na partilhar de sentidos. Na plataforma, as

divergências e perdas fomentaram um cenário ideal para o “deletar, excluir” dessas representações na ambiência. As perdas são inevitáveis e perceptíveis, como podemos ver:

Gráfico 20 – Promessas e dádivas da rede: vigiar e punir



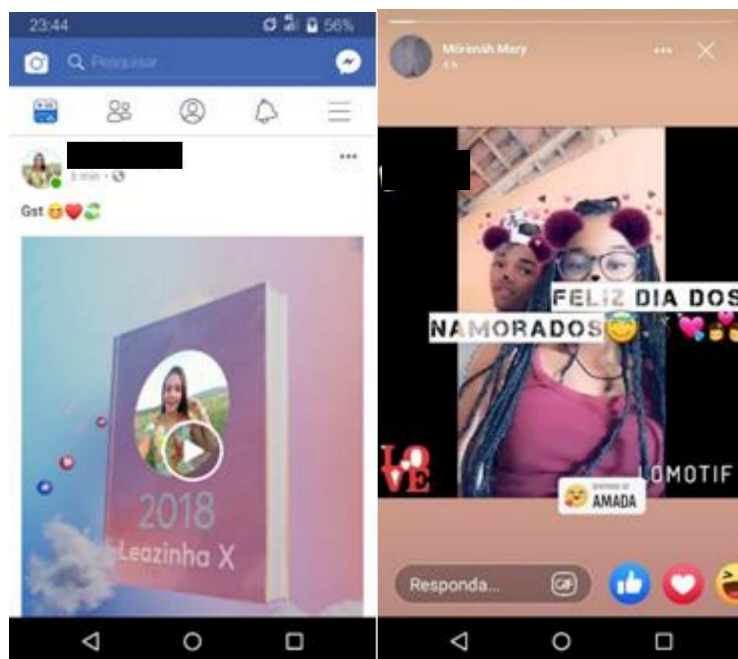
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A questão do tempo e fluxos na ambiência digital estão baseados em uma historicidade delineada pelo “*presentíssimo*”. O “*presentíssimo*”, é o tempo marcado pela relação ativa e fundida a uma aceleração dos fluxos, em que as imagens e textos transformam as representações em algo plastificado e descartável no meio. No caso em estudo, quando a representação foi excluída do guardião (*Facebook*) este ato converteu-se em “arrepentimentos”, uma vez que, aquele registro não existe em outros lugares, nem na plataforma da ambiência digital ou no próprio dispositivo técnico que enunciou.

O tempo marcado por efemeridades não nos permitiu descrever e analisar os efeitos ocasionados pelo acionamento do recurso do *Stories* no *Facebook*, devido ao término dos prazos da pesquisa e coleta das extrações. Esse recurso, já descrito anteriormente, aciona espaços líquidos de intemporalidades não replicantes.

A plataforma do meio, ao evocar sentidos para o consumo destas representações imagéticas, faz com que o trabalho de inteligência produza um novo contexto do “capitalismo pós-industrial”, vinculado diretamente às subjetividades e sociabilidades contemporâneas dessa cultura do descarte, inclusive das memórias.

Figura 49 – Capturas de telas com lógicas difusas (memória *versus* esquecimento)



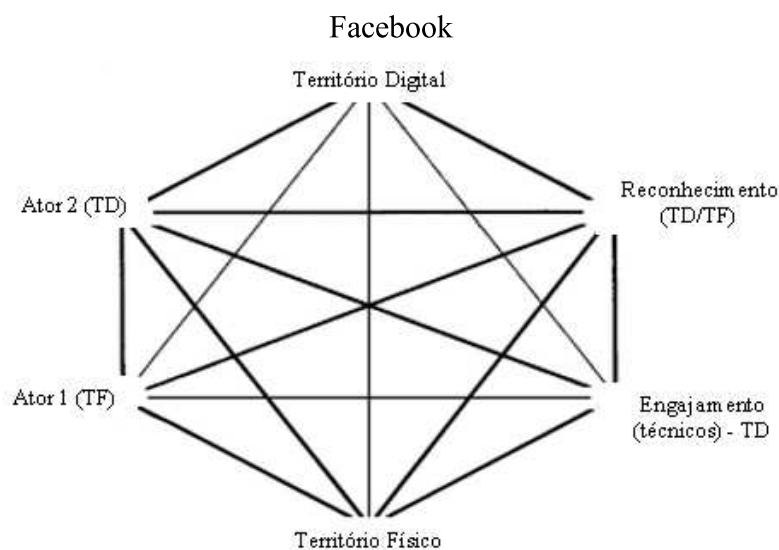
As duas extrações demarcam lógicas em disputa no meio *Facebook*. A primeira (esq.) datada de 11/12/2018, a jovem aciona o recurso “Minhas Lembranças” na plataforma⁵.

Fonte: Do autor, 2018 e 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A expansão dos laços de sociabilidade inseriu novos padrões no território geográfico, que se deslocou em outras territorialidades fluídas e sem intermediários e/ou chancelas de um polo a outro. O sucesso da plataforma do *Facebook* na condição de meio interacional se deve principalmente à interface que possibilita apresentar em um único lugar, funções antes dispersas em diversos aplicativos e plataformas concorrentes.

⁵ O enunciado após visualização e chancela interna por parte da usuária, é enunciado em sua “Linha do Tempo” para os demais usuários. Na segunda imagem (dir.) capturada em 12/06/2019, a jovem publica no *Stories* do *Facebook* representação híbrida e alusiva ao Dia Dos Namorados. Entretanto, esta memória postada em espaço efêmero não poderá ser replicada no futuro, uma vez que deixará de existir.

Figura 50 – Hexágono lógico das estratégias e modos de ser do jovem quilombola no



Legenda: TF (Território Físico); TD (Território Digital)

Fonte: Elaborada pelo autor, 2021

Por meio deste segundo desenho, podemos verificar a formulação que representa a constituição do imagético do quilombola na rede social do *Facebook* com o uso intenso e acelerado dos dispositivos com suas ferramentas de edição que mobiliza enunciados híbridos. As disputas e o trânsito entre dinâmicas deixaram transparecer dois atores distintos, um pertencente ao território físico (TF) e outro do território digital (TD). O desenho acrescenta o episódio da jovem quilombola com seus dois perfis clones, que foram constituídos a partir de uma mesma persona, ampliando tentativamente, as formas de engajamento e de reconhecimento nos dois territórios e nichos interacionais. Esse processo tentativo resolve um problema das interações, uma vez que, ao evocar gramáticas convergentes nos espaços nos quais transita, o jovem quilombola promove esforços, no sentido de dirimir os conflitos e os ruídos. Nessa ação, ao construir uma espécie de muro ou tapume entre dois públicos divergentes, o quilombola transita sua performática em ambos os espaços, uma vez que seu direito à voz na ambiência digital é cerceado, o transitar e o reconhecimento de suas particularidades transcorre no espaço “*offline*” nas práticas sociais da comunidade negra.

5.3 Identidade do Negro Quilombola no *Facebook*: Sobre as Memórias que Perambulam nos Fluxos do Meio

Abrimos essa discussão sobre as formas e endereçamentos em que o jovem quilombola articula ações para ter seu reconhecimento validado pelo “Outro”, tanto no digital

como no físico. Este reconhecimento parte da necessidade e dos modos pelos quais o totem territorial, do espaço geográfico, das pertencas e das trocas simbólicas entre os quilombolas se “fixa” ou atua na condição de fantasma nas representações, ou seja, em segundo plano. As idas e vindas entre os dois espaços/ambiências expõem a ocorrência desse fenômeno, porque o território físico configura a “(...) crença que liga o homem ao seu estado mais primitivo” (ROSA, 2012, p. 97). A reconstituição das materialidades no fluxo apresenta a possibilidade para que o jovem quilombola se constitua na ambiência digital, realizando o acoplamento da Instituição em Vias de Mídiação – “OloduMatão”. Nisso vislumbramos também as arenas de disputas entre as lógicas do meio e as lógicas do território, processo pelo qual perpassam as materialidades desses jovens negros no digital.

5.3.1 O jovem quilombola e a percepção de sua identidade no *Facebook*

Neste item descrevemos a ocorrência de produtos que são ofertados à circulação e perdem a força simbólica “primitiva” quando analisamos os pontos de contato entre zonas, fluxos e territórios. O processo de elaboração das interações inscritas sob uma mesma superfície digital consolida marcas de sentido, efetivamente, transformadas pelos *feedbacks* complexos da circulação midiática. Nesse espaço, se torna impossível uma intercambialidade convergente.

O meio *Facebook* e seus usuários, com suas inscrições geográficas e culturais próprias, possuem gramáticas que não dialogam na circulação. Essa problemática é própria da indústria cultural digitalizada que esfacela identidades e representações em torno de protocolos, marcas e de redes acionadas por processos, ações e operações técnicas-discursivas. Retornando ao questionário da pesquisa de campo, observamos que mesmo inseridos na dinâmica de perdas, o jovem quilombola, ao ser questionado sobre temas como publicação de teor étnico e racial, responde:

Gráfico 21 – Tensões entre a identidade e o reconhecimento no *Facebook*

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Gráfico 22 – O olhar do outro nos perfis dos jovens



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Diante das performances acionadas para dirimir os conflitos entre os dois territórios, os jovens quilombolas sinalizaram que se sentiam pressionados pelos dois espaços, quer no físico, quer no digital. Essa tensão espreada revela a constituição de um imagético quilombola que perambula nos episódios. Em tal ocorrência observamos a fragilidade dos laços afetivos e sociais da condição do “ser negro” na modernidade, permanecendo os silêncios na ambiência digital.

O reconhecimento enquanto ato de vinculação “ético-moral” com o “Outro” e, este mesmo padrão servir de base para o apagamento/extinção desse “Outro”, deixa transparecer a efemeridade do retorno/*feedback* que desfaz intenções e caminhos muitas vezes “previstos” pelo produtor. Nessa condição, os planos são refeitos intensamente e os processos de “tentativa-e-erro” nas redes sociais se potencializam por diversos caminhos.

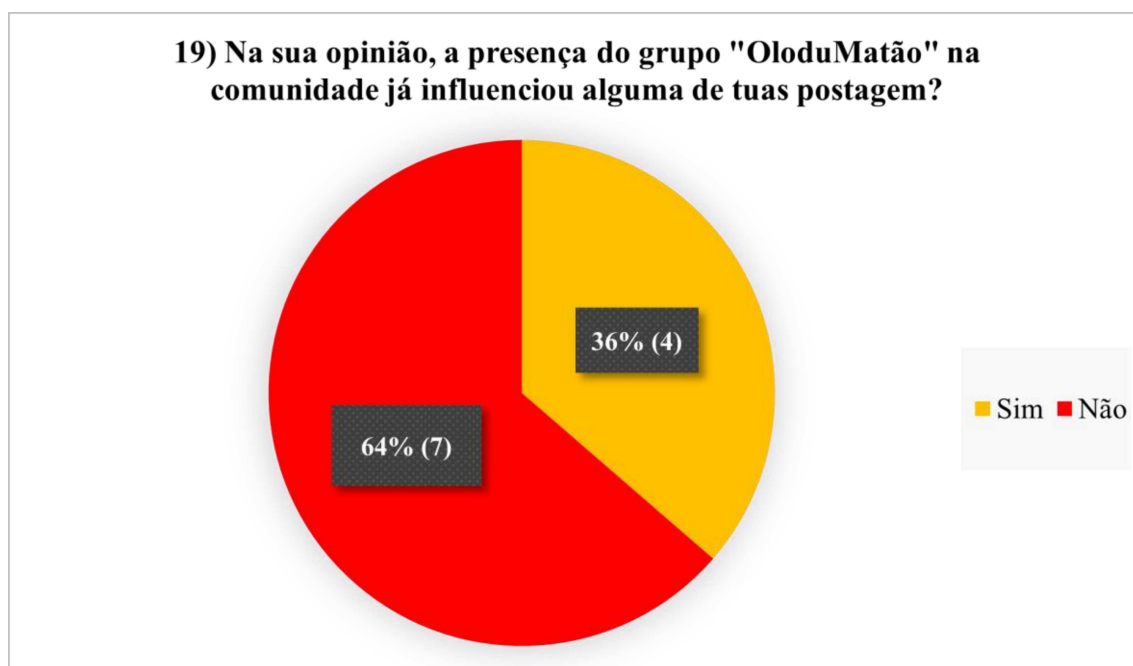
5.3.2 O simbólico no IVM “OloduMatão”: reconstrução dos passos do jovem quilombola

Considerando que as afetações que ocorrem nos mais diversos níveis de sociabilidade no mundo moderno compreendem a noção de que a Europa fracassou por não cumprir com sua “promessa iluminista” para todos, registramos por consequência, o fato de o racismo haver se reestruturado como pedra angular do Estado Moderno. Para Achille Mbembe (2016), a colonização foi um projeto de dominação e de exclusão. Em contraponto a esta questão, muitos são os desafios pela busca do protagonismo social do jovem quilombola, onde, para evitar de serem tratados como “condenados ao quilombo”, realizam diversos movimentos e reposicionamentos identitários na plataforma do *Facebook*.

O conceito de “condenados na terra” trabalhado por Mbembe (2016) é importante porque se baseou nas estratégias de ocupação espacial implementadas pela colonização. A demarcação das fronteiras e limites territoriais na África foram implementados para evocar sentimentos de perdas, de exclusão e de conflitos recíprocos. Essa forma de fazer ocupação, alinhada aos modos de agir do soberano, passam a estabelecer um regime político de morte, a necropolítica que mencionamos anteriormente.

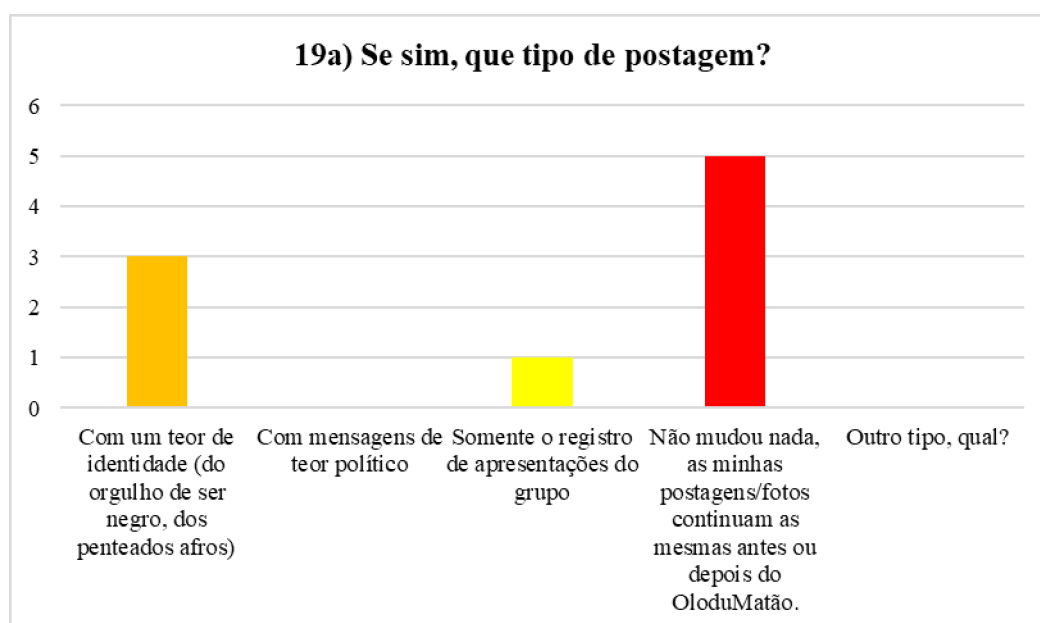
Em nosso estudo, a cultura participativa e conduzida pelas redes se expressa em materialidades nos fluxos ofertados por estes jovens negros. As ofertas enunciadas revelaram forças valorativas de capital social, e na busca por forjar novas e outras “forças valorativas de capital”. Com isso, o programa de inclusão digital do Grupo Especial de Serviços de Atendimento ao Cidadão (GESAC) acionou lógicas próprias, concedendo o ingresso da comunidade negra à ambiência digital. Nesse cenário, a Instituição em Vias de Mídiação – “OloduMatão” – reorientou a percepção de si mesmo e da condição de negro e jovem e quilombola, pois os jovens quilombolas ao serem questionados sobre as possíveis afetações e transformações imagéticas provocadas pelo acoplamento da IVM – “OloduMatão”, revelaram o seguinte:

Gráfico 23 – Os movimentos tentativos da IVM “OloduMatão” em acoplamento no TD e TF



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Gráfico 24 – O “eu” quilombola em conflito com a IVM “OloduMatão”



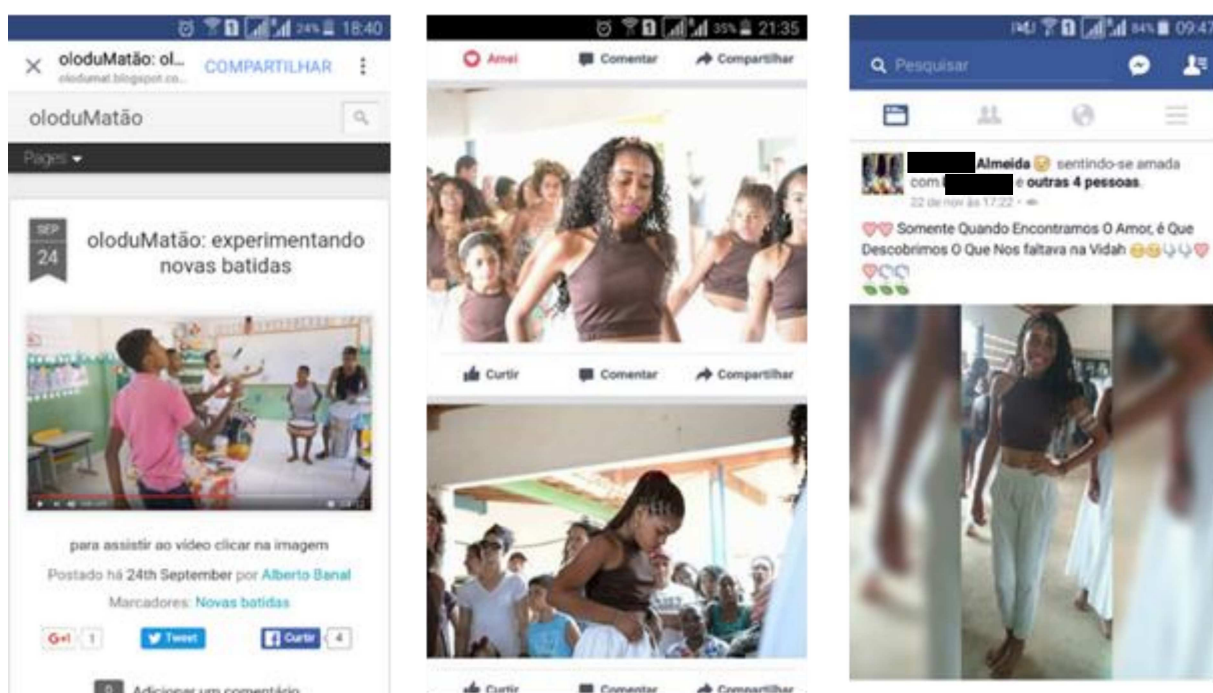
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com os dados dos dois gráficos acima apresentados, observamos uma condição de jovens não afetados pelas orientações da IVM do “OloduMatão”. A independência por eles reivindicada demonstra o poder do grupo e a presença de estratégias próprias de suas representações. Ao detalharmos as informações, observamos que no Gráfico 23 apenas 4 tinham respondido que o IVM “OloduMatão” já o influenciara em alguma publicação no

Facebook. No Gráfico 24, 9 entre responderam, sendo 5 os que reafirmaram sua autonomia diante da IVM – “OloduMatão”. Como pesquisadores, observamos que as materialidades extraídas do fluxo denotam um movimento contrário, no sentido de que a IVM “OloduMatão” já imprimira marcas significativas nas identidades e nos modos de ser e agir na ambiência.

O reconhecimento é uma operação conflituosa entre intersubjetividades que se realiza no diálogo interno entre impulsos individuais, da cultura internalizada e, das expectativas dos próprios sujeitos em interação/contato. Honneth esclarece que o reconhecimento é uma evolução da sociedade, do “eu” – com as “culturas” – e os outros. Para Mendonça (2007), a teoria do reconhecimento se alicerça nas “(...) lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades” (MENDONÇA, 2007, p. 4), valoração positiva na qual os jovens quilombolas almejam tentativamente alcançar.

Figura 51 – Capturas de tela com o acoplamento da IVM

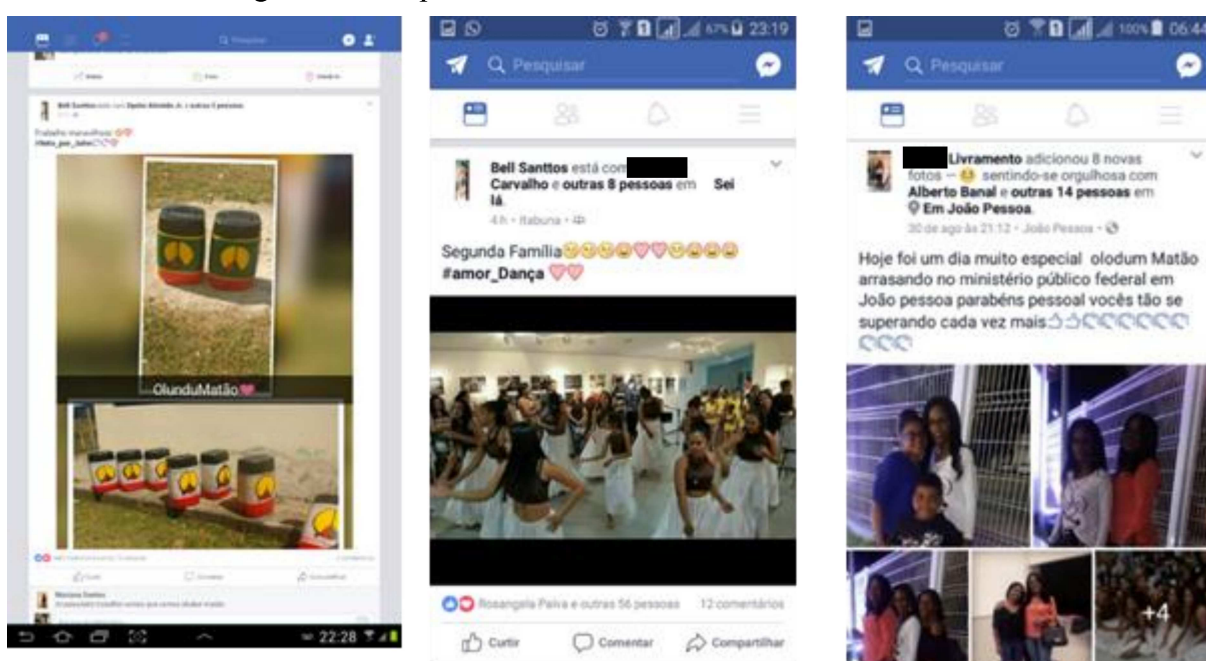


Da esquerda para direita, dia 14/11/2016, IVM “OloduMatão” publica último ensaio para a Semana da Consciência Negra de 2016. No segundo episódio, IVM “OloduMatão” publiciza imagens da apresentação do grupo “OloduMatão” em uma comunidade vizinha. Na última extração, a jovem publica em seu perfil, no dia 23/11/2016, imagem constituída pela IVM e a coloca em circulação.

Fonte: Do autor, 2016. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Ao confrontar as materialidades extraídas do fluxo, descrevemos a ocorrência de afetações ocasionadas pelas “zonas de contato” acopladas no tecido social da comunidade negra. Os pontos de virada e de replicações na rede social demarcaram “lógicas e gramáticas a partir das quais são enunciadas operações de produção de sentido” (FAUSTO NETO, 2013, p. 47) que agem na elaboração, produção e na oferta dessas representações. As apropriações resultantes das lógicas *ad hoc* coexistem em uma espécie de “moldura do tipo ideal” deste imagético e da estética negra que perambula entre as postagens, nas quais o jovem enuncia a vivência dessa experiência da IVM “OloduMatão”, sem que percebam a carga simbólica incorporada por ela.

Figura 52 – Capturas de telas com os acionamentos da IVM



As extrações datadas entre 28/08/2017 e 31/08/2017 demonstram a ocorrência de afetações das lógicas da IVM na constituição das representações dos jovens quilombolas. A força simbólica ganha potência nos instantes finais dos ensaios, durante as apresentações do grupo e, após a vivência da experiência. Após este processo, a IVM entra em modo “silencioso” até novo acoplamento e trocas no Território Físico que migra ao Digital reconstituído pela IVM.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

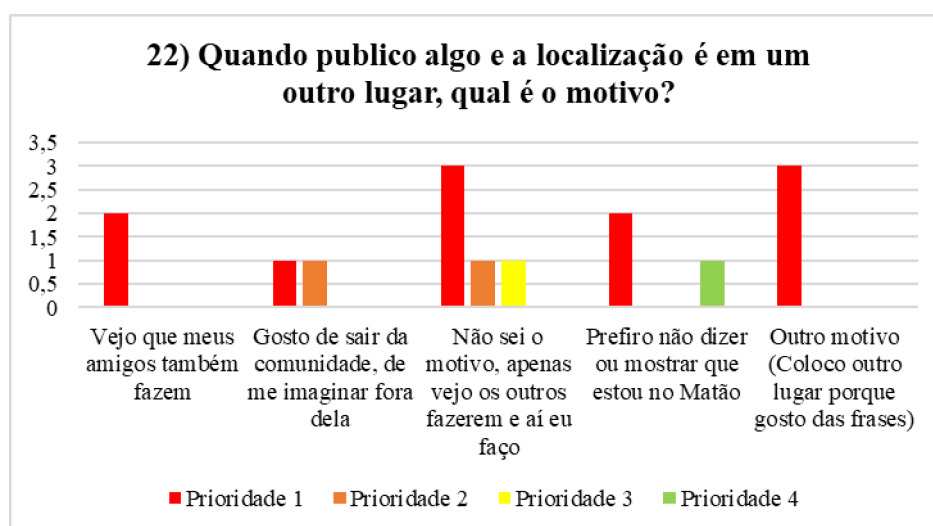
Os modos de acionamento dos jovens quilombolas na rede social do *Facebook* fazem com que as práticas discursivas assumam novos e outros sentidos nos fluxos da ambiência digital. No próximo tópico, iremos apresentar os deslocamentos do “totem território quilombo” nas postagens e suas consequências.

5.3.3 Tensionando o “totem território”: modos e operações de apropriação dos jovens quilombolas

Aqui apresentamos alguns endereçamentos que possibilitam discutirmos saídas, no sentido de encaminhar as questões para problemáticas ocultas nas materialidades selecionadas nas coleções do empírico. Como já discutimos anteriormente, a midiatização é uma complexificação dos processos sociais e um problema que ocorre em função das tensões, dos *feedbacks*. Esse movimento interpretativo de leitura midiática assume uma descrição em movimentos de “aparecimento/desaparecimento” dos rastros imagéticos e simbólicos do jovem quilombola na rede social do *Facebook*.

As experiências da comunidade com a IVM “OloduMatão” pertencem à esquemas constitutivos da memória coletiva, que atuaram com o objetivo de minimizar os efeitos dos deslocamentos dos tempos (cronológicos/sociais) e dos espaços (territoriais e simbólicos). O movimento de implementação do grupo de dança e percussão afro na comunidade quilombola é um esforço, no sentido de reordenar esta energia vital no tecido social que se deslocou no contato com os dispositivos e suas respectivas ambiências.

Gráfico 25 – O problema dos deslocamentos e dos vínculos

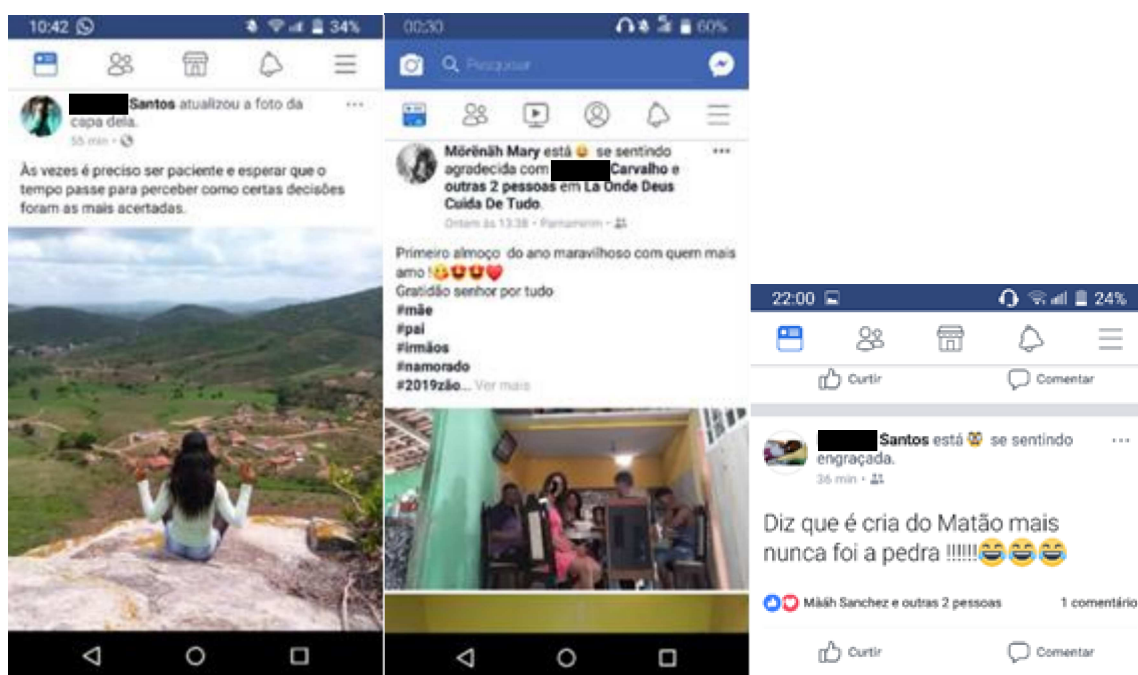


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com o auxílio dos dados descrevemos o forte impacto desta aceleração dos tempos presente nos produtos ofertados pelos jovens quilombolas no *Facebook*. O primeiro gráfico revela uma das ações mais referenciadas por esses jovens negros, que é o acionamento do recurso de “desterritorialização” das ofertas, prática de lógica híbrida. O recurso de “localização” de qualquer postagem pode ser anunciado em um local diverso, ou seja, o

jovem quilombola se encontra na comunidade quando publica determinado conteúdo. Contudo, opta por demarcar outro ou nenhum território, territórios estes, apenas presente no “Território Digital (TD)”. O território criado no ambiente digital serve para suprir necessidades subjetivas e emocionais, também perambulando conforme estados emocionais do produtor.

Figura 53 – Capturas de telas da jovem acionando o totem território



As extrações de tela, da esquerda para direita foram capturadas em 07/03/2017, 19/02/2018 e 07/03/2018.

Fonte: Do autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Nas extrações, verificamos o acionamento de três episódios nos quais o “totem território” perambula nas redes. No primeiro episódio, vimos a jovem enquadrar o espaço físico da comunidade representado pela pedra (ponto mais alto da comunidade); no segundo momento, a jovem retrata um almoço em família, entretanto faz referência a uma outra localização, intitulada por “La Onde Deus Cuida De Tudo”. Neste episódio, da geolocalização baseada no sentimento afetivo do momento, percebemos que o território físico atua na condição de sombra/fantasma, que é a família. Na última extração, ao ser apresentada a mais um desafio de narrativa exógena, a jovem adapta esse textual, acionando o território físico com o título: “Diz que é cria do Matão ‘mais’ nunca foi a pedra!!!!”

O sujeito é um acidente da ação, o “ser quilombola” é pensado em uma perspectiva que une o ego resultante dos grupos, instituições e das plataformas acoplados pelo GESAC que atuam enviando convites ao alter para “aceitar ou recusar a proposta” dos interagentes,

contudo, no ring de referencialidades do meio *Facebook*, a recusa é a “morte” do alter no território digital. Um dos efeitos resultantes desta autorreferência circular do *Facebook* não permite sedimentar uma sequência histórica de “sins e não” do sistema comunicativo, este processo interacional em rede é permeado por deslizos. A natureza disruptiva e de intensas irritações percebe a importância dos acoplamentos estruturais que atuam na condição de um sistema autoestimulante e determinante que gesta suas próprias operações e complexidades. Cada esfera, seja no território físico ou no digital se autodeterminam pelos elementos que possuem e pelos objetivos adiante, o ambiente apenas condiciona, chancela ou moraliza os excessos deste exógeno.

Fotografia 6 – Espaço geográfico da Comunidade Quilombola do Matão

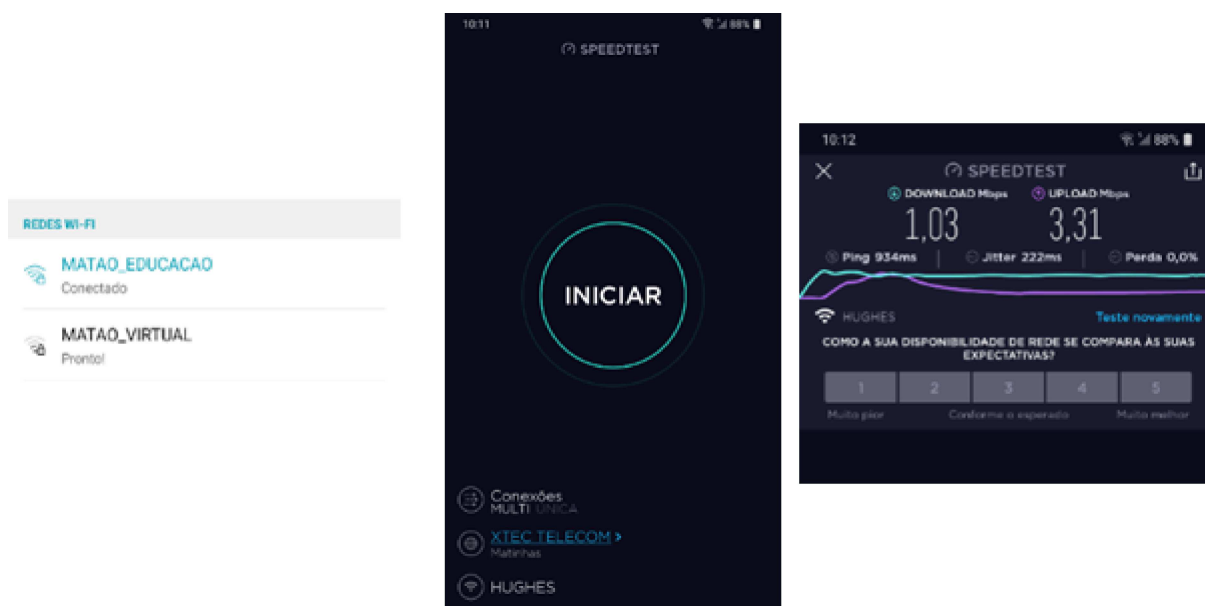


Registro realizado em 28 de agosto de 2020. Em destaque, à esquerda, o ponto mais alto da comunidade conhecida pela Pedra do Matão.

Fonte: Registrada pelo autor, 2020.

As duas imagens ilustram os elementos físicos, a exemplo das montanhas e das pedras que impedem o sinal de telefonia e de internet com qualidade. Uma parte da comunidade, mais distante da escola onde se localiza o ponto de acesso do GESAC, contratou serviço privado de internet à rádio, outra parte, a que não consegue captar o sinal, possui apenas o acesso à internet exclusivamente pelo programa de inclusão digital. Em testes de conexão realizados na data de 28 de agosto de 2020, a velocidade de “descida” da rede era de apenas 1.03 Mbps.

Figura 54 – Capturas de telas com teste de velocidade com a conexão via satélite na comunidade



Nas extrações datadas de 28 de agosto de 2020, realizamos um teste com a conexão sem fio disponível na comunidade com o sinal da escola “MATAO_EDUCACAO”. A segunda rede é utilizada pelos moradores listada por “MATAO_VIRTUAL”. O provedor de acesso via satélite “Hughes” apresenta uma latência de quase 935 ms, com *download* em 1.03 Mbps e *upload* com 3,31 Mbps.

Fonte: Do autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

As imagens extraídas exemplificam que a promessa da inclusão digital aconteceu, contudo, a qualidade não acompanhou a demanda por acesso da comunidade, o que prejudica algumas experiências digitais, a exemplo de videochamadas e acesso a plataformas de vídeos, como o caso do *Youtube*. Uma das promessas das políticas públicas é que a redistribuição possa dirimir os conflitos da diferenciação grupal, das condições materiais entre jovens quilombolas e não quilombolas. Neste ponto, destacamos que o progresso moral da sociedade deriva de um projeto de “reconhecimento de novas partes da personalidade ou da inclusão de outras pessoas nas relações de reconhecimento” (GONÇALVES, 2007, p. 9) em que o meio *Facebook* é o dispositivo escolhido pelos jovens para desenvolver a estima necessária para o enfrentamento de seus interagentes não-quilombolas. As condições técnicas mais justas fortalecem a valorização e o reconhecimento mútuos, correspondendo às dádivas e expectativas deste “abrir-se ao mundo”.

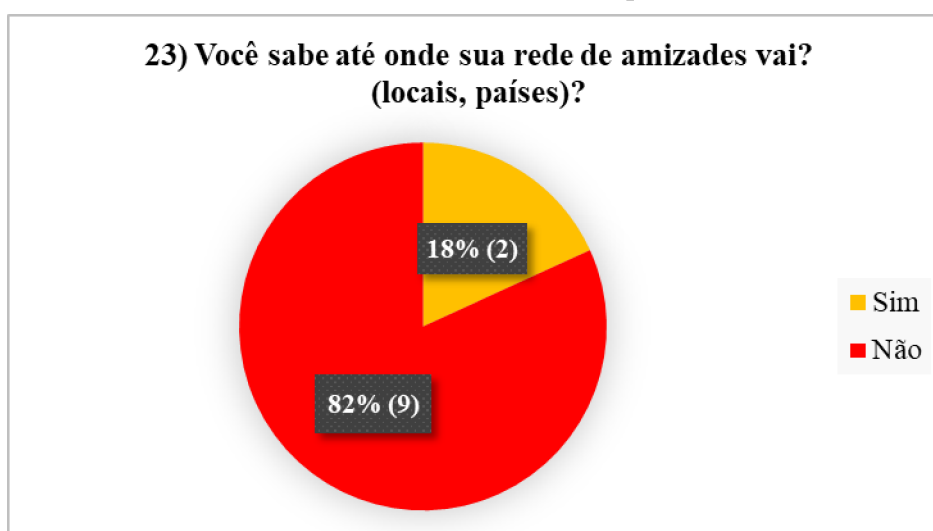
5.3.4 Das perdas de referencialidade: lógicas e práticas na plataforma do *Facebook*

Podemos afirmar que as postagens e respectivas nuances “modelam” o “rosto” do “Outro”. Essa modelagem ocorre pelo tipo de discurso utilizado e as lógicas interacionais aportadas nesse “Outro”. Ambos os movimentos são sempre tentativos e a representação deste objeto “estranho” é constituído por um eterno em contínuo deslocamento que, quanto mais buscamos descrevê-lo, mais inapreensível se torna. Esse efeito é resultado do quanto maior for a capilaridade das interações em rede, maiores são os deslocamentos e as distâncias a serem vencidas pelos movimentos táteis-tentativos nos dispositivos da ambiência digital.

Na plataforma do *Facebook*, o ato de silenciar/desfazer ou bloquear amizades é uma ação que indica e sinaliza a precariedade da condição de existência desse “Outro” nas redes. Os motivos de tal condição efêmera se estabelecem pela relação antagônica do ato objetivo e do olhar ético/cultural sobre o “estranho”. A ação como efeito direto da precariedade resulta na existência de “botões”/atalhos que removem o “Outro” de forma algorítmica e instantânea, tornando concreto o ato de eliminação do “Outro”.

Uma das consequências por nós observadas nas redes sociais ocorre quando o usuário passa a acumular muitos “Outros”. Ao não eliminar esses excessos, o usuário passa a alimentar um “superego” que forja uma referencialidade simulada, como no exemplo a seguir

Gráfico 26 – Perdas de referencialidades na plataforma *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

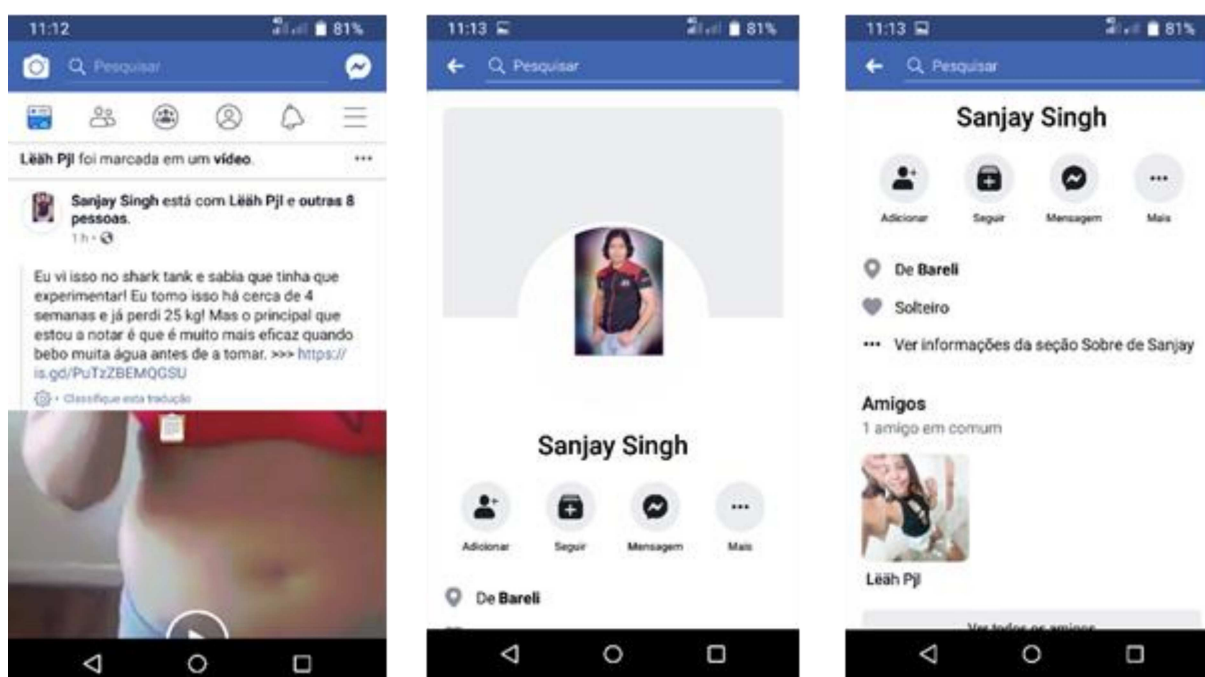
Gráfico 27 – O outro convertido em “outrem” nas redes



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Nesse sentido, o “estar só no mundo” é um sentimento que resulta do esfacelamento das relações territoriais e dos tempos híbridos. Com isso, a pergunta do questionário surgiu após o pesquisador deparar com um acúmulo de enunciados advindos de múltiplos produtores, enunciados e gramáticas que tinham por origem os perfis dos jovens negros. O jovem quilombola ao alimentar o “superego” se torna vítima dos excessos que chamam de “enfeites”.

Figura 55 – Capturas de telas da jovem quilombola com amigo “outsider” na rede social do *Facebook*



As extrações datadas de 25/06/2019 relatam o fenômeno descritos nos gráficos 28 e 29. As imagens retratam uma enunciação na qual a jovem quilombola “Lëäh Pjl” foi “marcada” no *Facebook*⁶.

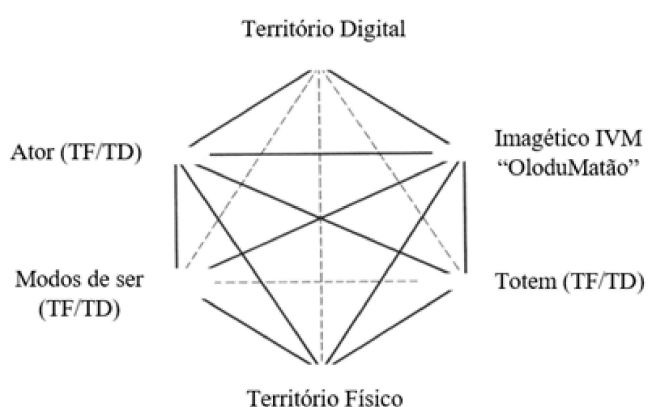
Fonte: Do autor, 2020. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

O exemplo acima é importante por apresentar e ratificar a afirmação do total desconhecimento do destino e localização desse “Outro”, que trata da venda de um produto para emagrecimento de possível origem indiana. A plataforma que agencia esse contato com o exógeno, espelhou esta publicação acompanhada pela respectiva tradução para o Português. Nisso, encontramos a jovem quilombola que adiciona o jovem indiano na condição de “amigo” na rede social, sem que perceba que se trata de matéria publicitária. Assim, o *Facebook* atuou como importante etapa de ampliação do espaço mundo dessa jovem.

Uma segunda consideração diz respeito ao discurso de autoridade do produto de emagrecimento acionado pelo jovem indiano e as demandas deste sujeito-“Outro”. O “nó” a ser desatado pelos pesquisadores na temática em midiatização e de respectivos efeitos, diz respeito à classificação das materialidades expostas a uma complexa mutação no acesso entre amadores e profissionais que, na circulação, suscitaram múltiplos sentidos, afetações, disrupções.

Scolari (2013), em seus estudos baseados em Verón (1985), afirma que a midiatização aciona novas condições de acesso e de circulação, onde as plataformas executam novas gramáticas de produção e de reconhecimento, atravessadas por componentes e marcas discursivas assíncronas e desterritorializadas.

Figura 56 – Hexágono lógico das trocas e tensões na ambiência digital



⁶ Neste episódio, o jovem Sanjay Singh apresenta um vídeo demonstrando um produto de emagrecimento. Ao ter projetado esta informação “impulsionada”, paga, a jovem quilombola recebe em sua linha do tempo esta publicação e solicita amizade na rede social. Segundo informações relatadas pelo usuário, ele afirma ser da cidade de Bareilly localizada no estado de Uttar Pradesh na Índia, região onde se encontra o Taj Mahal, patrimônio da humanidade pela UNESCO.

Legenda: TF (Território Físico); TD (Território Digital); IVM (Instituição em Vias de Miatização)

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

Conforme o desenho, ficaram retratados os jogos de referencialidades e de disputas entre o “ator” representado pelo jovem quilombola que desliza entre duas esferas, a do território físico e o digital, agenciado pelos “modos de ser”, a partir das necessidades do Território Físico (de expandir-se para além do quilombo) e pelos “modos” da ambiência, na condição de mediação dessa expansão. Com isso, houve a apresentação de outras gramáticas a serem consumidas/partilhadas. Dessas tensões e anseios percebemos que o substrato humano territorial que quis expandir suas fronteiras, o fez quando o acoplamento da IVM “OloduMatão” se apropriou do totem simbólico do Olodum (Salvador, Bahia), com o objetivo de difundir no “Território Físico (TF)”, fazeres e novos modos de ser e de agir no TF e no Território Digital (TD). Em última instância de disputas, o totem perambulante do “território quilombo físico” determina o que será ou não apropriado pelos jovens da comunidade.

5.4 Identidades em Fluxo: Promessas e Dádivas da Ambiência Digital

Neste tópico apresentamos a última parte do questionário da pesquisa de campo. O título gerador descreve a ocorrência de nuances próprias do jovem quilombola na ambiência digital, marcadas por uma intensa circulação do fluxo informacional e dos esfacelamentos dos laços primitivos, vinculados ao Território Físico.

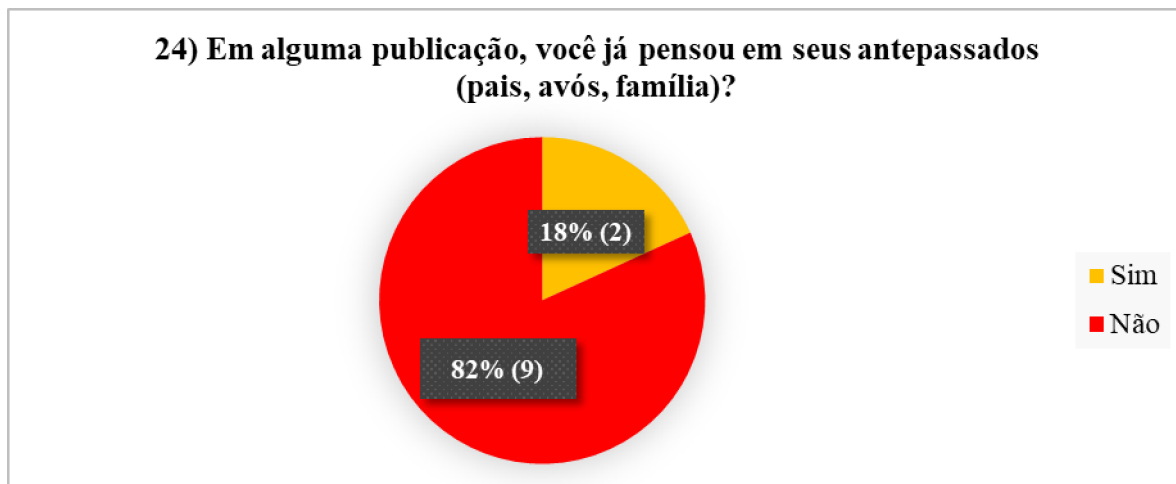
Notamos que as experiências foram dinamizadas pelos tempos distintos vinculados em uma única superfície. Sobre o tempo, o conceito de “extratos do tempo”⁷ nos ajuda a compreender três ocorrências, uma referente às singularidades, outra às repetibilidades e, por fim, as que transcendem às atuais gerações.

Uma das características desse processo é a negação do passado e a ocorrência deste tempo do “presentíssimo”. A transformação desse tempo não é possível sem que as experiências possam recorrer às processualidades que aproximem o horizonte do futuro para o presente. O problema-chave é a simetria gerada pelas experiências na ambiência digital pois, quanto menor a quantidade de experiências do passado, menor é a distância com o futuro. As consequências desse efeito vão nos revelar a condição de abismos entre o passado e o futuro que, sem a sedimentação das experiências prévias do passado, que serviriam de pontes de

⁷ Roger Chartier aborda o conceito de “extratos do tempo” para discutir o processo de descontinuidade provocado pelas tecnologias, entretanto, observamos uma síntese de elementos que atuam como um “codex” que une os fragmentos, reagrupando a coerência das informações.

sentido e de significação, os sujeitos passam a exprimir inseguranças existenciais e vazios “holísticos”.

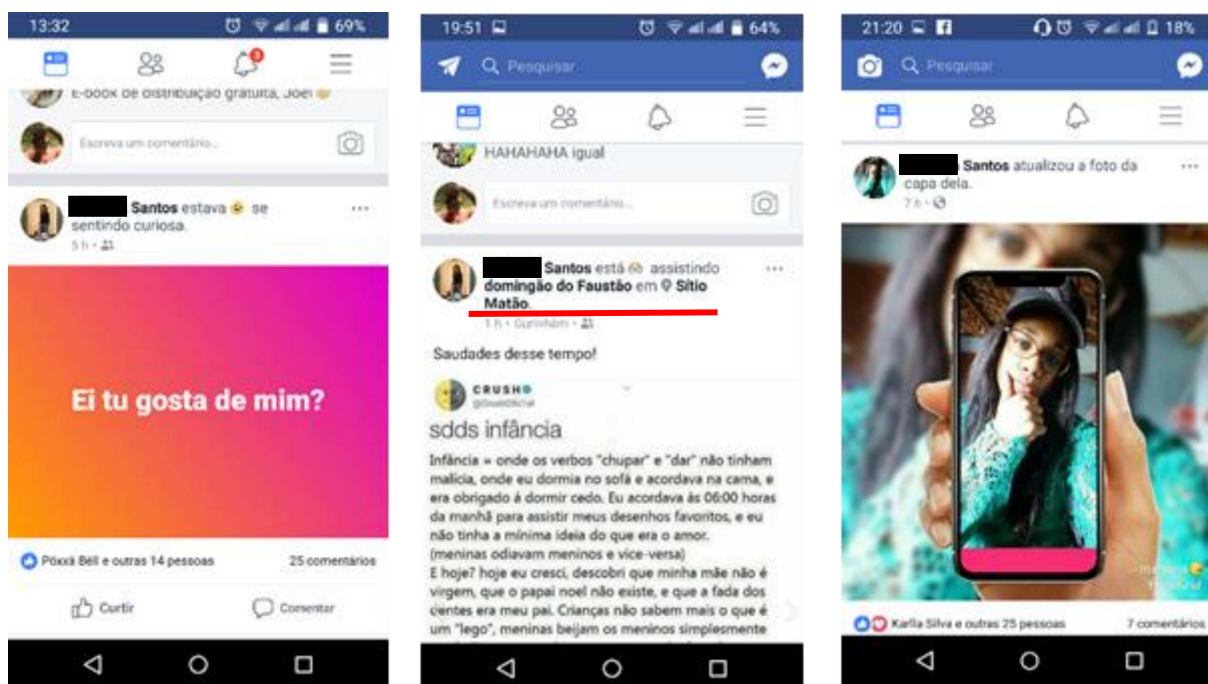
Gráfico 28 – A problemática dos espaços/tempos híbridos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A resposta do gráfico acima serviu para apresentar uma problemática da memória coletiva, que agora transborda pelos excessos de informação. A saturação do tempo “presentíssimo” aciona recursos do esquecimento do passado e, desta narrativa do esquecimento vive-se uma estética da memória do presentíssimo. A montagem dessa “persona” na ambiência digital pretende ocultar os lapsos de esquecimento ocasionados pelo excesso das informações produzidas e postas em circulação.

Figura 57 – Capturas de telas com os efeitos do tempo “presentíssimo”

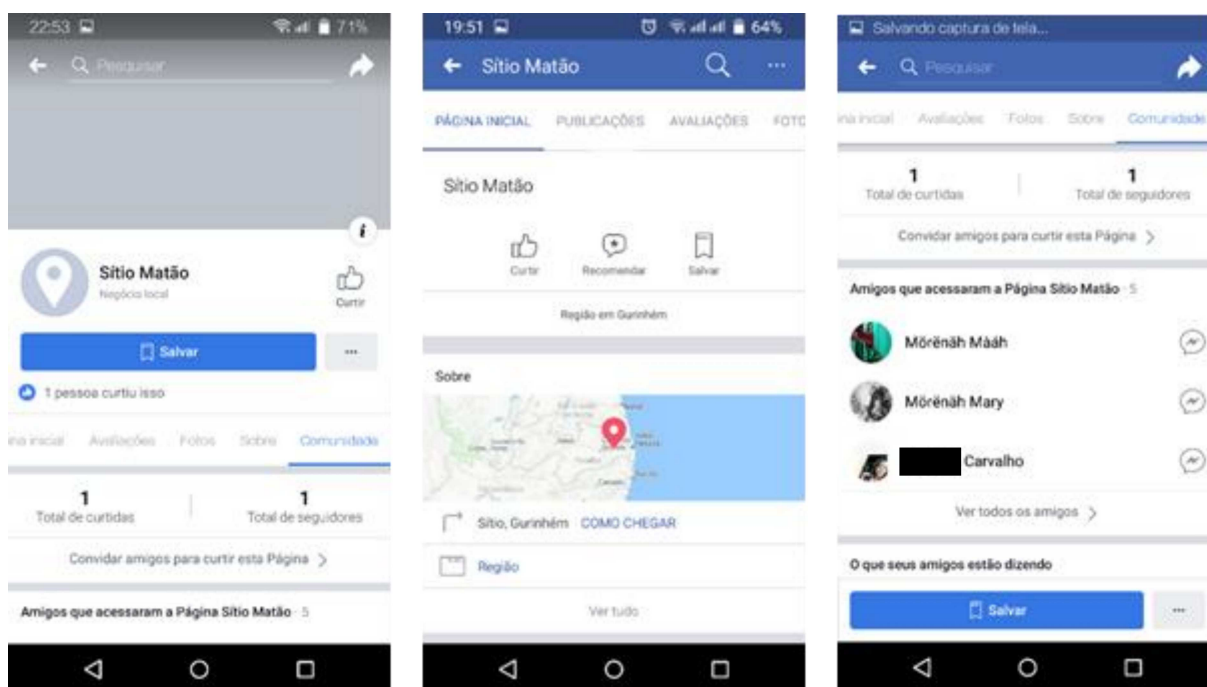


As extrações, da esquerda para direita são datadas de 10/11/2017, 12/11/2017 e 26/11/2017. As respectivas capturas de telas retratam este efeito híbrido do tempo “presentíssimo”⁸.

Fonte: Do autor, 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Com isso, os ruídos comunicacionais no interior da circulação estão interligados a uma experiência de temporalidades assíncronas no meio *Facebook*. Podemos dizer que este projeto tentativo da plataforma assume uma autopoiese digital e passa a espelhar na linha do tempo, materialidades e narrativas que suprem necessidades subjetivas/emocionais/psicológicas de seus usuários. No momento em que a jovem lança a enquete: “Ei tu gosta de mim?” nos revela uma necessidade do “eu” ser reafirmado pelo “Outro”. Essa crise do “eu” aciona na plataforma o “sistema algorítmico de resposta” do meio ao apresentar enunciado compatível e aproximado às demandas emocionais da jovem negra. Na segunda publicação, a jovem enuncia um compartilhamento expressando o desejo de “retorno” à infância, momento georreferenciado na ambiência digital na comunidade quilombola, conhecida na plataforma do *Facebook* como “Sítio Matão”. A fixação deste território físico na ambiência digital fora observada em meados de 2017, mas a última imagem postada se enquadra no tempo do “presentíssimo”, a jovem emoldurada pelo dispositivo em suas lógicas, narrativas e tempos.

Figura 58 – Capturas de telas com o espelhamento do TF na ambiência do TD



⁸ No episódio, iniciado com uma pergunta-enquete, passando pela memória-lembrança da infância, até o espelhamento do dispositivo na rede social, a jovem quilombola retrata esse efeito e consequência canhestra. As ansiedades do presente encontram respostas em um passado (localizado na comunidade) e que se espelha no presentíssimo pelo dispositivo interacional.

As extrações foram extraídas nos dias 12/11/2017 e 19/12/2018. As capturas de tela revelam o processo tentativo de fixação do Território Fixo nas lógicas da ambiência neste Território Digital na plataforma do *Facebook*.

Fonte: Do autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

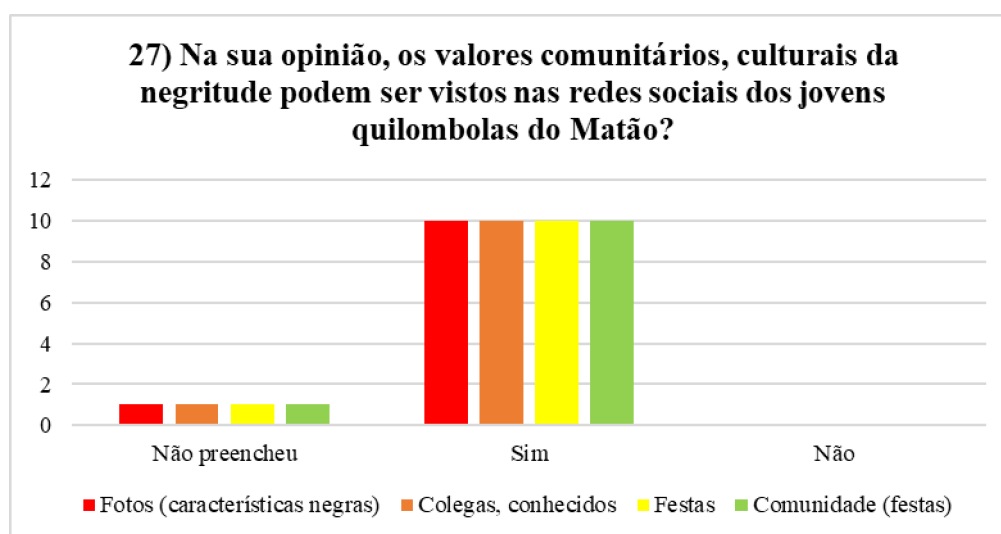
Ainda nesse exemplo, percebemos o movimento tentativo dos jovens quilombolas ao fazerem referência a um território criado e elaborado nas lógicas do meio *Facebook*. Na página pública da geolocalização feita pelo *Facebook*, a Comunidade Quilombola é caracterizada pelo “Sítio Matão”. O conceito de sítio é comumente utilizado para designar pequenas áreas produtivas ou de lazer. No termo e conceituação, a comunidade quilombola se estabelece em níveis outros de pertencimento, de identidades e de partilhas, não cabendo o conceito de “sítio” para designar o território físico de uma comunidade negra.

A transformação da Comunidade Quilombola do Matão, no território físico, convertido ao digital em “Sítio Matão” pelo algoritmo, revela uma intensa mutação com o objetivo de fazer dialogar com as gramáticas interpretativas desses usuários e de seus respectivos amigos, relativamente ao entorno do território físico da comunidade negra. Essa ação do algoritmo atua na condição de necropolítica e de negação da história da comunidade quilombola, afastando os “pesos” do passado e convertendo o espaço em algo pertencente ao eterno presente, a palavra “sítio” substitui e minimiza os sentidos da palavra “quilombo”, afastando a necropolítica no território digital.

5.4.1 Tensionando a identidade no acionamento da Instituição em Vias de Mídiação “OloduMatão”

O conflito apresentado desta relação entre o “eu/sujeito” quilombola e as lógicas da IVM “OloduMatão” sinaliza para uma problemática de disputas no território da comunidade negra. O capital social gerado pela IVM é acionado pela percepção do jovem quilombola que, em uma leitura interpretativa, ao se identificar com as lógicas da IVM, foi estabelecido laços de confiança e de reconhecimento mútuos. Nos interessa assim, investigar ambas as práticas sociais que estão situadas em um mesmo território físico e, ainda, os ensaios e apresentações do grupo de percussão e dança afro, cabendo a pergunta: “Esse compartilhamento de forças simbólicas no TF estaria colocando estes dois elementos em rota de colisão?” Não há uma resposta exata, mas identificamos, uma identidade que deseja assumir uma representação imagética-identitária no *Facebook* e a IVM que reivindica, preferencialmente, a referencialidade do “novo modo de ser e estar” na rede social.

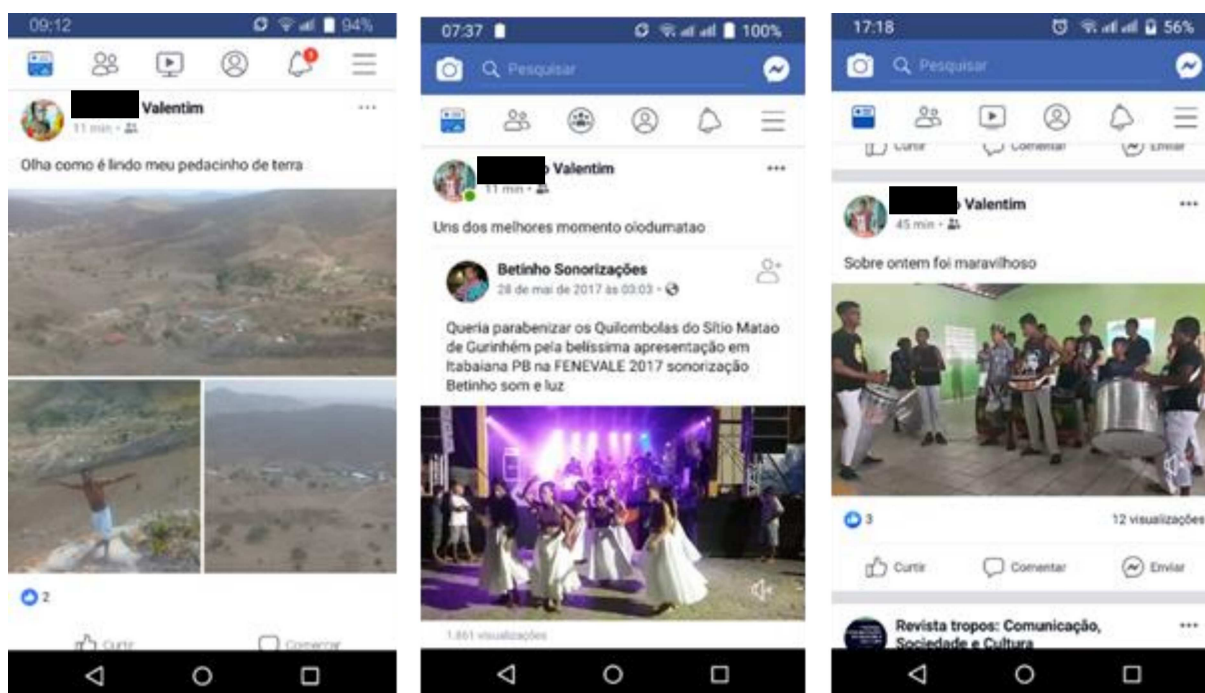
Gráfico 29 – Espelhamento da identidade do jovem negro quilombola na rede social do *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O Gráfico 29 aponta para uma convergência nas representações imagéticas e identitárias dos jovens quilombolas do Matão no *Facebook*. A ambiência digital das redes sociais fomenta uma nova forma de pertencimento e de “raízes” simbólicas compartilhadas em trocas virtuais de bens simbólicos. Percebemos então que esta experiência se vincula a um projeto de autonomia individual, bastante presentificado.

Figura 59 – Capturas de telas com as representações em fluxo



Nas extrações da esquerda para direita datadas de 01/12/2018, 14/07/2019 e 05/08/2019⁹.

Fonte: Do autor, 2018 e 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

A captura das telas nos permitiu perceber a condição da identidade enunciada na rede social do *Facebook*, em que o simbólico é um código existencial desse “eu” nas redes, uma forma de bem narrar um fato ou acontecimento.

A eficácia comunicacional verificada decorreu dos esforços de parte do produtor, no sentido de se ajustar modos e condições de recepção do simbólico em disputa. As afetações do programa de inclusão digital do GESAC e das lógicas do meio *Facebook* acionaram a Instituição em Vias de Mídiação “OloduMatão, para atenuar os efeitos disruptivos da circulação, na tentativa de reestabelecer “uma centralidade orientadora de identidade negra”. Contudo, a constituição das dinâmicas vai sendo descritiva da ocorrência de afetações diretas de outros campos sociais.

O ato de estilizar e de ficcionalizar a vida nas plataformas, seu respectivo reconhecimento e espelhamento nas mais diversas telas e dispositivos, ganham um status mais objetivo quando se faz necessário impulsionar múltiplos recursos para “fixação” da representação nas redes sociais.

⁹ Nos episódios apresentados, um mesmo jovem quilombola em três episódios distintos enuncia, no primeiro (esq.) uma exaltação ao totem território físico com enunciado: “Olha como é lindo meu pedacinho de terra”. No segundo momento, compartilha publicação com apresentação da IVM “OloduMatão” intitulada como “Uns dos melhores momento olodumatao”. Na última extração, o jovem publica imagem dos ensaios do grupo de percussão.

Figura 60 – Capturas de telas com movimento tentativo de construção e “fixação” do imagético



Imagens extraídas em dois episódios, à esquerda datado de 12/01/2019 e à direita de 18/06/2019¹⁰.

Fonte: Do autor, 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Nos dois exemplos extraídos do fluxo, observamos distintos movimentos, sendo o primeiro uma visível falha do algoritmo e da plataforma parceira (OMG), porque selecionou um desenho animado cuja personagem é de cor branca e a posta ao lado da imagem de uma jovem negra. O segundo episódio retrata outra jovem publicando a mesma representação em dois espaços marcados por processualidades efêmeras, em diferentes plataformas e lógicas interacionais originalmente publicado no aplicativo *WhatsApp* e “salvo/recuperado” em captura realizada pela jovem quilombola e, em seguida, outro espaço efêmero, a republicando no *Stories* da rede social do *Facebook*.

Ao analisarmos o movimento de apropriação, identificamos duas características bem distintas. Aquela que rechaça o que fora proposto por um programa terceiro existente na plataforma e, a segunda, que serve para enunciar um imagético no espaço do *Stories* do aplicativo. Destacamos que a jovem certamente tinha ciência da temporalidade, pois realiza o movimento tentativo para dirimir os conflitos resultantes das perdas, acionando para tanto, o

¹⁰ O primeiro registro, sinaliza o movimento tentativo e falho de um programa terceiro “OMG” ao comparar a imagem da jovem negra com a “Bela”, o ato falho recebe um *emoji* de gargalhada. Já o segundo, em descrição inferencial, enuncia uma espécie de sobreposição de “intemporalidades”, o registro realizado foi posto em circulação no *Stories* do aplicativo *WhatsApp* e, capturado em “print” de tela para ser enunciado no *Stories* do *Facebook*.

recurso de captura de tela com a finalidade de preservar aquele simbólico, que deixará de existir.

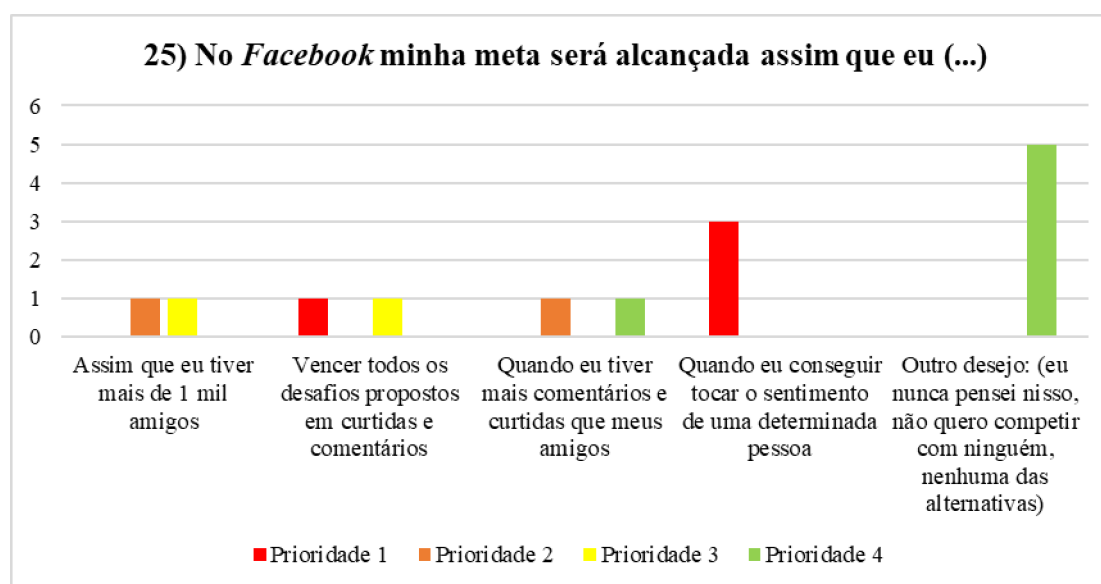
Este movimento realizado pelas jovens funciona como se fossem a ocorrência desta “pós memória”, uma vez que as narrativas são retroalimentadas por uma intensa circulação em múltiplos espaços-tempos híbridos e efêmeros.

5.4.2 O *Facebook* na condição de “pagador de promessas” não realizáveis

Em primeiro lugar, precisamos passar pela discussão sobre os modos e formas acionadas pelo meio *Facebook* em agenciar uma plataforma estruturada que atua na condição de “pagadora de promessas” entre os jovens quilombolas, para, em seguida, dizermos que a análise continuará para uma problemática ainda em tensionamento e em fase de apropriação por parte deste jovem negro.

O questionário que aplicamos, em sua parte final, salientou as promessas almejadas pelo jovem quilombola no *Facebook*. A resposta demarca o elemento da apropriação, na condição de dádiva para um potencial engajamento de reconhecimento efetivo.

Gráfico 30 – Sonhos e metas no Território Digital (TD)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O gráfico apresentado serviu para descrevermos a ocorrência dos “sonhos” e desejos dos jovens quilombolas no *Facebook*. Destacamos, a essência do reconhecimento guiando os passos, modos e formas “de ser e de estar” no território digital. Para aquelas jovens, a primeira prioridade demarcada é a do viés sentimental, de ter reconhecimento pela “pessoa

amada/desejada”. Este sonho é seguido por almejar uma ampla rede de socialização com mais de mil amigos, tornando para ele e/ou “outros”, uma referencialidade a ser curtida, comentada e compartilhada, afastando do quilombola as demarcações de espaços, desse lugar que cabe ao negro.

O acionamento desses enunciados e o ato de ser reconhecido pelo outro é uma atividade humana resultante direta dos processos socio-históricos. As gradações e modos intervenção no mundo ocorrem pela mediação entre a cultura e o sujeito no interior das práticas sociais estabelecidas, sejam elas no território físico ou no digital. Esses processos, como afirmamos, são atravessados por sentidos híbridos fortalecedores de processos interpsicológicos que serão, posteriormente, internalizados por este ator.

Figura 61 – Capturas de telas com as formas de acionar o engajamento na plataforma do meio *Facebook*



Da esquerda para direita, as extrações datadas de 22/03/2017, 05/09/2017 e 08/11/2018. As capturas de telas apresentam episódios distintos para o engajamento com os usuários da plataforma¹¹.

Fonte: Do autor, 2017 e 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

¹¹ Dos episódios, o primeiro, à esquerda, a jovem faz uma pergunta aos amigos e estabelece um contrato interacional no território digital: “se eu comentar seu perfil, você irá retribuir esta minha ação? No segundo episódio, a jovem lança um desafio com o objetivo de movimentar sua audiência, enunciando condicionalidades, a exemplo das 100 curtidas e 50 comentários para executar o desafio. O último episódio apresenta uma tentativa interacional mais aproximada e privada entre a jovem e seus amigos pelo aplicativo de mensagens “*WhatsApp*”, proposta esta, com mais de 112 reações, 102 comentários e dois compartilhamentos, sugerindo que esta enunciação extravasou as bordas do *Facebook*.

As tentativas de proporcionar um maior engajamento, podemos observar no rosto deste “Outro”, como se fora uma demanda protocolar e ética a ser replicada em um código/gramática convergente. A proposta nesse tipo de enunciação é a de lançar uma oferta a ser atendida e contemplada pelo outro. Assim, o contato se estabelece por meio do sujeito que se vincula ao outro de maneira a expandir suas memórias íntimas, familiares e comunitárias com um público mais amplo, mesmo que esta enunciação esteja sob a lógica estética do meio acionado.

Os sentidos das enunciações vão sendo completados quando o jovem quilombola aciona estratégias para oferta de materialidades a serem canceladas pelo *Facebook*. O primeiro episódio retrata esta retórica que atua na superfície do convencimento, no plano do mundo das emoções, à medida que solicita do “outro” sua autorização para, de forma recíproca, passem a comentar/interagir na plataforma.

Concordamos com Renato Nogueira (2016) quando ele afirma que “(...) é deste outro, do reconhecimento por este outro que depende seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido da vida” (NOGUEIRA, 2016 apud FANON, 2008, p. 68). Sentidos estes, de lógicas dos usos e das apropriações acionados por dispositivos e meios tecnológicos neste cenário da midiatização.

5.4.3 Proposições interacionais dos jovens quilombolas no *Facebook*: a comunicação do “tipo ideal” no território digital

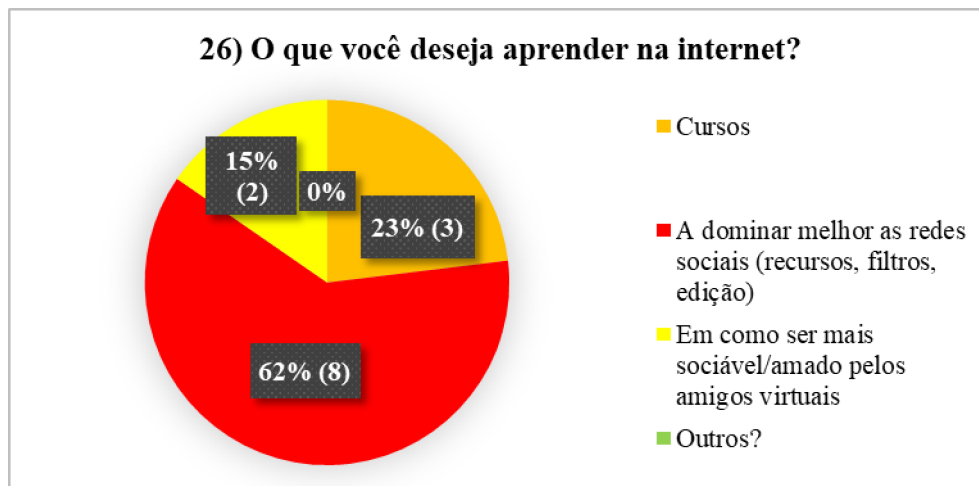
Nesta parte apresentaremos as afetações resultantes dos modos e as formas de produção e de apropriação de conteúdos elaborados pelos jovens quilombolas, considerando, que o GESAC, na condição de programa de inclusão digital, implementa um novo modo de “ser e estar” no mundo baseado em redes digitais de sociabilidades.

O esquema das dinâmicas define as intercorrências que compreendem as formas e afetações do meio *Facebook* na constituição e formação de uma memória coletiva/individual na ambiência digital, campo este, no qual sujeito e objeto, instituições e atores estão em constante diálogo, disputas e tensionamentos.

A plataforma com seus recursos técnicos e híbridos, continuamente potencializa o uso do instantâneo/do momento. Essa narrativa é uma recusa da memória do passado, opção de silenciamento que decorre dos processos de negociação das relações sociais, essencialmente, vinculado pela autovigilância dos indivíduos inseridos nas redes. No caso dos jovens

quilombolas, as diversas condutas sociais são influenciadas também pela moral religiosa, familiar e comunitária, conforme foram espelhadas no território digital do meio *Facebook*.

Gráfico 31 – Das dádivas não cumpridas pelo território digital

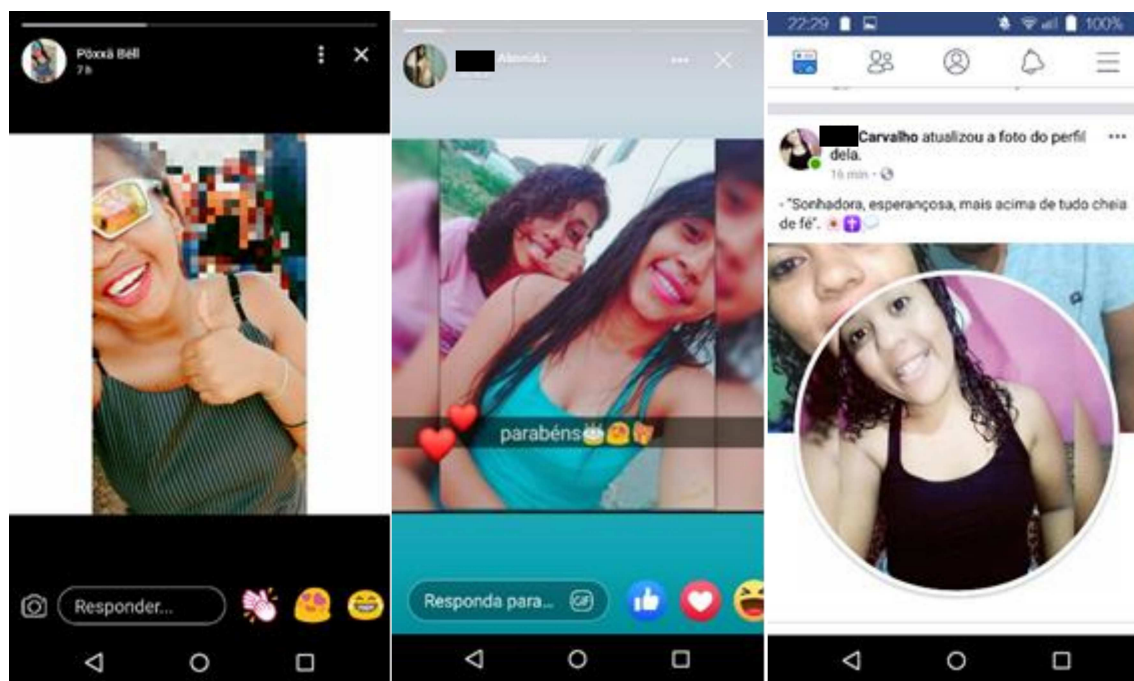


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Pelos dados apresentados neste gráfico, foi possível descrevermos e analisarmos quais dádivas da rede ainda não repercutiram sentidos e ações efetivas, permanecendo atreladas ao campo das promessas. As respostas para esta questão foram destacadas no grau de referencialidade do reconhecimento desses jovens quilombolas no território digital. Um melhor domínio das técnicas, usos apropriados de filtros e a invenção criativa de enunciados marcantes forjam níveis interacionais mais engajados e fortalecidos no interior da circulação do *Facebook*.

Com esse propósito, observamos que as representações imagéticas dos jovens estão enquadradas dentro de uma estética alegre e feliz, com o uso de enquadramentos, filtros e enunciados que tem por objetivo externar certo sentimento de euforia.

Figura 62 – Capturas de telas dos enquadramentos de “estética ideal” no *Facebook*



As extrações datadas da esquerda para a direita, 29/11/2017, 07/12/2018 e 22/07/2019. Os episódios sinalizam os modos e formas de operacionalização dos filtros, técnicas de edição e dos enunciados que reforçam este imagético vinculado à uma estética feliz e eufórica. O engajamento é o objetivo tentativo no meio *Facebook*.

Fonte: Do autor, 207, 2018 e 2019. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

Podemos notar, nas imagens acima, que o movimento descrito pertence a uma articulação de duas vertentes distintas e complementares entre episódios, porque a interação social é um elemento fundamental para o desenvolvimento de cada grupo cultural. Os sentidos construídos coletivamente, do “eu” com o “nós”, faz com que o indivíduo na mediação desses elementos simbólicos siga constituindo seu universo intrapsicológico a partir do mundo externo.

No “necropoder” implementado nas redes sociais, a “ausência de reconhecimento é a morte”. Ora, o reconhecimento do negro, quando existe, é frágil e instável”, porque segundo Nogueira (2016), essas características são potencializadas nos espaços efêmeros na rede social do *Facebook*.

A questão da efemeridade no *Facebook* é espelhada na realidade dos dispositivos dos jovens quilombolas que são, constantemente, “formatados” para um melhor desempenho, abrindo espaço interno para resolver possíveis “lentidões/travamentos”. Nesse cenário, fica mais evidente que a limitação técnica dos aparelhos assume nas redes uma fragmentação ainda mais complexa, onde o usuário não consegue mensurar as consequências do apagamento das lembranças na rede social. Nesse momento, vislumbramos que o necropoder

atua nas lógicas internas da necropolítica que agrega tecnologias diversas, para atuar no controle e chancelas entre o usuário e as instâncias de gestão.

As redes sociais entram nesta gama de serviços que estão continuamente vinculados aos processos de individualização. Nesse sentido, a referida “autonomia” passa a ser mediada por práticas produtivas e promovidas pelos meios, nos quais o indivíduo perde o poder de referencialidade e passa a ser conduzido por estratégias da máquina e de suas lógicas. Podemos afirmar que este sobrevoo direcionado faz com que as postagens sejam encaminhadas para um permanente processo criativo de ofertas, agregando nas enunciações, as subjetividades, memórias e leituras de mundo.

5.4.4 O totem “identidade” e os processos de inferência em curso: descrevendo marcas no fluxo

Neste ponto específico, destacamos a presença de marcas e indícios que suscitam o aparecimento de questões e olhares sobre estas materialidades, onde o jovem quilombola se apresenta no *Facebook*. Nisso vimos que os enunciados estão entrelaçados em uma narrativa que apresenta uma representação negra e identitária expressa em uma série de atualizações entre as dinâmicas, cujo reconhecimento é a tônica para o “apagamento” dos processos históricos vivenciados pelo negro quilombola.

As materialidades sinalizam para a condição quilombola vinculando o negro que se constitui como se fosse um fantasma, demarcado por imagens-lembranças do passado. Nas publicações dos rapazes e jovens quilombolas, o simbólico da tradição aparece em uma “imagem-sombra” da representação de Zumbi dos Palmares servindo de “pano de fundo” identitário desses jovens negros.

Figura 63 – Capturas de telas com as latências da “imagem-lembrança”



Nas representações imagéticas dos jovens quilombolas observamos o espelhar desta “imagem-sombra” de Zumbi dos Palmares. Nas enunciações para as redes, datada de 12/12/2016 observamos as marcas do hibridismo cultural e a força da autoafirmação identitária.

Fonte: Imagens de Zumbi dos Palmares in Google Imagens, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2Yyc14C>. Acesso em: 04 set. 20. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados.

O episódio acima serve para descrever um fenômeno de possível ocorrência vinculado ao mundo globalizado, em que os conceitos de raça e de identidade acionam estratégias para o encontro do “eu” com o “outro” presentes na rede social. Ao descrevermos os movimentos das materialidades dos jovens quilombolas em suas perambulações, estratégias acionadas e evocadas, a temática da performance vem à tona para evidenciar as disputas pelo reconhecimento do “outro” nas redes. Nas duas primeiras extrações, observamos essa “imagem-lembrança” do Zumbi dos Palmares destacada pela força física em primeiro plano. A publicação realizada pelo jovem quilombola também espelha essa “sombra” simbólica que se constitui na condição de representação da identidade afro nas redes.

Quando o jovem quilombola faz esforços no sentido de ser compreendido, o significante (o que é ofertado) é capaz de ser inteligível e de interagir com as coisas do mundo, produzindo sentidos à gramática do *Facebook*. Nas lógicas da circulação informacional presente na plataforma, a identidade presente no território físico do jovem quilombola é substituída por outra, fruto dos efeitos daquele contínuo deslocamento de sentidos, que geram novas e outras apropriações.

Estas possíveis imagens-lembranças, o professor doutor Fernando Resende (2019) descreve como uma passagem deste imagético recuperado a partir de rastros, vestígios de camadas. O espaço do território quilombo atua reconstruindo os corpos dilacerados pelo

digital, a imagem do jovem quilombola que surge nas redes sociais é uma reelaboração tentativa conta seu próprio apagamento, neste ponto, essas imagens “que vão e voltam, cruzando tempos distintos, é que nos parece ser possível encontrar as (r) existências (...) são imagens que teimam em emergir, são rastros e restos coletivos” (RESENDE, 2019, p. 486).

Os desafios desses jovens imersos na plataforma da rede social são os mais diversos possíveis, um deles é a memória coletiva e partilhada na ambiência digital tida como “salvaguarda” dos sentimentos de pertencimento e de fronteiras sociais. Estas representam afetações das mídias nas memórias étnicas, que passam a ser atualizadas pela circulação discursiva, alterando as formas pelas quais os bens simbólicos passam a ser “salvaguardados” na plataforma, ora se fixando ou deslizando.

5.4.5 Operacionalizando uma pesquisa-ação: construindo caminhos e pontes de diálogo

Objetivando apresentar os meios e operacionalizações desta pesquisa, percebemos nos contatos iniciais mantidos com aquela comunidade que havia uma problemática relativa à interpretação da cultura dos jovens quilombolas, no sentido de ver como eles percebiam os valores imersos na circulação discursiva. Desde o primeiro contato em 2006 até a coleta dos dados para a tese, tivemos a oportunidade, após dez anos, de abrir esta janela para o mundo, para mirar as articulações dos novos fenômenos e seus efeitos nas práticas sociais da comunidade tradicional. Do território físico para o digital, os jovens tateavam naquela ambiência com destreza, demonstrando fazeres e apropriações específicas com o objetivo de serem reconhecidos na rede social.

Prosseguindo e ampliando os contatos com a comunidade, devemos destacar que a apresentação da proposta desta pesquisa somente ocorreu em 25/02/2017. Na oportunidade, os jovens passaram a conhecer a importância da pesquisa científica e da participação de cada um deles, para a compreensão do fenômeno comunicacional em curso na comunidade.

Fotografia 7 – Registro de apresentação do projeto de pesquisa da tese



Fonte: Registrada por Alberto Banal, 2017.

A fotografia retrata exatamente a apresentação do projeto de pesquisa e sua importância à produção científica. Assim, este pesquisador de posse dos registros das primeiras coleções do empírico, delineou esse movimento de tensionamento e de conflitos na rede social do *Facebook*. O registro trouxe como pano de fundo o episódio do “Famosinho”, ocorrência em que uma representação imagética do jovem quilombola é posta em disputa com outro jovem não quilombola.

Frisamos que esta apresentação foi registrada pelo articulador das ações da IVM “OloduMatão”, o voluntário italiano Alberto Banal. Logo após a apresentação da pesquisa, o articulador colaborou no sentido de disponibilizar idas e caronas à comunidade durante os ensaios e apresentações. Em diversas oportunidades, o pesquisador atuou na condição de motorista e fotógrafo nas ações da IVM. Em uma das visitas, foi constatada a ausência de dois membros do grupo de percussão, motivo pelo qual o pesquisador atuou como substituto no naquele ensaio, conforme registros.

Fotografia 8 – Registro do pesquisador nos ensaios da IVM



Pesquisador participa de ensaios na IVM “OloduMatão” na Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão, 21/05/2018.

Fonte: Blogspot do “OloduMatão”. Matéria disponível em: <https://bit.ly/36b6hlt>. Acesso em: 04 set. 20.

A imersão deste pesquisador em diversas fases de observação da pesquisa contribuiu para um ambiente de trocas e de vivências harmoniosas na comunidade. Um dos principais desafios enfrentados foi a ruptura dos paradigmas da “exploração academicista” nas comunidades tradicionais, isto porque, nas primeiras conversas com as lideranças comunitárias fomos advertidos sobre a passagem de pesquisadores, estudantes e bolsistas que, comumente se limitavam a extrair informações da comunidade, sem retorno algum a respeito do andamento dos trabalhos e de suas conclusões. Em síntese, a “lei do não-retorno” do conhecimento científico desenvolvido, a partir das materialidades extraídas nestas comunidades, não é conhecido por eles.

As soluções encaminhadas no andamento deste trabalho foram também de priorizarmos o contato e a apresentação constante das etapas da pesquisa na comunidade. As apresentações transcorreram em duas etapas, uma pós Seminário de Tese e outra na

Qualificação. Nos dois encontros, o convite foi realizado a toda comunidade e aos jovens participantes da pesquisa.

Fotografia 9 – Apresentação dos materiais referentes à qualificação da tese



Processo de retorno à comunidade do andamento da pesquisa e roda de diálogo com os jovens participantes.

Fonte: Registrada por Joselita de Oliveira Tessarotto, 2019

Os contatos com a comunidade para fins de apresentação das etapas desta pesquisa, ocorreram tanto no espaço institucional da UNISINOS como na comunidade, e isso realmente nos auxiliou na compreensão da relevância do diálogo com os sujeitos da pesquisa. As apresentações serviram de termômetro para o aprimoramento descritivo dos indícios e possíveis análises do empírico.

As entrevistas de campo foram realizadas em 17/11/2019, ocasião em que procedemos à apresentação e leitura de cada pergunta, bem como, dos critérios a serem descritos, seguindo gradações de prioridades. A elaboração da pesquisa de campo, nos moldes da observação participante, foi baseada em questionário com perguntas estruturadas e semiestruturadas. A opção pelo modelo da observação participante, do tipo pesquisa-ação foi acionada no sentido de obter informações precisas e confiáveis do empírico extraído nos fluxos. Ao optarmos por esse modelo de pesquisa-ação, nos permitiu a elaboração a partir de um “mix” de estratégias metodológicas com respostas de ordenamento qualitativo e quantitativo.

Fotografia 10 – Aplicação do questionário da pesquisa



Registro fotográfico da aplicação do questionário da pesquisa em 17/11/2019.

Fonte: Registrada pelo autor, 2019.

Para Cicilia M. Peruzzo (2017), este tipo método, da “investigação participante – ou participativa – implica, nesta presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa “ver as coisas de dentro”. Em um sentido mais restrito, permitir o compartilhamento das experiências de modo mais consistente, operacionalizando as materialidades. Outro ponto destacado pela pesquisadora é que todo e qualquer questionário de campo “(...) pode conter perguntas incompreendidas, o que gera respostas duvidosas. Pode também forçar o entrevistado a se posicionar quanto a questões sobre o que ele ainda não tem opinião formada ou informação suficiente para poder dar repostas fidedignas” (PERUZZO, 2017, n/d) o que exigiu do pesquisador um esforço interpretativo para dialogar com os jovens quilombolas sobre os itens elaborados no questionário.

A etapa seguinte, prevista no cronograma de execução da pesquisa, é a apresentação final desta tese, tanto na instância Institucional da UNISINOS, realizada em 22 de fevereiro de 2021, como na comunidade pesquisada, que se encerrará com a entrega do material impresso igualmente à AACADE e à representação da Associação dos Moradores do Quilombo do Matão.

5.4.6 Das análises transversais: direções e caminhos da pesquisa

Como dissemos, a proposta inicial em descrever as dinâmicas do meio *Facebook* mobilizadas pelas experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão acionaram construções interpretativas a partir da lente “exógena” do pesquisador. Nesse sentido, compreender a pergunta da pesquisa, “como as representações imagéticas e identitárias do jovem quilombola se atualizam e se constituem a partir das temporalidades e dinâmicas performáticas no meio *Facebook*?” mobilizou, por parte do pesquisador, uma leitura interpretativa do empírico que fora classificado em seis dinâmicas ou temporalidades. As extrações realizadas entre outubro de 2016 à agosto de 2019 revelaram a ocorrência desse movimento “perambular”, de idas e vindas, conforme transformações/afetações nas práticas sociais no interior da comunidade quilombola. Essa nuance decorreu do duplo sentido das afetações, porque o jovem quilombola produz e envia materiais com determinada potência simbólica e, desse jogo interacional complexo, retorna ao “espaço mundo” da comunidade com elementos outros ou ressignificados.

Os movimentos da pesquisa exigiram que mobilizássemos múltiplos conceitos, que foram desde a implementação da ambiência digital (GOMES, 2006), passando pelo acoplamento da política de inclusão do GESAC (TCU, 2015; SORJ, 2003, FELTON, 2015; VAN DIJCK, 2009). Neste caminho, descrevemos as transposições ocorridas entre os dois territórios, o físico e o digital, descrevendo a ocorrência dessa outra temporalidade, fazeres e interações que foram permeadas pelos dispositivos técnicos que nos conduziram à outras leituras sobre os movimentos em circulação (BRAGA, 2009). Vimos, ainda, que esta circulação passou a atravessar o imagético descrito por (ROSA, 2016), com forças e elementos outros/exógenos decorrentes dos *feedbacks* complexos de que trata (FAUSTO NETO, 2012). O empírico selecionado e tratado em visada netnográfica (KOZINETS, 2014) revelou-nos uma complexa teia de disputas do “eu”, e o lugar do simbólico que transita entre duas superfícies: a do território físico (local do totem) e do território digital (local das estratégias criativas contra a morte deste simbólico totêmico). Os materiais acionados nos conduziram à percepção deste “eu quilombola” presente naqueles dois lugares, simultaneamente, no espaço de circulação onde ocorre uma intensa negociação entre atores negros/quilombolas e não quilombolas.

As dinâmicas que coletamos e classificamos continuam em fluxo “adiante” e outros elementos estão em processo de acoplamento, atualização e ressignificação desta representação imagética ofertada pelos quilombolas. O movimento de “ida” dos jovens

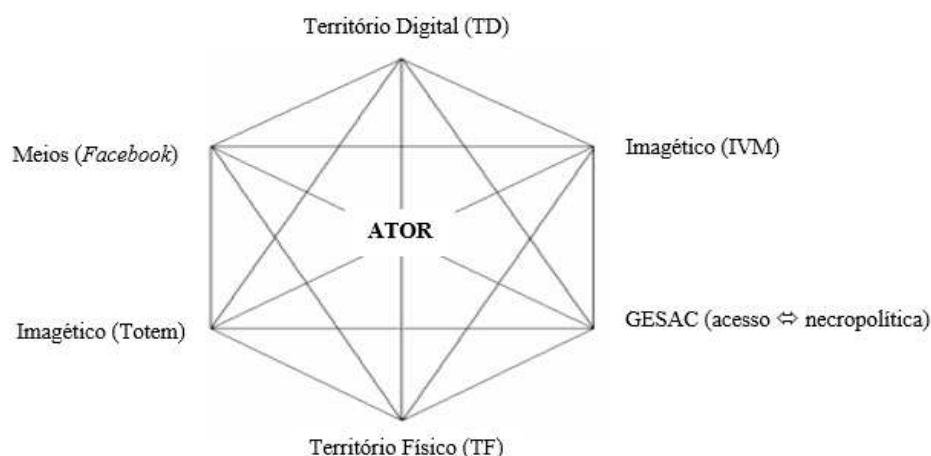
quilombolas em direção ao território digital direciona esforços na compreensão do fenômeno do reconhecimento, da abertura do “eu” quilombola para o mundo. Ao descrevermos essa “abertura”, observamos uma intensa e dialógica troca entre pares e contatos (sejam estes, pertencentes ou não ao círculo de pertença vinculado ao território físico). Uma das questões relevantes é a seguinte: Afinal, o que estes jovens desejam mostrar? Quais as suas intenções? As respostas às perguntas anteriores consideram a necessidade de releitura das seis dinâmicas propostas e de continuidade da investigação.

A retomada e releitura dos dados da pesquisa de campo por meio do questionário reforçou as leituras interpretativas do meio *Facebook*, que espelha apenas elementos/representações/enunciações chanceladas pelo grupo quilombola no espaço mundo. O que vemos, na condição de público observador/exógeno à comunidade, é um fragmento desse tecido social, outros elementos/facetas do simbólico comunitário permanecem em retroalimentação “fechada” entre seus membros. Este modo “beta/teste” das enunciações dos jovens quilombolas deixa “escapar” a ocorrência das atualizações/afetações da dinâmica da circulação em seu imagético. Contudo, o que é afetado na ambiência digital é regulado e editado de forma tática entre os jovens, o que não ocorre no espaço físico, uma vez que a regulação e “edição” é realizada pelas convenções e pactos comunitários, aos quais este pesquisador não teve acesso e não terá.

Ao realizarmos o movimento de amarrações transversais da pesquisa, uma das vertentes consistiu na descrição e análise do acoplamento da IVM do “OloduMatão”, que atenuou os efeitos da circulação, “colando” ao imagético representacional do jovem quilombola, imagens espelhos que estão no meio. O filtro que atua na comunidade faz com que o grupo de jovens envolvidos não se liquefaçam nas lógicas do meio *Facebook*. O “OloduMatão” atua na condição de barreira para esse imaginário quilombola, ação capaz de “afastar”, de certo modo, outras imagens, narrativas exógenas.

Verificamos que o movimento de descrição e análise dos materiais em seis dinâmicas complexificou as disputas internas por referencialidades no território físico e no digital.

Figura 64 – Hexágono síntese dos tensionamentos nas seis dinâmicas



No desenho elaborado, o pesquisador desloca o ator para o centro das interseções, o imagético em tensionamento é produzido, editado e ofertado pelo sujeito (jovem quilombola). Neste esquema, o ator aciona cada imagético conforme dinâmica dos processos das práticas sociais e interacionais, dentro e fora da comunidade quilombola.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

No desenho acima proposto, realizamos uma descrição tentativa das tensões, dos usos e táticas acionadas pelos jovens quilombolas do Matão, estando, do lado esquerdo, os meios, no caso, a plataforma *Facebook* que busca “capturar” o energético simbólico da representação do totem, localizado no território físico da comunidade. À direita, este imagético alinhado e retroalimentado pela Instituição em Vias de Mídiação - IVM do “OloduMatão” – aparece se contrapondo à necropolítica do GESAC. O sinal de transitividade “ \Leftrightarrow ” serviu para indicar uma via de duplo sentido e de afetações, onde a política pública agencia o acesso, permitindo uma liberdade “extramuros” do TF (espaço mundo da comunidade). E, essa mesma política, disponibiliza uma gama de múltiplas imagens exógenas/replicantes, pertencentes a outros espaços de fala/poder que são inseridas/selecionadas com base na estratégia de reconhecimento desses jovens negros.

Assim, a IVM é vista como fator que atenua as afetações de “outras imagens” exógenas ao totem (OloduM-Salvador, BA). Os dois imagéticos, um original e o segundo, cópia do primeiro, são evocados a partir das lógicas/cenários nos quais o jovem se encontra, e o reconhecimento desse totem original (OloduM) empreende esforços da IVM em agenciar o contato dos jovens com o grupo de dança/percussão afro. A figura do “ator”, no centro do hexágono, representa a depender do uso tático, o acionamento ou vinculação às distintas lógicas, cujos elementos/atualizações são mobilizados entre o acesso (GESAC) e os meios (*Facebook*). O reconhecimento da produção criativa é uma bricolagem do totem e da IVM que se realiza pelo engajamento em curtidas e comentários nas publicações. Quando ocorre a

desmobilização, seja da IVM “OloduMatão” ou do totem, o jovem quilombola opta por aquele imagético espelhado/replicado em sua linha do tempo, ação forjada pela plataforma.

Reconhecemos que a proposta do desenho não pretende fechar, delinear chancelas intransponíveis do trabalho. Observamos que, das múltiplas vertentes apresentadas pelas seis dinâmicas, conseguimos, em movimentos descritos e tentativos, observar a ocorrência dessas entradas que não se enceram por aqui. As temporalidades, os outros e novos cenários (covid-19) tolheram o andamento para além do tempo demarcado, não nos permitindo enveredar por outros caminhos que os materiais propiciariam, diante de contextos tão deslizantes e disruptivos.

6 ENCAMINHAMENTOS DA PESQUISA: DAS TENSÕES ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais iremos apresentar o resultado das marcas e afetações da circulação dos jovens pesquisados e inseridos na lógica do meio *Facebook*, tendo por *start* a pergunta que nos permitiu perceber a problemática envolvendo as representações imagéticas e identitárias enunciadas por esses jovens negros. Fazendo uso dos materiais do empírico, vimos que ao serem tensionados revelaram a ocorrência de lógicas que vão além das marcas e dinâmicas enunciativas das representações imagéticas. No decorrer do processo de análise extraído do fluxo do *Facebook*, as seis dinâmicas referenciadas tinham por objetivo mapear, descrever e analisar os modos e operações, nas quais atualizações e transições temporais passaram a direcionar as publicações para outros pontos de abertura. Esse movimento interpretativo nos revelou uma intensa e complexa teia de relações entre sujeitos, tecnologias e instituições, movimento representado por um *continuum* que não se finda na circulação.

Analisando melhor a interrelação entre atores, técnicas e tecnologias, observamos que a representação imagética caracterizada pela memória e a identidade não era a imagem/representação simbólica deste totem (OloduM, Salvador, BA) em disputa pela IVM “OloduMatão” e o *Facebook*, que os impulsionavam no fluxo. Ao descrever o sistema e as afetações dos *feedbacks* complexos da circulação, notamos que a identidade por si só, na condição de narrativa/imagem, possuía restrições de atuação no território digital, a exemplo da intemporalidade do *Stories* que impediam a fixação e espelhamento desse imagético nas redes, como dissemos anteriormente. Na mudança no foco das representações imagéticas-identitárias, foi observado um elemento terceiro. Este outro que realiza um intenso processo de trocas e que atinge níveis não usuais, assumindo a representação do jovem quilombola em uma complexidade que se realiza pela articulação e acordos mútuos entre os usuários da rede social do *Facebook*. Percebemos, claramente, que o elemento que se “fixa” e “perambula”, conforme táticas criativas dos jovens quilombolas, é o território físico que ora é enunciado, ora permanece em modo de “espera” nas representações imagéticas, aguardando o momento e as condições oportunas para ser evocado.

Nessa observação descritiva dos modos e operações, percebemos que o território físico dos quilombolas está em um intenso conflito por referencialidades e disputas pelo GESAC, pela plataforma do *Facebook* e pelo IVM do “OloduMatão”. Nos interessa, neste caso, o simbólico que se apresenta no território físico, enquanto representação compartilhada pelas práticas sociais e pelos acordos mútuos/tácitos entre os quilombolas do Matão. O totem

representa a pertença ao local de origem, das memórias e dos elementos culturais expressos na ancestralidade e nos laços de parentesco.

Um importante exercício pelo qual comprovamos a ocorrência deste totem acoplado ao território físico ocorre por meio da seguinte situação, imaginemos que uma jovem da comunidade do Matão resolve publicar no *Facebook* uma imagem em que está só, mas com elementos de representação identitária negra (cabelos trançados, roupas e acessórios afros) tendo em outro plano, um fundo branco, a exemplo dos retratos 3x4. Ao descrevermos tal representação, não georreferenciada, percebemos que ela se encontraria esvaziada de sentidos, cujo imagético pode ser vinculado a uma diversidade de interpretações, desde uma jovem negra da Bahia, de alguma comunidade carioca ou representante de religião de matriz africana. Entretanto, nós vislumbramos que é exatamente o “totem território quilombo”, que vai marcar a identificação, a identidade singular do jovem quilombola do Matão que, no espaço digital, tais marcas permanecem em “modo de espera”, ou são representadas por elementos outros que indicam este simbólico, fotos dos amigos na comunidade, nas festividades e espaços compartilhados, a exemplo da grande pedra no alto da comunidade.

Quando os jovens quilombolas se conectam com o meio *Facebook* e seus pares sociais na rede, detectamos uma intensa troca e mediação discursiva entre os membros do grupo social dos jovens quilombolas pertencentes ao espaço da (TF), e demais não-quilombolas no espaço do (TD). Ao descrevermos o território digital dependente das dinâmicas internas e interacionais do território físico (TF), vimos “surgir” e “desaparecer”, “ir” e “vir” em constantes movimentos estabelecidos pelas tensões entre atores e as condições de produção. O totem negociado e disputado entre a IVM do “OloduMatão” e o GESAC/*Facebook* é uma figura “mítico-religiosa”, atuante na condição de “religare” por vincular o sujeito a um sentimento de pertença, um “sentimento-de-si” que o auxilia na mediação entre o homem (ambiente do TF, sistema psíquico) e a natureza (sociotécnica, midiática) destes dispositivos interacionais. Nisso percebemos que é no território digital, lugar onde o jovem quilombola, a depender das condições discursivas, vai expor ou não este totem “religare” em suas publicações no *Facebook*. Vimos que na mediação de idas e vindas, o totem território é um importante atenuador das afetações presentes neste “tempo de turbilhão”, cujos imagéticos (TF/TD) estão em uma constante tensão.

6.1 De que Falam as Dinâmicas?

As dinâmicas propostas e acionadas serviram para que descrevêssemos a primeira etapa, um território (TF) que surge "colado" ao imagético primário, sem filtros e vinculados ao território físico (TF) e, logo em seguida, já acoplado na ambiência digital, atuando como uma sombra/fantasma. O jovem presente na comunidade, espaço mundo físico, sinaliza ao meio um outro local, e nisso, há um processo de desterritorialização com a finalidade de proteger e ocultar esse totem, representado pelos elementos simbólicos socio-históricos presentes no território quilombola. No terceiro movimento, observamos a constituição da IVM "OloduMatão" no território físico da comunidade. A IVM ao realizar o acionamento tentativo de "fixar" este "religare" simbólico nos dois territórios, tanto no físico como no digital, deixa transparecer as enunciações dos jovens, que continuam a perambular junto com o território, sem "fixar-se" de forma exclusiva da IVM ou da ambiência digital.

No quarto movimento descrito, sustentamos que o território físico transita entre a "identidade de si", caracterizada pelas construções próprias desse "eu" quilombola para ser enunciado e tensionado na ambiência digital. Na quinta dinâmica e penúltima etapa descritiva desta pesquisa, vimos que o imagético recua e se transforma novamente em sombra, movimento decorrente do cenário político e das afetações ocasionadas nas práticas sociais da comunidade, na via do território físico. Na última dinâmica que trouxemos, vimos a IVM acionar e realizar uma intervenção pedagógica/de formação humana com os jovens da comunidade. A ação patrocinada pela IVM reestabeleceu os laços sociais e afetivos dos jovens. Esse contato, diálogo entre os grupos de garotas e garotos do grupo de dança e percussão afro, retroalimentou os laços de solidariedade orgânica que os fizeram retomar o imagético nos dois territórios, tanto no físico, no compromisso com os ensaios do grupo e, no digital quando as publicações retornaram à linha do tempo do *Facebook*, deixando em segundo plano, o acionamento do recurso do *Stories*.

A retomada e sinalização do território físico com a projeção das práticas sociais e elementos culturais produziram espelhamento no território digital reconhecendo sua localização no "Sítio Matão". Por este movimento vimos que eles, nas representações projetadas, acionaram o totem território, apenas quando o sentido de coletividade aflora e os indivíduos partilham e interagem o pertencimento.

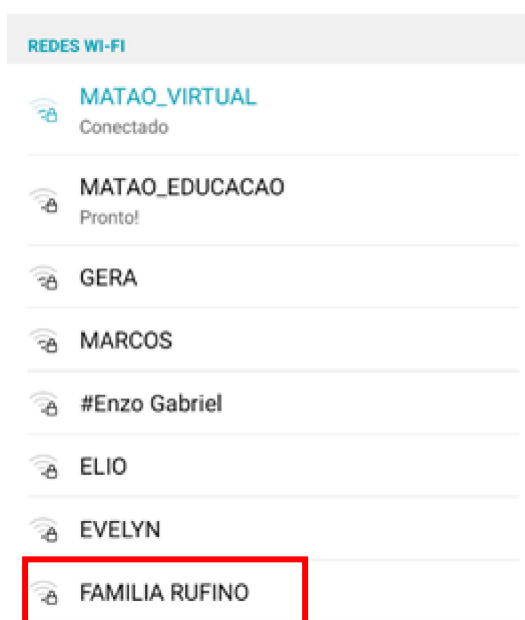
O conceito de totem, representado pelo território, conforme a pesquisadora Ana Paula da Rosa (2012), está vinculado a uma abordagem contemporânea das imagens ofertadas na circulação e tensionadas entre instituições midiáticas, não midiáticas e atores sociais. Isso é

importantíssimo em nosso trabalho, porque o totem território pertence a crenças e formas primitivas de representação, nos quais os jovens pesquisados fizeram remissão, acionaram e tensionaram o fluxo do meio *Facebook* enquanto estratégia que emerge das vivências e das práticas de seus ancestrais.

O resultado da análise desse empírico sinalizou também que a representação do totem é potencializada ou apagada, conforme as flutuações e tensões entre os dois territórios e superfícies de interação (física e digital). A dinâmica do “totem digital” se constitui e assume potência na complexa relação interacional entre usuários na plataforma do *Facebook* e, segue adiante, de forma hibridizada em intensa negociação e engajamento social, como já tínhamos afirmado.

Nesse momento encaminhamos as considerações que sinalizam para uma ampla e forte disputa entre os campos de interações (dos territórios físico e digital) e das regulações do meio naquela comunidade pesquisada. No processo, observamos que as imagens produzidas pelos jovens quilombolas, mesmo sem a geolocalização na comunidade, foram devoradas pela hegemônica (da imagem-totem do território físico) que se estabelece em condição de imagem-vetora, representando o espaço do pertencimento, do aquilombar-se, local e origem de tudo.

Figura 65 – Captura de tela com a ancestralidade em rede



Recorte da captura de tela datada de 28 de agosto de 2020. Nesta extração, uma das redes sem fio da comunidade pertence a “FAMILIA RUFINO”, cujos descendentes são do fundador da Comunidade Quilombola do Matão.

Fonte: Do autor, 2020.

Utilizamos a figura acima, porque ela revela um processo cujas lógicas afetam as relações desses quilombolas com o tempo e o espaço, o totem território, constantemente evocado no trânsito entre os dois espaços e lógicas distintas. Frisamos que na pesquisa descrevemos a ocorrência de um processo ainda em curso em uma comunidade tradicional. Decerto que, o quilombo do Matão inserido nas lógicas deste fenômeno comunicacional de ordenamento digital ofereceu importantes vertentes e camadas de observação da pesquisa em mediação.

Reafirmamos que o fenômeno da mediação na comunidade quilombola encontrou no meio *Facebook* não apenas uma “zona de inscrição” dos jovens, mas ao “sair da comunidade” vimos este jovem adentrando uma zona conflituosa de lógicas e de camadas de sentido que se afetam e se atravessam constantemente. Essa circulação forja um ambiente constante de criação e de trocas de sentidos entre os jovens quilombolas, imersos no totem território físico que aciona aspectos criativos, para burlar as condicionalidades do *Facebook*. Com isso, observamos que os não quilombolas que atuam tensionando e estabelecendo as recompensas do meio (engajamento e o reconhecimento) sinalizam para a comunidade essa integração com o espaço mundo.

No presente estudo, percebemos que as mulheres ao acionarem o meio *Facebook* com o objetivo de fazer ressoar suas vozes em outras câmeras de eco, nas lógicas do território físico, o trabalho destas mulheres é “silencioso” e vinculado a uma tradição dos antepassados. A plataforma *Facebook* ao proporcionar esses espaços de aconselhamentos, atua na condição de “sistema algoritmo de resposta” naquilo que convencionamos de “sentimentos em oferta”. O questionário descreveu, ainda, a ocorrência desse fenômeno, porém como dissemos, nem todos os assuntos/problemas da comunidade são encaminhados para o debate público nas redes, para isso também contribuí para o debate, a exemplo do *WhatsApp* ou do acionamento dos “perfis clones” no *Facebook* que tentam “burlar” a censura/chancela do “totem território físico”.

6.2 Instigar para Descobrir: Endereçamentos Futuros da Pesquisa

Na condição de pesquisador, nesta reta final realizamos uma autoavaliação do percurso doutoral. Em síntese, a tese desenvolvida descreveu a ocorrência de um fenômeno comunicativo e interacional *ad hoc* em curso em uma comunidade negra e quilombola do Matão. Nessa comunidade, a mediação enquanto “modo de ser e de agir”, apresentava sinais embrionários que, desde 2006 até 2020 configurou um caminho no qual a Comunidade

Quilombola do Matão passou a ressignificar suas práticas sociais e acordar outros protocolos pactuados entre seus membros.

Em outubro de 2020, por ocasião de uma reunião da IVM do “OloduMatão”, entre os jovens da comunidade foram lançadas dúvidas sobre a continuidade do grupo de dança e de percussão na comunidade. Porém, o isolamento social imposto pela pandemia do covid-19 interrompera drasticamente os ensaios, o que ocasionou sua dissolução, principalmente entre o grupo das jovens da dança por outros fatores. Diante desse fenômeno, de possível dissolução da IVM do “OloduMatão” na comunidade, algumas inquietações poderão ser observadas no futuro, a exemplo dos efeitos do totem território, caso desapareça a proteção desta IVM. Refletimos, ainda, sobre quais elementos e inteligibilidades estão em acoplamento nesse simbólico do totem do território? Que recursos criativos poderiam ser mobilizados em substituição à IVM “OloduMatão”? Que tipo de publicação no *Facebook* estão elaborando? E o meio? Como ele se portará diante de novo cenário? E os jovens, como se sentirão sem a presença do “OloduMatão”?

Diante da ocorrência do fenômeno do possível desacoplamento da IVM no totem território na comunidade quilombola, passamos a refletir, neste “tempo de turbilhão” o imagético desse quilombola foi acelerado? Quais formas de anteparo e de “proteção” ao imagético negro/quilombola” estão sendo mobilizadas? Quais acordos/gramáticas estão em desenho no território físico e no digital?

As boas perguntas sempre acionam processos de inteligibilidade contínuos. Em nossa pesquisa, as respostas nos direcionaram para observar essa comunidade quilombola que porta consigo um espaço mundo, cuja imagem-totem expressa pelo território físico passa a perambular no espaço da circulação, onde se encontra no território digital. Mesmo diante do acionamento dos recursos técnicos e das bricolagens híbridas que buscam “deslocar” esse simbólico, vinculando-o a outros sentidos, percebemos que os acionamentos técnicos tentam no sentido de fortalecer esta latência dos imagéticos sombras do OloduM e da IVM “OloduMatão”. Estes se encontram em disputa por esses atores, e que possivelmente vão se desenvolver em um fluxo contínuo de outras dinâmicas inseridas em novas temporalidades, urgências conjecturais.

Como emergência, destacamos o término do contrato do GESAC com a empresa de telecomunicações *Hughes*. Ao retornarmos à comunidade do Matão, no mês de outubro de 2020, percebemos que a comunidade estava sem conectividade. Nisso, consultamos o *status* do sistema sobre a possível causa da interrupção, tendo obtido a seguinte resposta:

Figura 66 – Capturas de tela da Hughesnet com resumo e status do sinal de internet

The figure consists of two screenshots of the HughesNet status page. The left screenshot shows the main interface with the status 'Degradado' (Degraded) highlighted in red. The right screenshot shows a detailed summary of the system status, also with the 'Degradado' status highlighted in red.

Resumo do sistema

Código de estado operacional	21.2.11 – Conectado ao gateway no modo de comunicação limitada devido a suspensão de faturamento	⚠️
Resumo do estado operacional	Degradado	⚠️
Uso restante	Não disponível	⚠️

Status do sistema

Status da recepção do satélite	Conectado	✅
Status da transmissão para o satélite	Conectado	✅
Status da LAN	Conectado 100M Full Duplex	✅
Condição de associação ao IP Gateway	Associado (IPGW Walled GardenE65TIJ05HDBWGW0201Ad)	⚠️
Aceleração TCP	Conectado	✅
Aceleração WEB	Não suportado	⚠️
Condição de suspensão	Suspensão - Faturamento	❌
Status do download de software	Atualizado	✅

Capturas de tela datada de 15 de outubro de 2020. “Código de estado: 21.2.11 – Conectado ao *gateway* no modo de comunicação limitada devida a suspensão de faturamento”. Abaixo, no “Status do sistema”, no item “Condição de suspensão” o seguinte aviso: “Suspensão – Faturamento” e um “x” vermelho ao lado.

Fonte: Do autor, 2020.

As idas e vindas exigidas pela pesquisa permitiu o contato contínuo com a comunidade, nos fazendo perceber a necessidade do olhar sensível e de empatia para os desafios ainda enfrentados pela comunidade quilombola. Em plena pandemia, em contexto de isolamento social e de ensino remoto dos estudantes/jovens da comunidade matriculados na rede estadual de ensino, a comunidade teve o sinal de internet cortado de seu ponto GESAC. É sabido que o programa GESAC não deixou de existir, ele foi sim ampliado, está sendo gerenciado por uma outra empresa (Viasat) que utiliza o moderno satélite brasileiro (SGDC-1). Considero que uma política pública não poderia ser desativada sem prévia substituição que garantisse o funcionamento com qualidade.

O término da pesquisa suscitou dois sentimentos, um reflexivo e outro analítico. O primeiro se encontra em uma das mensagens do *status* da rede que se encontra na captura de tela da Hughes, na imagem maior, onde vimos a seguinte mensagem: “Resumo do estado operacional: Degradado”. Até quando as comunidades quilombolas permanecerão nesse contínuo “estado degradado” das políticas públicas e de assistência social? Das políticas

públicas, pelo não cumprimento por parte das operadoras de telecomunicação da cobertura dos sinais 3G/4G, o que facilitaria o acesso dos estudantes. O governo do Estado da Paraíba firmou parceria com as quatro operadoras disponíveis para o acesso gratuito e sem cobrança de dados ao aplicativo de ensino remoto do *Google Sala de aula*, porém o único sinal 2G disponível pela operadora “Oi” na comunidade não permite navegabilidade alguma na plataforma. Para uma parte da comunidade, o GESAC era o único meio de acesso. Nisso, no espaço território físico encontramos uma parcela incluída que consegue captar o sinal da provedora privada à rádio e, outra que continua “degradada”, à espera de soluções.

Deste desafio que emergiu com o término do contrato com a *Hughes*, me interessaria descrever *in loco*, se estes sujeitos pertencentes ao lado “degradado” da comunidade foram acolhidos ou não pelos incluídos. Os jovens incluídos estão partilhando suas senhas de acesso com os demais? Como esse novo cenário dentro da comunidade está afetando o imagético em rede? Esse cenário fez emergir outros e novos ruídos interacionais por disputas pelo acesso ao meio? Diversas hipóteses que partem dessa observação preliminar necessitam deste “sedimentar” das inferências iniciais, para buscarmos estratégias e janelas de observação do cenário em disputa pelo acesso entre “incluídos e degradados”. A pesquisa enquanto fenômeno comunicacional aqui observado realmente é desafiada e potencializada pelos novos questionamentos. O totem território físico se fortaleceu ou se degradou pelas tensões entre estes dois novos atores? E com isso nos questionamos, ainda, sobre “quem seriam e como atuam estes dois atores?”

Desta recomposição do movimento das dinâmicas evocadas pelos jovens passamos a compreender o trânsito das materialidades em microprocessualidades deste totem “quilombo território” que perambulou atuando nesta reposição de forças simbólicas e energéticas do “aquilombar-se” destes jovens quando as superfícies do TF e do TD passaram a deslizar e esfacelar suas representações. Ao descrevermos os achados da pesquisa percebemos que a circulação midiática acelerada pelo GESAC mobilizou sentidos e ações destes sujeitos que, por sua vez, acionaram os dispositivos em uma intensa negociação entre interagentes e as plataformas terceiras para obter um reconhecimento efêmero, uma vez que, seu imagético é marcado por impermanências/intermitências - o ser quilombola nas redes é o rastro da figura do migrante/diaspórico cujo simbólico se esvai progressivamente.

Recompondo as materialidades, observamos ainda, uma intensa troca e disputas por discursividades de autoridade no território digital, a pergunta que mobiliza fazeres e sentidos é gestada a partir de “quem é o mais famosinho?” e deste ensejo, operações e níveis de contato são estabelecidos, contudo, ao retornar ao espaço mundo (comunidade), este

“famosinho” das redes é interpelado/tensionado e desfeito por esta chancela no TF. O cenário descrito pelas referencialidades, consolida a presença deste “totem território quilombo” que se intercambia entre primeiro e segundos planos nas representações enunciadas no *Facebook*.

Dos possíveis desdobramentos da pesquisa, destacamos o totem mobilizado como uma forma de resistência ao processo histórico de extermínio simbólico e material destes jovens, observando que a ocorrência deste intenso trabalho criativo busca desconstruir uma espécie de “sombra” da lógica da máquina colonial (RESENDE, 2019) onde os jovens negros lutam contra seu próprio apagamento que, mesmo tentando se estabelecer nas redes, sua condição de “cidadania na ambiência digital” é atravessada pelo ser/sujeito “forasteiro, *outsider*”.

Figura 67 – Modos de “ser” quilombola em uma midiatização de choque cultural



Espaços de lutas, de representação e o desejo de “ser” jovem quilombola no território físico e no digital.

Fonte: Do autor, 2020. Termos de consentimento da pesquisa autorizados.

Ao concluirmos este percurso doutoral, nos indagamos sobre “o que é ser negro e quilombola no agreste paraibano?”. As respostas nos aportam para revelar uma problemática latente desta condição deste “ser e estar quilombola” nas redes é permeada por intensos processos de reconhecimento intra e extra comunitário. O acoplamento do GESAC encaminhou perspectivas únicas, a dádiva de se abrir para o mundo, de poder representar este “eu” constituído por uma coletividade tradicional e a possibilidade de forjar individualidades, expressas em narrativas próprias deste “eu” em construção e interação com o outro. Este “ser quilombola” no agreste paraibano mobiliza intensamente sentidos e fazeres dentro e fora das redes sociais.

Neste sentido, as questões de partida ressurgem metaforicamente como uma hidra de sete cabeças da mitologia grega. Estamos diante de jovens quilombolas que vivenciam as dinâmicas interacionais do meio *Facebook*, visto que estas nunca cessam. No entanto, mesmo diante das experimentações, dos usos e apropriações por jovens quilombolas nas redes, percebemos que as tensões agora surgem entre estes dois atores quilombolas que pertencem ao mesmo e único espaço mundo, a arena a ser disputada entre “incluídos e degradados”. O “totem território quilombo” atua fortalecendo este espaço de acolhida permanente, naquele lugar “onde o mal não os atinja”. Independente das condições externas, com ou sem a presença da IVM ou da política pública de inclusão digital do GESAC, a comunidade quilombola do Matão continuará resistindo e seguindo adiante mediados pelo “mistério” energético deste “totem território quilombo” impossível de quebrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Anne. A Internet e a retórica da liberdade. *In: The Political Quarterly Publishing Co. Ltd.*, 2018. v. 89, n. 1. **Book Reviews of “Digital, Political, Radical” by Natalie Fenton**. Disponível em: <https://bit.ly/2M6yYJq>. Acesso em: 20 set. 2020.
- ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2MuPXVr>. Acesso em: 20 set. 2020.
- AZEVEDO, Thiago Guimarães. #Instagram: entre o excesso de #imagens e a fluidez da #memória. **Revista Artefactum**, v. 7, n. 02, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/39jhz00>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BARASSI, Veronica; FENTON, Natalie. Mídia alternativa e Sites de Redes Sociais: As políticas do indivíduo e política da participação. **The communication Review**, v.14, p. 179-196, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2KPTNrR>. Acesso em 20 set. 2020.
- BARGAS, Janine; CAL, Danila. Luta por reconhecimento, identidades e relações de poder: as mulheres no movimento quilombola. **Revista Observatório**, v. 4, n 6, p. 475-505, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cdrA9K>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BATISTA., Maria do Socorro Xavier. O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares. *In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; JEZINE, Edineide (Orgs.). Educação Popular e movimentos sociais*. João Pessoa: Ed Universitária, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2OzLp1t>. Acesso em 15 mar. 2021.
- BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. Metodologias na pesquisa em comunicação: a reflexão metodológica desde os processos de construção e os fazeres na pesquisa. *In MALDONADO, Efendy et al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 148-150.
- BONIN, Jiani. Mídia e memórias sociais? Recepção midiática e configurações de memória italiana (RS). *Revista Contracampo*, Niterói, n. 20, p. 79-83, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3a5jZHM>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. *In: Matrizes*, São Paulo, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2YhcoQL>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BRAGA, José Luiz. O grau zero da Comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 01-16, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3pqpNCa>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BRAGA, José Luiz. O Senso Comum e a Comunicação. *In: Seminário “QuintaEssencial – Pensadores da Comunicação, 2.*, São Paulo, Faculdade Cásper Líbero, agosto de 2016. São Paulo, 2016. Versão Provisória.
- BRAGA, José Luiz. Um conhecimento aforístico. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 44-52, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2KRDQBD>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon *et al.* **Matrizes interacionais: A comunicação constrói a sociedade.** Campina Grande: EDUEPB, 2017.

BRASIL. Ministério das Comunicações: **Cartilha do Programa GESAC.** 1 ed. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2KWZFzO>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (TCU). **Política pública de inclusão digital.** Tribunal de Contas da União. Brasília: TCU, Seinfra Aero Telecom, 2015, 76 p. Disponível em: <https://bit.ly/2KR613v>. Acesso em: 20 set. 2020.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Revista Contemporânea**, São Carlos, nº 1, p. 13-33, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3plh83S>. Acesso em: 20 set. 2020.

CÁDIMA, F. Rui. Sobre o digital: convergência. Divergência, fraturas. *In*: SÁGUA, J.; CÁDIMA, F. R. (Org.). **Comunicação e linguagem: novas convergências.** Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2014. p. 267-283.

CARDOSO, Gustavo. Sociedades em Transição para a Sociedade em Rede. *In*: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). **A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política.** Portugal: Imprensa Nacional, 2005. p. 16-30. Disponível em: <https://bit.ly/3t1DERm>. Acesso em 20 set. 2020.

CARLÓN, Mario. En el ojo de la convergencia: los discursos de los usuarios de *Facebook* durante la transmisión televisiva de votación de la ley de matrimonio igualitario. *In*: **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación.** CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Eds.). Buenos Aires: La Crujía, 2012. p. 173-194

CARNEIRO, J. S.; GERMANO, I. M. P. Memória e sites de redes sociais: midiatização da imagem em recordações e narrativas autobiográficas. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 109-120, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Ma4Eh5>. Acesso em: 20 set. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à política.** . *In*: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). **A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política.** Portugal: Imprensa Nacional, Casa da moeda, 2005, p. 17-31. Disponível em: <https://bit.ly/2Ma4Wob>. Acesso em 20 set. 2020.

COSTA, Rogério Haesbaert. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. Cidade e memória nas redes sociais na internet. **Revista Comunicação, narrativas e territorialidades**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 114-127, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3qVNm6c>. Acesso em: 20 set. 2020.

DALMASO, Silvana. A construção da memória nos sites de redes sociais: percepções sobre experiências no *Facebook*. *In*: Encontro Nacional de História da Mídia, 10., Porto Alegre, 2015. **Anais [...].** UFRS, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2NACgVD>. Acesso em 20 set. 2020.

DIJICK, José van. You have one identity”: performing the self on *Facebook* and *LinkedIn*. **Media, Culture e Society**, Amsterdam, v. 35, n. 2, p. 199-215, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3ab9XoB>. Acesso em: 20 set. 2020.

FAUSTO NETO, A.; SGORLA, F. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. **Lumina**, v. 7, n. 1, 13, p. 01-16, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3cd7c8C>. Acesso em: 20 set. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? *In*: BRAGA, J. L. *et al.* **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2009. p. 43-64

FAUSTO NETO, Antônio. La mediatización, ayer y hoy. Discursos periodísticos en el *diván de los internautas*. *In*: CARLÓN, M.; FAUSTO NETO, A. (Org.) **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación**. Buenos Aires: La Crujía, 2012. p. 17-42.

FAUSTO NETO, Antônio. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação. *In*: Compós, Encontro da Compós, 18., Belo Horizonte, 2009. **Anais [...]**. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3ph3q1P>. Acesso em: 20 set. 2020.

FENTON, Natalie. Contesting Global Capital, New Media, Solidarity, and the role of Social Imaginary. Bart Cammaerts and Nico Carpentier, eds. **Reclaiming the Media: Communication Rights and Democratic Media Roles**. Bristol: Intellect, University of London, p. 225-242, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2NIjGLz>. Acesso em: 20 set; 2020.

FERREIRA, Jairo. **A construção de casos sobre a midiatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens**. Galáxia (São Paulo), São Paulo, n. 33, p. 199-213, Dec. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3onFvMK>.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? *In*: BRAGA, J. L. *et al.* (Org.). **Dez perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. p. 140-155.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, v. 27, p. 161-172, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2YgZNgN>. Acesso em: 20 set. 2020

FORD, Aníbal. **La Marca de la bestia: identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea**. La exasperación del caso. Algunos problemas que plantea el creciente proceso de narrativización de la información de interés público. **Cidade**: Grupo Editorial Norma, 1999. p. 245-285.

FREITAS, Wesley R.S; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo e Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-21, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2LXUuQH>. Acesso em: 20 set. 2020.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e Ética da Comunicação na Midiatização da Sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

GONÇALVES, Diva da Conceição. **Midiatização e contexto rural**: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/39iXtvO>. Acesso em: 20 set. 2020.

GONZALES, Zuleika Köhler; BAUM, Carlos. Desdobrando a Teoria Ator-Rede: Reagregando o Social no trabalho de Bruno Latour. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 142, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3cf6rMr>. Acesso em: 20 set. 2020.

HAIMSON, O. L.; HOFFMANN, A. L. Constructing and enforcing "authentic; identity online: *Facebook*, real names, and non-normative identities. **First Monday**, v. 21, n. 6, p. n/d. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3a8aAip>. Acesso em: 20 set. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha. Apontamentos para uma teoria da vida midiaticizada. *In: Compós*, n/d., Rio de Janeiro, 2015. **Anais [...]**. UFRJ: rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2MwNom8>. Acesso em: 20 set. 2020. p. 01-17.

KEEN, Andrew. O culto do amador. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009. p. 37-63.

KEGLER, Jaqueline Quincozes da Silva. **Identidade territorial e midiatização**: os sentidos identitários acionados pelas festividades da quarta colônia/RS. 2011. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3ab4gGW>. Acesso em 20 set. 2020.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Ed. Penso, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3qSnx6S>. Acesso em: 20 set. 2020.

KUNDERA, Milan. **A lentidão**. 1 ed. Portugal: BIS Leya, Alfragide, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2MmPtRn>. Acesso em: 20 set. 2020.

LACERDA, Juciano de Sousa. **Caminhos labirínticos para pensar os objetos tecnoinformacionais**. Livro de Actas-4º SOPCom Portugal, 2005, p. 1459-1470. Disponível em: <https://bit.ly/3poiAlM>. Acesso em: 20 set. 2020.

LIVINGSTONE, Sônia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. *In: Revista Matrizes*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 11-37, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3t0mDas>. Acesso em: 20 set. 2020.

LUCA, Felipe A. de. **Sistemas sociais e meios de comunicação na teoria de Niklas Luhmann**. REJU – Revista Jurídica, v.03, n.2, São Paulo, 2016. p. 17. Disponível em: <http://bit.ly/2MHbXx2>. Acesso em: 25 fev. 2021.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**; a construção da realidade. São Paulo: Paulus, 2005, p. 129-145.

MACHADO, Daniella Fernandes Costa. A influência das redes sociais na imagem do destino e na intenção de visita. **CULTUR**, UESC, v. 10, n. 02 p. 44-48, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3a5EnbD>. Acesso em: 20 set. 2020.

MACHADO, Irene. Diagramática do pensamento: a modelização espacial dos códigos e dos sistemas de cultura. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 3, n. 6, p. 63-74, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3crsEqT>. Acesso em: 20 set. 2020.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Reconhecimento em debate: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado Habermasiano**. Ver. Sociol. Polit. 2007, n.29, p. 169-185. Disponível em: <https://bit.ly/3q9pYkK>. Acesso em 23 fev. 2021.

MULGAN, Geoff. Moldar de novo o Estado e a sua Relação com os Cidadãos: o potencial das tecnologias de comunicação e informação no curto, médio e longo prazo. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). **A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política**. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da moeda, 2005. p. 204-212. Disponível em: <https://bit.ly/2Ma4Wob>. Acesso em 20 set. 2020.

NOGUERA, Renato. Dos condenados da terra à necropolítica: diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. **Revista Latino Americana do Colégio Internacional de Filosofia**, Chile, n. 3, p. 59-73, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3sXmKU1>. Acesso em: 20 set. 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e processo sócio-histórico**. São Paulo: Ed. Scipione, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/2Yjgbx6>. Acesso em: 20 set. 2020.

PAVAN, Ricardo. **Tradições e contemporaneidade na mediação das identidades culturais**: as configurações humorísticas radiofônicas do top show e os sentidos produzidos por ouvintes do extremo-oeste de Santa Catarina. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3a9qqcz>. Acesso em: 20 set. 2020.

PRADO, José Luiz Aidar. Comunicação como epistemologia do sul: do reconhecimento à emergência do acontecimento. *Matrizes*, v.9, nº 2. Jul/dez. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/3uPCARM>. Acesso em 23 fev. 2021.

PERELSON, Simone&ZANA, Augusta Rodrigues de Oliveira. Problemática identitária e reconhecimento da alteridade: do encontro com o outro indivíduo ao confronto com o estranho. **Revista Clínica & Cultura**, UFS, v. 11, n. 1, p. 44-57, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3qUGN3z>. Acesso em: 20 set. 2020.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação**. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. XXIII, supl. 3, 2017. Universidade de Colima, México. Disponível em: <http://bit.ly/301HT2e>. Acesso em 01 mar. 2021

RENDEIRO, Márcia Elisa. Orkut e *Facebook*: as teias da memória em meio às redes sociais. **Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 47, n.3, p. 256-262, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3pyXEbO>. Acesso em: 20 set. 2020.

RESENDE, Fernando; ROBALINHO, Roberto; AMARAL, Diego Granja. **Quando a imagem é corpo: modos de sobreviver à máquina colonial**. Revista Comunicação, mídia e consumo, v. 16, n. 47, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/384vgI1>. Acesso em 23 fev. 2021.

ROBYN, Ingrid. Capitalismo, esquizofrenia e raça. O negro e o pensamento negro na modernidade ocidental. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 696-703, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2YkZykk>. Acesso em: 20 set. 2020.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sex., Salud Soc.**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 140-164, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3sYYGjI>. Acesso em: 20 set. 2020.

ROSA, Ana Paula. Atentado em looping: uma palavra que aciona uma imagem. **Revista Famecos**, São Leopoldo, v. 22, n. 04, p. 135-151, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3sU3C9z>. Acesso em: 20 set. 2020.

ROSA, Ana Paula. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. *In: Colóquio Semiótica das Mídias*, 6., 2017, Japaratinga. **Anais [...]**. UFAL, Japaratinga, 2017. p. 01-17. Disponível em: <https://bit.ly/3iNOpC6>. Acesso em 20 set. 2020.

ROSA, Ana Paula. Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor. *In: Colóquio Semiótica das Mídias*, 5., 2016, Japaratinga. **Anais [...]**. UFAL: Japaratinga, 2016. p. 01-14. Disponível em: <https://bit.ly/3t2qhQO>. Acesso em 20 set. 2020

ROSA, Ana Paula. Imagens totens em permanência x tentativas de rupturas. *In: CONTRETA, M.; ARAUJO, D. (Org). Teorias da imagem e do imaginário*. Brasília: COMPÓS, 2014, p. 28-49. Disponível em: <https://bit.ly/2Mw44d6>. Acesso em 20 set. 2020.

ROSA, Ana Paula. **Imagens-totens: a fixação de símbolos no processo de midiaticização**. 2012. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3t1b7eU>. Acesso em: 20 set. 2020.

SCOLARI, Carlos. Reseña del libro de Eliseo Verón: La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretaciones. **LUCIÉRNAGA**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 110-116, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3chjDQW>. Acesso em: 20 set. 2020.

SEGANFREDO, Gabriela de Freitas Chediak; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. **Cad. Psicanal**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61-70, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3qVeTV9>. Acesso em: 20 set. 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2YiSzsm>. Acesso em: 20 set. 2020.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta conta a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Juventude(s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiaticização das sociedades contemporâneas**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) -

Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3ceDGzq>. Acesso em: 20 set. 2020.

TUBELLA, Ima. Televisão e Internet na construção da identidade. *In*: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org.). **A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política**. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da moeda, 2005. p. 179-286. Disponível em: <https://bit.ly/39kuOX1>. Acesso em: 20 set. 2020.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro**. In: Juventude rural em perspectiva, organizadoras Maria José Carneiro, Elisa Guaraná de Castro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

VAZ, Mairê de Miranda Oliveira. **Extimidade e o imperativo da visibilidade mediática na cibercultura**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Paulista-UNIP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3onZN98>. Acesso em: 20 set. 2020.

VERÓN, Eliseo. **Les spectacles scientifiques télévisés**. Figure de la production et de la réception. Ministère de la culture, direction du développement culturel service des études et recherches. La Documentation Française, 1985, p. 87.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **A questão da comunidade na era da midiatização: crítica e ontologia**. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3oprvcI>. Acesso em: 20 set. 2020.

APÊNDICE A – INSTRUMENTAL DE PESQUISA DE CAMPO

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no *Facebook*, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Idade: _____

Masculino: ()

Feminino: ()

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (_____)

1) Há quanto tempo você usa a internet?

() menos de 1 ano

() de 1 a 2 anos

() entre 3 e 4 anos

() mais de 4 anos

2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:

() Escola

() Lan House

() Na casa de amigos

() Outro lugar? Qual? (_____)

2a) Você abre a Internet/vê o *Facebook* no:

() Celular

() Computador/notebook.

() Tablet

() Outro aparelho? Qual? (_____)

3) Navegando pelo *Facebook* você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?

() Sim

() Não

3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)

() Feições/corpo

() Roupas

() Questão financeira (ostenta)

() Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no *Facebook*)

() Outras coisas? Quais? (_____)

4) Quando você abre o *Facebook* e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:

() Mais coloridas/efeitos (com filtros)

() Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)

() Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)

- () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 () Sim
 () Não
 () Às vezes

- 6) Você já discordou de alguma opinião no *Facebook* e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 () Sim
 () Não
 () Às vezes

6a) **Se sim, qual foi o motivo?**

- () Religioso
 () Político
 () Amizade
 () Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 () Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 () Outro motivo? (_____)

- 7) Quantos perfis você já teve no *Facebook*?

- () Apenas 1
 () Mais de 1

7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**

- () Familiares
 () Religioso
 () Para os amigos mais “chegados”, escola.
 () Parceiros (possíveis *crushs*)
 () Outro tipo? Qual? (_____)

- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no *Facebook*?

- () Sim
 () Não

8a) **Se sim, O que eles fazem?**

- () Apenas curtem
 () Apenas comentam
 () Passam “batido”
 () Reclamam e conversam pessoalmente
 () Outra reação? Qual? (_____)

- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (**Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4**)

- () Conteúdo político/partidário
 () Crítica social (opinar sobre algo)
 () Teor/conteúdo mais sensual
 () Problemas/conflitos familiares
 () Problemas da comunidade
 () Indiretas para determinadas pessoas
 () Outros assuntos/temas? Quais? (_____)

10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do *Facebook*? (**Pode marcar mais de uma opção**)

- WhatsApp
- Instagram
- Twitter
- Snapchat
- Tinder
- Outra rede? Qual? (_____)

11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta suas publicações? (**Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4**)

- Amigos/parentes da comunidade (Matão)
- Amigos/parentes fora da comunidade
- Colegas de escola
- Pessoas desconhecidas
- Outras? Quais? (_____)

12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no *Facebook*? (**Colocar por ordem 1, 2, 3, 4**)

- Ficar no vácuo
- Receber apenas “os joinhas”
- Comentários de pessoas indesejadas
- Comentários repetidos ou reações
- Outra situação? Qual? (_____)

13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (**Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4**)

- Fim do isolamento
- Espaço para expressar ideias
- Fazer novas amizades fora da comunidade
- Uma maior perda de tempo
- As pessoas não conversam mais
- As brigas/confusões aumentaram
- Outras consequências? Quais? (_____)

14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no *Facebook* é porque está: (**Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4**)

- Triste
- São os problemas pessoais/familiar/comunidade
- Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
- Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
- Rixas/brigas pessoais com amigos
- Sem novidades para mostrar
- Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
- Outro motivo? Qual? (_____)

15) Você se sente seguro no *Facebook*?

- Sim
- Não
- Indiferente (Tô nem aí!)
- Outro sentimento? Qual? (_____)

16) Você já chegou a pensar que o *Facebook* anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?

- Sim, muitas vezes
 Sim, algumas vezes
 Não, mas desconfio que sim
 Não, eles nunca acertam do que eu gosto.

16a) **Se sim, o que o *Facebook* mais acerta?**

- Nas imagens que os outros postam
 Nas frases/perfis que visito diariamente
 Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 Outras? Qual? (_____)

17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2,3 e 4)**

- Relacionamentos/crush
 Duvidas sentimentais
 Problemas pessoais
 Problemas familiares
 Fofocas/intrigas com outras pessoas
 Outros assuntos? Quais? (_____)

18) Em alguma postagem no *Facebook* sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?

- Sim
 Não

18a) **Se sim, por quem?**

- Parentes
 Amigos
 Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 Por desconhecidos no *Facebook*
 Outras pessoas? Quem seriam? (_____)

19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?

- Sim
 Não.

19a) **Se sim, que tipo de postagem?**

- Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 Com mensagens de teor político
 Somente o registro de apresentações do grupo
 Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 Outro tipo de postagem? Qual? (_____)

20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?

- Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no *Facebook*.

21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?

- Sim
 Não.

21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**

- As frases são minhas
 De amigos no *Facebook*
 Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no *Facebook/WhatsApp*.
 Outra origem? Qual? (_____)

22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**

- Vejo que meus amigos também fazem
 Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 Outro motivo? Qual? (_____)

23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?

- Sim
 Não

23a) **Se não. Por quê?** (_____)

24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
(Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)

- Sim
 Não

25) No *Facebook* minha meta será alcançada assim que eu (...). **(Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4)**

- Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (_____)

26) O que você deseja aprender na internet?

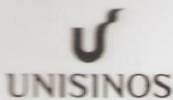
- Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)

27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?

- Sim. Justifique.

- Não. Justifique.
-

APÊNDICE A1–QUESTIONÁRIO 1


UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Idade: 36

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

(X) Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

(X) Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (6.º ano)

1) Há quanto tempo você usa a internet?

() menos de 1 ano

() de 1 a 2 anos

(X) entre 3 e 4 anos

() mais de 4 anos

2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:

(X) Escola

() Lan House

() Na casa de amigos

() Outro lugar? Qual? (_____)

2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:

(X) Celular

() Computador/notebook.

() Tablet

() Outro aparelho? Qual? (_____)

3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?

(X) Sim

() Não

3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)

(1) Feições/corpo

(2) Roupas

(3) Questão financeira (ostenta)

(4) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)

() Outras coisas? Quais? (_____)

4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:

(X) Mais coloridas/efeitos (com filtros)

() Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)

() Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)

() Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)

() Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) Se sim, qual foi o motivo?
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (comentários (foto))
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) Se sim, O que eles fazem?
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (**Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4**)
- Amigos/parentes da comunidade (Matão)
- Amigos/parentes fora da comunidade
- Colegas de escola
- Pessoas desconhecidas
- Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (**Colocar por ordem 1, 2, 3, 4**)
- Ficar no vácuo
- Receber apenas “os joinhas”
- Comentários de pessoas indesejadas
- Comentários repetidos ou reações
- Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (**Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4**)
- Fim do isolamento
- Espaço para expressar ideias
- Fazer novas amizades fora da comunidade
- Uma maior perda de tempo
- As pessoas não conversam mais
- As brigas/confusões aumentaram
- Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (**Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4**)
- Triste
- São os problemas pessoais/familiar/comunidade
- Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
- Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
- Rixas/brigas pessoais com amigos
- Sem novidades para mostrar
- Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
- Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- Sim
- Não
- Indiferente (Tô nem aí!)
- Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?
- Sim, muitas vezes
- Sim, algumas vezes
- Não, mas desconfio que sim
- Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) **Se sim, o que o Facebook mais acerta?**
- Nas imagens que os outros postam
- Nas frases/perfis que visito diariamente
- Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
- Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- () Relacionamentos/crush
 () Duvidas sentimentais
 () Problemas pessoais
 () Problemas familiares
 () Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- () Sim
 Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- () Sim
 Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- () Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- () Sim
 Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (Amigos de internet)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
 (Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). (Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (me suborno de alternativas)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.

 Não. Justifique.

APÊNDICE A2 – QUESTIONÁRIO 2



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

**Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO:
experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook,
desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tassarotto**

Idade: 23 Anos

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

(X) Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (_____)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 - () menos de 1 ano
 - () de 1 a 2 anos
 - () entre 3 e 4 anos
 - (X) mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 - () Escola
 - (X) Lan House
 - () Na casa de amigos
 - () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 - (X) Celular
 - () Computador/notebook.
 - () Tablet
 - () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s
amig@s?
 - (X) Sim
 - () Não
- 3a) **Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)**
 - (X) Feições/corpo
 - (X) Roupas
 - (X) Questão financeira (ostenta)
 - (X) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 - () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 - (X) Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 - () Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 - (X) Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 - () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 - () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (_____)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- (2) Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 (1) Amigos/parentes fora da comunidade
 (3) Colegas de escola
 (4) Pessoas desconhecidas
 () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (4) Ficar no vácuo
 (3) Receber apenas “os joinhas”
 (2) Comentários de pessoas indesejadas
 (1) Comentários repetidos ou reações
 () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (2) Fim do isolamento
 (2) Espaço para expressar ideias
 (3) Fazer novas amizades fora da comunidade
 (4) Uma maior perda de tempo
 (4) As pessoas não conversam mais
 (4) As brigas/confusões aumentaram
 () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (1) Triste
 (3) São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 (3) Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
 (1) Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 (2) Rixas/brigas pessoais com amigos
 (2) Sem novidades para mostrar
 (3) Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 (4) Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- (X) Sim
 () Não
 () Indiferente (Tô nem aí!)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” teus pensamentos/sentimentos?
- (X) Sim, muitas vezes
 () Sim, algumas vezes
 () Não, mas desconfio que sim
 () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
 (X) Nas frases/perfis que visito diariamente
 () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- () Relacionamentos/crush
 () Duvidas sentimentais
 () Problemas pessoais
 () Problemas familiares
 (X) Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- (X) Sim
 () Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 (X) Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- (X) Sim
 () Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- (X) Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 () Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- (X) Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- (X) Sim
 () Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 (X) Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- (1) Vejo que meus amigos também fazem
 (2) Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 (3) Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 (4) Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? *(Se Amigos que mais comeco, de outros país.)*
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
 (Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). (Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (_____)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.
Pelo a realidade, da comunidade, e os fatos do Jolem.
 Não. Justifique.

APÊNDICE A3 – QUESTIONÁRIO 3



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Idade: 18

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

(X) Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (2º Ano)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 - () menos de 1 ano
 - () de 1 a 2 anos
 - (X) entre 3 e 4 anos
 - () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 - (X) Escola
 - () Lan House
 - () Na casa de amigos
 - () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 - (X) Celular
 - () Computador/notebook.
 - () Tablet
 - () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?
 - (X) Sim
 - () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
 - (1) Feições/corpo
 - (4) Roupas
 - (3) Questão financeira (ostenta)
 - (2) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 - () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 - (X) Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 - () Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 - () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 - () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 - () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (comentário foto)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- (1) Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 (2) Amigos/parentes fora da comunidade
 (3) Colegas de escola
 (4) Pessoas desconhecidas
 () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (1) Ficar no vácuo
 (2) Receber apenas “os joinhas”
 (3) Comentários de pessoas indesejadas
 (4) Comentários repetidos ou reações
 () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (1) Fim do isolamento
 (3) Espaço para expressar ideias
 (2) Fazer novas amizades fora da comunidade
 () Uma maior perda de tempo
 (4) As pessoas não conversam mais
 () As brigas/confusões aumentaram
 () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
 () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 () Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
 () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 () Rixas/brigas pessoais com amigos
 (X) Sem novidades para mostrar
 () Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 () Outro motivo? Qual? (sem novidades para mostrar na Internet)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
 (X) Não
 () Indiferente (Tô nem aí!)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandos” seus pensamentos/sentimentos?
- (X) Sim, muitas vezes
 () Sim, algumas vezes
 () Não, mas desconfio que sim
 () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
 () Nas frases/perfis que visito diariamente
 (X) Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2,3 e 4)**
- (1) Relacionamentos/crush
 () Duvidas sentimentais
 (2) Problemas pessoais
 (3) Problemas familiares
 (4) Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- () Sim
 (X) Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- () Sim
 (X) Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- () Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 (X) Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- () Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- (X) Sim
 () Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 (X) Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 (X) Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (loais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (Amigos de Internet)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
(Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). **(Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).**
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (Nenhuma das Alternativas)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.
Just fotos em outros tipos de Publicação
 Não. Justifique.

APÊNDICE A4 – QUESTIONÁRIO 4



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Idade: 16 Anos

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

(X) Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (1º Ano)

1) Há quanto tempo você usa a internet?

() menos de 1 ano

() de 1 a 2 anos

() entre 3 e 4 anos

(X) mais de 4 anos

2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:

() Escola

() Lan House

(X) Na casa de amigos

() Outro lugar? Qual? (em)

2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:

(X) Celular

() Computador/notebook.

() Tablet

() Outro aparelho? Qual? (_____)

3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?

(X) Sim

() Não

3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)

(1) Feições/corpo

(4) Roupas

(2) Questão financeira (ostenta)

(3) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)

() Outras coisas? Quais? (_____)

4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:

() Mais coloridas/efeitos (com filtros)

() Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)

() Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)

() Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)

() Outro sentimento? Qual? (Não as mudanças que tive. De como era e como está de tanto psicologicamente como fisicamente)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) Se sim, qual foi o motivo?
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (*Comentários inapropriados!*)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) Se sim, O que eles fazem?
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (*falando sobre a outras pessoas*)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- () Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 Amigos/parentes fora da comunidade
 Colegas de escola
 () Pessoas desconhecidas
 () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (2) Ficar no vácuo
 (1) Receber apenas “os joinhas”
 (3) Comentários de pessoas indesejadas
 (4) Comentários repetidos ou reações
 () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (1) Fim do isolamento
 (4) Espaço para expressar ideias
 (2) Fazer novas amizades fora da comunidade
 () Uma maior perda de tempo
 (3) As pessoas não conversam mais
 () As brigas/confusões aumentaram
 () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- Triste
 () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 (1) Questões sentimentais (~~o *enx* não correspondeu~~)
 (3) Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 () Rixas/brigas pessoais com amigos
 (2) Sem novidades para mostrar
 () Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 () Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
 () Não
 Indiferente (Tô nem aí!)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhando” seus pensamentos/sentimentos?
- Sim, muitas vezes
 () Sim, algumas vezes
 () Não, mas desconfio que sim
 () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
 Nas frases/perfis que visito diariamente
 () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- () Relacionamentos/crush
 (2) Duvidas sentimentais
 (2) Problemas pessoais
 (1) Problemas familiares
 (3) Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- (X) Sim
 () Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (Pessoas desconhecidas)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo "OloduMatão" na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- (X) Sim
 () Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- (X) Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 () Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- () Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 (X) Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- () Sim
 (X) Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 () Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (qualquer caso que ache que é melhor)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 () Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (coloco no perfil, gosto das frases)

23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?

- Sim
 Não

23a) Se não. Por quê? (_____)

24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?

(Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)

- Sim
 Não

25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). (Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).

- Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? *(Olhar nos memes e compartilhar alguma página e amigo)*

26) O que você deseja aprender na internet?

- Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)

27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?

Sim. Justifique.

Não. Justifique.

Em algumas publicações noto o orgulho entre outras coisas.
~~*Porque não vejo outros atos*~~

APÊNDICE A5 – QUESTIONÁRIO 5



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

**Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO:
experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook,
desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto**

Idade: 22

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

(X) Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (_____)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 - () menos de 1 ano
 - () de 1 a 2 anos
 - (X) entre 3 e 4 anos
 - () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 - () Escola
 - (X) Lan House
 - () Na casa de amigos
 - () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 - (X) Celular
 - () Computador/notebook.
 - () Tablet
 - () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s
amig@s?
 - (X) Sim
 - () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
 - (1) Feições/corpo
 - (2) Roupas
 - (3) Questão financeira (ostenta)
 - (X) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 - () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 - (X) Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 - () Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 - () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 - () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 - () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- (4) Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 (3) Amigos/parentes fora da comunidade
 (2) Colegas de escola
 (1) Pessoas desconhecidas
 () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (1) Ficar no vácuo
 (2) Receber apenas “os joinhas”
 (3) Comentários de pessoas indesejadas
 (4) Comentários repetidos ou reações
 () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (1) Fim do isolamento
 (2) Espaço para expressar ideias
 (3) Fazer novas amizades fora da comunidade
 (4) Uma maior perda de tempo
 () As pessoas não conversam mais
 () As brigas/confusões aumentaram
 () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
 () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 () Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
 () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 () Rixas/brigas pessoais com amigos
 (X) Sem novidades para mostrar
 (X) Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 () Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
 (X) Não
 () Indiferente (Tô nem aí!)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?
- (X) Sim, muitas vezes
 () Sim, algumas vezes
 () Não, mas desconfio que sim
 () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
 (X) Nas frases/perfis que visito diariamente
 () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 () Outras? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (comentários desagradáveis)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (Pedir a senha)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (**Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4**)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (**Pode marcar mais de uma opção**)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- Relacionamentos/crush
 Duvidas sentimentais
 Problemas pessoais
 Problemas familiares
 Fofocas/intrigas com outras pessoas
 Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- Sim
 Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- Parentes
 Amigos
 Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 Por desconhecidos no Facebook
 Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- Sim
 Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 Com mensagens de teor político
 Somente o registro de apresentações do grupo
 Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- Sim
 Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- As frases são minhas
 De amigos no Facebook
 Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- Vejo que meus amigos também fazem
 Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (Tenho amigos de internet)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
 (Ex. **Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim**)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). **(Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).**
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (querer uma atenuante)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.
as fotos das atividades quilombolas das festividades
 Não. Justifique.

APÊNDICE A6 – QUESTIONÁRIO 6



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Idade: 19

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

(X) Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (3º Ano)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 - () menos de 1 ano
 - () de 1 a 2 anos
 - (X) entre 3 e 4 anos
 - () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 - (X) Escola
 - () Lan House
 - () Na casa de amigos
 - () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 - (X) Celular
 - () Computador/notebook.
 - () Tablet
 - () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?
 - (X) Sim
 - () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
 - (1) Feições/corpo
 - (2) Roupas
 - () Questão financeira (ostenta)
 - (3) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 - () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 - () Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 - (X) Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 - () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 - () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 - () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) Se sim, qual foi o motivo?
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (comentários designados)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) Se sim, O que eles fazem?
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- (1) Amigos/parentes da comunidade (Matão)
- (2) Amigos/parentes fora da comunidade
- (3) Colegas de escola
- (4) Pessoas desconhecidas
- () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (2) Ficar no vácuo
- (1) Receber apenas “os joinhas”
- (3) Comentários de pessoas indesejadas
- (4) Comentários repetidos ou reações
- () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (1) Fim do isolamento
- (2) Espaço para expressar ideias
- (3) Fazer novas amizades fora da comunidade
- () Uma maior perda de tempo
- () As pessoas não conversam mais
- () As brigas/confusões aumentaram
- () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
- () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
- () Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
- () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
- () Rixas/brigas pessoais com amigos
- (1) Sem novidades para mostrar
- (2) Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
- () Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
- (X) Não
- () Indiferente (Tô nem aí!)
- () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhando” teus pensamentos/sentimentos?
- (X) Sim, muitas vezes
- () Sim, algumas vezes
- () Não, mas desconfio que sim
- () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
- () Nas frases/perfis que visito diariamente
- (X) Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
- () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- (1) Relacionamentos/crush
 (3) Duvidas sentimentais
 (2) Problemas pessoais
 (4) Problemas familiares
 () Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- () Sim
 (X) Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- () Sim
 (X) Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- () Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 () Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- (X) Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- (X) Sim
 () Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 (X) Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 () Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 (X) Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (*Porque alguns são de estrangeiros*)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
(Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). (Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (*Nenhuma das Alternativas*)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.

 Não. Justifique.

APÊNDICE A7 – QUESTIONÁRIO 7



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tassarotto

Idade: 21

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

(X) Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (_____)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 - () menos de 1 ano
 - () de 1 a 2 anos
 - (X) entre 3 e 4 anos
 - () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 - (X) Escola
 - () Lan House
 - () Na casa de amigos
 - () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 - (X) Celular
 - () Computador/notebook.
 - () Tablet
 - () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?
 - (X) Sim
 - () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
 - (1) Feições/corpo
 - (2) Roupas
 - (3) Questão financeira (ostenta)
 - (4) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 - () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 - () Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 - (X) Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 - () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 - () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 - () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) Se sim, qual foi o motivo?
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (comentários e chats)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) Se sim, O que eles fazem?
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- (1) Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 (2) Amigos/parentes fora da comunidade
 (3) Colegas de escola
 (4) Pessoas desconhecidas
 () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (1) Ficar no vácuo
 (2) Receber apenas “os joinhas”
 (3) Comentários de pessoas indesejadas
 (4) Comentários repetidos ou reações
 () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- (1) Fim do isolamento
 (2) Espaço para expressar ideias
 (3) Fazer novas amizades fora da comunidade
 () Uma maior perda de tempo
 () As pessoas não conversam mais
 () As brigas/confusões aumentaram
 () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
 () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 () Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
 () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 () Rixas/brigas pessoais com amigos
 (1) Sem novidades para mostrar
 (2) Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 () Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
 (X) Não
 () Indiferente (Tô nem aí!)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?
- () Sim, muitas vezes
 (X) Sim, algumas vezes
 () Não, mas desconfio que sim
 () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
 (X) Nas frases/perfis que visito diariamente
 () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)
- (1) Relacionamentos/crush
 () Duvidas sentimentais
 (2) Problemas pessoais
 (3) Problemas familiares
 () Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
 () Sim
 (X) Não
- 18a) Se sim, por quem?
 () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo "OloduMatão" na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
 () Sim
 (X) Não.
- 19a) Se sim, que tipo de postagem?
 () Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 (X) Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
 (X) Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
 () Sim
 (X) Não.
- 21a) Se sim. Qual é a origem deste texto?
 () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 () Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (As vezes coloco texto)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 () Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (Nas gosto de dizer que estou em um lugar que nós estão)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (Amigos de internet)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
 (Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). (Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (melhoria das Alternativas)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.

 Não. Justifique.

APÊNDICE A8 – QUESTIONÁRIO 8



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto

Idade: 18

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

(X) Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (_____)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 () menos de 1 ano
 () de 1 a 2 anos
 (X) entre 3 e 4 anos
 () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 () Escola
 (X) Lan House
 () Na casa de amigos
 () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 (X) Celular
 () Computador/notebook.
 () Tablet
 () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?
 (X) Sim
 () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
 (2) Feições/corpo
 (4) Roupas
 (3) Questão financeira (ostenta)
 (1) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 () Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 () Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 () Outro sentimento? Qual? São uma mulher mais como era antes e agora por que a realidade

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
- Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
- Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
- Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? *(comentários inapropriados...)*
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
- Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
- Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? *(por que esquecer a senha)*
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
- Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
- Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? *(Às vezes olho comentários de amigos (...) críticas)*
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
- Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
- WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? **(Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)**
- Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 - Amigos/parentes fora da comunidade
 - Colegas de escola
 - Pessoas desconhecidas
 - Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- Ficar no vácuo
 - Receber apenas “os joinhas”
 - Comentários de pessoas indesejadas
 - Comentários repetidos ou reações
 - Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? **(Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)**
- Fim do isolamento
 - Espaço para expressar ideias
 - Fazer novas amizades fora da comunidade
 - Uma maior perda de tempo
 - As pessoas não conversam mais
 - As brigas/confusões aumentaram
 - Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: **(Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)**
- Triste
 - São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 - Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
 - Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 - Rixas/brigas pessoais com amigos
 - Sem novidades para mostrar
 - Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 - Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- Sim
 - Não
 - Indiferente (Tô nem aí!)
 - Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?
- Sim, muitas vezes
 - Sim, algumas vezes
 - Não, mas desconfio que sim
 - Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) **Se sim, o que o Facebook mais acerta?**
- Nas imagens que os outros postam
 - Nas frases/perfis que visito diariamente
 - Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 - Outras? Qual? (_____)

17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**

- Relacionamentos/crush
 Duvidas sentimentais
 Problemas pessoais
 Problemas familiares
 Fofocas/intrigas com outras pessoas
 Outros assuntos? Quais? (_____)

18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?

- Sim
 Não

18a) Se sim, por quem?

- Parentes
 Amigos
 Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 Por desconhecidos no Facebook
 Outras pessoas? Quem seriam? (*tipo pessoas que não mesmo projeto muito das vezes criticas*)

19) Na sua opinião, a presença do grupo "OloduMatão" na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?

- Sim
 Não.

19a) Se sim, que tipo de postagem?

- Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 Com mensagens de teor político
 Somente o registro de apresentações do grupo
 Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 Outro tipo de postagem? Qual? (_____)

20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?

- Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.

21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?

- Sim
 Não.

21a) Se sim. Qual é a origem deste texto?

- As frases são minhas
 De amigos no Facebook
 Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 Outra origem? Qual? (_____)

22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**

- Vejo que meus amigos também fazem
 Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão

- Outro motivo? Qual? (*independentemente no lugar ou ealoes a localiz-
eão, do lugar*)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? *(por que tem pessoas que não conheço pessoalmente.)*
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
 (Ex. **Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim**)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). **(Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).**
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? *(por ser pessoa que eu sou sem competir com ninguém)*
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.
Em algumas publicações, alguns conhecidos... fotos
 Não. Justifique.

APÊNDICE A9 – QUESTIONÁRIO 9



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tassarotto

Idade: 24Masculino: Feminino: Escolaridade: 2º Ano Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio incompleto Ensino Médio completo Ensino Superior incompleto Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (_____)

1) Há quanto tempo você usa a internet?

 menos de 1 ano de 1 a 2 anos entre 3 e 4 anos mais de 4 anos

2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:

 Escola Lan House Na casa de amigos Outro lugar? Qual? (_____)

2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:

 Celular Computador/notebook. Tablet Outro aparelho? Qual? (_____)

3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?

 Sim Não

3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)

 1) Feições/corpo 4) Roupas 2) Questão financeira (ostenta) 3) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook) Outras coisas? Quais? (_____)

4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:

 Mais coloridas/efeitos (com filtros) Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade) Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais) Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa) Outro sentimento? Qual? Eu vejo uma grande mudançade antes e depois e a evolução.

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim ~~comentário de alguém~~
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (_____)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (*fora de linha*)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (*meu dia em*)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- () Amigos/parentes da comunidade (Matão)
- () Amigos/parentes fora da comunidade
- () Colegas de escola
- () Pessoas desconhecidas
- () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- () Ficar no vácuo
- () Receber apenas “os joinhas”
- () Comentários de pessoas indesejadas
- () Comentários repetidos ou reações
- () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Fim do isolamento
- () Espaço para expressar ideias
- () Fazer novas amizades fora da comunidade
- () Uma maior perda de tempo
- () As pessoas não conversam mais
- () As brigas/confusões aumentaram
- () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
- () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
- () Questões sentimentais (o *crush* não respondeu)
- () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
- () Rixas/brigas pessoais com amigos
- () Sem novidades para mostrar
- () Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
- () Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
- () Não
- () Indiferente (Tô nem aí!)
- () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?
- () Sim, muitas vezes
- () Sim, algumas vezes
- () Não, mas desconfio que sim
- () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
- () Nas frases/perfis que visito diariamente
- () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
- () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2,3 e 4)**
- () Relacionamentos/crush
 () Duvidas sentimentais
 () Problemas pessoais
 () Problemas familiares
 () Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- () Sim
 () Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- () Sim
 () Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- () Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 () Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- () Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 () Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- () Sim
 () Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 () Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 () Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (*tem pessoal Brasileira que não sei quem é*)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
 (Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). (Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (*em minha família*)
- 26) O que você deseja aprender na internet? *Remer*
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.
Porque ~~eles~~ já tem característica negra nas publicações que faz
 Não. Justifique.

APÊNDICE A10 – QUESTIONÁRIO 10



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO: experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook, desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tassarotto

Idade: 14

Masculino: ()

Feminino: (X)

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

() Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (9º - fundamental)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
- () menos de 1 ano
- () de 1 a 2 anos
- (X) entre 3 e 4 anos
- () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
- (X) Escola
- () Lan House
- () Na casa de amigos
- () Outro lugar? Qual? (_____)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
- (X) Celular
- () Computador/notebook.
- () Tablet
- () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s amig@s?
- (X) Sim
- () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
- () Feições/corpo
- () Roupas
- () Questão financeira (ostenta)
- (X) Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
- () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
- () Mais coloridas/efeitos (com filtros)
- (X) Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
- () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
- () Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
- () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (_____)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? (Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? (Pode marcar mais de uma opção)
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)



- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- (2) Amigos/parentes da comunidade (Matão)
 (1) Amigos/parentes fora da comunidade
 (3) Colegas de escola
 (4) Pessoas desconhecidas
 () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- (1) Ficar no vácuo
 (2) Receber apenas “os joinhas”
 (4) Comentários de pessoas indesejadas
 (3) Comentários repetidos ou reações
 () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Fim do isolamento
 (X) Espaço para expressar ideias
 () Fazer novas amizades fora da comunidade
 () Uma maior perda de tempo
 () As pessoas não conversam mais
 () As brigas/confusões aumentaram
 () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
 () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
 () Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
 () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
 () Rixas/brigas pessoais com amigos
 () Sem novidades para mostrar
 () Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
 () Outro motivo? Qual? (*Preguiça mesmo*)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- () Sim
 () Não
 (X) Indiferente (Tô nem aí!)
 () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhandando” seus pensamentos/sentimentos?
- () Sim, muitas vezes
 () Sim, algumas vezes
 (X) Não, mas desconfio que sim
 () Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
 (X) Nas frases/perfis que visito diariamente
 () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
 () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- (2) Relacionamentos/crush
 (4) Duvidas sentimentais
 (1) Problemas pessoais
 () Problemas familiares
 (3) Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- () Sim
 (X) Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 (X) Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- (X) Sim
 () Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- (X) Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 () Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- () Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 (X) Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- () Sim
 (X) Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- (X) As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 () Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- (1) Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 (2) Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 () Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (_____)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
(Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). **(Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).**
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (_____)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique. Não, precisam de justificativa.
 Não. Justifique. _____

APÊNDICE A11 – QUESTIONÁRIO 11



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

o FALTA DIG TAM 202

TOSUBS - 25/11/19 - 23:35

**Questionário de pesquisa da tese intitulada: “NA DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO:
experimentações, usos e apropriações dos jovens quilombolas do Matão no Facebook,
desenvolvida por Marco Antônio de Oliveira Tessarotto**

Idade: 22

Masculino: ()

Feminino:

Escolaridade:

() Ensino Fundamental incompleto

() Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto

() Ensino Médio completo

() Ensino Superior incompleto

() Ensino Superior completo

Se estiver estudando, qual é a sua série? (3ano e)

- 1) Há quanto tempo você usa a internet?
 - menos de 1 ano
 - () de 1 a 2 anos
 - () entre 3 e 4 anos
 - () mais de 4 anos
- 2) A primeira vez que você usou a Internet foi na:
 - Escola
 - () Lan House
 - () Na casa de amigos
 - () Outro lugar? Qual? (casa de amigo)
- 2a) Você abre a Internet/vê o Facebook no:
 - Celular
 - () Computador/notebook.
 - () Tablet
 - () Outro aparelho? Qual? (_____)
- 3) Navegando pelo Facebook você nota que existem diferenças no que se publica e a vida real dest@s
amig@s?
 - Sim
 - () Não
- 3a) Se sim, Quais são as maiores diferenças? (Pode colocar na ordem 1, 2, 3, 4)
 - () Feições/corpo
 - () Roupas
 - () Questão financeira (ostenta)
 - () Nem parece ser a mesma pessoa (são duas pessoas completamente diferentes pessoalmente e o mostra no Facebook)
 - () Outras coisas? Quais? (_____)
- 4) Quando você abre o Facebook e vê as “Minhas Recordações” antigas, você acha que suas fotos de agora estão:
 - () Mais coloridas/efeitos (com filtros)
 - () Mais parecidas comigo (cabelos afro, identidade)
 - () Menos coloridas/efeitos (menos filtros, mais naturais)
 - Menos parecidas comigo (cabelos e roupas da moda usual/religiosa)
 - () Outro sentimento? Qual? (_____)

- 5) Quando você pensa em publicar algo, você “imagina” as reações d@s seus/suas amig@s?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6) Você já discordou de alguma opinião no Facebook e por isso apagou alguma coisa (foto/comentário)?
 Sim
 Não
 Às vezes
- 6a) **Se sim, qual foi o motivo?**
 Religioso
 Político
 Amizade
 Aconselhamento de parente (pais, tios, primos, etc)
 Relacionamento (dica do companheiro/a, namorado/a?)
 Outro motivo? (_____)
- 7) Quantos perfis você já teve no Facebook?
 Apenas 1
 Mais de 1
- 7a) **Se tem/teve mais de 1, para que serve este segundo perfil?**
 Familiares
 Religioso
 Para os amigos mais “chegados”, escola.
 Parceiros (possíveis *crushs*)
 Outro tipo? Qual? (_____)
- 8) Os adultos (amigos próximos e parentes) acompanham tuas publicações no Facebook?
 Sim
 Não
- 8a) **Se sim, O que eles fazem?**
 Apenas curtem
 Apenas comentam
 Passam “batido”
 Reclamam e conversam pessoalmente
 Outra reação? Qual? (_____)
- 9) Quais assuntos/imagens são proibidos e que você tem receio de publicar? **(Enumere por prioridade – 1, 2, 3, 4)**
 Conteúdo político/partidário
 Crítica social (opinar sobre algo)
 Teor/conteúdo mais sensual
 Problemas/conflitos familiares
 Problemas da comunidade
 Indiretas para determinadas pessoas
 Outros assuntos/temas? Quais? (_____)
- 10) Quais redes sociais você utiliza ao mesmo tempo, além do Facebook? **(Pode marcar mais de uma opção)**
 WhatsApp
 Instagram
 Twitter
 Snapchat
 Tinder
 Outra rede? Qual? (_____)

- 11) Em uma ordem, quem mais curte ou comenta tuas publicações? (Enumere por prioridade 1, 2, 3, 4)
- () Amigos/parentes da comunidade (Matão)
- Amigos/parentes fora da comunidade
- () Colegas de escola
- () Pessoas desconhecidas
- () Outras? Quais? (_____)
- 12) Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no Facebook? (Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)
- Ficar no vácuo
- () Receber apenas “os joinhas”
- () Comentários de pessoas indesejadas
- () Comentários repetidos ou reações
- () Outra situação? Qual? (_____)
- 13) Para você, o que mudou com a chegada da internet no Matão? (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Fim do isolamento
- () Espaço para expressar ideias
- Fazer novas amizades fora da comunidade
- () Uma maior perda de tempo
- () As pessoas não conversam mais
- () As brigas/confusões aumentaram
- () Outras consequências? Quais? (_____)
- 14) Se você passa muito tempo sem publicar nada no Facebook é porque está: (Colocar na ordem, 1, 2, 3, 4)
- () Triste
- () São os problemas pessoais/familiar/comunidade
- () Questões sentimentais (o *crush* não correspondeu)
- () Falta de apoio dos amigos virtuais (sem comentários ou curtidas)
- () Rixas/brigas pessoais com amigos
- Sem novidades para mostrar
- () Falta de tempo/dificuldade de acessar à Internet.
- () Outro motivo? Qual? (_____)
- 15) Você se sente seguro no Facebook?
- Sim
- () Não
- () Indiferente (Tô nem aí!)
- () Outro sentimento? Qual? (_____)
- 16) Você já chegou a pensar que o Facebook anda “adivinhando” seus pensamentos/sentimentos?
- () Sim, muitas vezes
- () Sim, algumas vezes
- () Não, mas desconfio que sim
- Não, eles nunca acertam do que eu gosto.
- 16a) Se sim, o que o Facebook mais acerta?
- () Nas imagens que os outros postam
- Nas frases/perfis que visito diariamente
- () Nas recomendações das páginas/comunidades para serem visitadas
- () Outras? Qual? (_____)

- 17) Que assuntos você comenta e fica no privado pelo Messenger ou outras redes (ex.: WhatsApp)? **Colocar na ordem, 1, 2, 3 e 4)**
- () Relacionamentos/crush
 () Duvidas sentimentais
 () Problemas pessoais
 () Problemas familiares
 Fofocas/intrigas com outras pessoas
 () Outros assuntos? Quais? (_____)
- 18) Em alguma postagem no Facebook sobre negritude/identidade, cabelos afros etc. Você já se sentiu intimidado por alguém?
- () Sim
 Não
- 18a) **Se sim, por quem?**
- () Parentes
 () Amigos
 () Fala de religiosos (padre, pastor/a, obreiros-irmãos da igreja)
 () Por desconhecidos no Facebook
 () Outras pessoas? Quem seriam? (_____)
- 19) Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou alguma de suas postagens?
- () Sim
 Não.
- 19a) **Se sim, que tipo de postagem?**
- () Com um teor de identidade (do orgulho de ser negro, dos penteados afros)
 () Com mensagens de teor político
 () Somente o registro de apresentações do grupo
 () Não mudou nada, as minhas postagens/fotos continuam as mesmas antes ou depois do OloduMatão
 () Outro tipo de postagem? Qual? (_____)
- 20) Alguma imagem/postagem você apagou e se arrependeu?
- () Sim, apaguei e me arrependi. Não tinha salvo aquela imagem/postagem em um outro lugar.
 () Sim, apaguei e não me arrependi. Tinha salvo em outro lugar.
 Não, jamais me arrependi de deletar/apagar algo no Facebook.
- 21) Na sua opinião? Toda foto tem que ter um bom texto forte/marcante?
- () Sim
 Não.
- 21a) **Se sim. Qual é a origem deste texto?**
- () As frases são minhas
 () De amigos no Facebook
 () Pego da internet (de páginas/grupos; memes; frases de autoajuda)
 () Vejo em páginas ou em outros grupos que faço parte no Facebook/WhatsApp.
 () Outra origem? Qual? (_____)
- 22) Quando publico algo e a localização é em um outro lugar, qual é o motivo? **(Colocar por ordem 1, 2, 3, 4)**
- () Vejo que meus amigos também fazem
 () Gosto de sair da comunidade, de me imaginar fora dela
 () Não sei o motivo, apenas vejo os outros fazerem e aí eu faço.
 Prefiro não dizer ou mostrar que estou no Matão
 () Outro motivo? Qual? (_____)

- 23) Você sabe até onde sua rede de amizades vai? (locais, países)?
 Sim
 Não
- 23a) Se não. Por quê? (_____)
- 24) Em alguma publicação, você já pensou em seus antepassados, pais, avós, família?
(Ex. Vou publicar isso aqui porque sei que ficarão orgulhosos de mim)
 Sim
 Não
- 25) No Facebook minha meta será alcançada assim que eu (...). **(Coloque numa ordem 1, 2, 3, 4).**
 Assim que eu tiver mais de 1 mil amigos;
 Vencer todos os desafios propostos em curtidas e comentários
 Quando eu tiver mais comentários e curtidas que meus amigos
 Quando eu conseguir tocar o sentimento de uma determinada pessoa.
 Outro desejo/vontade? Qual? (_____)
- 26) O que você deseja aprender na internet?
 Cursos
 A dominar melhor as redes sociais (recursos, filtros, edição)
 Em como ser mais sociável/amado pelos amigos virtuais.
 Outros desejos/vontades? Quais? (_____)
- 27) Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão?
 Sim. Justifique.

 Não. Justifique.

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Falas informais dos jovens

(Arquivo em áudio “.acc”, duração de 28 min. 31 seg.)

Legenda:

M.A – Marco Antônio (pesquisador e entrevistador)

L.: E aí você coloca uma foto e aí você coloca aquele “murinho” (punho fechado), aquela indireta, e aí, “aceita que dói menos” e outras fotos que tem. Essas fotos.

Meninas: Não mas, tem as pessoas, você não entendeu a pergunta.

M.A – Mas a ideia é essa mesmo. Você publica uma coisa e coloca “aceita que dói menos” que “sei lá o quê”, pra quem é que vai isso aí? Para quem é essa mensagem?

Léo – Aí você colocou.

M.A – Não é pra você mesmo né?

L. – Aí você colocou pra intenção de quem é? (Risadas)

Meninas – Às vezes, às vezes.

M.A – Continua na sexta. Você já discordou de alguma opinião no *Facebook* e por isso apagou algum comentário.

L2 – Comentários absurdos!

L. – Assim, eu já discordei de muita coisa, não minha. Mas (...)

Meninas – E o *Facebook*? Mais de um. Eu não sei mais a senha!

Meninas – Esse aqui, se teve mais de um para quê serve esse segundo perfil? E quando você só teve um, coloca aqui o quê?

M.A – Quando você tem mais de um perfil no *Facebook*? Esse mais “um” serve pra quê? Para as pessoas chegadas, amigos da escola, crush (...)?

L. – Pode marcar mais de um?

M.A – Os adultos, parentes mais próximos comentam tuas publicações no *Facebook*?

Meninas – Assim, muitos não. Nossos familiares mais próximos não. Assim, nem todos.

K. – Pior, eles ficam falando!

M.A – Eles ficam falando: que foto é essa aí menina?

K. – É isso aí mesmo!

Menina – Pode marcar mais de uma?

M.A. – Sim, pode marcar!

M.A – Aí vem a questão polêmica! A nove é polêmica. Quais imagens, assuntos são proibidos e que você tem medo de publicar?

Meninas – O conteúdo sexual, indiretas (...)

L. – Essa 7 é passar batido. Essa aqui não serve para nenhum dessas coisas aqui.

M.A – Então marca aqui, outro tipo, qual? Então você marca e coloca aqui.

M.A – Quais redes sociais você utiliza além do *Facebook*? Vocês podem marcar mais de uma opção, WhatsApp, Instagram, Twitter, o Tinder também.

M.A – Aí vem a 11, em uma ordem de prioridade, quem mais curte tuas publicações? São amigos e parentes aqui do Matão, são amigos e parentes fora da comunidade (...)

M. – Além do *Facebook* quem não utiliza nenhuma rede social?

Meninas – Risos.

M. – E quem não tem outras redes, pode marcar onde?

M.A – Tem outras opções.

K. – Amigos e parentes fora da comunidade, amigos e parentes fora do Matão?

M.A – Também tem a opção para pessoas desconhecidas, que vão chegando de fora e que você não sabe quem são.

Menina – Também tem. Pode marcar mais de uma?

M.A – Pode marcar.

Menina ao fundo – Pior coisa que tem (...) esse joinha.

M.A – Quais comentários ou situações você não gosta que aconteça no *Facebook*? Por prioridade, eu odeio ficar no vácuo, somente os joinhas.

V. – Eu odeio esse negócio de joinha. Pense que ódio.

Menina ao fundo – Fim do isolamento (Risos). “já estava lendo a próxima pergunta e as alternativas”.

M.A – Aí vem a 13. Para você o que mudou com a chegada da internet no Matão? Graças à Deus, fim do isolamento (...)

Meninas ao fundo – Risos, fim do isolamento, risos.

M.A – Agora, eu achei “massa” que agora vou publicar o que eu penso, minhas ideias (...)

M.A – Vocês notaram que as pessoas não conversam mais no Matão?

K. – Elas ficam agora “tchu, tchu, tchu” (gesto do dedilhar na tela)

M.A – Aí vem uma coisa bem interessante. Vem a 14 questão. Quando você passa muito tempo sem publicar nada no *Facebook*? O que está acontecendo, você está? Triste, problemas familiares (...)

M2. – Questões sentimentais (...), esse negócio de crush eu vou riscar, são questões sentimentais.

M2 – Esse negócio de sem apoio dos amigos virtuais, das curtidas (risos), isso é chato.

M.A – Você se sente seguro no *Facebook*?

Meninas – Sim.

M2 – Eu não tô nem aí. Eu não ligo mesmo para esses negócios.

M.A – Você já pensou que o *Facebook* anda adivinhando teus pensamentos? Sim, muitas vezes, sim, às vezes. Se sim, o que eles acertam? Nas fotos dos amigos que vejo, nas páginas que visito.

Menina – Nas páginas que visito diariamente.

Mariana – O *Facebook* é muito fofoqueiro, não sei quem postou “Stories” ou quem comentou (...) “homi” e eu quero saber quem?!? Abuso da gota!

L. – Eu não entendi a 16 não!

M.A – Que assuntos você comenta e fica privado em outras redes, Messenger? WhatsApp? Relacionamento, dúvidas sentimentais, fofoca, problema familiar. Outros assuntos?

Menina – “Blá, blá, blá”. (ideia de fofoca, conversas informais).

V. – “Com outras pessoas, isso não. (risos).

M.A – Em alguma postagem no *Facebook* sobre negritude, identidade, cabelos afros, no “OloduMatão” em alguma apresentação, você se sentiu intimidade por alguém? Sim ou não? Algum comentário?

Menina – Já.

M.A – Se sim por quem? Parentes, amigos, falas de religiosos (um padre, pastor, etc) ou por desconhecidos no *Facebook*?

K. – Todo mundo. (risos).

Mariana – É parente, amigo.

Menina ao fundo – Algo no *Facebook*?

M.A – Algum comentário, meio carregado.

Menina ao fundo – Alguns carregados já sim.

L. – Oh Marco Antônio, essa 16 aqui, eu nunca prestei atenção para isso.

M.A – Nunca prestou atenção?

L. – Não!

M.A – Na sua opinião, a presença do grupo “OloduMatão” na comunidade já influenciou em alguma de tuas postagens? Sim ou Não?

M2 – Sim!

Outra menina – Como assim?

M.A – Tipo assim? Eu estava usando o cabelo liso, veio o “OloduMatão” e agora eu uso afro.

Menina – Oxente, assim. Muita gente não sabia. Muitas vezes veio perguntar. Teve um amigo meu que perguntou. Oxente, eu não sabia que tu era do Matão, eu fui saber agora (...).

Menina ao fundo – Olha o comentário de V., o cabelo é meu.

M.A – Comecei a postar conteúdo mais afro, cabelos negros, mensagens com conteúdo político ou comente postei fotos com os registros das apresentações. Ou se minhas fotos ou postagens continuam as mesmas, antes e depois do “OloduMatão”.

M.A – Aí vem a 20. Alguma imagem ou postagem você apagou e se arrependeu?

Menina ao fundo – Sim!

M.A – Sim, apaguei e me arrependi, e o pior, eu não tinha salvo essa imagem em lugar algum. Perdi aquela foto e já era.

M2 – Eu já apaguei sim, mas não me arrependi, tinha salvo em outro lugar.

L.- Pra quem não marcou não, não precisa marcar esse aqui não, né?

Menina ao fundo – Toda foto tem que ter aquele texto marcante? Não!

M.A – “Aceita que dói menos”

V. – Sim!

L. – Acho que não “véio”.

Menina ao fundo 1 – Pra mim tem que ter.

Menina ao fundo 2 – Pra mim também!

V. – Sempre pra dar uma fechada geral. (risos ao fundo).

M.A – Se sim, de onde vem essas fotos, esses textos? As frases são minhas? Não, elas vieram dos amigos do *Facebook* ou de algum colega.

Menina ao fundo – Se não, deixa em branco?

Menina ao fundo 2 – Toda foto não.

M.A – Essas frases, “aceita que dói menos”, “sai de baixo que tô por cima”.

Menina – Assim, eu coloco qualquer frase que eu quero colocar.

M.A – Você pode colocar essa opção.

L. – Essa 19 sobre o grupo, eu não entendi não! Esse negócio de influenciar.

M.A – Assim, você está no “OloduMatão”? As fotos suas mudaram? Você coloca com pinturas?

L. – Não!

M.A – Então você coloca que não mudaram nada.

Menina ao fundo – Quando eu coloco uma foto sem localização é porque sei lá, parece que eu sai, de outro lugar.

M.A – Aí a 22. Quando eu publico e a localização é em outro lugar. Qual é o motivo? Aí você coloca, “aonde a amizade é verdadeira”, “aqui são as parceiras”.

M. – Eu gosto de sair da comunidade.

M.A – Ou você não sabe o motivo. Vejo o que os outros fazem e faço. Ou outro motivo? Qual seria?

M2 – Eu prefiro dizer que não estou no Matão. Sabe porquê? Porque eu tenho muita gente desconhecida. (risos). Eu nunca, essas coisas o quê “onde Deus é minha força”. Por causa que bota que tá em “Guarabira” (outra cidade do interior). Eu coloco só porque eu gosto (...) – risos.

M.A – A 23, você sabe até aonde sua rede de amizades vai (...)

Meninas ao fundo – Não (3 vezes simultâneas).

Menina ao fundo 1 – É muito longe!

M.A – Sim ou não?

Menina ao fundo – Não!

M.A – E porquê não? Eu tenho 1.000 amigos e tem gente da Índia, da China (...)

Menina ao fundo – Da África, tem de sei lá.

M.A – E como eles entraram? Como eles acharam vocês? E vocês tem amizade com esse povo?

Menina ao fundo – Não, só tenho de enfeite.

M.A – Vão lá e coloquem em outras. Eu tenho amigos de enfeite. Vocês podem colocar essa opção.

Menina ao fundo- Eu sei onde vai, eu não gente das arábias lá não.

L. – Eu não tenho não. São todos daqui, são amigos meus. Mas tem gente do Brasil que não conheço.

M2 – Essa 23, você sabe aonde sua rede de amizades vai? Não porque eu tenho diversas pessoas, de vários lugares e que não sei quem são e nem de onde é. Eu não tenho aquela “amizade, amizade”.

M.A – Em alguma publicação, vocês já pensaram em algum antepassado? Se sim ou não? Tipo, eu vou publicar alguma coisa que eles ficaram orgulhosos, que eu estou mais bonito (...)

(silêncio dos jovens)

Menina ao fundo – Essa 25 aí?!?

M.A – Essa 25, a minha meta no *Facebook* será alcançada assim que eu tiver (...). Assim que eu vencer todos os desafios propostos (...)

L. – Eu nunca pensei nisso não!

Menina ao fundo – Eu não quero não bater (...)

M.A – Ou se você deseja conquistar o sentimento de uma determinada pessoa.

M2 – Eu só ver os memes!

Comentários gerais – jovem lê as alternativas calmamente (reflexão).

L. – Rapaz, eu nunca pensei nisso não.

M.A – E o que você deseja aprender com a internet? Fazer cursos, dominar as técnicas dos filtros, edições e fazer aquela foto massa. Ou deseja ser conhecido pelos amigos virtuais, de ser o queridinho do *Facebook*?

M2 – Quero dominar melhor as redes sociais, os filtros.

M.A- De fazer aqueles vídeos massa, de parecer estar de cabeça para baixo?

M2 – Isso não! Eu não gosto disso não!

M.A – Essa daqui, é a opção mais aberto o possível e, em uma linha vocês rapidamente colocaram isto. Na sua opinião, os valores comunitários, culturais, da negritude podem ser vistos nas redes sociais dos jovens quilombolas do Matão? Se sim ou não? Se sim, justifique. Tipo, se você percebe esses sinais dos valores culturais, da comunidade. Então, se tem uma confusão na comunidade, todo mundo publica ou todo mundo fica em silêncio?

Meninas ao fundo – Ah então não.

M.A – Tipo, quando vocês percebem que tem uma solidariedade. “Ah, aqui não tá legal e não vou publicar isso aqui. Quando tem uma confusão, você está brigado com um colega. Ou vocês acham que todo mundo publica a mesma coisa?

Menina ao fundo – Então?

L. – Negritude é o quê?

M.A – Rapaz é ter orgulho de ser negro, de defender os cachos, eu sou bonito. É isso, valorizar.

Menina ao fundo – Pode, pode sim.

M.A – Você vê que tem uma expressão do negro ali?

L2 – Você vê as fotos, as apresentações, quando marca eu vejo.

Meninas ao fundo – Eu vejo nas fotos. Outra responde: eu nunca nem vi. Outras comentam: Essa 26, aprender a dominar melhor, eu quero dominar, saber melhor. Boa sorte para quem vai entender a minha letra.

ANEXO A - CARTA DE ANUÊNCIA DA PESQUISA NA COMUNIDADE**CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu, Josefa João da Silva Rufino, vice-presidente da Associação de Moradores do Sítio Matão, localizado no Quilombo do Matão, município de Gurinhém no Estado da Paraíba, venho por meio desta **CARTA DE ANUÊNCIA** autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, “compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão”. Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (**marcoantoniotessarotto@gmail.com**) e/ou telefone **(83) 99983-1064** do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/à participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**).

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.



Josefa João da Silva Rufino

(Vice-Presidente da Associação dos Moradores do Sítio Matão)

RG: 1.501.544 SSP/PB



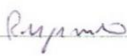
**ANEXO B1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, "compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão". Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (**marcoantoniotessarotto@gmail.com**) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: black; width: 150px; height: 20px; margin-bottom: 5px;"></div>  </div> <p align="center">Participante da pesquisa</p> <p>RG/CPF: _____</p>	




**ANEXO B2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tassarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, "compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão". Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos: os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotassarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tassarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="background-color: black; width: 150px; height: 20px; display: inline-block;"></div>  Participante da pesquisa RG/CPF: _____	


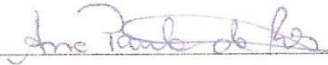
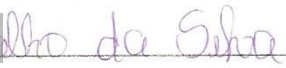
**ANEXO B3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, “compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão”. Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/à participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="background-color: black; width: 150px; height: 20px;"></div>  </div> <p align="center">Participante da pesquisa</p> <p>RG/CPF: </p>	


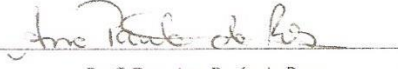

**ANEXO B4 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOIAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central. “compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão”. Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, posts/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div data-bbox="391 1736 710 1780" style="background-color: black; width: 150px; height: 20px;"></div> <div data-bbox="750 1736 965 1792" style="text-align: center;">  da Silva </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center; margin-top: 10px;"> <div data-bbox="598 1870 678 1892">RG/CPF:</div> <div data-bbox="686 1859 981 1904" style="background-color: black; width: 150px; height: 20px;"></div> <div data-bbox="989 1870 1045 1892">80</div> </div> <p align="center">Participante da pesquisa</p>	

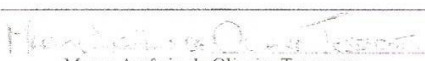



**ANEXO B5 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, "compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão". Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anaís de eventos, em meios digitais e impressos: os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniofessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="text-align: center;">  dos Santos Participante da pesquisa RG/CPF:  </div>	


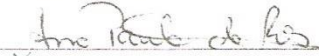
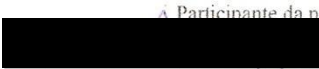
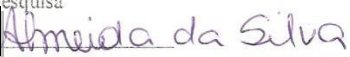
**ANEXO B6 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MAIORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, “compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão”. Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<p align="center">Participante da pesquisa</p>  	




**ANEXO B7 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, “compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão”. Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos: os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniofessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/à participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="background-color: black; width: 150px; height: 20px; display: inline-block;"></div>  Responsável pelo participante (X) mãe: () pai; avós (): Outros: _____	



**ANEXO B8 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, "compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão". Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/à participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
Responsável pelo participante <input checked="" type="checkbox"/> mãe: () pai: avós (): Outros: _____ <i>mento o-8 antes</i>	




**ANEXO B9 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, "compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão". Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotesarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa, a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/à participante, **(todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens)**. Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="background-color: black; width: 150px; height: 20px; margin-right: 10px;"></div> <div style="margin-right: 10px;">  Responsável pelo participante </div> <div style="margin-right: 10px;"> <input checked="" type="checkbox"/> mãe: () pai, avós (): Outros: _____ </div> </div>	

**ANEXO B10 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, "compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão". Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, posts/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

<p><i>Marco Antônio de Oliveira Tessarotto</i> Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador</p>	<p><i>Ana Paula da Rosa</i> Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa</p>
<p><i>[Redacted]</i> <i>do Silva (paxtreiponti)</i> Responsável pelo participante <input checked="" type="checkbox"/> mãe: () pai, avós (): Outros: _____ <i>[Redacted]</i> <i>Respiro do Saco</i> Nome do menor participante da pesquisa</p>	


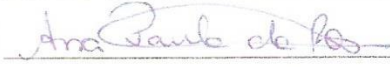
**ANEXO B11 - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE);
TERMOS DE ASSENTIMENTO (TA) – MENORES DE IDADE**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO
DE ASSENTIMENTO (TA)**

O presente **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE); TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)** vem autorizar a pesquisa de campo e a coleta de dados no ambiente das redes sociais (Facebook e WhatsApp) referente ao estudo acadêmico em nível de Doutorado pelo pesquisador, Marco Antônio de Oliveira Tessarotto vinculado a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. A pesquisa de título provisório: **NO CIRCUITO AMBIENTE: CAMINHOS TENTATIVOS DOS RASTROS-ATUALIZAÇÕES IDENTITÁRIOS E IMAGÉTICOS DOS JOVENS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**, orientado pela Professora Doutora Ana Paula da Rosa tem por objetivo central, “compreender como o conteúdo-informações disponíveis na rede pelo Facebook transmuta* (**modifica**) e ressignifica* (**dá novos sentidos**) as subjetividades do jovem quilombola do Matão”. Neste sentido, o objeto de estudo e seu foco principal pretende analisar as relações de produção de sentido das postagens (imagens, vídeos, *posts*/publicações no Facebook). Uma segunda fase, os jovens pesquisados serão revisitados em entrevista de profundidade por meio de questionário na comunidade quilombola com data a ser definida pela orientação da pesquisa e comunicada previamente aos pesquisados.

Ainda, o pesquisador se compromete a agir conforme os estatutos legais e éticos: a identidade do/a participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as e/ou local(is) da pesquisa, incluindo em publicações em artigos/anais de eventos, em meios digitais e impressos; os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação; o/a participante pode desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum; o/a participante sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados por meio de e-mail (marcoantoniotessarotto@gmail.com) e/ou telefone (83) 99983-1064 do responsável pela pesquisa; a pesquisa apresenta possíveis riscos e como medida de proteção ao/a participante, (**todo o material coletado será armazenado em locais seguros e de proteção em tempo real nas nuvens**). Este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Termo de Assentimento (TA)** será impresso em duas vias, uma com o pesquisado e outra com a equipe responsável pela pesquisa.

Gurinhém, 17 de fevereiro de 2018.

 Marco Antônio de Oliveira Tessarotto Pesquisador	 Prof. Dra. Ana Paula da Rosa Orientadora da Pesquisa
Responsável pelo participante <input checked="" type="checkbox"/> mãe: () pai: avós (); Outros: <u>do 5º ano</u>	